

A CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES FEMININAS EM *NUEVO TEATRO CRÍTICO*

ISABELA ROQUE LOUREIRO

Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Relatório técnico-científico apresentado à
Coordenação do Programa de Pós-
graduação em Letras Neolatinas da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(set.2013/jan.2015).

Área de concentração: Literaturas Estrangeiras Modernas
Literatura Espanhola

Supervisora: Professora Doutora SILVIA INÉS CÁRCAMO DE ARCURI

RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 2015

SUMÁRIO

1. Introdução	p.3
2. Resumo.....	p.7
3. Objetivos da pesquisa.....	p.8
4. Metas.....	p.9
5. Metodologia.....	p.10
6. Plano de atividades previstas.....	p.13
7. Detalhamento das atividades desenvolvidas.....	p.15
8. Bibliografia.....	p.23
9. Anexo (Texto de pesquisa).....	p.26

Introdução

Creo que las relaciones sociales entre ambos sexos, aquellas que hacen depender a un sexo del otro, en nombre de la ley, son malas en sí mismas, y forman hoy uno de los principales obstáculos para el progreso de la humanidad; entiendo que deben sustituirse por una igualdad perfecta, sin privilegio ni poder para un sexo ni incapacidad alguna para el otro (John Stuart Mill, em *La esclavitud femenina*)

Em 1763, surge *La Pensadora Gaditana*, a primeira publicação considerada feminina na Espanha: “Passam os anos e há que esperar a segunda metade do século XVIII para que se veja a primeira publicação periódica que podemos classificar como <<feminina>>. Trata-se de *La Pensadora Gaditana*” (MARRADES, 1978, p.91. Tradução nossa)¹. Seu nascimento pode ser explicado pelo importante papel da região da Andaluzia, mais especificamente da cidade de Cádiz, na difusão das ideias de cunho liberal no país.

Caracterizado pela expressiva originalidade do seu conteúdo, o jornal *La Pensadora Gaditana* foi assinado por Beatriz Cienfuegos, que semanalmente escrevia um discurso moral sobre os costumes das mulheres de seu tempo, na intenção de criticar “os muitos vícios que com <<capa de estilo e brilhantismo destacável, foram introduzidos entre nós>>” (MARRADES, 1978, p.93. Tradução nossa)². Além das inúmeras considerações sobre a mulher, as quais possuíam uns caracteres peculiares por proceder de uma pessoa de seu mesmo sexo (PALACIO FERNÁNDEZ, 2002), a autora, em seus textos, também se dedicou a temas como as festas populares de São João e São Pedro, a educação dos filhos, a correção dos jovens, a escolha de amigos, o amor à pátria, a frivolidade das classes elevadas, a vida rural, a morte, a leitura, as modas e o espírito cosmopolita, originário das diversas transformações de cunho social, político, cultural, educacional e econômico.

Os quatro volumes de *La Pensadora Gaditana* foram publicados em Cádiz, entre 1763 e 1764, e reeditados em Madri, no mesmo período, nas oficinas de Francisco Javier García. Contou também com uma terceira edição, publicada em Cádiz, em 1786. E embora tenha sido o único jornal feminino da época na Espanha, assim como o primeiro em seu gênero, a publicação não teve seguidores imediatos.

No entanto, foi no século XIX que a imprensa feminina experimentou uma fase mais produtiva. A publicação de revistas e jornais produzidos por e para as mulheres no país intensificou-se de forma

¹ “Pasan los años y hay que esperar a la segunda mitad del siglo XVIII para que vea la luz la primera publicación periódica que podemos clasificar como <<femenina>>. Se trata de *La Pensadora Gaditana*”.

² “los muchos vicios que con <<capa de estilo y brillantez remarcable, se han introducido entre nosotros>>”.

significativa, sobretudo, depois de o país ter vivenciado uma etapa mais liberal. Muitas foram as mulheres que quiseram fazer ouvir sua voz e que contaram com a ajuda da imprensa feminina para fazê-la chegar ao resto de suas irmãs (CANTIZO MÁRQUES, 2004, p.284. Tradução nossa). Convictas de que: “a literatura na mulher, longe de ser prejudicial, é até conveniente e necessária” (SÁEZ DE MELGAR, 1865, p.401. Tradução nossa)³, as mulheres não hesitaram e invadiram, com muita convicção e competência, o mundo das letras para exigir da conservadora sociedade patriarcal da época a igualdade de direitos, uma maior participação social e cultural na vida pública e, conseqüentemente, um novo papel da mulher, o que muito contribuiu para o surgimento de novas subjetividades femininas.

Nesse período, a imprensa espanhola contava com diversos tipos de publicação que podiam ser divididas em dois grandes grupos: a imprensa feminina tradicional e a de tendência feminista. A primeira estava organizada por um sistema patriarcal que não deseja ver a mulher distante do papel que lhe fora atribuído pela sociedade. Seus autores geralmente eram homens e mulheres conformados com o sistema, que reproduziam e reforçavam a vigente diferenciação entre os sexos feminino e masculino. Escassa de ideologia política ou social, a imprensa feminina estava dirigida essencialmente para as mulheres tradicionais, com o principal propósito de reafirmar o papel delas como esposa e mãe.

Por transmitirem estereótipos femininos, clichês e modelos ideológicos determinados, essas publicações raramente apresentavam dados concretos e objetivos sobre as condições de vida da mulher espanhola do século XIX (CANTIZANO MÁRQUEZ, 2004, p.285). Sua principal função era proporcionar o entretenimento, a distração do público feminino, daí a forte presença de conselhos para o lar, dicas de beleza e moda, relatos por entregas e outros materiais que, a pesar da diversão, acabaram promovendo uma visível alienação, ou seja, um “grande vazio cultural e ideológico que mantém a mulher submergida em seu mundo de diversões familiares e caseiras inclusive através da leitura” (Ibidem, p.285).

Já a imprensa feminina de cunho feminista, que passou a conquistar uma maior expressão na segunda metade do século XIX, caracterizou-se por apresentar diferentes reivindicações. As ensaístas feministas buscavam escrever sobre a igualdade, a educação e o trabalho, a partir de uma perspectiva bastante crítica que, muitas vezes, chegava a ser agressiva, devido à urgência de querer despertar as

³ “la literatura en la mujer, lejos de ser perjudicial, es hasta conveniente y necesaria”.

mulheres espanholas da inércia e fazer com que elas passassem a exigir todos os seus direitos antes negados.

Muitas foram as escritoras espanholas que se posicionaram radicalmente contra a alienação feminina, provocada, sobretudo, pelo descaso do sistema com as políticas de educação para mulheres, e, dentro desse contexto, a escritora Emilia Pardo Bazán merece grande destaque, pois se comprometeu expressivamente com a questão educacional no país. Através de seus escritos, passou a reivindicar uma educação feminina de qualidade, de forma a combater e desconstruir o enraizado estereótipo de inferioridade, apoiado tanto pelos discursos religiosos como pelos científicos sobre a fragilidade da mulher, vista com um ser secundário, frágil, inferior e, portanto, dependente do homem.

Essa explícita relação de inferioridade é igualmente apresentada por Pierre Bourdieu (2010) em *La dominación masculina y otros ensayos*. No livro, o autor trata com grande ênfase da díspar distinção entre os sexos, afirmando que:

A dominação masculina tem todas as condições para seu pleno exercício. A preeminência universalmente reconhecida aos homens se afirma na objetividade das estruturas sociais e das atividades produtivas e reprodutivas, e se baseia em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológico e social que confere ao homem a melhor parte... (BOURDIEU, 2010, págs.: 48-49. Tradução nossa)⁴.

O escritor deixa evidente a diferença entre gêneros feita pela sociedade patriarcal. A divisão sexual da qual se ocupa Pierre Bourdieu (2010, p.21) em muitos dos seus ensaios encontra-se estritamente vinculada a uma ordem social que, segundo ele, funciona como uma imensa máquina simbólica. Essa, por sua vez, tende a ratificar a preponderância do homem e a submissão da mulher, marcando, assim, a existência de uma sociedade predominantemente desigual e machista, à medida que desconsidera as potencialidades femininas e suas habilidades para outros trabalhos que não estejam relacionados apenas às tarefas do lar e ao cuidado da família.

Na Espanha, a sociedade patriarcal do século XIX, orientada pelos discursos religiosos e científicos sobre a fragilidade feminina, atribuía às mulheres um papel secundário, desmerecendo as suas qualidades e capacidades intelectuais, e foi precisamente esta mentalidade atrasada, que tanto

⁴ “La dominación masculina tiene todas las condiciones para su pleno ejercicio. La preeminencia universalmente reconocida a los hombres se afirma en la objetividad de las estructuras sociales y de las actividades productivas y reproductivas, y se basa en una división sexual del trabajo de producción y reproducción biológico y social que confiere al hombre la mejor parte...”

dificultou o progresso e a modernização do país, que levou a condessa Emilia Pardo Bazán— uma das escritoras mais significativas da história literária do país, em razão de sua portentosa produção literária, composta por romances, contos, livros de viagens, obras dramáticas, composições poética e numerosas contribuições jornalísticas— a se posicionar a favor da igualdade de direitos entre os sexos. Através da literatura e especialmente dos artigos publicados em revistas e jornais da época, Pardo Bazán buscou repensar e recriar a identidade de um sexo sob uma ótica em que o indivíduo não tivesse de adaptar-se a modelos hierarquizados.

Pardo Bazán também foi uma das mais importantes vozes do feminismo na Espanha do séc. XIX. A partir de sua obra e de sua própria vida, fez questão de difundir a promoção social e cultural da mulher espanhola, reconhecendo a capacidade dela para exercer os mesmos ofícios ocupados pelos homens na sociedade. Para Juan Paredes Nuñez (1992, p.309), a escritora galega assumiu um importante papel de propagandista do movimento na Espanha. Assim como Concepción Arenal e Belén de Sárraga— duas outras relevantes vozes na difusão do feminismo no país— Pardo Bazán manteve-se ativamente em contato com os principais círculos feministas na França e na Inglaterra, dialogando com importantes conceitos e teorias sobre a emancipação da mulher. Também se manteve interessada sobre o representativo movimento feminista norte-americano, e contrastando a situação da mulher nesses países, onde o feminismo havia conquistado ampla aceitação, com a condição da mulher espanhola, ainda fortemente oprimida por uma mentalidade conservadora e patriarcal, percebeu, como escritora, ser essencial o seu engajamento no movimento.

A criação da revista *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893) foi indubitavelmente uma das mais importantes provas da natureza empreendedora de Emilia Pardo Bazán. A escritora não só escreveu todas as seções como também se responsabilizou pela parte financeira, custeando as despesas da revista com parte dos recursos que herdara do pai. O título da publicação foi uma homenagem da Condessa ao padre Benito Jerónimo Feijoo, autor de *Teatro Crítico Universal*, cujos nove volumes foram publicados entre 1726 e 1740. A revista, disponível no site da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, mais especificamente no Portal dedicado às Escritoras Espanholas, organizado por M^a Ángeles Ayala Aracil, contém trinta números que foram publicados entre 1º de janeiro de 1891 e 30 de dezembro de 1893.

O conteúdo diversificado é um dos aspectos mais interessantes de *Nuevo Teatro Crítico*, que se encontra dividida em duas seções: as variáveis e as fixas. Na primeira, Emilia Pardo Bazán dedicava-se a viagens, história, movimento religioso e a crônicas diversas. Já nas seções fixas, o espaço era dedicado à publicação de contos, romances, de estudos críticos sobre obras literárias, dramas ou

comedias recentes, biografias, necrologia de importantes autores nacionais e estrangeiros, e ainda de um estudo sobre uma questão social ou política da atualidade. Para nossa investigação, selecionaremos apenas os artigos de *NTC* que tratam de importantes reivindicações feitas pela autora sobre o papel da mulher na sociedade espanhola do século XIX. Através deles, pretendemos examinar e apresentar quais são as perspectivas defendida por Pardo Bazán que, através de um discurso altamente engajado, vai lutar não só por uma educação feminina de qualidade como também por uma maior participação da mulher nas esferas políticas, trabalhistas e intelectuais.

É importante comentar que todos os exemplares da revista *Nuevo Teatro Crítico* (1891-93) encontram-se disponíveis no site da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, mais especificamente no Portal dedicado às Escritoras Espanholas, organizado por M^a Ángeles Ayala Aracil, (<http://bib.cervantesvirtual.com/portal/escriptorasespanolas/>), o que muito facilita a nossa consulta e o desenvolvimento desta pesquisa.

Se hoje nós, mulheres, dispomos de uma nova condição dentro da sociedade do século XXI, que nos coloca em posição de igualdade legal, profissional e educativa com os homens, esta deve ser atribuída, sem dúvida, às diversas mulheres que, a partir do texto impresso, tomaram a palavra para si na defesa da igualdade de gênero e de oportunidades no mercado de trabalho e na educação. Assim, acreditamos que regressar às publicações femininas em jornais e revistas do século XIX é, de certa forma, retornar a uma história da qual todas nós somos herdeiras e de que, até hoje, palpita nos discursos atuais, sem que haja muita consciência de que houve um processo, do qual a escrita das mulheres do século XIX muito nos ensina.

2. Resumo

Este trabalho objetiva analisar a construção das subjetividades femininas na revista espanhola *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893), organizada e financiada pela escritora Emilia Pardo Bazán. Diante da variedade de temas discutidos em *NTC*, consideraremos apenas aqueles que julgamos serem fundamentais para a realização de apreciações, questionamentos e problematizações no campo dos estudos literários e dos estudos sobre as subjetividades da mulher. Dentre eles, destacamos: as figuras femininas na literatura, as relações familiares, a infância, o ensino ofertado a homens e mulheres e o trabalho feminino.

Empenharemo-nos em expor as estratégias discursivas utilizadas por Pardo Bazán que protestam contra a vigência da hierarquização das relações entre os gêneros, com a finalidade de questionar o

patriarcado na Espanha oitocentista. Igualmente ao que foi protestado abertamente, merece enfoque a discussão acerca do silêncio e do não dito pela escritora em seus artigos.

Somos produtos de construções discursivas, principalmente porque nos construímos a partir do momento que entramos em contato com o discurso do outro. E por ser a experiência humana um evento tanto individual como coletivo, examinaremos também, com base nos conceitos de polifonia e de dialogismo (BAKHTIN, 1995; 2006), em que medida a voz de Emilia Pardo Bazán contesta ou se identifica com outros discursos, em especial os que tratam do reconhecimento e da valorização da mulher na sociedade patriarcal do século XIX. Destacamos, ainda, a proposta de apresentar a revista *NTC* como uma importante fonte de criação e reprodução de imaginários sociais. Tratar da imprensa feminina no século XIX, assim como da Literatura produzida nesse período, requer reconhecer a importância e o significativo papel dessas construções mentais na criação de “nuevas formaciones discursivas para representar la <<modernidad>>, lo moderno, el nuevo sujeto social” (ZAVALA, 1990).

Palavras-chaves: subjetividades femininas; imaginário sociocultural; imprensa espanhola do séc. XIX; discurso feminista; Emilia Pardo Bazán.

3. Objetivos da pesquisa

- Considerar o processo de configuração de novas subjetividades femininas como aspecto essencial da modernidade;
- Analisar a imprensa como uma importante fonte de criação e reprodução de imaginários sociais;
- Revisitar as principais teorias da época (Krausismo, Fourierismo e outras) que, além de incentivar a educação feminina, defendiam a igualdade entre os sexos, o questionamento do casamento convencional e da instituição família, o direito da mulher ao trabalho e, em muitos casos, a liberdade sexual;
- Considerar a revista *NTC* como um importante espaço discursivo que permite o diálogo e o intercâmbio de ideias, propiciando uma ampla discussão sobre a condição da mulher na sociedade espanhola do século XIX;
- Analisar como se problematiza a questão da educação feminina e do ingresso da mulher no mercado de trabalho nos artigos de *Nuevo Teatro Crítico* e em outros textos escritos por articulistas contemporâneas (os) à Pardo Bazán, de forma a apresentar a pluralidade de vozes sobre os temas;

- Averiguar, em que medida, a visão crítica de Pardo Bazán sobre o papel da mulher na sociedade patriarcal do século XIX se contrapõe ao discurso hegemônico difundido pela Igreja e pelo Estado e a um próprio discurso feminino que se limitava a uma melhoria educacional apenas para a revalorização da figura da mãe de família;
- Problematicar a questão do silêncio, do que não foi dito por Emilia Pardo Bazán nos artigos de *Nuevo Teatro Crítico*.

4. Metas

Estudar a imprensa feminina do século XIX permite-nos uma maior aproximação com o imaginário da época e consequentemente um melhor entendimento da mentalidade defendida pela conservadora sociedade patriarcal, que ainda via com muita resistência e preocupação a emancipação da mulher. A subordinação feminina à figura masculina e a precária educação recebida por elas, neste período, fez com que muitas mulheres tomassem a palavra para si, de forma a reivindicar, através de seus textos, uma imediata revalorização da figura feminina. E foi dessa perspectiva que vislumbramos a necessidade de promover um amplo estudo sobre a importância da imprensa feminina na difusão de um discurso indiscutivelmente reivindicatório que muito contribuiu para a formação de novas subjetividades na sociedade.

Tivemos como metas a publicação de artigos que tratavam das produções femininas na imprensa espanhola do século XIX, atribuindo grande destaque aos textos escritos pela Condessa Emília Pardo Bazán na revista *Nuevo Teatro Crítico* e a organização de eventos (Simpósio/ Congresso/ Curso de Extensão).

Com relação às nossas atividades docentes, oferecemos aos alunos de graduação/ pós-graduação do Programa de Letras Neolatinas da UFRJ disciplinas na área de Estudos Literários (Literatura Espanhola), no intuito de contribuir para a formação e aperfeiçoamento dos discentes inscritos na graduação e pós-graduação da Instituição.

Disponibilizamos-nos, igualmente, a exercer atividades de co-orientação das pesquisas acadêmicas reconhecidas pelo Programa, com o auxílio da profa. Dra. Silvia Inés Cárcamo, que nos orientou durante o período de vigência da bolsa de Pós-Doutorado concedida pela Capes.

5. Metodologia

Os meios de comunicação atuam, até hoje, como importantes ferramentas de representação social (TEIXEIRA & VALÉRIO, 2007). Através da análise de jornais ou revistas de qualquer época, podemos obter uma ideia geral de como se comporta uma sociedade naquele período, pois neles encontramos explícitos os costumes, as ideologias, os hábitos, as formas de vida e, principalmente, a multiplicidade de vozes e de pontos de vista que caracterizam a heteroglossia social (BAKHTIN, 2008). E foi dentro dessa perspectiva que nos pareceu interessante trabalhar com jornais e as revistas femininas na Espanha do século XIX, com a proposta de evidenciar que muitas dessas publicações vão mais além do que atuar como espelhos do comportamento feminino, mas sim como grandes incentivadoras da emancipação das mulheres, uma vez que promovem reflexões e sugerem mudanças no papel delas dentro da sociedade predominantemente patriarcal da época, fato que muito contribui para o surgimento de novas subjetividades.

Para Cornelius Castoriadis (1999, p.35), a noção de subjetividade deve estar relacionada à “capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo”. Dessa perspectiva, chegamos à conclusão de que tratar da subjetividade nada mais é que tratar da questão do sujeito, que está longe de ser um corpo essencialmente biológico ou físico.

Segundo Foucault (1995, p.239), o sujeito se forma a partir das relações de poder e de historicidade, implicando a ética como forma de refletir sobre os movimentos da liberdade e da sujeição. Assim, falar de subjetividade é também falar do seu envolvimento com as práticas, com as técnicas, com os exercícios em um determinado contexto social ou institucional pelo qual o indivíduo se reconhece como um lugar de saber e de produção de verdade, e que irão produzir diferentes estilos de vida com intensidades próprias, com a possibilidade de se produzir uma existência artística (DELEUZE, 1992. p.142). No estudo das subjetividades, apoiaremos-nos nos conceitos de Castoriadis, em “Para si e subjetividade” (1999) e “A instituição imaginária da sociedade” (1995), de Deleuze, em *Conversações–1972-1990* (1992), de Foucault, em *O sujeito e o poder* (1995), e de Kehl, em *Deslocamentos do Feminino* (1998).

Para o estudo da imprensa espanhola no século XIX e sua significativa importância na difusão das vozes femininas pelo país, tomaremos como referência os estudos críticos de M. Isabel Marrades (1978), em “Feminismo, prensa y sociedad en España”; Blasina Cantizano Márquez

(2004), em “La mujer en la prensa femenina del XIX”; Mary Nash (1983), em *Mujer, Familia y Trabajo en España (1875-1836)*, Inmaculada Jiménez Morell (1992), em *La prensa femenina en España (desde sus orígenes a 1868)*; Geraldine M. Scanlon (2002), em *La polémica feminista en la España contemporánea (1868-1974)*; Michelle Perrot (2007), em *Minha história das mulheres*; Mercedes Roig Castellanos (1989), em *A través de la prensa. La mujer en la historia*; e María Paz Hinojosa Mellado (2005), em *La persuasión en la prensa femenina: análisis de las modalidades de la enunciación*.

Ter livre acesso às publicações espanholas do século XIX permitiu-nos uma maior aproximação com o imaginário da época. Segundo Michel Maffesoli (2001), o imaginário representa uma força social de ordem espiritual, ou seja, uma construção mental que se mantém ambígua, perceptível, embora não mensurável, e que se mantém, concomitantemente, impalpável e real. Logo, não se trata de algo meramente racional, sociológico ou psicológico, mas sim de algo capaz de transcender o indivíduo e a própria sociedade, de forma a contagiar o coletivo, ou pelo menos parte dele. Daí a noção de imaginário estar intrinsecamente relacionada à ideia de coletividade. Para o estudo da imprensa como fonte de criação e reprodução de imaginários, consideraremos a teoria crítica de Gilbert Durand (1988), em *A imaginação simbólica*; Michel Maffesoli, na entrevista “O imaginário é uma realidade” (2001) e na obra *Elogio da razão sensível* (1998); Juremir Machado da Silva, em *As Tecnologias do Imaginário*; LEGROS, Patrick et AL (2007), em *Sociologia do imaginário* e Gislane Silva (2010), em “Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo”.

Considerando a notória desigualdade entre os sexos, foi que vislumbramos a necessidade de analisar, a partir dos artigos escritos por Emilia Pardo Bazán em *Nuevo Teatro Crítico*, a forma como a escritora vai tratar do papel da mulher na sociedade patriarcal do século XIX, problematizando essencialmente a questão da educação feminina e do ingresso da mulher no mercado de trabalho, visto que algumas instituições no final do século XIX começam a permitir e a incentivar o ingresso feminino em determinados setores.

A existência de um discurso feminino que reivindica essas mudanças entra em conflito com o modelo de mulher esperado pela conservadora sociedade que, em razão do discurso hegemônico, ainda mostrava certa resistência quanto à emancipação da mulher. E para melhor apresentar esse embate, nos pareceu pertinente revisitar os estudos que tratam da feminilidade e da educação feminina no século XIX, em especial das novas teorias educacionais que defendiam o desenvolvimento do espírito crítico

por parte do aluno, tais como o Krausismo. Tomaremos como referência a teoria crítica de Concepción Arenal, em “La educación de la mujer” (1896), Remedios Sánchez García, em “Las ideas sobre la educación de la mujer en Juan Valera” (2001), Georges Duby, Michelle Perrot e Genevieve Fraisse, em *Historia das mulheres no ocidente* (1994) e Concepción Gimeno de Flaquer, em *La mujer española- Estudios acerca de su educación y sus facultades intelectuales* (1877).

Estabelecidos os moldes da educação feminina na Espanha do século XIX, partiremos para as análises dos artigos extraídos da revista *NTC*, dando grande ênfase aos textos: “La cuestión académica” (número 3, marzo de 1891), “La educación del hombre y la de la mujer” (número 22, octubre de 1892), “Una opinión sobre la mujer, el discurso del marqués de busto en la real academia de medicina” (número 15, marzo de 1892), “Tristana” (número 17, mayo de 1892) e “Concepción Arenal y sus ideas acerca de la mujer” (número 26, febrero de 1893). A partir delas, ambicionamos revelar o posicionamento ideológico da autora, o que nos leva a pensar no caráter sócio-ideológico da enunciação, já que toda linguagem– “uma das nossas principais fontes de conhecimento da cultura (ou do ‘mundo da significação’) de um povo e das distinções ou divisões que aí se praticam” (HARRIS, 1952, p.188)⁵– é uma perspectiva sócio-ideológica dos grupos sociais reais e dos seus representantes personificados.

Bakhtin (2006) afirma que nós, enquanto indivíduos, estamos sempre nos definindo diante de uma realidade marcada pela historicidade das relações sociais, pelo significativo olhar do outro e pelos sentidos que nos perpassam como se fossemos matéria fluida. Somos produtos de construções discursivas, principalmente porque nos construímos a partir do momento que entramos em contato com o discurso do outro. Sendo assim, todos nós participamos, inegavelmente, do processo de construção de uma realidade percebida, o que acentua o fato de ser a experiência humana um evento tanto individual como coletivo. E por se tratar de uma experiência coletiva, examinaremos, com base nos conceitos de polifonia e de dialogismo (BAKHTIN 1995; 2006), em que medida a voz de Emilia Pardo Bazán se identifica com outras vozes– femininas e até mesmo masculinas– em prol do reconhecimento e da valorização da mulher na sociedade patriarcal, tomando como referência os estudos sobre a mulher desenvolvidos por Concepción Arenal, no artigo “La educación de la mujer” (1896), e por Jonh Stuart Mill, em *La esclavitud femenina* (189-?), nomes que muito influenciaram o pensamento da autora de *Nuevo Teatro Crítico*.

⁵ “Language is one of our chief sources of knowledge about a people’s culture (or ‘world of meaning’) and the distinctions or divisions which are made in it”.

A questão do silêncio será outro aspecto a ser tratado por nós. Segundo Eni Orlandi (2007, p.90), o silêncio é o amálgama das posições heterogêneas, e é nele que as diferentes vozes do sujeito se entretecem em uníssono. Os diversos estudos sobre o silêncio revelam-nos que este se encontra em posição fundamental e indissociável ao discurso, possibilitando o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do “um com o <<múltiplo>>”, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa” (Ibidem, p. 24).

Em *As formas do silêncio* (2007), Orlandi estabelece dois importantes funcionamentos no trabalho com o silêncio: o silêncio fundador, presente em toda linguagem e em todas as palavras, significando o não dito e dando espaço de recuo significante, e a política do silêncio, que se subdivide em silêncio constitutivo, em que se esboça a ideia de que todo dizer cala alguma coisa, ou seja, todo dizer tem sentidos silenciados; e silenciamento, em que se trabalha com a concepção de que alguns sentidos são censurados ou pelo sujeito de uma formação discursiva, ou para toda uma comunidade em algum local historicamente determinado. E é com base nesses conceitos que buscaremos fundamentar nossa análise sobre aquilo que não foi dito por Pardo Bazán, em seus textos publicados em *Nuevo Teatro Crítico*.

6. Plano de atividades previstas										
ATIVIDADES	Set/Out	Nov/Dez	Jan/Fev	Mar/Abr	Mai/Jun	Jul/Ago	Set/Out	Nov/Dez	Jan	
Revisão teórica de conceitos/ levantamento de bibliografia;										
Análise dos textos críticos sobre a imprensa feminina espanhola do séc. XIX e seleção/leitura dos artigos de Pardo Bazán em <i>NTC</i> ;										

Levantamento, seleção e análise de jornais e revistas do séc. XIX. (Biblioteca Nacional de España, Hemeroteca Digital da BNE e Hemeroteca Municipal de Madrid);										
Desenvolvimento da pesquisa, redação, oferta de curso de extensão e disciplina, e coorientação de alunos;										
Desenvolvimento da pesquisa, redação, publicação de artigos e coorientação de alunos;										
Oferta de curso de extensão e disciplina, e coorientação de alunos;										
Publicação de artigos em revistas especializadas, organização de eventos e coorientação de alunos;										
Conclusão da redação do texto de pesquisa e produção do relatório técnico-científico										

7. Detalhamento das atividades desenvolvidas no período (setembro de 2013 a janeiro de 2015)

Os meses de setembro, outubro e dezembro foram dedicados essencialmente ao desenvolvimento da pesquisa. Foi realizada uma minuciosa análise e seleção de diversas obras, especialmente daquelas que, pela crítica, são consideradas referências nos estudos da imprensa feminina espanhola e do imaginário, especialmente por entendermos o texto jornalístico como uma significativa fonte de criação e reprodução de imaginários sociais.

Pelo fato de a pesquisa centrar-se na análise dos artigos publicados nas revistas e jornais femininos do século XIX, tive, a princípio, muita dificuldade de ter acesso a obras de teoria crítica, como *Mujer, Familia y Trabajo en España (1875-1836)*, de Mary Nash (1983), título da extinta editora Antrophos; *La prensa femenina en España (desde sus orígenes a 1868)*, de Inmaculada Jiménez Morell (1992); e *La polémica feminista en la España contemporánea (1868-1974)*, de Geraldine M. Scanlon (2002), livros extremamente fundamentais para meus estudos, uma vez que eles não constam nos catálogos das principais bibliotecas do Estado do Rio de Janeiro, nem disponíveis para download em sites especializados da área. A maioria dos pesquisadores espanhóis que se dedicam à imprensa feminina do século XIX faz referência a essas obras críticas, o que me levou a buscá-las incessantemente em diversas livrarias do Brasil, e foi, em uma das visitas à Livraria Cultura, que consegui encomendá-los. Comentei a necessidade de tê-los para desenvolvimento de meu trabalho, e eles se prontificaram a entrar em contato com as principais livrarias espanholas em busca dos exemplares solicitados. Depois de quase dois meses de espera, os livros chegaram as minhas mãos, o que indubitavelmente muito colaborou para validar as análises e considerações feitas após as leituras dos artigos publicados nos periódicos oitocentistas.

Nesse percurso dedicado à revisão teórica do projeto e à consideração de novas referências bibliográficas, encontrei nos sites da Hemeroteca Digital da *Biblioteca Nacional de España* e da *Hemeroteca Municipal de Madrid*, inúmeras periódicos da época digitalizados, o que muito contribuiu para o desenvolvimento e enriquecimento da pesquisa feita por mim e orientada pela professora Silvia Cárcamo. Descobri também muitas digitalizações no site da *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*, mais especificamente no Portal dedicado às *Escritoras Españolas*, organizado por M^a Ángeles Ayala Aracil, o que, igualmente, muito facilitou a consulta e o andamento da minha investigação.

E foi nele que encontrei todas as edições digitalizadas da revista *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893), organizada e financiada pela escritora Emilia Pardo Bazán (1851-1921), considerada a melhor romancista espanhola do século XIX e uma das escritoras mais significativas da história literária do

país, em razão de sua portentosa produção literária, composta por romances, contos, livros de viagens, obras dramáticas, composições poética e numerosas contribuições jornalísticas.

Tratar do Jornalismo no século XIX, assim como da Literatura produzida nesse período, exigiu, de nossa parte, reconhecer a importância e o significativo papel dessas construções mentais na criação de “nuevas formaciones discursivas para representar la <<modernidad>>, lo moderno, el nuevo sujeto social”, tal como nos assinala a escritora e crítica literária Iris M. Zavala (1990, p.10), que percebe o texto como forma articulada de representação do imaginário social. Assim como Zavala, também entendo o texto, nesse caso, o jornalístico, como uma importante fonte de criação e reprodução de imaginários sociais, compartilhados, segundo Gislene Silva (2010, p.249), “por todos os sujeitos envolvidos no universo das notícias, sejam repórteres, leitores/receptores, fontes, publicitários, proprietários de veículos noticiosos, editores, anunciantes”.

O acesso livre aos periódicos digitalizados pelas bibliotecas espanholas possibilitou-me um melhor entendimento dos imaginários sociodiscursivos circulantes na Espanha do séc. XIX. Assim como o gênero romance, os textos jornalísticos também apresentam uma indiscutível diversidade social de linguagens, que são nossas principais fontes de conhecimento da cultura de um povo. Diante desse portentoso material encontrado, ainda pouco explorado por pesquisadores brasileiros, fui contagiada por um irresistível impulso de analisá-los e inclui-los como parte fundamental de nossa investigação, na intenção de revelar não só a existência de um processo evolutivo na imprensa feminina espanhola, intimamente relacionado com a situação política de cada época, como também comprovar a inegável importância dela na formação de novos imaginários e, por conseguinte, de novos sujeitos.

Realizei também um levantamento e seleção dos principais jornais e revistas do séc. XIX que se encontram disponíveis nos sites da Hemeroteca Digital da BNE e da Hemeroteca Municipal de Madrid. Em meu texto, pensado para ser publicado como livro, pareceu-me fundamental iniciar as análises com algumas considerações sobre as primeiras publicações tidas como femininas na Espanha para, em seguida, adentrar, com maior embasamento, nos principais jornais e revistas oitocentistas, na intenção de contrapor os discursos feministas, em especial os de Emilia Pardo Bazán em *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893), aos legitimados pelo Estado, pela Igreja e, consequentemente, pela conservadora sociedade patriarcal que ainda via com muita resistência e apreensão as reivindicações a propósito da emancipação feminina e do reconhecimento da mulher como ser social. É importante comentar que, nesse mesmo período, realizei a leitura e a escolha dos artigos de Pardo Bazán, publicados na revista *NTC*. Tendo em vista o conteúdo diversificado da publicação, selecionei apenas os textos que versam

sobre a mulher e sobre o papel dela na sociedade espanhola do séc. XIX, foco principal de nossos estudos.

Nesses três meses como bolsista de Pós-doutorado do Programa de Letras Neolatinas da UFRJ, também participei como aluna ouvinte do curso *Visões da infância nas literaturas hispânicas* (LEN 844), ministrado pela professora Silvia Cárcamo. Igualmente, participei do curso de extensão *Visões da infância na modernidade*, coordenado pelas professoras Silvia Cárcamo e Flávia Ferreira dos Santos, no período de 11/09 a 06/11, num total de oito encontros.

Fruto da apresentação de trabalho no VII Congresso Brasileiro de Hispanistas, realizado em setembro de 2012, na Universidade Federal da Bahia (Salvador), obtive a publicação “O diário de Ana Ozores: a escrita como a expressão da subjetividade feminina em *La Regenta*”, presente nas Atas do VII Congresso Brasileiro de Hispanistas. USP: ABH, 2013. Volume único, págs.:1-1199. Também destaco o texto “As cartas de Ana Ozores: a escrita como expressão da subjetividade feminina em *La Regenta*”, publicado na revista *Hispanista* (Edición Española), na edição de janeiro-fevereiro-março de 2013.

Com relação às atividades docentes, em dezembro, participei, junto com as professoras Silvia Cárcamo e Flávia Ferreira, da elaboração da ementa da disciplina *Linguagens audiovisuais na cultura hispânica* (Subjetividades, discursos do eu e memória na produção literária e audiovisual no contexto da cultura hispânica contemporânea), visando a orientação de alunos da graduação para a produção da monografia de final de curso, e da ementa do curso de extensão intitulado *Mulheres em cena: as representações da mulher na literatura espanhola e na imprensa feminina do século XIX*, oferecido pelo setor de extensão da Faculdade de letras da UFRJ.

Nos meses de janeiro e fevereiro, dei início à redação de um texto sobre a imprensa feminina no séc. XIX, apresentado, em fevereiro de 2014, ao Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da UFRJ, em nosso primeiro relatório de atividades. Nesse mesmo mês, dei início as minhas atividades docentes, tanto no curso de extensão como na disciplina optativa oferecida aos alunos de graduação do curso de espanhol. Também dei sequência às leituras e à redação da pesquisa.

No curso de extensão *Mulheres em cena: as representações da mulher na literatura espanhola e na imprensa feminina do século XIX*, oferecido no período de 13 de março a 25 de março, todas as quintas-feiras, das 13h e 30min às 15h e 30min, meu principal propósito foi apresentar o modo como as subjetividades femininas e a emergência de novos imaginários se configuram nas narrativas do realismo espanhol e nos artigos publicados na imprensa feminina do século XIX. Para isso, selecionei

obras como *La Regenta*, de Leopoldo Alas “Clarín” e *El Abuelo*, de Benito Pérez Galdós, importantes clássicos da literatura espanhola realista, especialmente pelo fato de elas atribuírem um papel extremamente significativo às personagens femininas, apresentadas, sobretudo em *La Regenta*, como leitoras e escritoras de textos, fazendo emergir, na diegese, cenas de leitura e de escrita que remetem a tempos e espaços particulares e bem específicos.

Sendo o século XIX um período igualmente marcado pelo aparecimento de inúmeras publicações escritas por e para mulheres, o corpus, além dessas obras de ficção, também considera a importância das revistas femininas na construção de novos imaginários, uma vez que nelas circulam diferentes ideologias que variam desde posições conservadoras a revolucionárias, difundidas principalmente nas publicações de cunho anarquista. E para melhor tratar das diversidades de discursos sobre a mulher na imprensa feminina espanhola, selecionei os seguintes periódicos: *La Pensadora Gaditana* (1768), a primeira publicação feminista no país; *El Periódico de las Damas* (1822); *Ellas, Órgano Oficial Del Sexo Femenino* (1851); *La Educanda* (1861); *La Ilustración de la Mujer: Revista quincenal, órgano de la Asociación Benéfica de Señoras ‘La Estrella de los Pobres’* (1873); *Revista Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893) e a *Revista Blanca* (1989/ 1905 e 1923/1936).

Tendo organizado um curso sobre Literatura e Imprensa, busquei tratar, em cada aula, de um aspecto diferente, o que, a meu ver, deu dinamicidade às discussões e despertou um significativo interesse e identificação dos alunos com relação aos diversos temas trabalhados. Abaixo, apresento a programação completa do curso:

- **Aula I-** Leituras, leitoras e escrita feminina em *La Regenta*, de Leopoldo Alas “Clarín”.
- **Aula II-** A polifonia na construção das subjetividades femininas em *El Abuelo*, de Benito Pérez Galdós.
- **Aula III-** As diferentes representações da mulher na imprensa feminina do século XIX.
- **Aula IV-** Os artigos feministas de Emilia Pardo Bazán em *Nuevo Teatro Crítico*.
- **Aula V-** Feminismo e anarquismo nos artigos de Federica Montseny.

Com relação à disciplina optativa *Linguagens audiovisuais na cultura hispânica*, pensada especialmente para os alunos de graduação dos últimos períodos do curso de Letras (português-espanhol) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, busquei tratar de temas que considero essenciais para a compreensão e análise dos textos literários. A partir dos textos de Carlos Reis e Ana Cristina M.

Lopes (1987), em *Dicionário de narratologia* e de Gérard Genette (1972), em *Figures III*, trabalhamos a determinação dos três campos de estudo (tripartição de finalidade metodológica): tempo, modo e voz, e os diferentes tipos de focalização: externa, interna e zero ou narrativa não focalizada (onisciente).

Foram ainda problematizadas as questões de gêneros do discurso— por intermédio dos textos de Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (2006), e de Roland Barthes, em *S/Z* (2004)— e de autoria, a partir do texto “La muerte del autor”, de Roland Barthes (1968). Também me ocupei das novas nomenclaturas para os diferentes narradores: Autodiegético Homodiegético e Heterodiegético, e das diferentes vozes e tipos discursos no romance: o discurso indireto, o discurso indireto livre, uma das maiores invenções do autor de *Madame Bovary*, e discurso direto, dando grande ênfase ao sistema dialogal priorizado por Benito Pérez Galdós, na obra *El Abuelo*, que rompeu com toda a estrutura estética vigente no século XIX— fundamentalmente apoiada na concepção literária de uma modalização de onisciência.

Após a exposição dos conceitos teóricos e as diversas leituras e debates sobre os textos críticos trabalhados, selecionamos diversas obras literárias, em especial as narrativas do realismo espanhol do século XIX, para melhor aprofundarmos as questões comentadas por mim e pelas professoras Flávia Ferreira e Silvia Cárcamo, com quem dividi a disciplina optativa nesse primeiro semestre de 2014.

A análise das publicações oitocentistas, iniciada desde setembro de 2013, possibilitou a criação de um considerável texto de oitenta e uma laudas— hoje com cento e cinquenta e oito— sobre a evolução da imprensa feminina espanhola desde sua origem até os últimos anos do século XIX, e dele foi possível extrair os artigos apresentados nos eventos: VI COLÓQUIO MULHERES EM LETRAS LITERATURA E DIVERSIDADE, organizado pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/ Belo Horizonte), nos dias 09, 10 e 11 de abril de 2014, e no V SEMINÁRIO LITERATURA E CULTURA, preparado pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS/ Aracaju), nos dias 29 e 30 de maio de 2014.

No primeiro evento, apresentei o trabalho intitulado “Os contos na revista *Nuevo Teatro Crítico*: os discursos ficcionais sobre a mulher no séc.XIX”. Nele, dediquei-me aos contos publicados por Emilia Pardo Bazán, uma das mais importantes vozes do feminismo na Espanha, na revista *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893), organizada e financiada por ela. Considerei, a partir da análise do jogo de vozes e dos pontos de vista, as subjetividades femininas em “Los huevos arrefalfados”, “En tranvía” e “La estéril” para melhor explorar as relações das personagens pardobazanianas com o seu ambiente e, em muitos casos, as estratégias usadas por elas no enfrentamento com a sociedade patriarcal do séc.

XIX, que ainda via com muita resistência as reivindicações feministas a propósito da emancipação da mulher. Considerei os estudos críticos de Bakhtin (1995; 2006) e de Barthes (1980) que tratam da enunciação e da polifonia. E, por compreender os meios de comunicação como espaços que permitem o encontro de diversos discursos e como fontes de criação e reprodução de imaginários sociodiscursivos, também analisei se essas breves narrativas coincidiam com o discurso da revista analisada por nós.

No V SENALIC, apresentei o trabalho “O discurso feminino na revista *La Ilustración de la Mujer*” no simpósio “Estudo de gênero na cultura e na literatura”. A revista madrilense *La Ilustración de la Mujer* (1873), órgão da *Asociación Benéfica de Señoras: La Estrella de los Pobres*, ocupou um importante lugar na construção de discursos críticos sobre a mulher na Espanha do século XIX. Nessa comunicação, comentei algumas regularidades dos discursos das principais articulistas da publicação, atribuindo especial atenção aos artigos que versam sobre a educação e o trabalho feminino. E, por compreendermos os veículos de comunicação como fontes de criação e reprodução de imaginários sociodiscursivos, consideramos, a fim de reforçar as análises feitas, os estudos críticos de Maffesoli (2001) sobre a natureza essencialmente coletiva, social e histórica do imaginário. Foram igualmente importantes os conceitos de Bakhtin (1995; 2006) que tratam da enunciação e da polifonia nos textos. Da apresentação do trabalho, obtive a publicação do texto nos Anais do V SENALIC, de ISSN: 2175-4128. O trabalho completo também se encontra disponível na página do evento: 200.17.141.110/senalic/V_senalic/textos.htm

Ainda com relação às participações em eventos e às produções bibliográficas, também participei do VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, realizado entre os dias 02 e 05 de setembro de 2014, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O trabalho apresentado no evento se intitula “Imprensa e imaginário: o discurso feminista de Emilia Pardo Bazán na revista *Nuevo Teatro Crítico*”. A revista *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893), organizada e financiada pela escritora Emilia Pardo Bazán, ocupa um lugar central na construção de discursos críticos sobre a mulher na Espanha do século XIX.

Os discursos sobre a inferioridade feminina fizeram com que a escritora galega tomasse a palavra para si, de forma a pleitear, através de textos ficcionais e jornalísticos, uma imediata revalorização da mulher. Pardo Bazán encontrou na imprensa um caminho para ser percebida e escutada; passou a concebê-la como um oportuno meio para defender seus ideais e impulsionar campanhas a favor de causas extremamente necessárias para o desenvolvimento da sociedade espanhola. Neste trabalho, expusemos algumas regularidades do discurso feminista da autora,

atribuindo especial atenção aos artigos publicados em *NTC* que versam sobre a educação, o trabalho feminino e os novos papéis da mulher na sociedade espanhola de fim de século.

Destaco, ainda, a participação na comissão de organização do evento. Durante o VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, fui uma das responsáveis pelo controle das atividades dos alunos monitores durante os dois turnos.

Também participei do V SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS NEOLATINAS-IDENTIDADES, FRONTEIRAS, REPRESENTAÇÕES, realizado de 13 a 16 de outubro de 2014, na Faculdade de Letras da UFRJ. Tendo em vista o simpósio “O romance moderno, as transformações das narrativas e dos discursos”, apresentarei o trabalho intitulado “O sistema dialogal em *El Abuelo*, de Benito Pérez Galdós”. Com base nos estudos críticos de Bakhtin (1995; 1998; 2008) e de Barthes (1980) sobre a enunciação e a polifonia nos textos literários, pretendemos apresentar, por intermédio das didascálias (acotações), as marcas do sujeito da enunciação em *El Abuelo* e, com isso, corroborar o caráter essencialmente polifônico do romance galdosiano, estruturado em jornadas e cenas, assim como nas obras pertencentes ao gênero dramático.

Também participei da comissão organizadora do evento, atuando na seleção dos resumos enviados, na elaboração das mesas redondas e palestras, na seleção dos monitores, na elaboração da grade de trabalho de cada um deles e, conseqüentemente, no controle das atividades dos alunos. Na mesma ocasião, ofertei, junto com a professora Doutora Begoña Saez Martínez (Consejería de Educación- Embajada de España), o minicurso “As figuras da leitura e do leitor na Literatura Espanhola”, ministrado entre os dias 14 e 15 de outubro, de 8h às 9h e 30 min.

O minicurso analisou as figuras da leitura e do leitor em dois importantes clássicos da literatura espanhola: os romances *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha* (1605-1615), de Miguel de Cervantes, e *La Regenta* (1884-1885), de Leopoldo Alas “Clarín”, na intenção de apresentar os inúmeros efeitos do ato de ler, atividade extremamente complexa e de produção de sentidos, na vida das personagens leitoras. Abordou, igualmente, a representação da mulher e da leitura na Espanha dos séculos XIX e XX, visando estabelecer um diálogo entre diferentes linguagens. Para avaliar a forma como a leitura e o livro tornam-se objetos da própria literatura e como se configuram as noções de leitura e de leitor nas obras estudadas, consideramos a teoria crítica de Gérard Genette (1972), Roger Chartier & Guglielmo Cavallo (2002) e Ricardo Piglia (2005).

Ainda no segundo semestre, disponibilizei-me a exercer atividades de coorientação das pesquisas acadêmicas reconhecidas pelo Programa, ofereci novamente o curso de extensão: “As

representações da mulher na literatura e na imprensa feminina do século XIX” e participei do encontro literário “O romance espanhol hoje: uma aproximação das tendências literárias atuais”, organizado pelo Instituto Cervantes do Rio de Janeiro, a Conselheria de Educação da Embaixada da Espanha no Brasil e a Faculdade de Letras da UFRJ, nos dias 4, 5 e 6 de agosto. O objetivo desse evento foi dar a conhecer os romancistas espanhóis Isaac Rosa, Marta Sanz, Carlos Castán, Ricardo Menéndez e Berta Vias e nos aproximarmos de suas tendências e estéticas. Apresentei o trabalho intitulado “La mala luz, de Carlos Castán”.

Infelizmente, devido ao não pagamento da taxa de bancada e das despesas efetuadas com livros, especialmente os que foram comprados na Espanha, através da encomenda feita à Livraria Cultura, fotocópias, passagens, hospedagem, transporte e outros gastos, não foi possível me inscrever para o III CONGRESO INTERNACIONAL DE LITERATURA Y CULTURA ESPAÑOLAS CONTEMPORÁNEAS. DIÁLOGOS TRANSATLÁNTICOS: PUNTOS DE ENCUENTRO, a ser realizado em La Plata, Argentina, nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 2014, conforme havia comentado no relatório anterior encaminhado ao Programa. Entrei, por diversas vezes, em contato com o setor de bolsas da CAPES, no entanto, me afirmaram não haver previsão de liberação dos recursos de custeio para o ano de 2014, no âmbito do PNPD/CAPES-2013.

Gostaria de agradecer, de coração, ao Programa de Letras Neolatinas por todo apoio, confiança e pela grande oportunidade que me fora concedida no âmbito acadêmico e, principalmente, à querida professora Silvia Cárcamo que, desde sempre, acreditou no meu trabalho e na minha enorme vontade de aprender e de ensinar. No entanto, devido à recente convocação para assumir o cargo de professora efetiva no CEFET-RJ, tive de solicitar o cancelamento da bolsa de pós-doutorado concedida pela CAPES.

Janeiro de 2015 foi o último mês de atividades. O período foi dedicado para a conclusão do texto de pesquisa e para a produção deste relatório técnico-científico, em que descrevo detalhadamente as etapas realizadas durante o período pós-doutoral.

Com os resultados da pesquisa, pretendendo organizar e publicar futuramente um livro sobre a evolução da imprensa feminina espanhola, apresentando reflexões que vão desde *La Pensadora Gaditana*, primeira publicação do gênero, a *Nuevo Teatro Crítico*, revista do final do séc. XIX (Texto de pesquisa em anexo).

8. Referências bibliográficas

ALVES, Branca M.; PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

ARENAL, Concepción. “La educación de la mujer”. Edición digital basada en la edición de Madrid, Sucesores de Ribadeneyra, 1896. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://bib.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=1773&portal=343>

----- “La mujer del porvenir- Artículos sobre las conferencias dominicales para la educación de la mujer, celebradas en el Paraninfo de la Universidad de Madrid”, 1869. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://bib.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=35140&portal=343>

BARTHES, Roland. *S/Z*. Siglo Veintiuno de España Editores. Madrid: 1980.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

-----, *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1995.

-----, *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

-----, *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *El segundo sexo*. Buenos Aires: Editorial Psique, 1954.

BOURDIEU, Pierre. *La dominación masculina y otros ensayos*. Buenos Aires: La Página S.A., 2010.

CANTIZANO MÁRQUEZ, Blasina. “La mujer en la prensa femenina del XIX”. *ÁMBITOS*. Nº 11-12 - 1er y 2º Semestres de 2004 (pp. 281-298).

CANTERLA, Cinta. “Mujer y derechos humanos: universalismo y violencia simbólica de género”. In: *Discursos,realidades, utopías. La construcción del sujeto femenino en los siglos XIX y XX*. Barcelona: Anthropos, 2002.

CASER, Maria Mirtis. *Entre o que se vê e o que se esconde: a representação da mulher em contos de Emilia Pardo Bazán*. 2008. Esse texto encontra-se disponível no site: www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/mariamirtiscaserdoutorado.pdf

CASTORIADIS, Cornelius. “Para si e subjetividade”. In: PENA-VEJA, Alfredo & NASCIMENTO, Elimar Pinheiro (Orgs). *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. Páginas: 35-46.

-----, *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. 1ª. ed., v.1. São Paulo: Ática, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Conversações–1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUBY, Georges, PERROT, Michelle & FRAISSE, Genevieve. *Historia Das Mulheres No Ocidente*, v.4, *O Século X I X*. Portugal: Afrontamento, 1994. BEAUVOIR, Simone de. *El segundo sexo*. Buenos Aires: Editorial Psique, 1954.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Arcádia, 1979.

-----.. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*. v.1. *A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

-----.. O sujeito e o poder. In: H. Dreyfus & P. Rabinow. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. Páginas: 231-249.

GIMENO DE FLAQUER, Concepción. *La mujer española: Estudios acerca de su educación y sus facultades intelectuales*/ por la señorita D^a María Concepción Gimeno, 1877. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/la-mujer-espanola-estudios-acerca-de-su-educacion-y-sus-facultades-intelectuales--0/>

GÓMEZ DE AVELLANEDA, Gertrudis. *La mujer: artículos publicados en un periódico el año de 1860, y dedicados por la autora al bello sexo*. Reproducción digital a partir de *Obras literarias de la Señora Doña Gertrudis Gómez de Avellaneda. Colección completa. Tomo 5: Novelas y leyendas*, Madrid, [s.n.], 1871, (Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra), pp. [283]-306. Os artigos encontram-se disponíveis no site: www.cervantesvirtual.com/obra/la-mujer-articulos-publicados-en-un-periodico-el-ano-de-1860-y-dedicados-por-la-autora-al-bello-sexo--0/

GUIÑAZÚ, Maria Cristina & MARTIN, Claire Emilie. *Las mujeres toman la palabra- Escritura femenina del siglo XIX em Hispanoamérica*. vol. I. Madrid: Iberoamericana, 2001.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

-----.. “O espaço doméstico e a sexualidade da mulher”. In: Maria Ângela D’Incao, (org). *Saúde mental e sociedade*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

LAPLANTINE, François. *O que é Imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LEGROS, Patrick *et al.* *Sociologia do imaginário*/Frédric Monneyron, Jean-Bruno Reanrd, Patrick Legros e Patrick Tacussel. Porto alegre: Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. “O imaginário é uma realidade”. Revista Famecos. Porto Alegre, n.15, agosto 2001.

-----.. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. “Mal-estar e subjetividade feminina”. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza / V. III / N. 2 / Páginas: 418 - 438/ Set. 2003.

MANGENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

MARRADES, M. Isabel. “Feminismo, prensa y sociedad en España”. *Papers: Revista de Sociología*, 1978. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://ddd.uab.cat/pub/papers/02102862n9/02102862n9p89.pdf>.

NASH, Mary. *Mujer, Familia y Trabajo en España (1875-1836)*. Barcelona: Anthropos, 1983.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio*. Campinas. Editora da Unicamp, 2007.

PALACIOS FERNÁNDEZ, Emilio. *La mujer y las letras en la España del siglo XVIII*. Madrid: Ediciones Laberinto, 2002.

PARDO BAZÁN, Emilia, Condesa de (1851-1921). *Revista Nuevo Teatro Crítico*. Madrid: La España Editorial, 1891-1893. 30 tomos. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/>

PAREDES NUÑES, Juan. “El feminismo de Emilia Pardo Bazán”. *CUADERNOS DE ESTUDIOS GALLEGOS*, Tomo XL, Fascículo 105, Santiago 1992.

PERROT, Michele. “Poder dos homens, potência das mulheres”. In: *Revista Vozes*, nº1, v.89. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

------. *Minha história das mulheres*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SÁEZ DE MELGAR, Faustina. «La literatura en la mujer», *La Violeta*, 20 agosto 1865.

------. *Memoria del Ateneo de Señoras*, Madrid, Imp. Sres. de Rojas, 1869.

SÁNCHEZ GARCÍA, Remedios. “Las ideas sobre la educación de la mujer en Juan Valera”.. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://bib.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=22207>

SILVA, Gislene. “Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo”. *Revista Famecos*. Porto Alegre. v.17, n. 3, p. 244-252. Setembro/dezembro, 2010.

STEIN, INGRID. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1984.

STUART MILL, Jonh. *La esclavitud femenina*. Edición digital basada en la edición de Madrid, Administración, [189-?]. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/la-esclavitud-femenina--0/>

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges & VALÉRIO, Maristela S. “A "nova" mulher: o estereótipo feminino representado na revista Nova/Cosmopolitan”. 2008. Esse texto encontra-se disponível no site: www.unisinos.br/_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=13&s=9&a=107

9. Anexo (Texto de pesquisa)

OS DISCURSOS SOBRE A MULHER ESPANHOLA NA IMPRENSA FEMININA DO SÉC. XIX

Resumo

A análise de jornais e revistas das primeiras décadas às últimas do século XIX, período de significativa instabilidade econômica, política e social na Espanha, nos permitiu apreciar não só existência de um processo evolutivo na imprensa feminina, intimamente relacionado com a situação política de cada época, como também comprovar a inegável importância dela na formação de novos imaginários e, por conseguinte, de novos sujeitos femininos que foram se constituindo e caminhando, de forma tensionada com o discurso patriarcal, em busca da emancipação e, por fim, de um novo papel social da mulher.

Objetivando apresentar os diversos imaginários sociodiscursivos que versam sobre a mulher e sobre o papel dela na sociedade espanhola do séc. XIX, nos pareceu fundamental iniciar nossas análises com algumas considerações sobre as primeiras publicações tidas como femininas na Espanha. Em seguida, adentraremos, com maior embasamento, nos principais jornais e revistas oitocentistas, na intenção de contrapor os discursos feministas, em especial o da escritora galega Emilia Pardo Bazán em *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893), uma das maiores romancistas do realismo espanhol, aos legitimados pelo Estado, pela Igreja e, conseqüentemente, pela conservadora sociedade patriarcal que ainda via com muita resistência e apreensão as reivindicações a propósito da emancipação feminina e do reconhecimento da mulher como ser social.

Fundamentaremos nossas análises nos conceitos de Bakhtin (2006) sobre a polifonia e o dialogismo e nos estudos críticos de Durand (1988) e Mafessoli (2001) sobre o imaginário, especialmente por entendermos o texto jornalístico como uma significativa fonte de criação e reprodução de imaginários sociais.

Introdução

*Los progresos de la razón son lentos,
profundas las raíces de los prejuicios*

Voltaire

Na sociedade espanhola do século XIX, a preponderância masculina tem todas as condições para seu pleno exercício. Em *La dominación masculina y otros ensayos*, Pierre Bourdieu (2010, p.48-49) afirma que a preeminência universalmente reconhecida aos homens se afirma na objetividade das estruturas sociais e das atividades produtivas e reprodutivas, e se baseia em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológico e social que confere ao homem a melhor parte. Essa divisão sexual, da qual se ocupa Pierre Bourdieu em muitos dos seus ensaios sobre o domínio masculino, encontra-se estritamente vinculada a uma ordem social que, segundo ele, funciona como uma imensa máquina simbólica (Ibidem, p.21). Essa, por sua vez, tende a ratificar a preponderância do homem e a submissão da mulher, marcando, assim, a existência de uma sociedade predominantemente desigual e machista, visto que desconsidera as potencialidades femininas e suas habilidades para outros trabalhos que não estejam relacionados apenas às tarefas do lar e ao cuidado da família.

No artigo “Hombres sin cabeza: aversión misógina y subversión femenina”, Claudio Arturo Díaz Redondo (2002, p.45), também se ocupa das construções das categorias “homem” e “mulher”, fundamentadas pelo discurso/transcurso histórico do amo e da universalidade, entendida, nessa perspectiva, como saber-total. Comenta que a história da cultura proclamou, de forma aberta e impositiva, a história de um processo de patriarcalização que, por sua vez, legitimou uma visão androcêntrica de mundo:

[...] los hombres se han arrogado el canon subjetivo del saber, al mismo tiempo que inhabilitan el acto o la potencia del saber femenino como poder y enclaustran (universalizan desde el odio o desde el amor) a las mujeres en celdas o escenarios objetales en todo momento visibles, mostrados a la inspección de la mirada androcentrista [...] (DÍAZ REDONDO, 2002, p.63-64).

Os argumentos ideológicos usados para excluir as mulheres do direito à cidadania possuíam fundamentos muito antigos. Recaíam majoritariamente sobre a crença de que elas eram, por natureza, seres inferiores por carecerem de racionalidade superior, e essa condição de inferioridade ou de minoria moral as impediam de fazer parte da cidadania e, portanto, de serem objetos de direitos e deveres jurídicos e políticos (CANTERLA, 2002, p.20).

Desde obras seculares como *La Política*, podemos perceber a consolidação desse discurso patriarcal. Nela, Aristóteles compara a relação entre o homem e a mulher como a existente entre o amo e o escravo, postulando que: “El alma manda al cuerpo como un amo a su esclavo [...]. La misma relación existe entre el hombre y los animales [...]. El macho es más perfecto y manda; la hembra, más débil obedece. Esta es la ley general, que debe también aplicarse al hombre>>”⁶.

Freud também chamou a atenção para a vigência de um discurso androcêntrico, ao afirmar que o homem manda por cultura segundo uma lei cultural de imposição e repressão igualmente favorável a ele. E foi justamente em razão desse discurso histórico e culturalmente construído que o gênero se revelou como “un sistema de organización social no fundado sino amparado– enmascarado– en lo biológico. Levantado, en realidad por la cultura” (DÍAZ REDONDO, 2002, p.45). Essa imposição cultural que, por consagrar a excludente dominação histórica do gênero masculino, muito dificultou o reconhecimento da diferença cultural/valorativa e a conseguinte luta pela igualdade feminina.

Mary Nash (1983), em *Mujer, Familia y Trabajo en España (1875-1836)*, também apresenta interessantes análises sobre a vigência de discursos que concebiam a mulher como ser inferior ao homem em diversas esferas. Afirma que a questão da inferioridade intelectual da mulher— persistentemente debatida na Europa e nos Estados Unidos no séc. XIX, chegando a ter certa repercussão na Espanha— deve ser atribuída a argumentos provenientes inicialmente das disciplinas da fisiologia, da biologia e da anatomia, que posteriormente se complementaram com as novas ciências, tais como a psicologia, a psicanálise e a sociologia (NASH, 1983, p.13). E por ser a Espanha do séc. XIX um país de forte tendência conservadora, a autora comenta que no país “siguió persistiendo una amplia duda por parte de la mayoría de la población española sobre el potencial intelectual de la mujer, lo cual, a la vez, se convierte en argumento para consolidar la división sexual del trabajo y la tradicional distribución de los papeles sociales” (Ibidem, p.13), o que inviabilizou uma adesão imediata das mulheres espanholas ao feminismo.

O silenciamento feminino, acentuado pela precária educação recebida por elas, fez com que muitas mulheres espanholas tomassem a palavra para si, de forma a pleitear, através da escrita de textos impressos, uma imediata revalorização da mulher. E, mesmo diante de certa resistência masculina, elas encontraram nas atividades jornalísticas um caminho para serem percebidas. Foi, então, que passaram a conceber a imprensa como um oportuno meio para defender seus ideais e impulsionar campanhas a favor de causas que acreditavam ser necessárias para o desenvolvimento da sociedade espanhola.

⁶ ARISTÓTELES. *La Política*, Madrid: Alba, 1987, p.33.

Os veículos de comunicação de massa atuam como significativas ferramentas de representação social (TEIXEIRA & VALÉRIO, 2007). Através da análise de jornais ou revistas de qualquer época, é possível obter uma noção geral de como se comporta uma sociedade em determinado período, pois neles encontramos explícitos e bem determinados os costumes, as ideologias, os hábitos, as formas de vida e, principalmente, a multiplicidade de vozes e de pontos de vista que caracterizam a heteroglossia social (BAKHTIN, 2008). E foi considerando a importância desses meios comunicativos na promoção da reflexão e do diálogo no intercâmbio de ideias, que decidimos dedicar-nos ao estudo da imprensa feminina do século XIX, com o objetivo de apresentar os diferentes discursos sobre a mulher, atribuindo grande destaque àqueles de tendência feminista que muito contribuíram para a formação de novas subjetividades, em outras palavras, de novos sujeitos femininos.

Para Cornelius Castoriadis (1999, p.35), a noção de subjetividade deve estar relacionada à “capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo”. Dessa perspectiva, chegamos à conclusão de que tratar da subjetividade nada mais é que tratar da questão do sujeito, que está longe de ser um corpo essencialmente biológico ou físico.

Segundo Foucault (1995, p.239), o sujeito se forma a partir das relações de poder e de historicidade, implicando a ética como forma de refletir sobre os movimentos da liberdade e da sujeição. Assim, falar de subjetividade é também falar do seu envolvimento com as práticas, com as técnicas, com os exercícios em um determinado contexto social ou institucional pelo qual o indivíduo se reconhece como um lugar de saber e de produção de verdade, e que irão produzir diferentes estilos de vida com intensidades próprias, com a possibilidade de se produzir uma existência artística (DELEUZE, 1992. p.142).

E se nós, mulheres, dispomos hoje de uma nova condição dentro da sociedade do século XXI, que nos coloca em posição de igualdade legal, profissional e educativa com os homens, embora ainda existam algumas exceções, esta deve ser atribuída, sem dúvida, às diversas vozes femininas que, a partir do texto impresso, decidiram se expressar na defesa da igualdade de gênero e de oportunidades no mercado de trabalho e na educação. Sendo assim, acreditamos que regressar às publicações femininas em jornais e revistas do século XIX é, de certa forma, retornar a uma história da qual todas nós somos herdeiras e de que, até hoje, palpita nos discursos atuais, sem que haja muita consciência de que houve um processo, do qual a escrita das mulheres do século XIX muito nos ensina.

Atualmente, é possível encontrar no site da Hemeroteca Digital da *Biblioteca Nacional de España*, inúmeras publicações oitocentistas digitalizadas, o que muito contribuiu para o desenvolvimento e enriquecimento da pesquisa feita por nós. Encontramos também muitas digitalizações no site da *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*, mais especificamente no Portal dedicado às *Escritoras Españolas*, organizado por M^a Ángeles Ayala Aracil, o que igualmente muito facilitou a consulta e o andamento de nossa investigação. E ter livre acesso a essas revistas e jornais publicados na Espanha, desde o início ao fim do séc. XIX, permitiu-nos uma maior aproximação com os imaginários da época.

Segundo Laurent Lapierre, o conceito de imaginário “remete ao processo e ao produto da imaginação, tanto em uma dimensão cognitiva (as ideias, os pensamentos, as concepções, a visão, etc.), quanto em sua dimensão afetiva (os afetos, os desejos, as defesas psicológicas, as ambições, os compromissos profundos, etc.), permanecendo as duas dimensões indissociavelmente ligadas” (LAPIERRE, 1995, p.30)⁷. Trata-se, pois, de construções mentais formadas de:

[...] imagens interiores que guardamos de certas pessoas significativas, de lembranças ou de informações conservadas em nossa memória (essa faculdade que não se esquece) de ideias, de abstrações, de construtos, de visões, de explicações ou de racionalizações que são construídas e utilizadas, quer estejam relacionadas a informações já interiorizadas ou à realidade exterior (Ibidem, p.130)⁸.

Ainda que os produtos da imaginação sejam elaborados a partir de dados contidos na memória, eles são, fundamentalmente, o produto de visões, de projeções ou de construções que o sujeito elabora a partir de seus conteúdos memorizados. A partir dessa perspectiva, o imaginário deve ser compreendido como “uma realidade subjetiva que diz respeito, tanto ao conjunto de representações que o sujeito faz ou dá à realidade subjetiva interna como à realidade objetiva externa, e implica, segundo o autor, um trabalho mais ou menos consciente de transformação, de mudança e de criação” (Ibidem, p.130).

Após a leitura da entrevista intitulada “O imaginário é uma realidade”, concedida pelo professor e sociólogo francês, Michel Maffesoli, à Revista Famecos⁹, constatamos que as origens do pensamento de Lapierre e de muitos outros teóricos que se dedicam ao estudo do imaginário advêm principalmente do conceito de imaginário proposto por Gaston Bachelard, entre as décadas de 30 e 40. Segundo

⁷ LAPIERRE, LAURENT. *Imaginário e liderança*. São Paulo: Atlas, 1995.

⁸ LAPIERRE, LAURENT. “Imaginário, administração e liderança”. In: BERGAMINI, Cecília e CODA, Roberto. *Psicodinâmica da vida organizacional: motivação e liderança*. São Paulo: Livraria Pioneiro Editora, 1990.

⁹ MAFFESOLI, Michel. “O imaginário é uma realidade”. Revista Famecos. Porto Alegre, n.15, agosto 2001.

Maffesoli (2001, p.75), a partir do resgate da tradição romântica, o filósofo francês tratou de comprovar como as construções dos espíritos podiam ter um tipo de realidade na construção da realidade individual, ou seja, como as construções mentais podiam ser eficazes em relação ao concreto. O autor teve assim “o grande mérito de afirmar, por um lado, que o saber científico e a imaginação poética possuíam ambos um mundo igual à vida do espírito e, por outro lado, não mediu esforços para evidenciar a grande importância da imaginação criadora como uma via real (ARAÚJO & TEIXEIRA, 2009, p.8)¹⁰.

Derivam também das noções estabelecidas por Gilbert Durand, que originalmente trabalhou na confluência da tradição literária romântica e da antropologia. Para o teórico, é Bachelard quem vislumbra a completude das imagens, entendidas por nós como manifestações sensíveis do abstrato ou do invisível, e o dinamismo criador do imaginário. E, partidário dessa linha de pensamento bachelardiana, Durand elabora uma teoria geral do imaginário, em outras palavras, uma espécie de antropologia dele. Vejamos:

A razão e a ciência apenas unem os homens às coisas, mas o que une os homens entre si, no nível humilde das felicidades e penas cotidianas da espécie humana, é essa representação afetiva, porque vivida, que constitui o império das imagens. [...] E é então que a antropologia do imaginário pode se constituir, antropologia que não tem apenas a finalidade de ser uma coleção de imagens, de metáforas e de temas poéticos. Mas que também deve ter a ambição de montar o quadro compósito das esperanças e temores da espécie humana, a fim de que cada um nele se reconheça e se revigore (DURAND, 1988, p. 106)¹¹.

E foi precisamente essa importância e vitalidade atribuída por Gilbert Durand à antropologia do imaginário que nos possibilitou concebê-lo como um fenômeno simultaneamente individual e social, mítico e histórico.

Para melhor tratar da historicidade do imaginário, Durand propõe a noção de trajeto antropológico, definido por ele como “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 1997, p. 41). Para Gislene Silva (2010, p.248), no artigo “Imaginário coletivo: estudos do

¹⁰ ARAÚJO, A.F.; TEIXEIRA, M.C.S. “Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário”. Revista *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 7-13, out./dez. 2009. O artigo encontra-se disponível no site: <http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/Texto-Alberto-e-Cec%C3%ADlia.pdf>

¹¹ DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1988.

sensível na teoria do jornalismo”¹², esse trajeto seria o movimento em que os símbolos, transitando entre motivações subjetivas e objetivas, ganham sentido. As imagens se formariam, então, pela interação da subjetividade com o meio material e social, especialmente porque o imaginário se dá na confluência do subjetivo e do objetivo, do mundo pessoal e do meio cósmico ambiente.

Houve, por parte da civilização, uma nítida intenção de imprimir um imperialismo ideológico à ciência, que deveria ser tida como detentora exclusiva de uma verdade iconoclasta e de fundamento supremo dos valores. Essa pretensiosa tentativa, no entanto, fracassou. Segundo Durand (1998, p. 68), tratou-se de “um trabalho em vão, pois as imagens, expulsas pela porta da frente, reentravam pela janela para atacar os conceitos científicos mais modernos”, condição que revela a existência de um verdadeiro paradoxo do imaginário no Ocidente, uma vez que “por um lado, a nossa civilização propiciou ao mundo as técnicas de reprodução da comunicação de imagens, sempre em constante desenvolvimento, mas, por outro, junto à filosofia fundamental, demonstrou uma desconfiança iconoclasta endêmica” (SILVA, 2010, p.246).

Semelhante será sua objeção aos teóricos que, apesar de colaborarem para o resgate do mundo das imagens, minimizaram a imaginação e conseqüentemente a potência do imaginário. Em suas análises sobre as estruturas antropológicas do imaginário, Durand pretendeu não só evidenciar como o real é ativado pela eficácia dessas construções do espírito, mas também recuperar o que havia sido intencionalmente abandonado pela modernidade (MAFFESOLI, 2001, p.75): a tradição romântica, o que, como vimos, muito vem ao encontro da linha teórica postulada por Gaston Bachelard.

Outro importante nome a dedicar-se ao estudo do imaginário é Michel Maffesoli, um dos principais sociólogos da pós-modernidade. Herdeiro intelectual de Gilbert Durand, Maffesoli (2001) buscou, em muitas de seus trabalhos acadêmicos, apresentar uma visão mais ampla e maleável do imaginário, desprendida da rigidez que levou numerosos pesquisadores a noções ortodoxas e cartesianas que lhe tiraram sua primordial essência. Para o pensador francês, o imaginário representa uma força social de ordem espiritual, ou seja, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, embora não mensurável, e que se mantém, concomitantemente, impalpável e real. Logo, não se trata de algo meramente racional, sociológico ou psicológico, mas sim de algo capaz de transcender o indivíduo e a própria sociedade, de forma a contagiar o coletivo, ou pelo menos parte dele. Daí a noção de imaginário estar intrinsecamente relacionada à ideia de coletividade. Vejamos:

¹² SILVA, Gislene. “Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo”. Revista Famecos. Porto Alegre. v. 17, n. 3, p. 244-252. Setembro/dezembro, 2010.

Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido. O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual (Ibidem, p.76).

Em sua obra, fica nítida a defesa da natureza coletiva e social do imaginário, perspectiva que se aproxima também das noções apresentadas por Patrick Legros e outros autores na obra *Sociologia do imaginário* (2007), que definem o imaginário como fenômeno coletivo, social e histórico, devido ao fato de circular através da história, das culturas e dos grupos sociais (LEGROS *et al.*, p.10)¹³.

E por atuar como elemento instituidor de vínculos, que une e liga numa mesma atmosfera, também se torna imprescindível chamar atenção para sua natureza essencialmente interativa: “o imaginário, certamente, funciona pela interação. Por isso, a palavra interatividade faz tanto sentido na ordem imaginária” (Ibidem, p.77).

Michel Maffesoli afirma que:

Não há domínio que esteja indene da ambiência afetual do momento. A política, evidentemente, que se tornou um vasto espetáculo de variedades que funcionam mais sobre a emoção e a sedução do que sobre a convicção ideológica; mas, igualmente, o trabalho, onde a energia libidinal exerce um papel importante; e não esquecendo todas as efervescências musicais e esportivas que são tudo menos racionais. Tudo isso mostra que existe uma dialética entre o conhecimento e a experiência dos sentidos (MAFFESOLI, 1998, p.192)¹⁴.

Assim, vemos que o imaginário tudo contamina, tudo permeia, e é desse imaginário, capaz de contagiar até mesmo as esferas mais racionais, como a política, que se alimenta a sociedade.

Além desse aspecto interativo, outra significativa característica é o fato de o imaginário ser capaz de transitar entre passado e futuro. Segundo Juremir Machado da Silva (2006)¹⁵, ele acumula uma dupla função: reservatório/motor. Funciona como reservatório, posto que armazena experiências, sentimentos, imagens e perspectivas sociais, e opera também como motor, em outras palavras, como elemento propulsor, uma vez que impulsiona e motiva o indivíduo a realizar uma ação. Vejamos a definição proposta pelo autor:

¹³ LEGROS, Patrick *et al.* *Sociologia do imaginário*/Frédric Monneyron, Jean-Bruno Reanrd, Patrick Legros e Patrick Tacussel. Porto alegre: Sulina, 2007.

¹⁴ MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹⁵ SILVA, Juremir Machado da. *As Tecnologias do Imaginário*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido. Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos (SILVA, 2006, p.12).

Com isso, percebemos que todo o indivíduo acaba submetendo-se a um imaginário preexistente, e que todo sujeito atua, na verdade, como um inseminador deles (Ibidem, p. 9).

Outra importante contribuição advém dos estudos de Bronislaw Baczko, em especial da obra *Los imaginarios sociales: Memorias y esperanzas colectivas* (1991). Nela, Baczko, além de conceber o imaginário como lugar de expressão dos desejos e das expectativas da sociedade, também o considera como um importante espaço de embates e conflitos entre os diversos grupos sociais, devido sua capacidade de atuar como força reguladora da vida em sociedade, ou seja, de operar como instrumento efetivo e eficaz de controle da vida colectiva e do exercício de legitimização do poder de acordo com os interesses de determinados grupos que visam estabelecer, acima de tudo, a dominação simbólica.

Para o teórico, através do imaginários sociais:

[...] una colectividad designa su identidad elaborando una representación de sí misma; marca la distribución de los papeles y las posiciones sociales; expresa e impone ciertas creencias comunes, fijando especialmente modelos formadores como “el jefe”, el del “buen súbdito”, el del “valiente guerrero”, el del “ciudadano”, el del “militante”, etcétera (Ibidem, p.28).

A partir daí, é possível obter uma representação total da sociedade como uma ordem em que cada elemento, cada indivíduo, possui seu espaço, sua identidade e sua razão de ser. Bronislaw Baczko (1991, p.31) também assinala haver uma intrínseca e complexa relação entre *informação* e *imaginação* na cultura de massa, visto que os meios de comunicação, por serem ferramentas de persuasão, de pressão e de propagação de valores e de crenças, não só aumentam o fluxo da informação como também são capazes de moldar suas modalidades. Para o teórico, a informação:

[...] llega de una manera continua, varias veces por día, engloba a todo el planeta, conjuga datos estadísticos con imágenes, toca todos los ámbitos de la vida social, etcétera. La información está centrada en la actualidad, y por lo tanto, está necesariamente atomizada, desparramada; el acontecimiento que hoy está puesto en relieve, al día siguiente es rechazado y olvidado. Esta masa de informaciones, debido tanto a su cantidad como calidad, se presta particularmente a las manipulaciones. Su transmisión impone inevitablemente una selección y jerarquía efectuada por los emisores” (Ibidem, p.31-32).

E talvez seja por isso que nos sistemas sociais em que o Estado se apoderou do monopólio da emissão, ele acabou pondo em prática a censura e a suspensão de toda informação indesejável, com o objetivo de manter o domínio total e irrestrito sobre as mentalidades e, principalmente, sobre a imaginação social, garantindo, dessa forma, o domínio da vida social em seu conjunto.

Tratar do Jornalismo no século XIX, assim como da Literatura produzida nesse período, requer, de nossa parte, reconhecer a importância e o significativo papel dos imaginários sociais na criação de “nuevas formaciones discursivas para representar la <<modernidad>>, lo moderno, el nuevo sujeto social”, tal como nos assinala a escritora e crítica literária Iris M. Zavala (1990, p.10)¹⁶, que percebe o texto como forma articulada de representação do imaginário social. Assim como Zavala, também entendemos o texto, nesse caso, o jornalístico, como uma importante fonte de criação e reprodução de imaginários sociais, ou seja, de representações globais da vida social, compartilhadas por todos os sujeitos envolvidos no universo das notícias, sejam repórteres, leitores/receptores, fontes, publicitários, proprietários de veículos noticiosos, editores e anunciantes (SILVA, 2010, p.249).

Para Bronislaw Baczko (1991), “las modalidades de imaginar, de reproducir y renovar el imaginario, como las de sentir, pensar, creer, varían de una sociedad a la otra, de una época a la otra y por consiguiente, tiene una historia” (BACZKO, 1991, p.27), e se hoje cada geração carrega consigo uma definição especial de homem e de sociedade, isso deve ser compreendido como resultado de diversas transformações histórias decorrentes ao longo dos anos.

O acesso aos periódicos digitalizados pelas bibliotecas espanholas possibilitou-nos um melhor entendimento dos imaginários sociodiscursivos circulantes na Espanha do séc. XIX. Assim como o gênero romance, os textos jornalísticos também apresentam uma indiscutível diversidade social de linguagens, que são nossas principais fontes de conhecimento da cultura (ou do mundo da significação) de um povo e das distinções ou divisões que aí se praticam¹⁷. Vemos neles a presença de:

[...] dialetos sociais, de maneirismos típicos de determinados grupos, de gírias profissionais, de linguagem de gêneros, de fala das gerações, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens do dia-a-dia, enfim, de toda a estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica (BAKHTIN, 1988, p.74/75).

¹⁶ ZAVALA, Iris M. “Una poética del imaginario social. Investigación crítica de la literatura y de su producción social. Teoría textual y feminismo”. Revista *Anthropos*, 1993.

¹⁷ “Language is one of our chief sources of knowledge about a people’s culture (or world of meaning) and the distinctions or divisions which are made in it”. HARRIS, Zellig S. *Methods in structural linguistics*. Chicago: University Press, 1951. p.188.

E, objetivando apresentar os diversos imaginários sociodiscursivos que versam sobre a mulher e sobre o papel dela na sociedade espanhola, nos pareceu fundamental iniciar nossas análises com algumas considerações sobre as primeiras publicações tidas como femininas na Espanha. Em seguida, aprofundaremos nossas discussões a partir de uma análise depurada de artigos publicados em diferentes jornais e revistas oitocentistas, na intenção de contrapor os discursos feministas aos legitimados pelo Estado, pela Igreja e, conseqüentemente, pela conservadora sociedade patriarcal que ainda via com muita resistência e apreensão as reivindicações a propósito da emancipação feminina e do reconhecimento da mulher como ser social.

É importante comentar que, durante o século XIX, essas publicações femininas podiam ser divididas em dois grandes grupos: a imprensa feminina tradicional e a de tendência feminista. A primeira estava organizada por um sistema patriarcal que não deseja ver a mulher distante do papel que lhe fora atribuído pela sociedade. Seus autores geralmente eram homens e mulheres conformados com o sistema, que reproduziam e reforçavam a vigente diferenciação entre os sexos feminino e masculino. Escassa de ideologia política ou social, a imprensa feminina estava dirigida essencialmente para as mulheres tradicionais, com o principal propósito de reafirmar o papel delas como esposa e mãe.

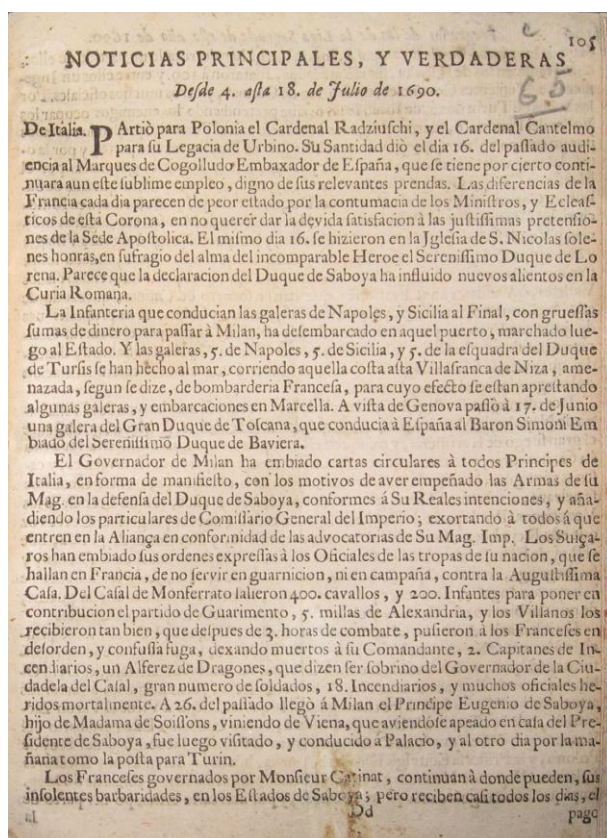
Por transmitirem estereótipos femininos, clichês e modelos ideológicos determinados, essas publicações raramente apresentavam dados concretos e objetivos sobre as condições de vida da mulher espanhola do século XIX (CANTIZANO MÁRQUEZ, 2004, p.285). Sua principal função era proporcionar o entretenimento, a distração do público feminino, daí a forte presença de conselhos para o lar, dicas de beleza e moda, relatos por entregas e outros materiais que, a pesar da diversão, acabaram promovendo uma visível alienação, ou seja, um “grande vazio cultural e ideológico que mantêm a mulher submergida em seu mundo de diversões familiares e caseiras inclusive através da leitura” (Ibidem, p.285).

Já a imprensa feminina de cunho feminista, que passou a conquistar uma maior expressão na segunda metade do século XIX, caracterizou-se por apresentar diferentes reivindicações. As ensaístas feministas buscavam escrever sobre a igualdade, a educação e o trabalho, a partir de uma perspectiva bastante crítica que, muitas vezes, chegava a ser agressiva, devido à urgência de querer despertar as mulheres espanholas da inércia e fazer com que elas passassem a exigir todos os seus direitos antes negados.

Com isso, esperamos revelar não só a existência de um processo evolutivo na imprensa feminina, intimamente relacionado com a situação política de cada época, como também comprovar a inegável importância dela na formação de novos imaginários e, por conseguinte, de novos sujeitos.

1. As origens: as primeiras manifestações femininas na imprensa espanhola

Muito antes da aparição da primeira publicação periódica tida pela crítica como feminina, *La Pensadora Gaditana*, Pedro Gómez Aparicio (1967, p.159) assinala a existência daquelas que podem ser consideradas como as primeiras atividades femininas dentro da imprensa espanhola no século XVII. O autor refere-se à Francisca de Aculodi, que, entre 1687 e 1690, ficou à frente da publicação *Noticias principales y verdaderas*¹⁸, reprodução de um jornal escrito em língua castelhana em Bruxelas.



¹⁸ As edições de *Noticias principales y verdaderas* encontram-se disponíveis no site: <http://fondosdigitales.us.es/>

Sua aparição era quinzenal e nele, Francisca de Aculodi dedicava-se à seleção e à própria redação de notícias locais (GÓMEZ APARICIO, 1967, p.159)¹⁹. Ínfimas são as informações sobre *Noticias principales y verdaderas* e sobre a própria autora. Escassas também são as pesquisas sobre outras revistas e jornais desse período, e devido à ausência de materiais e de estudos que se dediquem à imprensa feminina no século XVII, possivelmente pela inexistência ou até mesmo certa clandestinidade das publicações, seguiremos para o século XVIII, período marcado por diversas transformações de ordens sociais e principalmente políticas nos países europeus.

Entre 1759 a 1788, Espanha foi governada pelo rei Carlos III, que viu com grande entusiasmo as transformações modernizantes sucedidas em países como Inglaterra e França, nações que muito se beneficiaram com a Revolução Industrial. Antonio Blanco Freijeiro, em “La página del arte y la cultura en español”, da Junta de Castilla y León²⁰, comenta que, nesse período, a política cultural adotada pelo monarca espanhol visava promover o progresso e a modernização do país com a finalidade de alcançar o bem estar dos súditos mediante a difusão da instrução e do conhecimento, princípios seguramente advindos da Ilustração Francesa.

Apesar da resistência dos grupos conservadores, a difusão dos fundamentos ilustrados na tradicional sociedade espanhola da época deve ser atribuída, segundo o historiador, às sociedades econômicas de *Amigos del País*, que atuaram não só no desenvolvimento da agricultura, da indústria e do comércio como também no fomento da cultura; à ampla reforma universitária que, a partir do afastamento de muitos jesuítas das cátedras de ensino, proporcionou a inovação das disciplinas e dos métodos pedagógicos e a criação de novas instituições; e à imprensa que, além da modalidade erudita (científica e literária), contou com a aparição de uma imprensa de opinião essencialmente convidativa, que intimava a participação pública para o debate de temas polêmicos e candentes sobre a atualidade.

Antonio Ferrer Del Río (1856), também atribui significativa importancia ao governo de Carlos III, afirmando que os espanhóis intelectualmente ganharam “sumas ventajas bajo el reinado de Carlos III por fruto de las grandes mejoras hechas en la instrucción pública, de los nuevos establecimientos de enseñanza, de los poderosos estímulos para el estudio, y de las multiplicadas publicaciones”²¹, e é justamente desse crescente número de jornais e revistas que pretendemos nos ocupar nas próximas páginas.

¹⁹ GÓMEZ APARICIO, Pedro. *Historia del periodismo español*. Madrid: Ed. Nacional, 1967.

²⁰ Esse texto encontra-se disponível no site: <http://www.artehistoria.jcyl.es/v2/contextos/2080.htm>

²¹ FERRER DEL RÍO, Antonio. “Historia del reinado de Carlos III en España”. Edición digital a partir de la de Madrid, Imprenta de los Señores Matute y Compagni, 1856. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://bib.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=1059>

Ferrer Del Río (1856) assinala que, durante o reinado de Carlos III na Espanha, “circularon más de veinte periódicos, y no bajaban de este número los que salían a luz al tiempo de su muerte”. Da extensa lista, os escritores e as publicações que mais se destacaram foram D. José Clavijo y Fajardo, de *El Pensador*, um dos jornais mais importantes da segunda metade do séc. XVIII no país, D. José Miguel de Flores, de *La Aduana Crítica*, D. Luis Cañuelo, do renomado *El Censor*, e D. Joaquín Esquerria, do *Memorial Literario*, que, segundo o historiador, além de difundirem saberes de todas as espécies, colocando-os ao alcance de todos os indivíduos, também difundiram a prática e o gosto pela leitura.

A imprensa transformou-se, então, num importante auxiliar do gobierno “en la gran vía de las reformas”. E por passar a vê-la como uma forte aliada ao desenvolvimento da sociedade, Carlos III decidiu suprimir, por intermédio de um decreto real, os “obstáculos que se oponían a su desarrollo, tales como reglamentos, autorizaciones previas, privilegios de corrección, leyes de censura y otras complicaciones que concurrían a hacer difícil la publicación de un periódico” (MARRADES, 1978, p.92).

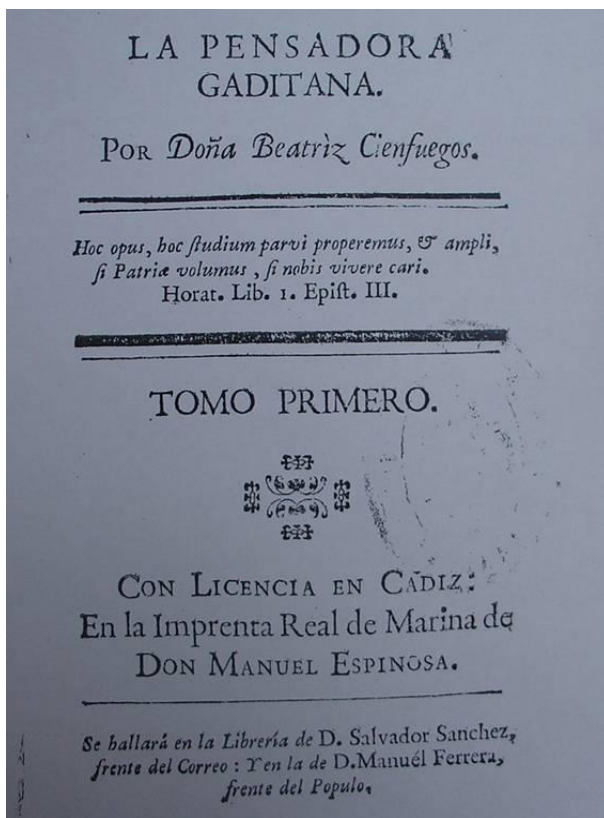
Junto a esse desejo de promover uma maior educação popular estava também a manifesta preocupação em aperfeiçoar a educação feminina. Carmen Martín Gaité, em *Usos amorosos del dieciocho en España*, comenta que o monarca era favorável à educação da mulher a fim de “hacerla capaz de participar en la política económica del país, sacarla de su ociosidad y frivolidad, que favorecen el despilfarro y los gastos sin medida, para seguir la moda, y que arruinan a maridos y amantes” (MARTÍN GAITE, 1972, p. 128)²². E também acreditava que com uma educação mais elevada, talvez fosse possível estimular a reconciliação do homem com o casamento que, cada vez mais, perdia prestígio, tal como revelaram alguns manuscritos clandestinos que circulavam fomentando o divórcio como solução para todos os problemas (Ibidem, p.128).

No artigo “Feminismo, prensa y sociedad en España”, importante referência para a realização dessa pesquisa, M. Isabel Marrades (1978) mostra que esses acontecimentos, acompanhados da lei que autorizou as mulheres e as meninas a aprender uma profissão, ilustram um período em que houve uma certa tendência em considerar o ingresso da mulher ao trabalho como algo favorável e positivo para o bem da comunidade. Essa inclinação acabou revelando, segundo a autora, uma profunda mudança nas relações familiares, especialmente porque dentro dessa sociedade patriarcal, era o pai o principal responsável pelo provimento da família. Não podemos também deixar de comentar que essas

²² MARTÍN GAITE, Carmen. *Usos amorosos del dieciocho en España*. Madrid: Siglo XXI, 1972.

transformações encontravam-se relacionadas fundamentalmente às aspirações da nascente burguesia industrial na Espanha que, visando proteger seus interesses, conferia às mulheres e também às crianças uma remuneração inferior a dos homens, o que acabou contribuindo para a desvalorização do trabalho feminino e infantil.

1.1. O discurso feminista de Beatriz Cienfuegos em *La Pensadora Gaditana*



La Pensadora Gaditana (1768) é o primeiro periódico feminino da época, editado e publicado em Cádiz e em Madrid, por Beatriz Cienfuegos, da qual não se obtêm informações precisas sobre sua existência nem tampouco sobre sua trajetória como periodista. E, diante dessa ausência de dados, muitos foram os estudiosos que passaram a levantar hipóteses sobre a autoria de *La Pensadora*, tal como podemos constatar na leitura do artigo “La evolución de la prensa femenina en España: de *La Pensadora Gaditana* a los blogs”. Nele, as autoras Menéndez Menéndez & Figueras Maz (2013, p.35), fundamentando suas análises em M. Ganzábal (2004) e M. Roig (1989), mostram que “hay quien mantiene que se trata del seudónimo de algún hombre, probablemente fraile, por la austeridad formal y

de contenido de sus páginas, y por su espíritu crítico y moralizador”²³. Expõe também, apoiando-se em Gallego (2008) que “otros textos dudan de que un clérigo pudiera ser tan adelantado para su época y tan «comprensivo» con la causa de las mujeres” (Ibidem, p.35), suposições que tornam ainda mais intrigante essa irresoluta discussão.

Além de ser tida por muitos especialistas como a primeira publicação do gênero, *La Pensadora Gaditana*²⁴ é reconhecida também por ser a primeira a apresentar uma tendência indiscutivelmente feminista. A altiva e enérgica voz de Beatriz Cienfuegos evidencia, desde o Prólogo e do Pensamento I, um expressivo desejo de mostrar ao mundo o potencial de uma mulher *pensadora*, em outras palavras, ilustrada. Aversa à hipocrisia e aos maus costumes, a autora impôs-se, então, como aquela capaz de criticar e ridicularizar, através de um discurso maduro, prudente e, em determinadas situações, burlesco, os diversos vícios que corrompiam o desenvolvimento da sociedade espanhola da época, em especial àqueles que reforçavam o patriarcado e a submissão feminina, o que nos permite conceber *La Pensadora Gaditana* como um importante instrumento de denúncia social. Vejamos:

[...] hoy quiero, deponiendo el encogimiento propio de mi sexo, dar leyes, corregir abusos, reprehender ridiculezes, y pensar como Vms. piensan; pues aunque atropelle nuestra antigua condición, que es siempre ser hypocritas de pensamientos, los he de echar á volar, para que véa el mundo á una mujer que piensa con reflexión, corrige con prudencia, amonesta con maduréz, y crítica con chiste (*La Pensadora Gaditana*, 1768, p.2-3).

Ao longo do Prólogo e do Pensamento I, Cienfuegos deixou explícito que a nova missão da qual estava encarregada era inegavelmente incompatível com o papel social que a opinião pública esperava da mulher espanhola. Para a sociedade, em geral, a mulher deveria permanecer restrita ao espaço privado e às tarefas domésticas, dedicando-se a integralmente a atividades relacionadas ao lar (costura, limpeza da casa, etc.) e ao cuidado dos filhos e do marido, tal como assinala Mary Nash (1983, p.16): “El papel social de la mujer se realiza dentro de la esfera privada, en el hogar y la familia”. E foi em oposição a essa mentalidade castradora, que excluía massivamente as mulheres das esferas públicas,

²³ MENÉNDEZ MENÉNDEZ, María Isabel & Figueras Mas, Mònica. “La evolución de la prensa femenina en España: de La Pensadora Gaditana a los blogs”. COMUNICACIÓ: REVISTA DE RECERCA I D’ANÀLISI, VOL. 30 (1) (MAIG 2013), p.25-48. Esse texto encontra-se disponível no site: http://www.academia.edu/5564330/La_evolucion_de_la_prensa_femenina_en_Espana_de_La_pensadora_gaditana_a_los_blogs

²⁴ Os quatro tomos de *La Pensadora Gaditana* encontram-se disponíveis no site: http://bib.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=http%3A%2F%2Fdana.uca.es%2Fsearch~S9*spi%3F%2F.b1991868%2F.b1991868%2F1%2C1%2C1%2CB%2F1962~b1991868%26FF%3D%261%2C0%2C%2C0%2C-1

inviabilizando o ingresso e a participação feminina no progresso da civilização, que Beatriz Cienfuegos decide tomar a pluma e reivindicar um novo tratamento às mulheres:

Segun la mas comum opinion masculina, parecerán paradoxas mis intentos, viendo que una mano, á quien naturaleza destinó para gobernar la aguja, manejar la rueca, y empuñar la escoba, se atreve, sin permiso de las Universidades, de los Colegios, y las Académias, á tomar la pluma, ojea los libros, y citar Autores; y en tiempo en que solo pensamos en las modas, en los peynados, en las *batas*, y en los cortejos: cierto que á la primera vista del discurso lo parece; pero no será así, si se reflèxiona con seriedad la empresa (Ibidem, p.3).

Seriedade foi, sem dúvida, uma palavra que permaneceu visivelmente entranhada nos pensamentos de Cienfuegos que, com muito orgulho, afirmava gozar “la suerte de ser hija de Cádiz” (Ibidem, p.9), cidade que, até hoje, mantém vivo um espírito altivo e liberal. A autora não hesitou em repudiar a forma pejorativa com que a mulher era tratada pelo sexo oposto, o que muito contribuiu para a submissão e o silenciamento da voz feminina, escassa de força e de expressão. E para melhor evidenciar o descaso e a falta de reconhecimento da mulher, a quem eram vetadas as conversações sobre assuntos considerados sérios e eruditos, nos pareceu interessante citar o fragmento em que Cienfuegos afirma que:

Nos siempre nos tratan de ignorantes; nunca escuchan con gusto nuestros discursos; pocas veces nos comunican cosas sérias; las mas alejan de nosotras toda conversación erudita, y solo nos hablan en aquellos intereses que, por ser indispensables, se vén en la precisión de tratarlos con nosotras... (Ibidem, p.4).

No entanto, acreditamos que essa alarmante condição apontada pela articulista deu-lhe forças e ânimo para tentar romper com o silêncio e a passividade até então reinantes e reforçados pelas instituições de poder. Geraldine M. Scanlon (1986, p.15), comenta que “la educación es probablemente la condición previa más importante para la emancipación, pues la ignorancia es um médio tanto para mantener sometida a la mujer como para justificar esse sometimiento”²⁵, e por entender a importância da educação no combate à alienação e à falta de saber, Beatriz Cienfuegos se posicionou como a *pensadora* representante das mulheres, ou seja, como a porta-voz feminina na luta pelo conhecimento e pela liberdade, visando uma vida “sin la sugestión penosa del matrimonio, ni la esclavitud vitalicia de un encierro (Ibidem, p. 10-11).

²⁵ SCANLON, Geraldine M. *La polémica feminista en la España contemporánea 1868-1974*. Madrid: Ediciones Akal, 1986.

Contrária ao argumento de que se deveria ensinar às mulheres apenas o suficiente para administrar um lar, porque a educação avançada “transforma a mulher numa comadre preguiçosa e briguenta”²⁶, Beatriz Cienfuegos acreditava que o saber e a erudição aprimorariam ainda mais as faculdades femininas, deixando a mulher cada vez mais consciente da importância e do papel dela na sociedade. Eis o fragmento em que a autora aponta, com satisfação, ser possível conciliar ilustração e feminilidade, condição que não a tornava menos mulher do que as outras:

[...] Señoras mías, ya tienen Vms. quien las vengue; ya sale á campaña una mujer que las desempeñe; y en fin con la pluma y basquiña, con libros y bata se presenta una *Pensadora*, que tan contenta se halla en el tocador, como en el escritorio; igualmente se pone una cinta, que ojéa un libro; y lo que es mas, tan fácilmente como murmurar de una de sus amigas, cita uno, dos, ó tres Autores Latinos, y aun Griegos (Ibidem, p.5).

O tratamento utilizado por Cienfuegos para se dirigir às leitoras de *La Pensadora* era sempre muito respeitoso, e a forma <<Señoras mías>> corrobora a constatação. Seu discurso, firme e engenhosamente articulado, foi pensado, a nosso ver, na intenção de apresentar às mulheres a relevância do trabalho empreendido por ela e convencê-las a seguir os acertados conselhos e orientações presentes em seus pensamentos, o que revela um expressivo caráter didático de seus escritos.

Mesmo sendo mulher, fez questão de mostrar-se imparcial, neutra em suas reflexões, nem que para isso tivesse de proferir severas críticas ao submisso e frívolo comportamento de muitas senhoras que, hipocritamente, consentiam com a desprivilegiada situação social da mulher. Assim, tendo assumido a função de *Pensadora*, Cienfuegos propôs combater não só a falsidade, como também os caprichos, as extravagâncias e todas as formas de descuidos, e repreender, sem qualquer espécie de distinção entre homens e mulheres, todo indivíduo que não atuasse de forma prudente e coesa. Citamos:

Ya está de su parte quien *piense*, y quien manifieste sus *pensamientos*; pero les debo advertir (y esto para entre nosotras) que una vez que me he revestido de *Pensadora*, he de ser imparcial; ya que he tomado en tono magistral de criticar, no me aguarden ciegamente apasionada: pueden creer las de mi sexo, que con el mismo empeño he de manejar la pluma contra sus desordenes, como contra los disparates de nuestros mayores enemigos; sin distinción salgo á la plaza del mundo á combatir preocupaciones, y descuidos; donde quiera que los halle, allí los haré la guerra (Ibidem, p.5-6).

²⁶ Ver Platão. “Laws”. Ed. Rev. R.G. Bury (Cambridge, Mass., Londres, 1994), VII, 804 c-e. In: MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.256.

Diante desse posicionamento um tanto transgressor para a época, torna-se completamente compreensível a ira e a indignação manifestadas pela autora no Prólogo e no Pensamento I de *La Pensadora Gaditana*. Essas foram possivelmente despertadas pelas ardentes críticas antifeministas feitas por José Clavijo y Fajardo no semanário madrilense *El Pensador*, tais como a que podemos apreciar na *Carta del Pensador à las Damas* (Pensamento II), em que ele condena a ilustração feminina, alegando haver faculdades que as mulheres deveriam simplesmente ignorar para o bem da sociedade.

Na carta, D. José tentou mostrar, em especial, às leitoras de sua publicação, a quem ele dedicava grande parte de suas críticas “corretivas”, que o acesso ao conhecimento ilustrado deveria manter-se restrito aos homens, não devendo, de forma alguma, ser estendido às mulheres. Acreditava que o sexo feminino deveria aprender apenas o essencial para o cumprimento de suas tarefas, aprendizado que não exigiria delas muito gasto e esforço intelectual. Vejamos:

¿Pero qué nos habla V. de difcrecion? (diràn algunas Damas) Para lograrla es precifo cultivar el efpiritu; ¿y dónde irèmos à bufcar infruccion? Sea ambición, fea embidia, ò injustficia, confiderandonos menos capaces, Vms. han alejado de nofotras todo genero de eftudio, de modo, que hoy paffa por bachillera qualquiera muger, que pretende apartarfe de la ignorancia comun. ¿Hemos de ir á las Univerfidades? ¿Nos daràn Becas en los Colegios? No, feñoras. La Piocha, y el Bonete, el Tontillo, y la Sotana harian maliffima comparfa. Cada eftado pide su infruccion particular; y la que pido, y defeo en Vms. no eftà ceñida à las Aulas. En el Eftado, con la labor, y en medio de la converfacion, puede aprender, y fin afan, gafto, ni fatiga, puede una Dama infruirlfe (*El Pensador*. Tomo I, Pensamento II, 1763, p.21-22)²⁷.

O articulista espanhol manifestou pleno desacordo com a possibilidade de as mulheres frequentarem colégios e universidades e, assim, se instruírem. Daí, afirma ser inconcebível o fato de uma dama poder usar, por exemplo, <<el Bonete>>, chapéu usado pelos eclesiásticos e seminaristas, e antigamente pelos colegiais e graduados. Clavijo y Fajardo deixou claro que “no fon los Ariftoteles, los Neufones, los Gaffendos, los Avicenas, ni los Baldos, los Autores que deben Vms. frequentar” (Ibidem, p.22). Não aplaudia com entusiasmo as mulheres que, como Cienfuegos, se dedicavam à leitura de poetas clássicos e ao aprendizado de línguas eruditas, tais como o latim e o grego, e, por intermédio de uma fina ironia, demonstrava ser completamente avesso ao ingresso delas a profissões destinadas

²⁷ *El Pensador*. Tomo I, 1763. As edições do semanário madrilense encontram-se disponíveis no site: <http://mdc.ulpgc.es/cdm/fullbrowser/collection/pensador/id/2/rv/singleitem/rec/2>

exclusivamente ao público masculino, considerações que revelam um pensamento carregado de intolerância e de machismo. Citamos:

¿Aprender las lenguas muertas? Ni por fueño. Efto de citar un verbo de Homero, ò de Virgilio ferìa tentación, en que caerían á cada paffo todas las Damas Griegas, ò Latinas. Sacamos por confequencia, (replican Vms.) que no debemos dedicarnos à fer Philofophas, Medicas, ni Letradas, ni hemos de conocer fino de nombre à Homero, y à Virgilio. ¿Pues què aprenderemos? ¿Nos querrà Vm, deftnar à fer Aftrologas, Arquitectas? ¡Què candidez! Diganme, inocentísimas, y candidídimas criaturas, ¿creen Vms. Tan necio, è infesfato al pensador, que quiefle aplicarlas à hacer Pronofticos, ni traerles à la memoria la antigüedad cofa tan aborrecible, y à que tienen mas miedo las Damas, que à las Culebras, los Ratones, y los Difciplinantes? Haganme Vms. mas jufticia, y duerman foffegadas. Hay facultades, que Vms. deben ignorar, ò de que folo ls correponde una ligera tintura; y otras, fin cuyo conocimiento es precifo, que hagan una figura muy defayrada en el comercio de las gentes (p.22-23).

Segundo Plaza (2004, p.94), as estratégias discursivas são empregadas objetivando “conseguir la complicitad de las lectoras, instruir sobre determinados temas y fomentar la participación de la audiència”²⁸, e por estar convencido de sua missão moralizadora, principalmente depois de haver informado ao público de *El Pensador* que as mulheres eram “la mejor parte” (Ibidem, p.2) do plano de sua obra, José Clavijo y Fajardo utilizou uma série delas para fazer-se compreendido, e uma delas foi a adoção de um estilo conversacional, aclarado principalmente pela presença de perguntas interrogativas, capazes de promoverem um significativo vínculo entre emissor e receptor do texto. A partir delas, criou-se um produtivo espaço de comunicação, em que o enunciador não mediu esforços para alcançar uma receptividade positiva, ainda que seu conteúdo desmerecesse a genialidade e a sabedoria femininas.

Outra delas foi a utilização do modo imperativo que pertence à função apelativa da linguagem (GAYA, 1989, p. 142)²⁹, função muito presente nos anúncios e nos artigos publicados na imprensa feminina do séc. XIX, objetivando atrair a atenção das leitoras (receptoras) e fazê-las consumirem e/ou atuarem de forma determinada, de acordo com a orientação ideológica da publicação. Por entender o imperativo como o modo da apelação, nos pareceu oportuno também chamar atenção para outro aspecto extremamente relevante: a intenção interacional do modo: “El receptor del imperativo necesita estar en la vecindad directa e inmediata del emisor cuando se produce la comunicación. De ahí que la imperatividad favorezca la aparición de intercambios dialógicos sustancialmente decisionales

²⁸ PLAZA, Juan. *Modelos de varón y mujer en las revistas femeninas para adolescentes: La representación de los famosos*. Salamanca: Universidad Pontificia y Salamanca, 2004.

²⁹ GILI GAYA, Samuel. *Curso superior de Sintaxis española*, Barcelona: Vox, 1989.

(JORQUES JIMÉNEZ, 1999, p.153)³⁰. Segundo Daniel J. Jiménez (1999), com o modo imperativo desaparecem as limitações espaço-temporais do processo de interação comunicativa, principalmente porque se estabelece a prioridade do momento. Assim, ele restitui a comunicação ao seu estado primitivo, visto que não elimina os componentes suprasegmentais e valida a enunciação com o mínimo esforço interacional possível.

O atrevimento e as grosserias proferidas pelo <<*Señor Pensador*>> ao sexo feminino, fez com que Beatriz Cienfuegos, que, até então, sofria impientemente por não poder se expressar, se rebelasse contra eles. E talvez tenham sido essas injúrias as razões determinantes que a levaram, anos depois, a escrever, a se dedicar às atividades jornalísticas, como forma de protesto contra esse inapropriado discurso sobre a mulher, defendido pelo editor de *El Pensador* e pela própria sociedade patriarcal da época, fundamentalmente machista. Vejamos o comentário de Cienfuegos:

Este es mi intento, y lo ha sido siempre; pero, encogida en mi natural empacho, *pensaba*, callaba, y sufría (aunque con impaciencia) la licencia que se han tomado los señores hombres de ser los únicos que griten, los solos que manden, y los exceptuados de obedecer: hasta que, exaltado todo el humor colérico de mi natural (que no es poco) con las desatenciones, groserías, y atrevimientos del *señor Pensador* de Madrid, en orden á lo que trata de nuestro sexo, he resuelto tomar la pluma, no para contradecirle, ni tacharle sus asuntos, que este es ya camino muy andado; sino enseñarle (siguiendo su idea, guardando sus máximas, y aspirando á un mismo objeto) á criticar defectos, sin ofender privilegios; pues, aunque en su prologo nos tratò tan fino como falso, muy presto en los siguientes pensamientos se conoció el odio que nos tiene; el que jamás será hijo de una virtud sólida... (Ibidem, p.7-8).

Longe de contradizê-lo, até porque José Clavijo y Fajardo também pretendia, através de seus pensamentos, corrigir a má conduta e aprimorar o homem: “El objeto es mejorar à los hombres: La empreffa es ardua” (*El Pensador*, Pensamiento I. Tomo primero, 1763 p.5)³¹, Cienfuegos ambicionava ensiná-lo a criticar defeitos, sem ofender direitos. Assim, deixou evidente a intenção de não promover uma distinção entre os sexos, o que corrobora a já aclarada proposta de manter-se sempre imparcial em seus julgamentos:

[...] mi intento no es contradecir al Pensador de Madrid; antes bien alabo su idea, celebro su intención, y embidio sus ocurrencias: solo pretendo desquitarme, hallando iguales

³⁰ JORQUES JIMÉNEZ, Daniel. *El verbo hispánico. Fundamentación pragmalinguística*. Valencia: Universidad de Valencia, 1999.

³¹ O Pensamento de José Clavijo y Fajardo encontra-se presente no site: <http://mdc.ulpgc.es/cdm/search/collection/pensador/searchterm/Tomo%20primero/field/numera/mode/all/conn/and/order/numera>

defectos que corregir en los hombres, sin que por eso olvide los de las mujeres, pues á todos se dirige mi critica (Ibidem, p.8-9).

Além das inúmeras considerações sobre a mulher, as quais possuíam uns caracteres peculiares por proceder de uma pessoa de seu mesmo sexo (PALACIO FERNÁNDEZ, 2002), a autora também se dedicou a temas como as festas populares de São João e São Pedro, a educação dos filhos, a correção dos jovens, a escolha de amigos, o amor à pátria, a frivolidade das classes elevadas, a vida rural, a morte, a leitura, as modas e o espírito cosmopolita, originário das diversas transformações de cunho social, político, cultural, educacional e econômico.

Os quatro volumes de *La Pensadora Gaditana* foram publicados em Cádiz, entre 1763 e 1764, e reeditados em Madri, no mesmo período, nas oficinas de Francisco Javier García. Contou também com uma terceira edição publicada em Cádiz, em 1786. No entanto, a ousadia e a originalidade de Beatriz Cienfuegos, dona de um estilo bastante entusiasta e expressivo, não foram suficientes para dar continuidade às publicações de *La Pensadora Gaditana*.

Apesar da breve existência, a publicação andaluza destacou-se fundamentalmente pelo pioneirismo na luta pela emancipação da mulher na sociedade espanhola, expressivamente movida por opressivas forças conservadoras que muito se opunham e resistiam ao reconhecimento dos direitos femininos. Dentro desse cenário, seu valor torna-se indiscutível, especialmente pelo fato de a crítica considerá-lo como uma “*antecipación original del feminismo español*” (MARRADES, 1987, p.96).

2. A imprensa feminina das primeiras décadas a metade do séc. XIX

Devido às diversas transformações político-sociais decorrentes da Revolução Francesa, o rei Carlos IV, preocupado com a onda revolucionária que contagiara a França, passou a adotar uma postura mais repressiva e arbitrária, posicionamento que resultou na censura e na suspensão de muitas publicações impressas, exceto das que eram legitimamente reconhecidas pelo governo absolutista. No entanto, um novo panorama se forma a partir da ocupação napoleônica. A renúncia da monarquia, por pressão dos invasores franceses, abre caminho para a proclamação das Cortes em Cádiz (1810), que, segundo María Sandra García Pérez (1998, p.201)³², trouxe consigo:

³² GARCÍA PÉREZ, María Sandra. “Imprenta y censura en España desde el reinado de los Reyes Católicos a las Cortes de Cádiz: Un acercamiento a la legislación”. Boletín de la ANABAD, ISSN 0210-4164, Tomo 48, Nº2, 1998, p.197-204. Este texto encontra-se disponível no site: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=51113>

[...] propuestas muy novedosas y de un talante democrático muy semejante al actual, entre la que destacamos el derecho de todas las personas a la <<libertad de escribir, imprimir y publicar sus ideas políticas, sin necesidad de licencia, revisión o aprobación alguna anteriores a la publicación>> (Decreto IX de las Cortes Generales y Extraordinarias de Cádiz, de 10 de Noviembre de 1810), punto este de tal importancia, que fue recogido en el artículo 371 de la Constitución de 19 de marzo de 1812.

Em 1822, período de plena efervescência política na Espanha, surge em Madri *El Periódico de las Damas*, considerado o primeiro semanário feminino e dedicado à moda. Foi inspirado em publicações francesas como *Ladies Journal* e *Journal des Dames* (MARRADES, 1978, p.97; MENÉNDEZ MENÉNDEZ & FIGUERAS MAZ, 2013, p.35) e teve como proprietário e principal redator o periodista D. León Amarita Reverte que, dois anos antes, havia fundado *El censor*, publicação madrilense de significativo prestígio durante o triênio liberal (1821-1823).

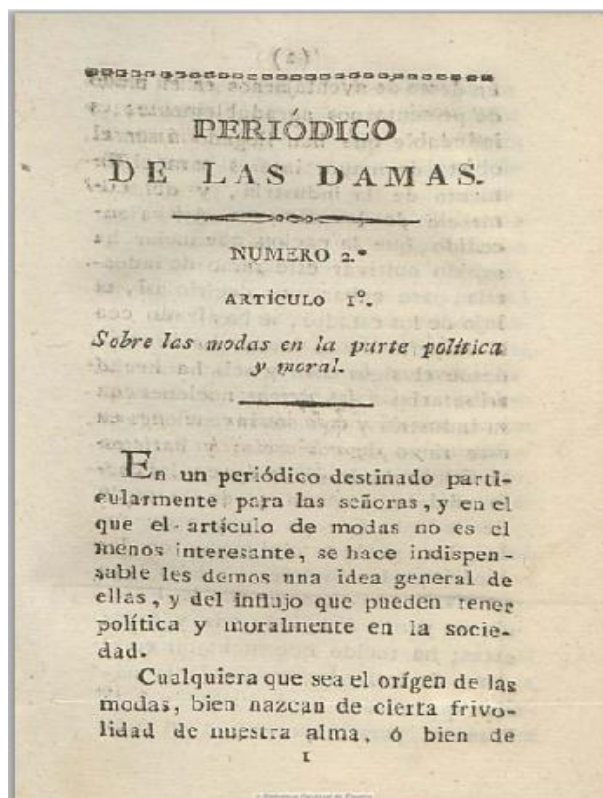
Segundo os dados disponíveis no site da Hemeroteca Digital³³ da BNE, *El Periódico de las Damas* foi uma publicação destinada às senhoras de classe alta. Caracterizou-se por conter artigos e notícias, muitos deles extraídos de publicações estrangeiras que continha o mesmo teor. Nele, havia textos que versavam sobre a influência das mulheres na sociedade, os principais costumes da época e outros que abordavam sobre as atividades políticas (parlamentária e constitucional) do período, o que despertou o interesse de muitos leitores do sexo masculino, que acabaram se tornando assinantes do jornal.

Além das tradicionais seções destinadas à moda, um dos principais atrativos da publicação, havia também as que eram dedicadas à higiene e à beleza feminina; à literatura, em que se publicavam poemas, diálogos o anedotas histórico-moralizantes; e também ao entretenimento, onde podiam ser encontradas charadas e enigmas. No entanto, muito mais que atuar como um simples meio de comunicação, *El Periódico de las Damas* destacou-se primordialmente por uma função mais relevante. Segundo María Isabel Menéndez Menéndez & Mònica Figueras Maz (2013, p.36), a publicação “ya definía el modelo del ángel del hogar, construcción que formaría parte de la prensa posterior, muy especialmente de la aparecida en la época franquista, que insistía en el matrimonio como destino natural de las mujeres”.

Muitos dos artigos publicados em *El Periódico de las Damas* que reforçavam essa imagem ideal e perfeita da mulher, que deveria estar integralmente associada ao papel de esposa e mãe de família, e um deles foi o “Discurso preliminar, a las Señoras” (1822), publicado no primeiro número.

³³ As edições de *El Periódico de las Damas* encontram-se disponíveis na página da Hemeroteca Digital da BNE: <http://hemerotecadigital.bne.es/details.vm?o=&w=1885-0782&f=issn&l=500>

Por intermédio de um discurso moralizador, o autor— do qual desconhecemos o nome por não haver no texto nenhum registro que possibilite uma identificação precisa— versou basicamente sobre o estado atual das mulheres na Espanha: “[...] un asunto que interesa á la sociedad algo mas que el estado actual de la Europa” (Ididem, p.1-2).



O uso do respeitoso pronome de tratamento <<Señoras>> e da forma imperativa <<Hablemos>>, em primeira pessoa do plural, seguida do advérbio << seriamente>>, corroboram a necessidade do articulista de chamar a atenção das leitoras para a discussão de um tema de extrema relevância social: a união entre o homem e a mulher, aspecto que se encontrava visceralmente vinculado a princípios religiosos e cristãos. Com isso, ambicionava estabelecer um pacto comunicativo que viabilizasse, sobretudo, a adesão e a concordância do público feminino às ideias por ele apresentadas com muita gravidade.

Assim como postulam as Sagradas Escrituras, o articulista acreditava que a mulher espanhola deveria manter-se fielmente inseparável da figura masculina, que deveria amá-la acima de tudo. E essa condição, segundo o autor, seria extremamente benéfica para o bem e a harmonia da família e, principalmente, da sociedade. Vejamos:

Señoras: hablemos seriamente. ¿Qué otra pintura mas digna se puede hacer del bello sexo, que la que hizo la misma Sabiduría divina? La muger no es otra cosa, que una segunda alma de un mismo cuerpo: carne de la carne del hombre, y hueso de sus huesos. Todo en la naturaleza propende á hacer inseparable estos dos seres, y todas las afecciones naturales deben enmecer á vista de esta unión , yá la voz del Todopoderoso que la prefijó, que la santificó, y que nos mandó la prefiriésemos á todo sobre la tierra. Así pues, en el estado social la muger se debe perfeccionar para el hombre, y ambos para el bien de la sociedad entera (Ibidem, p.6).

Há, no artigo, um visível enaltecimento da figura feminina, apesar desta encontrar-se inteiramente subordinada à vontade masculina. Objetivando diferenciá-la do homem, o autor faz referência não só à natureza sentimental da mulher, como também ao seu sofrimento e aos seus diversos dotes físicos e morais, e são justamente estes atributos e características que a tornam merecedora e digna de ser amada e enaltecida por todos. Os elogios progridem e o autor passa a referir-se à mulher como um ser divino, um <<anjo consolador>>, imagem que, segundo ele, podia ser explicada pelo fato de a mulher ser capaz de estar sempre presente ao lado do homem, dando-lhe força e consolo principalmente nos momentos de adversidade, o que acentua virtudes como o companheirismo e a generosidade. Vejamos o fragmento:

[...] sensible, sufrida, sumisa á tu voluntad, digna de ser amada por todas sus prendas físicas y morales, ella te servirá de consuelo, fortificará tu alma, dividirá tus penas, y á manera de un ángel consolador sobre la tierra, estará siempre á tu lado para servirte de apoyo en las desgracias” (Ibidem, p.8).

Por ser o primeiro preceito que o Senhor determina aos homens, o autor é categórico em assinalar que o matrimonio deveria ser o estado natural de uma mulher, e aquele que se manifestasse contrário às determinações divinas, ou seja, ao “importante destino que dio el autor de la naturaleza á las mugeres en el mundo” (Ibidem, p.8), estaria cometendo um grave equívoco: “Quien les diga á ustedes otra cosa, las engaña, ó se engaña así mismo (Ibidem, p.8). E foi, nesse sentido, que reconheceu ser necessária a educação feminina, tanto da mulher solteira como da casada, a fim de dar-lhes as recomendações necessárias que as fariam mais felizes e, acima de tudo, preparadas para esta <<interessante>> missão da qual estavam predestinadas a exercer. Citamos:

[...] la grande obra de la educación de una muger consiste en darle las instrucciones necesarias para desempeñar este interesante encargo que ha de ejercer en la sociedad: y en cualquiera de los estados de soltera, esposa ó madre de familia qué se les considere, las lecciones que reciban, deben dirigir se á hacerlas felices en todas estas situaciones, y útil es á la patria á que pertenecen, y en la que tienen á veces la mayor influencia (Ibidem, p.8-9).

É importante comentar que o casamento era o que permitia as damas o reconhecimento e a posição social, ao longo do século XX e das três primeiras décadas do XX. Mary Nash (1983, p.19), em *Mujer, Familia y Trabajo en España, 1875-1936*, evidencia que: “El matrimonio es indudablemente la <<carrera>> más importante abierta a las mujeres españolas”, especialmente porque se colocava para elas no mesmo nível que a profissão, a carreira política ou a riqueza para os homens.

Ao contrário do sucede, hoje, nas sociedades contemporâneas, não se casava por amor nem tampouco pelo forte desejo de constituir uma família, mas sim por conveniência. As relações eram consolidadas especificamente por questões econômicas, financeiras, tanto por parte das mulheres, que devido à ausência de autonomia pessoal e de recursos, consideravam o matrimonio “como la única opción suya, como única manera de garantizar su futuro bienestar económico” (Ibidem, p.22), como dos homens que, através dele, buscavam “un fortalecimiento de su posición económica con la aportación de la dote, costumbre arraigada desde hace siglos y cuya normativa legal se estipula con minuciosidad en el Código Civil de 1889” (Ibidem, p.23).

Devido ao padrão da mulher espanhola no séc. XIX ainda se ajustar dentro do esquema tradicional da mulher ideal, constatamos haver, neste período, muitos jornais e revistas, escritos principalmente por homens, que se empenharam em difundir esse modelo idealizado do sexo feminino. Essa representação da mulher ideal, à moda de <<La Perfecta Casada>>, de frei Luis de León, continuava sendo valorizada e desejada por muitas mulheres e bem recebido pela conservadora sociedade patriarcal espanhola da época, embora já existissem vozes femininas e masculinas que reivindicassem uma ampliação do papel social da mulher e, com isso, uma significativa extensão dos horizontes femininos “mas allá de las três <<K>>: *Kinder, Kirche, Küche* (Hijos, Iglesia, Cocina)” (NASH, 1983, p.40).

Esse modelo idealizado da mulher, cuja função principal era ser esposa submissa e mãe exemplar, nos conduz imediatamente a Rousseau que, em *Émile* (1762), descreveu com muita clareza os fundamentos do modelo de feminilidade que prevaleceu, durante muitos anos, na Europa, em especial nos países católicos.

Para Rousseau (1995), a mulher no seu “puro estado da natureza” deveria ser domesticada para que seus desejos não prejudicassem, ou até mesmo destruíssem a ordem social e a familiar. Valores como recato, pudor e vergonha deveriam ser cuidadosamente cultivados com o objetivo de conter todos aqueles desejos e componentes excessivos da natureza feminina, ameaçadores para a sociedade, o que

torna compreensível o motivo pelo qual a Igreja Católica passa a pregar o modelo do filósofo iluminista.

As mulheres, segundo Rousseau, teriam de ostentar virtudes próprias da feminilidade como a docilidade e uma receptividade passiva em relação aos desejos e necessidade dos homens. Era fundamental que elas fossem educadas na timidez, em nome do equilíbrio das relações conjugais. Tornar-se-iam, dessa maneira, recatadas, submissas e modestas para melhor poder governar a casa e a família, garantindo, assim, a tão almejada harmonia do lar, do espaço privado (LOUREIRO, 2007, p.127). E por serem educadas em função desse modelo de feminilidade que, segundo Stendhal³⁴, inutilizava algumas das faculdades mais brilhantes capazes de propiciar felicidade tanto a elas quanto a seus companheiros, muitas das qualidades, ideias e ambições femininas permaneceram esmagadas por uma educação que as condenava à ignorância e à infantilidade (Ibidem, p.127) e, sobretudo, à submissão masculina.

No entanto, segundo as informações disponíveis no site da Hemeroteca Digital da BNE, em seus últimos números *El Periódico de las Damas* passou a defender abertamente a incorporação da mulher ao mercado trabalho, fato que evidencia uma expressiva progressão na orientação ideológica da revista, que teve suas atividades encerradas em 24 de junho de 1822, quando publica o vigésimo quinto número.

Com a expulsão das tropas francesas e o restabelecimento do regime absolutista no país, pelo monarca Fernando VII, a situação da imprensa espanhola complicou-se abruptamente, havendo, neste período, uma nítida redução na publicação de jornais e revistas. Esse expressivo enfraquecimento dos meios de comunicação impresso pode ser explicado pela abolição da constituição liberal, que garantia o direito de liberdade de expressão, e pelo regresso das disposições de censura e de controle da imprensa, determinadas anteriormente por Carlos IV: “[...] se vuelven a restablecer tal y como lo estaban antes de 1810” (GARCÍA PÉREZ, 1998, p.201). Pode ser explicado também pela invalidação da reforma universitária e pelo fechamento das universidades em províncias, o que muito contribuiu para um processo de estagnação social no país.

O obscurantismo e a censura, determinantes no silenciamento da imprensa espanhola, terminaram com a ascensão da rainha Maria Cristina, em 1833. Nessa época, Espanha reviveu uma fase de maior tolerância, o que possibilitou o regresso dos liberais exilados ao país, a reabertura das universidades e a difusão de novos jornais e revistas, juntamente com a propagação de ideias

³⁴ Ver Stendhal (Henry Beyle). “De l’Education des Femmes”, em *De L’Amor*. Paris: Calmann- Lévy, 1998.

democráticas e republicanas. Segundo M. Isabel Marrades (1978, p.98), em 1836, apareceram 36 novos jornais em Madrid e, em 1850, esse número crece para 147.

Segundo María Ángeles Casado Sánchez (2011)³⁵, a rainha María Cristina, após ter assumido a coroa na Espanha, em razão da menor idade da filha, Isabel II, deparou-se com um ambiente político bastante conturbado, em que as diferentes forças (liberais, divididos entre moderados e progressistas, carlistas, etc.) fizeram questão de manter acirrados os violentos enfrentamentos entre si. No âmbito internacional, a alteza também vivenciou dificuldades, sobretudo, a de ser reconhecida como rainha pelas potências absolutistas europeias, tais como a Santa Sede, Áustria, Prússia e Rússia.

Durante a Regência de María Cristina, Casado Sánchez (2011) afirma que a rainha espanhola colocou em prática uma série de medidas revolucionárias que “en buena medida, despojaron de su poder a la Iglesia española, la cual las rechazó con el apoyo de Roma”. Muitas dessas medidas favoreceram também a desamortização das terras da Igreja, a liberalização da indústria e do comércio, a racionalização da Administração e a consolidação de um regime constitucional a partir da Constituição de 1837.

Esse novo panorama político foi, sem dúvida, muito aplaudido por parte da sociedade espanhola que demonstrava ver com grande entusiasmo e esperança a implantação de modelos de tendência liberal que estavam sendo desenvolvidos em importantes nações da Europa. O estabelecimento desse cenário, no entanto, acabou despertando a insatisfação de diversos setores. Vide a guerra iniciada pelos integrantes do Carlismo— movimento político tradicionalista de caráter antiliberal e antirevolucionário. Também houve enfrentamentos entre os liberais do Partido Moderado e os do Partido Progressista. Esse clima político bastante desarmônico e conflitante resultou na destituição da rainha Maria Cristina e na posterior ascensão da Regência de Espartero (1840-1843), em que o general Baldomero Espartero assumiu o poder até que se concluísse o período de menor idade da futura rainha, Isabel II.

Dentre as diversas publicações femininas existentes na conturbada década de 40, uma destacou-se por apresentar informações referentes à vida cotidiana das mulheres da alta sociedade. Referimo-nos à revista *La moda* (1842), que foi dirigida pelo jornalista conservador F. Flores Arenas e que contou com a colaboração de importantes nomes, tais como o da escritora Gertrudis Gómez de Avellaneda, o que lhe garantiu um significativo número de leitoras. Embora tenha sido publicada até 1927, María F.

³⁵ CASADO SÁNCHEZ, María Ángeles. *Biografía de María Cristina de Bourbon Dos Sicilias (1833-40)*. 2001. Esse texto encontra-se disponível no site: http://www.cervantesvirtual.com/bib/portal/reyes_y_reinas/include/preyes_reinas_regentasfb2b.html?pagina=maria_cristina.jsp

Sánchez Hernández, no artigo “Evolución de las publicaciones femeninas en España. Localización y análisis” (2009, p.224), afirma que, em janeiro de 1863, a revista mudou de título para *La moda elegante: periódico de las familias que tiene la honra de contar como primera suscriptora a S. M. la Reina (Q.D.G.)* e, em 1864, “volvió a cambiar el título y se llamó: *La moda elegante ilustrada*” (Ibidem, p.224), adaptando-se possivelmente às exigências do mercado editorial e também aos pedidos das assinantes, principais responsáveis pela existência dela.

Outra relevante fonte foi o jornal madrilense *El Defensor del Bello Sexo: periódico de literatura moral, ciencias y moda. Dedicado exclusivamente a mujeres (1845-46)*, publicado entre 14 de setembro de 1845 a 5 de abril de 1846. Foi dirigido por José de Souza que, através de artigos sobre a moralidade, os bons costumes e a importância do casamento, por exemplo, ambicionava ensinar às mulheres a “arte de pensar”. Não obstante, é preciso comentar que esse declarado desejo possuía graves limitações.

Embora atribuísse importante papel à educação feminina, José de Souza foi categórico ao postular que não era prudente que as mulheres fossem educadas para as cátedras e atividades políticas porque estes eram, culturalmente, tidos pela sociedade patriarcal como domínios masculinos. Semelhante constatação foi feita por Inmaculada Jimenez Morell (1992, p.69) na obra *La prensa femenina en España (desde sus Orígenes a 1868)*. Nela, a autora comenta que, para o diretor de *El Defensor del Bello Sexo*, a mulher não estava preparada para as graves e profundas reflexões, já que a capacidade de observação e de entendimento eram qualidades, segundo ele, inapropriadas ao sexo encantador nascido para a ternura e a bondade, pensamento que desmerece a inteligência e a sabedoria femininas, ao apontar a mulher como ser incapaz e intelectualmente inferior por natureza. Vejamos o ponto de vista de José de Souza:

El órgano de pensamiento de la mujer debe ser débil y delicado (...), perturbado con frecuencia por varios accidentes que no ocurren en el del hombre (...). El hombre parece más dichoso por la acción y la combinación de sus ideas, y la mujer más contenta con el reposo alternado a la esencia constitutiva de su propio sexo (*El Defensor del Bello Sexo*).

Segundo Mary Nash (1983, p.16) a determinação de um estereótipo de mulher com uma série de elementos psicológicos, temperamentais e aptidões que a diferenciava nitidamente dos homens e que determinassem os seus respectivos papéis na sociedade foi algo frequente durante o séc. XIX. Assim, de acordo com essa perspectiva, “el raciocinio, la lógica, la reflexión, la capacidad intelectual predominarían en el varón, mientras que en la mujer predominan los sentimientos, el afecto, la sensibilidad, la dulzura, la intuición, la pasividad y la abnegación” (Ibidem, p.16).

Isso explica a diferenciação de gênero feita, de maneira proposital, por José de Souza no artigo intitulado “Análisis de la mujer”. Essa distinção encontrava-se cientificamente fundamentada na diversidade biológica entre homens e mulheres que, naquele contexto, objetivava tornar inquestionável o diferente papel social atribuído ao sexo feminino. Com isso, o autor buscava reforçar a ideologia patriarcal da época que mantinha as mulheres legalmente subordinadas ao sexo masculino.

Acreditava que, através de uma educação refinada, a mulher tomaria consciência de seu papel social, enfim, de sua nobre missão na sociedade: o cuidado e a educação dos filhos. Por isso, “hablará ampliamente de las virtudes sublimes que caracterizan a la mujer desde el principio de los tiempos; insistiendo que esas son las <<prendas>> que tiene que desarrollar y fomentar todas las mujeres que se consideren <<decentes>> (FRANCO RUBIO, 1981, p.104)³⁶.

El Defensor del Bello Sexo, assim como outras publicações da época, tratava-se de um meio de comunicação impresso dirigido a um público bem específico: as mulheres da alta burguesia e da aristocracia. Dessa forma, todos os conselhos e orientações estavam direcionados a uma pequena e privilegiada elite que, por sua vez, pouco se preocupava em combater a alta taxa de analfabetismo feminino, a dependência financeira da mulher e a abusiva desigualdade de gêneros.

No entanto, apesar de ser um periódico que desejasse manter a mulher aprisionada em sua função marginal, como “aparato doble de satisfacción-reproducción” (Ibidem, p.105), notamos haver uma voz que se divergia do conteúdo geral da conservadora publicação por manifestar-se notoriamente contra essa evidente opressão feminina. Referimo-nos à Carolina Coronado, poetiza romântica muito respeitada pelos políticos democratas e federais na Espanha, que através de seus versos, pretendia chamar atenção, em especial do público feminino, constituído de burguesas e aristocratas, para a importância e a urgência de uma conscientização que pudesse dar fim à “ignorancia em que está sumida la mujer y la rígida moral a que la sociedad la somete (JIMÉNEZ MOREL, 1992, p.72). Vejamos um pequeno fragmento do poema “A Luisita”, publicado em *El Defensor del Bello Sexo* (9 de novembro de 1845):

Al cuerpo cuatro paredes
Le dan, porque viva en calma
Mas cómo pudiera el alma
Fugarse de tal prisión

³⁶ FRANCO RUBIO, Gloia Ángele. “Contribución a la prensa femenina del siglo XIX: “El Defensor del Bello Sexo”. In: *Tiempo de historia*. Año VII, N.75 (1feb.1981, p.100-1005). Esse texto encontra-se disponível no site: <http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/24636/3/THVII~N75~P100-105.pdf>

En la ignorancia nos hunden
Sin pensamientos quedamos,
Y así presas nos hallamos
En el alma y corazón.

Nele, a poetisa espanhola– a partir da apresentação de imagens de um corpo confinado no lar e de uma mente ausente de pensamentos críticos e reivindicativos, aspecto que pode ser explicado, sobretudo, pela deficiente educação recebida pelas mulheres no séc. XIX– revela-nos a alarmante condição que vivia a mulher oitocentista. Educada em função desse modelo, Carolina ignora-o e decide dedicar-se às letras, ao conhecimento. E foi, nesse contexto, que a poesia passou a conquistar um papel de grande destaque na vida da escritora. Ela passou a vê-la como um meio ideal pelo qual poderia expressar diretamente suas frustrações e inconformismo sobre a problemática situação em que se encontrava a mulher oitocentista, completamente submissa ao homem.

No entanto, o lamento lírico de Coronado contra o destino social da mulher, que se encontrava duplamente aprisionada <<en el alma y corazón>> por funções que a restringiam ao espaço privado, mais especificamente, ao cuidado da casa, do marido e dos filhos, não fora, num contexto geral, suficiente para despertar uma expressiva conscientização feminina em busca de uma imediata revalorização do papel da mulher.

Segundo Susan Kirkpatrick (1989, p.284), “Carolina Coronado’s protests about women’s social destiny also began to cool toward the end of the decade”³⁷, e este comentado esfriamento do pensamento defendido pela escritora em inúmeros de seus textos poéticos e por outras vozes solidárias à causa pleiteada deve ser atribuído à necessidade de segurança aspirada pela burguesia, que temerosa a mudanças, principalmente as de ordem sociais, passou a conter de forma significativa as aspirações femininas, vendo-as como uma ameaça ao patriarcado. Daí, explica-se a expressiva vigência do ideal de anjo do lar, concepção amplamente difundida durante o século XIX, em especial durante o Romantismo na Espanha e em outros países europeus e latino-americanos, e nas primeiras décadas do XX, o que demonstra o peso desse modelo dentro das sociedades patriarcais.

Em “Mujer y feminismo en la obra de Javier Lasso de la Vega y Cortezo”, de Alberto Carrillo-Linares (2002), pudemos constatar novamente que a sociedade espanhola do séc. XIX, assim como a do começo do XX, não estava, de forma alguma, condicionada, em sua maioria, evidentemente, a assumir postulados tão progressistas como os que defendiam a liberação da mulher e todas as

³⁷ KIRKPATRICK, Susan. *Las románticas: Women writers and subjectivity in Spain(1835-1850)*. EUA: University of California Press, 1989.

consequências que delas pudessem se derivar, a ponto de considerar, portanto, as mulheres em pé de igualdade aos homens (CARRILLO-LINARES, 2002, p.82). Sendo assim, de acordo com a mentalidade vigente, ainda muito fundamentada por princípios religiosos e morais, o objetivo principal que se perseguia com a educação das mulheres na sociedade patriarcal:

[...] no sería darles derechos que le corresponden porque le corresponden; no sería aumentar su propia dignidad por medio de la cultura; no sería lograr la adquisición de una percepción de la vida, el mundo, el hombre o de ella misma; no sería igualar la mujer y al hombre en su grado de ilustración, sino que lejos de todas estas metas, que considerarían a la mujer como un ser individual con derechos, como una voluntad inteligente, se pretendía prepararla para servir a los demás y muy especialmente <<para que sea luego la madre que a su vez eduque a sus hijas e hijos>> (Ibidem, p.105).

Logo, dentro dessa perspectiva, notamos que se educa a mulher tão somente para que elas possam melhor cumprir suas funções sociais.

Partindo para a década de 50, embora uma considerável parte da população espanhola se colocasse avessa ao ingresso da mulher em atividades dominadas exclusivamente por homens, observamos, ao longo da leitura de “Feminismo, prensa y sociedad en España”, de M. Isabel Marrades (1978), artigo de significativa importância para nossas análises sobre a imprensa feminina espanhola no séc. XIX, que esta época também foi marcada pelo aparecimento de inúmeras vozes femininas que se posicionaram em defesa da mulher como ser social. Dentro desse cenário, atribuímos significativa relevância à revista *Ellas, Órgano Oficial Del Sexo Femenino*, publicação que apresentará, nesta época, uma visão diferenciada do jornalismo feminino, em razão do seu conteúdo reivindicativo, liberal e indiscutivelmente avançado para o período.

Sob a direção da escritora Alicia Pérez de Gascuña, *Ellas* tem o seu primeiro exemplar publicado no dia 1º de setembro de 1851. E por ser uma revista que contou com uma colaboração massiva de mulheres— Emilia Pallarés, Vicenta García Miranda, Amalia Fenollosa, Robustiana Armiño de Cuesta, Dolores Cabrera y Heredia, Ángela Grassi y Tecchi, Carolina Coronado, Emilia Tamarit, entre outras— a principal bandeira levantada por elas foi justamente aquela que reivindicava o direito delas escreverem, ou seja, o reconhecimento delas como escritoras. Vejamos o que afirma a editora de *Ellas*, dona Alicia Pérez de Gascuña, no artigo intitulado “Cuatro palabras”, publicado na primeira edição da revista (*Ellas*, 1º de setembro de 1851, p.1-2):

Nos creemos con facultades mas estensas de las que se nos señalan; nos juzgamos aptas para mucho, y hé aquí porque no hemos vacilado en escribir, dando á luz un periódico

para nosotras, donde se ventilen todas las cuestiones que hasta el día hayan permanecido entre el polvo del olvido. Dispuestas nos hallamos á sostener la dignidad que nos compete [...]. Como veréis por este primer número, no adoptamos el tono lastimero y compungido, tan común en estos tiempos de progreso literario; todo lo contrario, usando del mejor humor y con la risa siempre en los labios pretendemos que no os cause hastio el contenido de nuestras columnas y en ellas nos veréis siempre alegres y juguetonas, aun cuando á veces os parezca escetivo nuestro regocijo. Ha llegado el momento de la venganza: vamos á devolver con creces al hombre el ridículo de sus leyes (Ibidem, p.1-2).

O discurso de Pérez Gascaña é revelador. Nele ficam evidentes não só o tom descontraído, propositalmente adotado pela diretora na intenção de promover o riso nas críticas contra os vícios e moralismos vigentes na sociedade que se orgulha por intitular-se patriarcal e cristã, como também a denúncia sobre a grave condição da mulher espanhola, ainda sem uma forte representatividade: “Nuestra revista hablará por nosotras, que no tenemos nombre, pero que deseamos conquistarle” (Ibidem, p.2), acompanhada por um expressivo desejo de renovação, visando o tão almejado reconhecimento reivindicado.

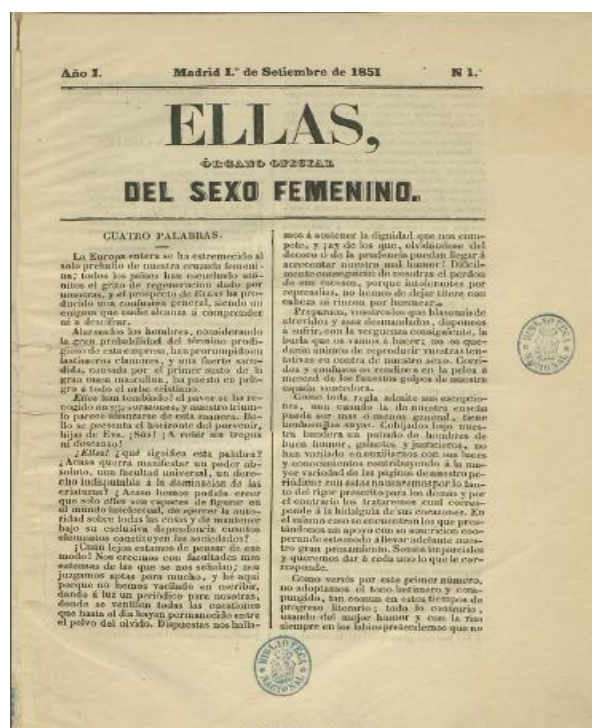
A maior parte das revistas femininas espanholas estava dirigida, segundo María F. Sánchez Hernández (2009, p.242), “a una mujer tradicional, sin destacar por su ideología política o social y que asume el rol asignado de esposa y madre que la sociedad tradicional le ha impuesto”, tais como *El Periódico de las Damas* e *El Correo de la Moda*. E foi dentro desse contexto que a revista *Ellas* colocou-se em posição de destaque preferencialmente por declarar-se, já no primeiro exemplar, a favor da instrução feminina, julgando serem as mulheres indivíduos altamente capazes e competentes para atuarem, e com expressivo talento, no meio acadêmico, até então, marcado pela ostensiva presença masculina.

As redatoras de *Ellas* acreditavam que o fim da ignorância e alienação da mulher só seria possível por meio de uma educação completa e de qualidade, e foi nesse sentido que se pôde pensar na instrução como sinônimo de emancipação. Entretanto, reconheciam que esse pleito não devia isentar as mulheres de suas obrigações sociais, e diante das advertências e das ácidas críticas, fizeram questão de afirmar que não ambicionavam uma emancipação plena do sexo, pois entendiam que esta se contrapunha à moral e aos bons costumes determinados pelo Estado e também pela religião. Citamos:

La idea de nuestra publicación se ha interpretado malamente por algunos suponiéndola algo exagerada, y dando pábulo á creerla un si no es avanzada. Comprendemos muy bien nuestros sagrados deberes en la sociedad, y de ninguna manera apeteceríamos esa completa emancipacion de nuestro sexo, opuesta en un todo á los buenos principios de la

moral y la religion. Solo queremos defendernos é ilustrarnos: hé aqui resumidas nuestras aspiraciones (*Ellas*, 1º de setembro de 1851, p.2).

O aparente fervor e entusiasmo com que a editora de *Ellas* e muitas das colaboradoras da revista reivindicaram o papel de escritoras, em outras palavras, o reconhecimento literário, pareceu não haver produzido uma ampla adesão feminina à causa requerida. Nem mesmo a presença de “escritores muy conocidos, protectores de la mujer” (Ibidem, p.2) que, segundo dona Alicia, cordialmente se dispuseram a participar como colaboradores da revista e a posseção de “producciones de las primeras poetisas de España, que irán saliendo sucesivamente” (Ibidem, p.2) foram suficientes para impedir uma estratégica renovação. O subtítulo foi modificado e a revista espanhola passou a ser publicada como *Gaceta del Bello Sexo*, transformando-se, a partir do terceiro número, em uma publicação semanal de “modas y salones” e de literatura, assim como outras existentes no país. Apesar da mudança, intencionalmente planejada, é preciso comentar que muitos artigos de tendência feminista, em especial os dedicados à educação da mulher, continuaram sendo publicados nela.



No ano seguinte, sucedeu uma nova alteração. A revista passou a se chamar *Álbum de Señoritas: periódico de literatura, educación, música, teatros y moda*. E em 1853, transformou-se em *Álbum de Señoritas y Correo de la Moda*, produto da união com *El Correo de La Moda: Periódico del*

Bello Sexo, Modas, Literatura, Bellas Artes, Teatro..., de 1851. Em um breve período, as diversas modificações na revista *Ellas* evidenciaram algo mais significativo que uma mera substituição de títulos. Assim como Marrades (1978, p.106), acreditamos que essas frequentes modificações comprovam a necessidade de adaptação ao contexto social, visando a sobrevivência da publicação.

Inmaculada Jiménez Morell (1992) também se ocupou do assunto na obra *La prensa femenina en España (desde sus orígenes a 1868)*, afirmando que a conciliação das articulistas de *Ellas* com a sociedade patriarcal da época foi algo visível desde cedo e que se tornou mais explícita nos últimos exemplares da publicação: “La reconciliación de las redactoras con la sociedad masculina, que em um arrebatado inicial quisieron abatir con su <<cruzada mujeril>>, es ya patente desde muy temprano, y total en los últimos números” (JIMÉNEZ MORELL, 1992, p.90). Assim, vemos que a proposta inicial da revista, que notoriamente prontificou-se, através da cruzada feminina, a dar o “grito de regeneración” (*Ellas*, 1º de setembro de 1851, p.1), não se sustentou de forma engajada e plena, devido, sobretudo, ao peso dos moldes conservadores determinados por “una religión que la encerraba en su rol de madre (MARRADES, 1978, p.106) e pela própria sociedade patriarcal da época que, ainda por querer ver a mulher subordinada ao homem, não hesitava em censurar o <<mejor humor>> e <<la risa siempre en los labios>> (*Ellas*, 1º de setembro de 1851, p.1) de *Ellas*.

Ainda na década de 50, surge em Cádiz— cidade que em razão do ambiente de liberdade e de democracia, fomentava o desenvolvimento da imprensa durante a primeira metade do séc. XIX— uma série de periódicos que pretendiam romper com a submissão e a subordinação características do discurso que consagrava a domesticidade feminina, o que muito contribuiu para a difusão do modelo de <<Ángel del hogar>>. Dentre eles, chamamos atenção para o relevante papel desempenhado por *El Pensil Gaditano* (1856), que posteriormente se transformou em *El Pensil de Iberia: Periódico de literatura, educación, ciencia, artes y teatro* e, por fim, em *El Nuevo Pensil de Iberia* (1857-1859).

A série de *Pensiles* foi dirigida por Margarita Pérez de Celis e María Josefa Zapata, uma das principais representantes do pensamento fourierista na Espanha. O Fourierismo foi um sistema societário idealizado pelo pensador francês Charles Fourier. Com base nos princípios do socialismo utópico, Fourier defendia o estabelecimento de uma sociedade harmônica e integradora, visando o reconhecimento da diversidade humana e a existência de “un mundo sin miseria ni explotación, donde sólo reinara la justicia y sobre todo, en el que hombres y mujeres pudieran gozar de la vida”³⁸.

³⁸ VARGAS LLOSA, MARIO. “Extemporáneos. C. Fourier (1772-1873)”. In: *Charles Fourier, El Falansterio*. Buenos Aires: Godoy, 2008. p. 11.

Para o Fourierismo, a desprivilegiada condição da mulher muito se aproximava da situação do operário, sobretudo, se consideramos a opressão e a exploração vividas por eles. Postulava que a relação entre homem e mulher era idêntica a do trabalhador e empregador. E no intuito de combater essa opressiva disparidade entre os sexos, os partidários do Fourierismo demonstraram-se favoráveis a uma relação conjugal mais igualitária, respeitosa e prazerosa, o que seria possível “a través de la libre elección del esposo y el respeto sincero entre ambos” (CANTIZANO MÁRQUEZ, 2004, p.288), aspecto também assinalado por M. Isabel Marrades, ao afirmar que: “Por primera vez la relación hombre-mujer aparece formulada en términos de opresión, semejantes a los del Capitalismo-Proletariado. Estas relaciones no podrán cambiar sino a partir de una Revolución Total de la sociedad que deberá basarse en los principios de armonía y atracción pasional” (MARRADES, 1978, p.103).

Por ser *El Pensil* uma publicação de orientação socialista, que visava a emancipação e o aprimoramento da sociedade espanhola a partir destes princípios, observamos que a figura feminina ganhou um tratamento especial. A mulher foi constantemente abordada pelos diversos colaboradores da revista, quase sempre a partir de questionamentos utópicos, espiritualistas e humanitários, tal como podemos observar no ensaio intitulado “Injusticia social”, publicado em *El Pensil de Iberia*, no dia 10 de dezembro de 1857, em que Margarita Pérez de Celis denuncia a exploração feminina e a desigualdade de salário existente entre os sexos no desempenho da mesma função. Vejamos o que afirma a escritora a propósito da disparidade na remuneração da mulher:

[...] ¿Por qué, pues, tan incalificable injusticia? El trabajo corporal de la mujer, aún en los estrechos límites a que se halla concreto, ¿es acaso menos útil y necesario al embellecimiento y a la perfección social que el del hombre? Sin duda que no... De aquí es que las pocas mujeres que tienen la virtud de resignarse a vivir con el sudor de su frente, se ven obligadas casi en su totalidad, un punto menos que a mendigar la mitad de subsistencia, para cubrir apenas sus más perentorias necesidades (*El Pensil de Iberia*, 10 de dezembro de 1857)³⁹.

A autora atribuía às mulheres, em especial às trabalhadoras “que tienen la virtud de resignarse a vivir con el sudor de su frente”, um papel fundamental na transformação da sociedade. E foi justamente por reconhecer a importância da figura feminina no progresso social da nação que a autora feminista passou a reivindicar a independência da mulher, uma vez que ela, assim como o homem, também possuía meios de desenvolver e exercitar todas as suas faculdades materiais e intelectuais.

³⁹ Margarita PÉREZ DE CELIS: «Injusticia social», en *El Pensil de Iberia*, 3ª época, nº 7, Cádiz, 10/12/1857. In: A. ELORZA (ed.): *El fourierismo en España*. Madrid, 1975, pp. 177-1831.

Para M. Dolores Ramírez Almazán (2009), no artigo “Rosa Marina, la mujer y la sociedad”⁴⁰, *El Pensil* foi uma das poucas publicações femininas que não se ateve à concepção e estrutura convencional do resto das revistas e jornais escritos para mulheres na época, em que predominavam as tradicionais seções de moda, de manuais de boa conduta e de todo tipo de criações destinadas a divulgar a figura da mulher idealizada. É importante comentar que a publicação também contou com a colaboração de importantes nomes masculinos, que figuraram com grande expressão no cenário político da época, dentre os quais podemos citar o pensador e político republicano Francisco Pi y Margall.

Pelo teor crítico de seus textos (apólogos, breves ensaios, poesias e traduções), que tratavam com profundidade de questões relativas às injustiças sociais, tais como a melhoria na educação feminina, o fim da desigualdade de salário existente entre homens e mulheres, a miséria e o assassinato feminino, vimos que *El Pensil Gaditano* e, em seguida, *El Pensil de Iberia* e *El Nuevo Pensil de Iberia* destacaram-se primordialmente pelo fato de serem veículos comunicativos que se empenharam em reconhecer “una consciencia femenina con inquietudes necesarias e intereses propios, diferentes a los del hombre que va a iniciar el camino hacia la independencia y la emancipación de la mujer” (CANTIZANO MÁRQUEZ, 2004, p.288).

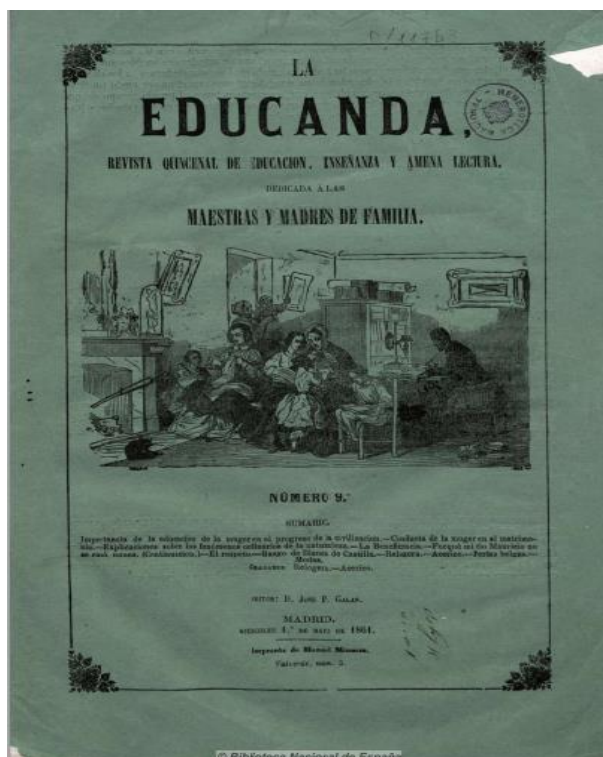
De Cádiz, a publicação passou a estender-se por toda região da Andaluzia, despertando a fúria dos setores mais conservadores, escandalizados com a propaganda feminista nela presente. O resultado não poderia ser outro: a proibição da produção e a consequente divulgação do periódico, decretada pelo governador a pedido do bispo de Cádiz, que o acusava de difundir ideias contrárias à fé e à moral cristã e de promover a ruptura das, até então, inquebráveis alianças entre religião e Estado, que garantiam a autoridade das instituições e suas respectivas relações de domínio e poder. O último número de *El Pensil* é publicado em agosto de 1859.

1.3. A imprensa feminina da segunda metade do século XIX às últimas décadas

No início da década de 60, surge na imprensa feminina espanhola a revista quinzenal *La Educanda* (1861). Foi fundada e dirigida pelo diretor D. José P. Galán e tratou-se de uma das mais

⁴⁰ RAMÍREZ ALMAZÁN, M. Dolores. “Rosa Marina: la Mujer y la Sociedad”. Comunicación en congreso. X Cilec: Congreso Internacional de Literatura Española Contemporánea La Mujer en la Literatura, la Sociedad y la Historia. Bergamo (Italia)- la Coruña (España). 2009. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://www.escritorasyescrituras.com/cv/rosamarina.pdf>

significativas publicações de caráter católico e conservador, destinadas extraordinariamente às diretoras de instituições de ensino, professoras e mães. No ano seguinte, em 1862, *La Educanda* é comprada pela empresa *El correo de la Moda*, o que resultou em algumas mudanças. Uma delas foi a alteração no subtítulo, passando a ser publicada como *La Educanda. Periódico de Señoritas*, e não mais como *Revista quincenal de educación, enseñanza y amena lectura, dedicada á las maestras y madres de familia*. A partir do novo subtítulo, objetivavam, nessa segunda época, ofertar às jovens leitoras, as quais a publicação estava sendo dedicada, “lecciones á todos los ramos del saber humano” (Ibidem, p.1), ambicionando, com isso, combater a ignorância que “casi se tenía por una virtud en la mujer” (Ibidem, p.1) e que não permitia deixá-las “tomar parte con conocimiento en las conversaciones del círculo en que vive” (Ibidem, p.1).



Outra importante modificação foi a reestruturação do editorial de *La Educanda*, que passou a ter como diretor o proprietário P. Juan de la Peña, e como editor responsável Vicente Pardo y Ortega, cujo período de permanência no cargo foi muito breve. Quem assumiu o seu lugar, já na edição de 24 de dezembro de 1862, foi D. León Morán. E foi no artigo “Nuevo prospecto”, publicado em 8 de

dezembro de 1862, que melhor pudemos compreender essas novas transformações empreendidas pelo novo dono. Vejamos o que comenta o editor sobre a recente compra:

La empresa del *Correo de la Moda*, á quien pertenece hoy *La Educanda*, hubiera podido reunir en una las dos publicaciones; esto era lo mas lógico y mas beneficioso á sus intereses, y tanto mas justificado, cuanto que hace doce años viene tratando en sus columnas iguales materias, con una aceptación siempre creciente; pero en el interés de las lectoras, ha creído mas conveniente conservar á cada periódico su respectivo título, aunque partiendo de un centro común, y unidos en el pensamiento y acción que los dirige (*La Educanda*, 8 de dezembro, 1862, p.1).

Muito mais que apresentar às leitoras a mais nova apropriação do grupo *Correo de la Moda*, P. Juan de la Peña empenhou-se em explicar que conservaria as duas publicações, sem ter de fundi-las em um único veículo, embora esta não fosse a estratégia mais econômica e proveitosa para a empresa, uma vez que ambas defendiam uma perspectiva ideológica em comum, edificada por princípios tradicionalistas. É importante comentar que o mantimento das duas publicações, como o próprio editor assinala, deveu-se, sobretudo, ao interesse das assinantes, o que comprova a influência e o poder das mulheres nas decisões dos proprietários e editores de revistas e jornais da época, já que elas eram as principais provedoras e responsáveis pela sobrevivência das publicações.

O editor proprietário também fez questão de evidenciar o papel que cumprirá *La Educanda* na imprensa espanhola da década de 60. Por seguir a mesma linha do jornal ilustrado *Correo de la Moda*, de expressiva aceitação por parte das leitoras oitocentistas, a revista também se caracterizou por promover, ainda que em menor escala, o enaltecimento não só da figura feminina como também dos direitos e deveres da mulher na sociedade patriarcal, através de exemplos morais e artigos instrutivos. Com isso, ambicionavam proporcionar acessíveis meios de ensino ao público alvo da revista. Citamos:

Dejando al *Correo de la Moda* ocuparse, como hasta aquí, en sus artículos de instrucción de cuanto concierne al enaltecimiento de la mujer, y de sus derechos y deberes en la sociedad, *La Educanda*, sin desatender tan altos objetos, los desenvolverá, aunque en menor escala, en la parte práctica, por medio de ejemplos morales y artículos instructivos, que templandola aridez de la ciencia con la amena variedad que permite un periódico, proporcionen á las madres y maestras medios fáciles de enseñanza (Ibidem, p.1).

Nessa segunda época, *La Educanda*, até então, publicada quinzenalmente, passou a ser semanal, posto que este era o período que mais agradava os leitores espanhóis: “Convencidos por experiencia propia, y por indicaciones de algunas suscriptoras, de que el período semanal es el que mas agrada en

Espanha em esta classe de publicações” (Ibidem, p.2). Seus exemplares foram publicados nos dias 8, 16, 24 e no último de cada mês.

Em “Nuevo prospecto”, De la Peña também aponta para as melhorias feitas na parte material de *La Educanda*, a fim de atrair a atenção das <<constantes favorecedoras>> e obter delas uma maior aprovação. Dentre elas, atribuímos significativa importância à mudança no formato da revista. Por conscientizar-se do hábito cultivado por muitas mulheres, o de colecionar edições anteriores de publicações que continham matérias de amplo interesse feminino, o editor oportunamente vislumbrou ser necessária a alteração no tamanho <<demasiado grande>>. Passou a adotar, em todas as edições, o mesmo tipo de papel usado na impressão do jornal *Correo de la Moda* que, por sua vez, era menor e de qualidade mais elevada. Isso permitiu que as leitoras pudessem melhor manejar os exemplares, em seguida, guardá-los junto aos demais.

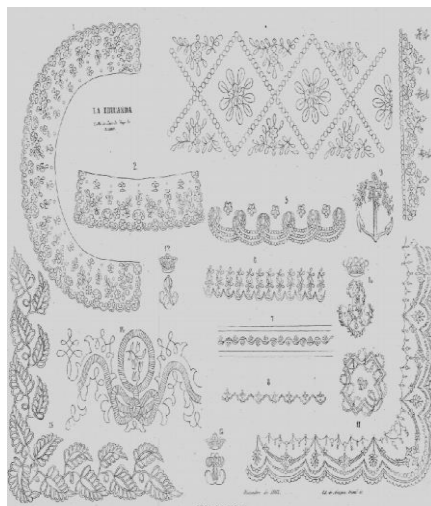
Como todas ellas coleccionan la publicación por sus interesantes artículos, y la forma actual de *La Educanda* sea de un tamaño demasiado grande para que el tomo pueda manejarse con facilidad por las delicadas manos de una señora, usamos desde hoy del mismo papel que en el *Correo de la Moda*, de clase superior e igual para todas las ediciones, que aunque un poco mas pequeño que el anterior de *La Educanda*... (Ibidem, p.2).

O tipo de letra também se modifica, passando a ficar bem mais compacta e nítida, o que muito facilitou a leitura da publicação, tornando-a mais prazerosa. As leitoras se beneficiaram também com as gravuras e desenhos de *Labores* que, até então, eram intercalados no texto, tal como podemos observar na figura abaixo⁴¹:



⁴¹ *La Educanda*, 1º de maio de 1861, p.141.

A partir de dezembro de 1862, eles foram repartidos em lâminas à parte, procedimento, segundo o editor proprietário, mais “acceptable y acomodado á las diferentes aplicaciones que las señoritas inteligentes y laboriosas quieran hacer” (Ibidem, p.2). Eis um exemplo do novo método empreendido pelos editores de *La educanda*, na seção relacionada à moda, muito semelhante ao que vemos, hoje, nas revistas de corte e costura. Vejamos a imagem⁴²:



Outro aspecto do qual gostaríamos de comentar é a aspiração do editor em continuar aprimorando a publicação, tornando-a ainda mais atrativa para o público leitor. Segundo P. Juan de la Peña, a empresa não possuía <<objeto lucrativo>>. Dispunha, apenas, de uma clara missão que era difundir, independente da classe social, uma educação sólida, de qualidade, essencial para a felicidade e o bem estar do mundo. E para que futuras melhorias ocorressem, ele não hesitou em pedir ajuda às leitoras de *La Educanda* para que elas permanecessem contribuindo com a assinatura do periódico e que também fizessem a propaganda da publicação nos círculos de amizade, de forma que as amigas a conhecessem e se tornassem em futuras assinantes. Vejamos:

En lo sucesivo nos proponemos mejorar progresivamente nuestra publicación, si las suscriptoras nos ayudan, como esperamos, renovando en su día los abonos y estendiendo entre sus amigas el conocimiento del periódico. De este modo trabajarán en su beneficio, puesto que la empresa no tiene un objeto lucrativo, y sí solo el de difundir en todas las clases de la sociedade el germen de una sólida instrucción y de una educación religiosa y moral, sin la cual no hay felicidad para los pueblos (Ibidem, p.1-2).

⁴² *La Educanda*, 24 de dezembro 1862, p.5.

A existência de *La Educanda* dependia de suas subscritoras, e no intuito de assegurar um número cada vez mais crescente delas, o editor anuncia taticamente que as assinantes mais antigas da publicação, que renovassem diretamente os seus pagamentos, seriam, por gentileza, contempladas e não precisariam pagar os reajustes nos preços. Essa manifesta cordialidade, aparentemente despretensiosa, resguarda um plano mais astuto. Trata-se, pois, de uma oportuna e perspicaz estratégia que visava, na verdade, consolidar um inquebrantável elo entre as leitoras e a publicação.

Apropriada também foi a tática de manter duas edições: uma mais completa e a outra mais econômica, que “es y ha sido siempre incompleta, faltándole el pliego de dibujos para bordados, acaso el ramo mas importante de las labores de la mujer” (Ibidem, p.2). Com a edição mais acessível de *La Educanda* seria possível captar novas leitoras e de diferentes classes sociais, o que indubitavelmente aumentaria o consumo e a representatividade do grupo editorial responsável pelas publicações.

Em nossas investigações, depararmo-nos com diversos exemplares digitalizados de *La Educanda*, disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de Espanha. E, diante desse expressivo material, ainda pouco explorado por especialistas brasileiros, nos pareceu interessante analisar sucintamente os artigos “Importancia de la muger en el progreso de la civilización”, publicado em 1º de maio de 1861, e “La mujer en la sociedad”, publicado em 8 de dezembro de 1862, para melhor corroborar a orientação ideológica— conservadora e cristã— da publicação.

No primeiro artigo, “Importancia de la muger en el progreso de la civilización”, L. R. y P., com base em apreciações lógicas da história e nos fatos práticos da vida, é enfático em afirmar que a resposta para o grande problema do desenvolvimento da civilização estaria na educação da mulher. Dentro dessa perspectiva, a instrução feminina tornou-se elemento indispensável para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do espírito humano, especialmente porque seria por intermédio dela que se encontraria um caminho para uma vida mais harmônica e de melhor qualidade. Vejamos:

[...] aprovecharemos solo las apreciaciones, lógicas de la historia y los hechos prácticos de la vida, para comprobar que solo la educación de la muger, en armonía con los saludables principios del Cristianismo para que entre en el disfrute de la consideración social que á su condición corresponde, es la que puede conducirnos á la gran evolución que ha de producir en la civilización moderna el complemento de sus elevados fines, que es imprimir á la humanidad la fuerza moral necesaria para recorrer la senda verdadera del acertado desarrollo y perfeccionamiento de su espíritu (*La Educanda*, 1º de maio de 1861, p.129).

Para L. R. y P., a noção de progresso estava intrinsicamente associada a uma instrução feminina, e esta deveria estar moldada a partir de princípios católicos que, por sua vez, legitimariam a importância da família e dos valores morais e cristãos. Constatou também que a corrupção das relações humanas dentro da sociedade patriarcal era uma condição demasiada oportuna para que a desmedida ambição e soberba do homem se manifestassem e, com isso, submetessem a mulher a essa “degradante esclavitud” a qual estava predestinada desde o seu nascimento. Vejamos:

La corrupción de las relaciones íntimas y naturales entre las dos mitades del linaje humano, á que nos condujo la ambición y la soberbia del hombre, destruyó por completo la unidad de la especie y de la familia; y no bastando á comprimir el espíritu superior de la muger la autoridad patriarcal que del seno de esta tomaron los pueblos en las edades primitivas, se constituyó el poder político revestido de facultades supremas que ejercieron sobre la muger una tiranía absoluta, hasta reducirla á la mas degradante esclavitud... (Ibidem, p.129).

E também:

El hombre constituyó las antiguas naciones sobre el ominoso principio de esclavitud, base del señorío de su sexo, y abatió y humilló la muger ahogando en ella el mas precioso elemento de perfección para la humanidad (Ibidem, p.129).

L. R. y P. posiciona-se nitidamente contra essa tirania masculina que, de forma impiedosa, condenava o potencial e as inúmeras aptidões do sexo feminino. Mostrou-se intolerante a esse comportamento opressivo que colocava a mulher em uma posição de inferioridade, e, como resposta a essa imperiosa conduta, recorreu estrategicamente- em especial se consideramos ser esta uma publicação de caráter católico- à exemplar figura da Virgem Maria, “resumen acabado de todas las perfecciones y capaz por sí sola de atravesar una vida de virtud, grandeza y sabiduría sin igual, aun entre los varones de mayor fortaleza y prudencia” (Ibidem, p.129), na intenção de torná-la modelo para as mulheres que, devidamente educadas, muito contribuiriam para a tão almejada evolução da sociedade espanhola.

Na tese *La familia y el trabajo femenino en España durante la segunda mitad del siglo XIX*, María Cruz del Amo del Amo (2008, p.110), também chama atenção para o fato de muitas das publicações femininas, neste período, em especial as de orientação católica e conservadora, resgatarem a emblemática figura de Nossa Senhora para apresentá-la como ícone de virtude e beleza. Assim, “la

Virgen María se proclamaba como el ideal al que debían imitar todas las mujeres, como encarnación de las cualidades que un hombre puede desear para su bienestar”.

Ao afirmar que a “emancipación de la muger es el gran principio sobre que se viene desenvolvendo su destino en el seno de las civilizaciones á que abrió paso el Cristianismo” (*La Educanda*, 1º de maio de 1861, p.130), L. R. y P., mais uma vez, buscou valorizar o papel dela na construção de um convívio social entre homens e mulheres mais harmônico e produtivo. Assim, fez da mulher um ser imprescindível para dar fim, como bem assinala, à colossal desigualdade entre os sexos, cujas desfavoráveis consequências recaem diretamente sobre o sexo feminino, e à imperfeição das instituições humanas, que se não forem persistentemente combatidas não “darán otro resultado que la decadencia sensible de la especie (Ibidem, p.130).

Quando L. R. y P. refere-se à emancipação, é preciso ter cuidado e ater-se ao fato de que a palavra, neste contexto, encontra-se relacionada ao acesso a uma educação completa que incentive e reconheça, como benéficas, as habilidades e as virtudes femininas. Mais adiante, em especial nos artigos feministas de Emilia Pardo Bazán, publicados em *Nuevo Teatro Crítico*, e nos textos da anarquista Federica Montseny, divulgados na *Revista Blanca*, veremos que esse vocábulo estará vinculado a novas reivindicações, o que, desde já, nos permite pensar numa gradativa evoluçãodos valores e das mentalidades.

Em *Galeria de escritoras isabelinas. La prensa periódica entre 1833 y 1895*, Íñigo Sánchez Llama (2000, p.162) comenta que os discursos mais conservadores e próximos ao neocatolicismo do <<canon isabelino>> permanecem condicionando a orientação editorial de um expressivo número de publicações femininas na Espanha. Dessa forma, “una buena educación para las jóvenes peninsulares garantiza, según esta óptica, que las futuras generaciones de españoles dispongan de sólidas virtudes y convicciones morales”. Assim, acreditavam que a “dimensión maternal de la mujer exige dotarle de conocimientos que la conviértanla <<educadora perfecta>>” (Ibidem, p.162), o que imediatamente nos faz pensar no posicionamento ideológico defendido pelo membro editorial e pelos colaboradores da revista *La Educanda*, que viam a mulher como:

[...] la depositaria de los medios y condiciones esenciales para el desarrollo de los gérmenes físicos, intelectuales y Morales del linaje humano, porque ella dá vida á los individuos, robustece y dirige las facultades de su entendimiento, inspira y mueve sus primeros sentimientos inclinándolos ó apartándolos de la senda del bien. La mugeres, pues la que inspira la ciencia y prepara los descubrimientos; es la madre de la justicia y la virtud (*La Educanda*, 1º de maio de 1861, p.130).

O enaltecimento da figura feminina é constante e proposital. Tem como principal objetivo convencer os leitores de que, para o bem da sociedade, a disparidade entre os sexos, razão que desencadeava a escravidão da mulher e o deterioro das relações humanas, não era compatível numa sociedade que se propunha a caminhar rumo ao progresso, seja ele econômico, político ou social. Com isso, notamos ser comum o fato de muitos escritores oitocentistas se dedicarem à apresentação de diversos argumentos que enfatizam a genialidade e o potencial da mulher espanhola que, quando ilustrada, muito contribuiria para desenvolvimento da ciência e da humanidade. Vejamos:

La muger es observador excelente y hace un uso acertadísimo de su inteligencia en todo lo que es concreto, al paso que el hombre, mas propenso á la investigación abstracta, divaga, inventa paradojas y se pierde en los abismos de la metafísica. La ciencia reina en el espíritu de la muger después de una exacta confirmación, aun cuando la adquiera á priori, y de aquí que ellas sean los verdaderos sábios cuando llegan á hacerse ilustradas (Ibidem, p.130).

Há também razões que buscam centrar-se na diferença entre os sexos, tal como a que vemos na argumentação feita por L. R. y P., que atribui às mulheres uma maior sabedoria e sensibilidade resultante de uma natureza amável e íntegra. Para o articulista, elas atuam majoritariamente com pudor, e não com violência, o que as torna seres mais admiráveis. Citamos:

Bajo el aspecto aspecto moral difieren también muy mucho el hombre y la muger, porque el primero es duro, desprovisto de una exquisita sensibilidad y se violenta muchísimo si trata de modificar sus relaciones con la muger. Esta, por el contrario es naturalmente dulce, sensible, equitativa, amorosa, y guarda el vigor de sus facultades con un pudor que la hace mas interesante (Ibidem, p.130).

Mesmo sendo *La Educanda* uma publicação de caráter católico e conservador, conseguimos perceber nela a presença de discursos mais maleáveis, como o que encontramos no artigo “Importancia de la muger en el progreso de la civilización”, escrito por L. R. y P., cujo nome completo não fora possível identificar em razão do uso das iniciais.

O tom eloquente e imperativo com que L. R. y P reivindicava uma educação sólida, que permitisse o aprimoramento do espírito e o desenvolvimento das competências femininas, desconsideradas por uma mentalidade que ainda apresentava a mulher como ser frágil por natureza e intelectualmente inferior, é contagiante. E para melhor ilustrá-lo, nos pareceu interessante citar o seguinte fragmento:

Tiempo es ya de que la muger concurra á la obra perfecta de la civilización. Edúquesela convenientemente: no se la niegue ninguno de los médios que reclama su condicion para el cultivo de la inteligência y la rectitud del espíritu; y rotas las trabas que se han opuesto al desenvolvimiento de su capacidade y aptitud, entre debidamente preparada en la vida social, donde le reserva um papel tan importante. De este modo tendrá su realización cumplida la doctrina del Cristianismo, á la que no satisface esa emancipación limitada, á romper el yugo de la esclavitud en el recinto del hogar doméstico... (Ibidem, p.131).

Tivemos idêntica impressão com as palavras finais de L. R. y P, ao apresentar uma nova realidade para mulher que não estava, necessariamente, condicionada às suas funções primordiais, maternidade e cuidado domésticos, impostas de forma arbitrária pela opressora sociedade patriarcal da época. Essa perspectiva faz do artigo um texto demasiado significativo, já que reconhece o direito da mulher, devidamente educada, atuar mais além do âmbito privado. Vejamos como se encerra o texto:

[...] y luego que su ilustración y experiência la deje salir de las funciones de maternidade y los cuidados domésticos á que se la tiene reducida por una odiosa tiranía, se reconocerá facilmente el derecho que existe en ella á intervenir en los actos todos de la vida privada y pública. Esta será la obra de una educación bien entendida, único médio de alcanzar el progreso verdadero de la civilización moderna (Ibidem, p.131).

No artigo “La mujer en la sociedad”⁴³, publicado na segunda fase de *La Educanda*, o historiador Antonio Pirala também tratará do importante papel desempenhado pela mulher no progresso da sociedade espanhola, principalmente por atribuir ao sexo feminino a responsabilidade de educar e orientar, com base em valores morais e religiosos, as gerações futuras. Não obstante, o estilo adotado por Pirala será menos entusiasta que o de L. R. y P no que se refere à integração da mulher nas esferas públicas e privadas. Aproximou-se mais do tom conservador e católico empregado por inúmeros articulistas empenhados a enaltecer a figura da mulher espanhola, relacionando-a uma imagem acentuadamente sagrada e sublime, em especial pela dádiva que lhe fora concedida por Deus: a maternidade. Vejamos:

Bella flor en su niñez y juventud la mujer, que deleita la sociedad como aquella los jardines, sus frutos luego la enaltecen.
Encanto y base de la familia, reguladora de las costumbres, fundamento de la sociedad, ocupa entonces como madre el lugar mas importante, mas sublime y mas sagrado (Ibidem, p.2).

⁴³*La Educanda*, 8 de dezembro de 1862, p.2-3.

A construção dessa imagem idealizada da mulher, em que são destacadas a beleza, a virtude e o grande protagonismo do sexo feminino na sociedade devido ao dom da maternidade, foi intencional. Com ela, Pirala pretendeu chamar atenção das leitoras de *La Educanda*, em especial das mais jovens, para o cumprimento de suas obrigações, sobretudo, familiares.

Almejou, a nosso ver, reforçar o elo existente entre a mulher, a casa e a educação dos filhos, e para isso, utilizou um discurso figurado, carregado de comparação: “á la madre de familia se la estudia y la conoce en la familia y en la casa, como al autor en sus obras” (Ibidem, p.2) e de metáfora: “El hogar es su campo de acción, el teatro de su vida; para el que crea los personajes, y les enseña, no lo que han de fingir, sino lo que han de hacer, porque allí las escenas son verdade” (Ibidem, p.2), na intenção de fazê-las compreender, a partir de exemplos representativos, o relevante papel de educadoras que deveriam exercer na sociedade.

Não obstante, o tom do discurso se agrava, a ponto de percebermos nas palavras do autor um visível repúdio às mulheres que contrariavam os ensinamentos bíblicos e renunciavam o cumprimento de seus sagrados deveres:

¡Infeliz de la que la oculte y la suplante con la mentira y el enredo! Depositada en la madre de familia la confianza del esposo, la autoridad y el mando para obtener cariño, consideración y respeto, lo pierde todo la que falte al mas mínimo de sus deberes, porque cada deber es una máxima tan preciosa como las del Evangelio, del que dimanar, como la Iglesia es la imagen de la esposa y de la madre (Ibidem, p.2).

Para Antonio Pirala, é a mulher e não o homem quem “da el primer alimento á sus hijos, que les enseña á balbuciar las primeras palabras, á dar los primeros vacilantes pasos, forma su corazón, crea sus sentimientos, arroja la semilla de los mas sagrados deberes, y tiene que irla conservando y cultivando” (Ibidem, p.3), e foi justamente por desempenhar essas tarefas, com acentuada maestria, que sua presença tornou-se tão necessária dentro da família e da sociedade espanhola.

Mais imprescindível ainda deve ser a presença da mulher na educação das filhas que, segundo o autor, bem instruídas e encaminhadas, se transformariam no reflexo das mães, que seguramente se alegrariam em “ver en el objeto de su amor, de sus cuidados, de sus desvelos, y aun de sus penas, la imagen de sus virtudes y de su nobleza, el encanto de la familia, el porvenir de la felicidad de otra” (Ibidem, p.3).

É sabido que os aspectos da sexualidade que estão sob o domínio do gênero são fundamentalmente determinados pela cultura, e essa condição levou Emilce Dio Bleichmar (1988,

p.29)⁴⁴ afirmar que a figura materna funciona na sociedade como uma espécie de “agente cultural”, uma vez que o sistema de significações será inicialmente transmitido por intermédio de seu discurso. E mais tarde, pai, família e grupos sociais também contribuirão nesse processo.

Assim, a mãe que “guiando el corazón y el alma de su hija, ilustrando su entendimiento; que ha visto fructificar las semillas que arrojara; que no han sido desdeñados los ejemplos que diera, y que es reproducida en su hija, y vé continuada en ella cuanto enaltece á la familia (Ibidem, p.3), deveria orgulhar-se por dar como cumprida sua mais importante missão, perspectiva que traduz a orientação ideológica defendida por *La Educanda*, editada especialmente para educar a mulher e servir-lhe de meio para promover aos seus filhos uma educação de qualidade, fundamentada em princípios e valores católicos.

O reinado de Isabel II tornou-se um dos períodos mais complexos e turbulentos do país no século XIX. Os intensos processos de mudança política e o expressivo descontentamento dos diversos setores: populares, políticos e militares, com o regime monárquico espanhol possibilitaram as condições necessárias para a realização da Revolução Gloriosa (1968), um levantamento revolucionário que acarretou no destronamento da rainha Isabel II e o seu consequente exílio do país.

Após o afastamento da monarca, consolidou-se na Espanha um período denominado Sexênio Democrático (1868-1874), cujo principal objetivo era estabelecer um sistema de governo revolucionário. Nesse período, o país vivenciou três grandes conflitos: a guerra carlista, a sublevação cantonal e a guerra cubana, que segundo Angel Bahamonde, no texto “El Reinado de Amadeo I”⁴⁵, condicionou, a partir do exterior, o devir político do Sexênio. O auge democrático ocorreu entre 1869 e 1870, porém, neste mesmo ano, os espanhóis começaram a constatar certas restrições dos princípios democráticos estabelecidos por *La Gloriosa*, sobretudo, depois que as novas Cortes decidiram reintroduzir a monarquia no país, indicando Amadeu de Saboya como o mais novo rei espanhol.

Para Bahamonde, a história do reinado de Amadeo I (1870-73) foi a história da perda progressiva de suas frágeis bases sociais e políticas. O breve período de regência do monarca deu sequência à instabilidade política dos outros regimes, especialmente se consideramos, nesse curto espaço de tempo, a ocorrência de eleições gerais a Cortes e a sucessão de seis gabinetes ministeriais. Esse cenário conturbador acabou dificultando a implantação de uma monarquia

⁴⁴ BLEICHMAR, Emilce Dio. *O feminismo espontâneo da histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

⁴⁵ BAHAMONDE, Angel. “El reinado de Amadeo I”. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://www.artehistoria.jcyl.es/v2/contextos/7011.htm>

democrática que, por não obter os resultados esperados, não contou com a adesão da maioria da sociedade espanhola da época.

No dia 11 de fevereiro de 1873, as Cortes proclamaram a República como forma de governo na Espanha, através de uma votação que resultou em 258 votos a favor e 32 contra. Nesse contexto, a República surge como o caminho ideal para definitivamente pôr em prática os postulados da Revolução de 1868. No entanto, apesar da significativa vitória, Angel Bahamonde, no texto “Las Repúblicas de España”⁴⁶, comenta que não é possível afirmar que a Primeira República Espanhola “representó un viraje sustancial en el transcurrir del Sexenio democrático, ni un punto de inflexión que cambiara el orden y las piezas del rompecabezas histórico español”, especialmente por ter constatado haver mais continuísmo que ruptura, mais reformismo que radicalização revolucionária e, por fim, mais de solução de urgência que, propriamente, de projeto alternativo global. Para o historiador, a República Espanhola deve ser compreendida, portanto, como uma saída lógica de um processo democrático, de frágeis bases de sustentação, que se encontrava em um “callejón sin salida”.

Por estar a imprensa do séc. XIX indissociável das questões políticas experimentadas pelo país, observamos que, desde a Revolução de Setembro, houve um significativo desenvolvimento das atividades jornalísticas, o que culminou na aparição de diversos jornais e revistas, em especial das satíricas e literárias: “Trescientas nuevas publicaciones ven la luz en el transcurso de los veintisiete meses que separan el Gobierno Provisional de la Coronación de Amadeo de Saboya (1868-1870)” (MARRADES, 1978, p.109), e também na desapareição de muitos deles que, em razão da inexpressiva audiência, tiveram uma breve existência.

Entretanto, é preciso assinalar que essas publicações direcionavam-se a um público leitor bem específico— os aristocratas, os funcionários públicos, os políticos e a burguesia instruída— uma vez que o número de analfabetos no país era expressivo, ao ponto de em determinadas províncias espanholas chegar a ultrapassar quase 80% da população: “En 1860 solamente uno de cada cuatro españoles sabía leer, y en algunas provincias el analfabetismo sobrepasaba el 80 %” (Ibidem, p.109).

A população espanhola chegou ao final do século XIX com índices de instrução inferiores a maior parte dos países europeus, e mais alarmante ainda era a condição da mulher. Em 1870, ano em que pela primeira vez se outorgou a permissão para a publicação de revistas de orientação protestante e livre-pensadora (Ibidem, p.109), apenas 9,6 % delas sabiam ler e escrever, situação que, por sua vez,

⁴⁶ BAHAMONDE, Angel. “Las Repúblicas de España”. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://www.artehistoria.jcyl.es/v2/contextos/7017.htm>

não impediu o auge e o desenvolvimento da imprensa feminina no país, nem tampouco o surgimento de diversas vozes femininas que se consagraram como jornalistas e literárias. E foi dentro desse contexto que nos pareceu interessante assinalar a importância da revista *La Ilustración de la Mujer: Revista quincenal, órgano de la Asociación Benéfica de Señoras 'La Estrella de los Pobres'*⁴⁷, fundamentalmente por ela surgir num momento histórico em que se passou a priorizar uma visão mais humanista da vida e do mundo.

A revista, inicialmente fundada e dirigida por Concepción Gimeno Flaquer e, mais adiante, por Sofía Tartilán, que também atuara como secretária da Associação Beneficente, foi dedicada não só à educação física, intelectual e moral da mulher, como também à caridade, à justiça e à proteção mútua. Por defender com entusiasmo e seriedade esses valores, a renda arrecadada com as assinaturas da publicação foi revertida para obras sociais, mais especificamente para a construção de instituições de ensino gratuitas para meninas de classes menos abastadas, tal como assinala a informação presente logo abaixo do título da revista: “Los productos de las suscripciones de esta revista se destinarán á la creacion de escuelas gratuitas para niñas pobres”.




⁴⁷ As edições da revista *La Ilustración de la Mujer* encontram-se disponíveis no site: <http://hemerotecadigital.bne.es/details.vm?lang=es&q=id:0003692627>

Além dos artigos críticos e doutrinários, de caráter reformista e emancipador, sobre a tradicional educação da mulher, a educação popular e o trabalho feminino, escritos principalmente por Tartilán, a revista *La Ilustración de la Mujer* também inclui outros conteúdos: narrações curtas, poemas, traduções, bibliografias, biografias de notáveis figuras femininas, artigos de história, uma revista de teatro e uma série de anúncios, localizados na última página da publicação, o que, sem dúvida, muito contribuiu para a manutenção da publicação, já que esse tipo de propaganda despertava a atenção e o interesse do público leitor, majoritariamente feminino.

Na <<Seccion de anuncios>>, encontramos uma variedade de produtos, quase todos voltados para a saúde e a beleza de homens e mulher, tais como o óleo de bolota com sávia de coco, ideal para a cura do reumatismo. Vejamos a propaganda (*La Ilustración de la Mujer*, 31 de maio de 1875, p.416):

PROVEDOR DE SS. AA. RR.

INFALIBLE CURACION DEL REUMATISMO.



El maravilloso *Acetate de bellotas con sávia de coco*, recomendado por médicos de todos los sistemas y 800 periódicos, lo cura en pocas horas con sólo friccionar-se, mejor y más barato que todos los remedios conocidos hasta el día. Jardines, 5, Madrid, y en 2.500 boticas, droguerías y perfumerías. Precios. 6, 12 y 18 rs. frasco, con mi busto, prospecto y etiqueta rizada, porque hay falsificadores. Pedidos al Inventor, L. de Brea y Moreno. (Valor de dos cuartos basta á veces.)

O produto, segundo o anunciante, destacava-se por ser recomendado não só por especialistas de diversas áreas da medicina como também por 800 periódicos, informação que, a nosso ver, visava garantir a qualidade e a credibilidade da mercadoria anunciada pelo fabricante. Outra vantagem do produto era o fato dele poder curar em <<pocas horas con solo friccionarse>>. Segundo o elaborador, isso o tornava o melhor de todos os remédios disponíveis, na época, no mercado. Destacava-se também por ser o mais acessível deles, aspecto extremamente atrativo e proveitoso para os consumidores que não precisavam gastar muito para obtê-lo. Além de apresentar os benefícios do produto, a fim de convencer o público a consumi-lo, o anunciante fez também uma interessante advertência. Ele alertou que o frasco do remédio deveria conter as seguintes características: busto do inventor, o Sr. L. de Brea y Moreno, e o prospecto e a etiqueta listradas, comentário que explicita a tentativa de combater a prática ilícita da falsificação, através da conscientização dos leitores.

Deparamo-nos também com anúncios de cosméticos que buscavam ressaltar a beleza, sobretudo, das mulheres, como é o caso da propaganda que anunciava os pós de morango, rosa e ambrósia para a face que, segundo o anunciante, embelezavam as cútis das senhoras como nenhum outro artigo de toucador conhecido. Vejamos o anúncio (*La Ilustración de la Mujer*, 31 de maio de 1875, p.416):

POLVOS PARA EL ROSTRO.

No más tinturas voluptuosas ni blanco de cera para la cara. Los inimitables, inofensivos y baratísimos polvos de fresa, rosa y ambrosía, blanquean y embellecen el cutis de las señoras como ningún otro artículo de tocador conocido.

Son admirables para artistas líricos, coreográficos y dramáticos por su adhesión y permanencia en la piel.

Se usan solos o haciendo con ellos una nata con crema de nieve que vendemos á 6 y 12 rs. bot y 2 rs. onza, y el resultado es precioso.

Precio: 4 y 8 rs. frasco blancos y 6 rs. rosados; 25 por 100 de descuento por mayor. Jardines, 5, y en 900 perfumerías. Inventor acreditado. Almacén de aceite de bellotas.

Nele, o anunciante buscou reforçar as diversas qualidades do produto, na intenção de apresentá-lo como a melhor e mais atrativa opção do mercado. Daí o uso proposital de adjetivos que valorizavam e enobreciam a mercadoria anunciada: <<inimitables>> e <<admirables>>. Ele propôs algo novo: uma aparência mais bonita e menos agressiva, bem diferente das que proporcionavam as tradicionais <<tinturas voluptuosas>> e as artificiosas ceras brancas para o rosto. Outro aspecto interessante é o tipo de público a que se estende o produto. Ele não se encontrava destinado apenas para as damas, mas também para os <<artistas líricos, coreógrafos y dramáticos>> que, em razão de seus ofícios, necessitavam de um produto que lhes garantisse uma maior e mais fácil adesão e permanência na pele. E, por fim, não poderíamos deixar de comentar a questão do preço dos, como bem assinala, <<baratísimos polvos>>, que, para melhor atrair os consumidores, chegavam a ser oferecidos pelo anunciante com vinte por cento de desconto nos frascos maiores maiores.

Encontramos também outros tipos de anúncio, igualmente voltados para um público misto, como é o caso das propagandas de tintas coloridas e preciosas (*La Ilustración de la Mujer*, 31 de maio de 1875, p.416), do jornal científico, artístico e literário *El semanario Gaditano* (Ibidem, p.416), da revista semanal *El museo* (*La Ilustración de la Mujer*, 15 de junho de 1875, p.424), de interesses gerais,

artes e ciências, e da revista catalã *El Ramillete* (Ibidem, p.424), publicação quinzenal de ciências, literatura e artes, que, com isso, buscavam conquistar um número cada vez maior de assinantes. Vejamos:

PROVEEDOR DE SS. AA. RR.

PARA ESCRITORIO.

TINTAS DE COLORES PRECIOSOS.

Violeta, 5 rs. frasco de 8 onzas.
Azul cielo Alemania, 5 rs.
Verde esmalte, 6 rs., id.
Rojo púrpura, 5 rs., id.
Negra azabache fijo, 4 rs., id.
Negra anglo-alemana, 4 rs., id.
Frasquitos pequeños, á 1 y 2 rs.
Agua quita-manchas de tinta, 2, 4 y 8 rs.
Jardines, 5, Madrid, L. B. y Moreno, inventor.

EL SEMANARIO GADITANO

MÉDICO CIENTÍFICO, ARTÍSTICO Y LITERARIO.

Se publica en Cádiz cuatro veces al mes.
Pedro Conde, núm. 1, y Novena, 6.

la usan las señoras antes de ponerse los paños de boca
biancos del mismo autor. de 4 y 8 rs. bote. velupinas ó
otros que más les agraden.

EL MUSEO

REVISTA SEMANAL DE INTERESES GENERALES. ARTES
Y CIENCIAS.

Se publica en Málaga. — Precio 4 rs. al mes. Pro-
vincias tres meses 14 rs.

EL RAMILLETE

REVISTA QUINCENAL DE CIENCIAS, LITERATURA Y ARTES.

Se publica en Barcelona los días 15 y 30 de cada
mes. — Precio de suscripción: Barcelona un trimestre
8 rs. Provincias 9 rs.

Segundo as informações disponíveis na página da Hemeroteca Digital da BNE, estima-se que o primeiro número da revista *Ilustración de la Mujer* tenha sido publicado em junho de 1873 e o último em 1877, período que abrange o início da Primeira República e os primeiros anos da Restauração Monárquica.

Além das colaboradoras femininas, tais como Josefa Pool y Culpado, Emília Cale Torres, Natividade Rojas, Micaela de Silva, Mercedes Torta, Delfina Pool, Emilia Quinteto e Matilde Cherner—que em seus ensaios empregava o pseudônimo Rafael Luna—, a revista *La Ilustración de la mujer* também contou com a frequente participação de importantes nomes masculinos, dentre os quais podemos destacar: Javier Tort Martorell, José Estevan Bravo, Luis Montoto, Evaristo Escalera, Francisco Flores y García, Francisco del Pino e Ramón Campoamor. E para melhor tratar dessa publicação, mais especificamente da orientação ideológica adotada por ela, nos pareceu oportuno retomar o artigo intitulado “El trabajo”, redatado por Sofia Tartilán e publicado na edição de número 52, em 31 de maio de 1875, no qual ela propôs analisar se a mulher realmente dispunha de condições

para viver de maneira independente, por conta própria, sem que as necessidades, em especial as financeiras, a compromettesse e a direcionasse a uma vida repleta de amargura e miséria: “Lo que hoy servirá de tema al presente artículo es lo que, según nuestro juicio, encierra en sí el problema social que hace tanto tiempo se trata de resolver; esto es, si la mujer puede ó no vivir por sí misma, sin que las necesidades materiales de la vida la arrojen en la sima del vicio por la rápida pendiente de la miseria” (*La Ilustración de la Mujer*, 31 de maio de 1874, p.409).

No início do artigo, Tartilán comenta que um dos principais aspectos das teorias reformadoras foi o reconhecimento do ingresso feminino no mercado de trabalho espanhol. E foi partir dessas reformas- idealizadas principalmente por muitos utopistas que ambicionavam a emancipação da mulher- e das diversas transformações políticas, econômicas e sociais sucedidas, nos últimos anos, no país, que a mulher conseguiu romper com a intransponível barreira, até então, imposta pela sociedade patriarcal, e finalmente adentrar em esferas antigamente ocupadas pelos homens. No entanto, afirma que esse tão batalhado e custoso ingresso das mulheres no mercado de trabalho não atendeu às expectativas esperadas, pois lamentavelmente não as favoreceu, nem tampouco as proporcionou uma significativa melhora na qualidade de vida delas. Vejamos: “Hoy la mujer encuentra en las grandes fábricas ocupaciones que hace algunos años explotaban sólo los hombres; pero ninguna de las condiciones en que se han llevado á cabo estas reformas favorece ni mejora la clase de la mujer obrera” (Ibidem, p.409).

Sofía Tartilán foi contundente em assinalar que a entrada das mulheres nas indústrias não obedeceu, por nenhum momento, a um fim humanitário, cuja missão deveria proporcionar-lhes os meios adequados delas poderem alcançar a subsistência de maneira digna, honesta. A autora evidenciou-nos que esse ingresso foi consentido e inclusive estimulado pelos grandes empresários de diversos setores da economia porque ele vinha ao encontro dos interesses dessa seleta e privilegiada elite, que muito se beneficiava pelo fato de a mão de obra feminina ser infinitamente menos dispendiosa que a masculina. E foi visando os lucros, os rendimentos, que o empresariado espanhol não só reconheceu como também fomentou o trabalho das mulheres, especialmente nas indústrias. Vejamos a crítica empreendida por Tartilán a esse <<fin egoísta>>:

[...] la innovación de introducir brazos femeninos en los talleres no ha obedecido á un fin humanitario, cual debía ser el de proporcionar á la mujer los medios de procurarse la subsistencia de un modo decoroso, sino al fin egoísta, de obtener resultados ventajosamente productivos para los dueños de las fábricas y talleres, que han visto el modo de tener el mismo producto de trabajo con menos desembolso, de aquí que, léjos de remediar el mal, éste haya crecido y crezca cada dia (Ibidem, p.409).

Em “El trabajo”, a articulista não hesitou em criticar as precárias condições do trabalho feminino e a exploração da mão de obra da mulher no país, devido à remuneração inferior recebida por elas, o que as impedia de viver com dignidade. Sofía Tartilán fez questão de apresentar aos leitores de *La Instrucción de la Mujer* a injustiça cometida pelos gananciosos empresários espanhóis que tratavam de forma desigual o trabalho desempenhado pelas operárias, “llevado á cabo con la misma perfeccion que lo hacian antes los hombres en aquellas manufacturas” (Ibidem, p.409-410). A crítica recaiu diretamente sobre eles que, por alimentar essa disparidade, acabaram contribuindo para a miséria desoladora dessas mulheres— muitas delas mães que, em razão do trabalho, eram obrigadas a abrir mão da educação dos filhos— que passavam longas horas de permanência nas fábricas, o que, no final do mês, lhes rendiam um salário precário que mal permitia saldar as despesas mais básicas da casa, como a alimentação. Observemos:

[...] con una injusticia visible, repetimos, se retribuye mucho más bajo que cuando lo ejecutaban brazos masculinos. Ahora bien: ¿á quién aprovecha, pues, el que la mujer haya encontrado entrada en los talleres? No es seguramente á ella que, consumiendo su vida en un trabajo asiduo y constante, no alcanza ni aun con penuria á cubrir sus más apremiantes necesidades; no es á la madre de familia, que tiene que abandonar el cuidado de sus tiernos hijos para encerrarse en una fábrica diez horas cada día, y aun así no puede llevarles pan en abundancia (Ibidem, p.410).

Diante dos fatos, Tartilán mostrou-nos que não foi possível vislumbrar vantagens e benefícios imediatos para as mulheres operárias com a entrada delas no mercado de trabalho, tais como os que foram previstos pelas teorias reformistas que predicavam a verdadeira emancipação e a valorização do sexo feminino. Por se encontrarem submetidas ao despótico poder dos patrões, elas continuaram escravizadas e sofrendo com a marcante desigualdade de gênero ainda vigente na sociedade espanhola do séc. XIX, que as impedia de ter os seus direitos devidamente reconhecidos e respeitados. Em contrapartida, a articulista assinalou que “las reformas sólo han aprovechado á los espectadores” (Ibidem, p.410), ou seja, favoreceram expressivamente os empresários que:

[...] prontos á sacar provecho de todo, acogieran las ideas vertidas un día y otro por los reformistas, por las que pedían con la mejor buena fe trabajo para la mujer, para que esta fuese libre y pudiera vivir honrada en su aislamiento ó ayudar á su esposo y á sus hijos, abriendo sus talleres, recibieran en ellos á la mujer; pero con la miserable condición de que su trabajo sería despreciado por más perfecto que fuese (Ibidem, p.410).

Assim, evidenciou-nos que o trabalho das mulheres estava sendo objeto das mais inadmissíveis e escandalosas explorações. Com o argumento de atuarem movidos por princípios e valores filantrópicos e morais, esse empresariado contratava estrategicamente a mão de obra feminina objetivando não um fim humanitário, mas sim um significativo enriquecimento a partir dos baixos salários pagos a essas trabalhadoras que passaram a atuar massivamente nas indústrias têxtil, alimentícia e outras mais, antes ocupadas pelos homens, tal como podemos observar no fragmento abaixo:

Los hilados, los tejidos, la preparación de conservas alimenticias, la iluminación de países para abanicos, la cestería, el ramo de agujas y alfileres, la fabricación de cajas para fósforos, los fósforos de cartón, el cordaje de navios, la fabricación de redes de pescar, la limpia del azúcar y el cacao y otras muchas industrias que en este momento no recordamos, las ejercían antes los hombres, y por más que no fuera con grandes jornales, eran sin embargo más que el doble de lo que hoy se da á las mujeres por el mismo trabajo y por igual número de horas empleadas en él: estando además probado que no sólo lo ejecutan con igual perfección, sino con mejor en algunos casos... (Ibidem, p.410-411).

Nele, vemos uma importante prova da desigualdade de gênero comentada pela escritora. Os homens, por iguais ofícios e horas trabalhadas, ganhavam simplesmente o dobro do era recebido pelas mulheres operárias, aspecto injustificável para diretora da revista *La Ilustración de la Mujer*. Tartilán afirmou que as trabalhadoras desempenhavam os seus serviços e atividades com o mesmo preciosismo e empenho que os companheiros, e, em alguns casos, até melhor que eles, “por ser la índole de ciertas faenas más á propósito para las condiciones de minuciosidad que forman parte del carácter femenino” (Ibidem, p.411), argumento que por si só combate essa discrepante e injusta distinção feita pela elite empresarial espanhola e pelas instituições de poder que, em função de uma série de interesses econômicos e políticos, consentiam com essa prática discriminatória no mercado de trabalho.

A autora– inconformada com a escravidão e a miséria forçosamente experimentadas por muitas operárias espanholas– se proclamou nitidamente contra elas, de forma a reivindicar uma nova atitude por parte desses empresários que inescrupulosamente constituíam incalculáveis fortunas com “el sudor de esas infelices, que no son inferiores en nada á sus bellas esposas y á sus delicadas hijas” (Ibidem, p.411). Essa lastimável realidade apresentada por Sofia Tartilán, no artigo intitulado “El trabajo”, felizmente não emudeceu a voz dela. Na edição de n.53 da revista *La Ilustración de la Mujer*, publicada no dia 15 de junho de 1875, a articulista regressou, no artigo intitulado “El trabajo II”, a discussão sobre a exploração trabalho feminino, apresentada em “El trabajo”, objetivando reafirmar, a partir de novos argumentos, que o acesso da mulheres nas grandes fábricas e a participação delas no

mercado de trabalho não lhes proporcionou oportunas vantagem. Vejam: “Decimos en el artículo anterior, que los adelantos tan decantados que se refieren á la entrada de las mujeres en las grandes fábricas y á la participación que hoy tienen en el trabajo, no les trae ninguna ventaja positiva, y vamos a tratar de probarlo” (*La Ilustración de la Mujer*, 15 de junho de 1875, p.417).

Novamente atribuiu aos donos de empresas a responsabilidade pela condição deplorável das operárias. Tartilán persistiu em acusá-los de atuarem inescrupulosamente, visto que eles visavam um acelerado enriquecimento a partir da exploração do trabalho dessas mulheres, indevidamente remuneradas pela intensa jornada de trabalho. E foi justamente dessa remuneração inferior e precária recebida pelas trabalhadoras que a autora procurou tratar em seu texto, a fim de mostrar aos leitores da revista dirigida por ela o grande equívoco cometido pelos empresários que, cinicamente, aparentavam atuar de boa fé, alegando favorecer “á la mujer obrera ocupándola, mientras lo que hacen es aprovecharse de su trabajo pagándole á menos precio, abusando hasta el infinito de la miseria, y convirtiendo en oro el sudor de las infelices” (Ibidem, p.417).

Para corroborar a necessidade de salários mais dignos, um dos aspectos a ser considerado por Tartilán foi o fato de o elevadíssimo custo de vida impossibilitar uma estabilização da saúde financeira das operárias espanholas. Apesar do significativo desgaste, tanto mental como físico, proveniente das longas horas de permanência no trabalho, a remuneração recebida por elas não era suficiente para que pudessem viver com respeito e dignidade. Vejam o comentário feito por Sofía sobre a <<vergonzosa explotación>>, vangloriada pelos patrões que constituíam patrimônio à custa do abuso do trabalho feminino, e sobre o alto custo de vida, explicado pelos exagerados preços dos aluguéis, dos financiamentos e das manufaturas, inclusive dos produtos de necessidades básicas, dos quais nenhum ser humano poderia deixar de ter acesso:

Los géneros fabriles alcanzan hoy un precio mucho más alto relativamente á su valor intrínseco. Los artículos de primera necesidad están casi todos fuera del alcance de la pobre obrera por su carestía. Las habitaciones tienen un alquiler subidísimo y condiciones de fianza en numerario casi siempre imposible de llenar para los pobres, y cuando todas estas causas se reúnen para agravar la precaria situación de las obreras, los jornales son tan mezquinos como en un principio, y la vergonzosa explotación continúa, y lo que es más triste, continúan los explotadores cantando sus propias alabanzas (Ibidem, p.417).

Sofía Tartilán mencionou que outro aspecto a contribuir para a precária condição da mulher obreira na Espanha foi o valor que se atribuiu ao luxo que, segundo ela, “puede considerarse, mientras no se desborda, como una de las fuentes de riqueza pública” (Ibidem, p.418). Comentou que, ao invés

dele favorecer o trabalho feminino, acabou piorando as suas condições, acirrando, assim, as desigualdades existentes entre as classes que podiam e as que não dispunham de capital para consumir. Para Tartilán, a necessidade de se manter as aparências, em outras palavras, esse <<falso brillo>>, acabou substituindo “el valor intrínseco de las cosas con el valor relativo, que aumenta o disminuye segun el capricho de la moda” (Ibidem, p.418), e o efeito dessa política especulativa, própria do capitalismo, para as trabalhadoras espanholas foi, sem dúvida alguma, desastroso. Elas não só continuaram ganhando pouco, como também permaneceram excluídas desse mercado de consumo-aquecido desde os primórdios da Revolução Industrial.

Por rechaçar essa opressora condição vivenciada pelas operárias na Espanha, que longe estava de ser justa, lógica e, muito menos, humanitária, Tartilán criticou novamente a postura adotada pelos grandes empresários que levantaram “suntuosos edificios de fortuna con las piedras alegadas por los brazos de la miseria” (Ibidem, p.418). Segundo a escritora, isso inviabilizou a existência de um harmonioso equilíbrio social, uma vez que este que jamais poderia ser obtido a partir da consentida exploração do trabalho do mais pobre, do necessitado.

Assim como no artigo “El Trabajo”, publicado na edição anterior da revista *La Ilustración de la Mujer*, Sofia Tartilán, em “El trabajo II”, novamente levantou sua voz em defesa das mulheres operárias, classe tão numerosa como digna, e da qual se originavam as honradas mães de família, responsáveis, como vimos, pela educação dos filhos, futuros cidadãos espanhóis. Nele, reafirmou que o trabalho da mulher deveria ser retribuído em seu verdadeiro valor, “sin que se tenga en cuenta para nada los brazos que lo desempeñan” (Ibidem, p.418). E por acreditar que “la moralidad en las costumbres depende directamente de las condiciones materiales en que se encuentra la clase obrera, y siendo la mujer en la familia la piedra angular” (Ibidem, p.418), tratou de chamar a atenção para uma urgente melhoria das condições materiais da trabalhadora espanhola, sobretudo, na tentativa de afastá-la da prostituição, em outras palavras, do <<vicio horrible>>, que conduzia inúmeras mulheres a uma vida errante, fútil e vazia de valores.

Acreditava que a má remuneração feminina fazia com que muitas delas buscassem na prostituição os meios de satisfazer as necessidades e também o luxo que sua precária condição de operária as condenava a ver aquilo que necessitavam e desejavam apenas nas outras que detinham o poder de compra, e que jamais poderiam conquistar apenas com o esforço de seu trabalho. Já se elas dispusessem de um salário digno que lhes permitissem dar conta primeiramente das necessidades básicas e, esporadicamente, de algo tido pela autora como supérfluo, não teriam necessidade de

“levantar la vista tan alto, y cuanto menor fuera el desnível ménos envidia se alojaria en su corazón, hasta que concluyera por extinguirse tan pernicioso defecto” (Ibidem, p.418).

Com isso, observamos que Sofia Tartilán ambicionou convencer a sociedade de que era dever dela velar por essa classe tão numerosa e imprescindível para o desenvolvimento da economia do país e, conseqüentemente, para o progresso da civilização. E mais intenso e expressivo deveria ser o seu compromisso em garantir e conservar a virtude e a integridade da mulher trabalhadora para que:

[...] la joven que borda no se vea en la necesidad de ir constantemente llena de harapos; que la que se ocupa de hilados y tejidos no tenga siempre sus pobres vestidos rotos y viejos porque su trabajo esté mezquinamente pagado; que las muchas que confeccionan conservas y ricos manjares no tengan que comer sólo un pedazo de pan amargado por sus lágrimas; y en fin, que todas las pobres obreras no se vean condenadas á envidiar á las meretrices porque viven sin trabajar, mientras que ellas no pueden vivir trabajando, y entonces se habrá adelantos de los cuales tanto queremos envanecernos (Ibidem, p.419).

Retomando o contexto histórico da época, observamos que a notória instabilidade política decorrente da proclamação da Primeira República Espanhola tornou-se insustentável. E para combatê-la, as forças adversárias apoiaram, em janeiro de 1874, o golpe de Estado do general Pavía e a dissolução das Cortes Republicanas, o que resultou posteriormente na Restauração Monárquica, representada pela figura de Alfonso XII, filho de Isabel II. Com o regresso da monarquia borbônica, a liberdade de ensino instituída pela Revolução de 1868 foi imediatamente suprimida, especialmente após uma circular que recomendava os reitores a vigiarem o ensino ofertado nas instituições, na intenção de conter a propaganda de ideias contrárias ao dogma católico e à monarquia constitucional; e a publicação do Real Decreto de 25 de fevereiro de 1875, em que todos os professores deveriam apresentar às autoridades competentes os seus planos de estudo e os livros didáticos a serem adotados durante o ano letivo. Esse mesmo decreto foi responsável também pela expulsão de alguns catedráticos que se opuseram ao ensino escolástico e a visão tomista do mundo. Dentre eles, destacamos: Julián Sanz del Río, Nicolás Salmerón e Francisco Giner de los Ríos.

A arbitrária Lei de Instrução Pública, que combatia todo ensino que se contrapusesse aos dogmas católicos, representou uma grave violação do princípio de liberdade do ensino, uma das principais bandeiras do movimento krausista. O introdutor do Krausismo na Espanha foi Julián Sanz del Río que, em 1843, fora nomeado professor interino de Filosofia da *Universidad Central de Madrid*, sob a condição expressa de aperfeiçoar seus conhecimentos pedagógicos na Alemanha. Em território

alemão, Sanz del Río entra em contato com o ambiente intelectual, demonstrando um grande interesse, sobretudo, pela filosofia de Karl Christian Friedrich Krause (1781-1832).

Sanz encontrou em Krause o que nenhum dos outros filósofos oferecera a um espírito tão inquieto e profundamente religioso como o seu: a conciliação da religião com a ciência. O krausismo na Espanha passou a adquirir vida própria, adaptando-se “às necessidades intelectuais de seus protagonistas e, sobretudo, ao impulso religioso que o anima, assim como a tentativa de conciliação do mesmo com o avanço científico” (VIVES, 1999).

A partir dessa identificação, podemos dizer que a filosofia krausista apareceu para Sanz como uma resposta para todas as suas incertezas, o que decisivamente contribuiu para a implantação do movimento no país. E objetivando disseminar a filosofia krausista, a partir da introdução de uma moderna pedagogia racionalista, e promover uma verdadeira renovação didática através dela, os professores universitários Francisco Giner de los Ríos, Canalejas e Salmerón, fundam, em 1876, a *Institución Libre de Enseñanza*, a maior conquista do movimento.

É oportuno comentar que a fundação da instituição foi amparada pela Constituição de 1876 que previa não só o reconhecimento da liberdade de pensamento: “Artículo 13- Todo español tiene derecho: (1) De emitir libremente sus ideas y opiniones, ya de palabra, ya por escrito, valiéndose de la imprenta o de otro procedimiento semejante, sin sujeción a la censura previa”, como também a liberdade de ensino, uma vez que determinava que: “Artículo 12- Cada cual es libre de elegir su profesión y de aprenderla como mejor le parezca. Todo español podrá fundar y sostener establecimientos de instrucción o de educación, con arreglo a las leyes”.

Inconformados com o crítico estado do sistema educacional no país, os kraussitas reivindicaram uma nova concepção de organização universitária e uma nova função social para o ensino. Essa nova perspectiva educacional, os conduziu imediatamente ao questionamento da noção de instrução que, por sua vez, orientava todo o processo educativo. Empenharam-se não só em propor uma nova forma de pensar a aprendizagem e a relação com o saber, como também em definir tanto o lugar do professor como o lugar do aluno no interior das instituições de ensino, já não mais aceita por estes sujeitos que emergiam como produto de todas as transformações históricas pelas quais a sociedade espanhola e o mundo estavam passando (ABELLÁN, 1988, p.149)⁴⁸.

⁴⁸ ABELLÁN, José Luís. *Historia del Pensamiento Español*. Madrid: Espasa-Calpe, v. 5, Livro I, 1988.

No final do séc. XIX, constatamos que a ideia de “instrução” foi se tornando gradativamente obsoleta na Espanha pelo fato dela não ser compatível com as novas expectativas de ascensão social dos recentes grupos sociais que se formaram no país e que lutavam, nessa época, por uma preparação mais justa e apropriada, que atendessem às necessidades da emergente sociedade moderna. E foi, em oposição a essa antiquada visão de instrução, que os krausistas passaram a se posicionar a favor de um processo educativo fundamentado na “formação”, compreendida como uma nova maneira de aprendizagem, de transmissão e consumo do conhecimento (Ibidem, p.156), capaz de regenerar o homem e de criar, com isso, novos sujeitos.

Aos discentes da *Institución Libre de Enseñanza* foi ofertada uma educação liberal e científica, o que lhes permitiu o desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos. Por incentivarem um novo estilo na relação entre professores e alunos, o Krausismo muito motivou e incentivou os aprendizes a construir o conhecimento, não através de métodos defasados e ineficazes, mas sim por meio de uma lógica que priorizava o raciocínio e o senso crítico o que, de fato, contribuiu para a formação de um espírito altamente crítico e reflexivo.

E, dentro desse contexto, não poderíamos deixar de assinalar a importância atribuída ao livre arbítrio, que não se limitava apenas a questões relacionadas à religião, pelo contrário, foi estendido a diversas áreas do conhecimento, tais como a filosofia e a política. Assim, não existiriam dogmas nem ritos que não deveriam ser submetido ao espírito crítico e questionador do indivíduo, fato que muito preocupou os setores mais tradicionalistas aliados à Igreja Católica, que viram no movimento krausista uma grande ameaça ao equilíbrio e à hegemonia das instituições de poderes vigentes na Espanha.

Quando fundada, a *Institución Libre de Enseñanza*, a princípio, dedicava-se ao ensino do bacharelado e ao preparatório universitário, obtendo significativos resultados nas áreas acadêmicas. Não obstante, as dificuldades econômicas e a escassa procura pelos cursos superiores oferecidos por ela, contribuíram para o fechamento deles. A partir de 1879, a instituição passou a dedicar-se inteiramente aos ensinos primário e secundário. Também se destacou por promover uma série de cursos rápidos de divulgação científica— pensados e dirigidos às camadas populares— e por ter sido “matriz de uma diversidade de experiências de difusão de uma educação laica e popular, como a Associação para o Ensino da Mulher, o Museu Pedagógico, a Junta para Ampliação de Estudos e as Universidades

Populares” (DI PIERRO, 2000, p.235)⁴⁹, o que consagra o significativo papel desempenhado por elas nas esferas acadêmicas e sociais.

No início da década de 80, surge a revista *Instrucción para la mujer* (1882-1883)⁵⁰, publicação quinzenal fundada e dirigida por D. César de Eguilaz Bengoechea que, entre 1868-1869, dirigiu *El periódico de la infancia* (1868-1869). D. César também atuou como secretário das *Escuelas Normales Centrales de Maestros y Maestras* e da *Asociación para la Enseñanza de la Mujer* (1877), acompanhado de Fernando de Castro, associação da qual a revista se tornara órgão representativo. Vejamos: “(...) nuestra Revista ha sido declarada órgano de la *Asociación para la Enseñanza de la Mujer*, y que con este carácter publicará también en sus columnas la parte que podemos llamar oficial de dicha Institución” (*Instrucción para la mujer*, 1º de março de 1882, p.1).



⁴⁹ DI PIERRO, Maria Clara. “Evolução recente na da educação de pessoas adultas na Espanha”. Revista Educação & Sociedade, ano XXI, n. 72. Agosto/00. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n72/4201.pdf>

⁵⁰ As edições da revista *Instrucción para la mujer* encontram-se disponíveis no site: <http://hemerotecadigital.bne.es/details.vm?lang=es&q=id:0003749839>

Por reconhecer o papel da religião e da ciência nas consciências, *Instrucción para la mujer* estava inserida dentro do movimento liberal emancipador, distanciando-se, assim, da orientação ideológica defendida pela Igreja Católica e pelos setores mais conservadores. A principal proposta da publicação era contribuir para uma maior cultura da mulher espanhola, seja ela pertencente às classes aristocrata, burguesa ou operária, a partir da oferta de uma educação moral, intelectual e artística, especialmente pelo fato de ver a mulher como primeira educadora dos homens, em outras palavras, como uma figura de indiscutível para o progresso da sociedade:

El primer número de la INSTRUCCIÓN PARA LA MUJER, que hoy sometemos al examen y consideración del público ilustrado, dará una cabal idea de lo que ha de ser nuestra Revista, á la cual consagraremos toda nuestra atención y todos nuestros esfuerzos, á fin de que llene cumplidamente su objeto, que no es otro que el de dirigir por anchos y seguros derroteros la educación moral, intelectual y artística de la mujer (Ibidem, p.1).

No entanto, consciente da árdua tarefa da qual a publicação se propunha a realizar, César de Eguílaz nos evidencia, no editorial intitulado “Al público”, divulgado no primeiro número da revista, que, apesar das significativas dificuldades e desavenças, o seu projeto só se tornou possível porque pôde contar com a participação de importantes acadêmicos, em outras palavras, de <<personas doctas>>, que sensibilizadas com a nobreza da causa, auxiliaram e muito contribuíram para a fundação da publicação. Vejamos a declaração do editor:

Hace tiempo que veníamos acariciando la idea de fundar una Revista consagrada á contribuir á la mayor cultura de la mujer: nuestros propósitos, ya desde este instante en principio de realización, á ese fin van encaminados. Tarea es la que emprendemos de difícil desempeño, y hubiéramos desistido seguramente de llevarla á cabo, si nuestro pensamiento no hubiera sido acogido favorablemente y apoyado hasta con entusiasmo por personas doctas, que han venido en nuestra ayuda y nos han animado á realizarlo. (Ibidem, p.1).

É imprescindível comentar que muitos desses acadêmicos que colaboraram para a criação da revista *Instrucción para la mujer*, premiada na Exposição Pedagógica realizada, em 1882, na capital do país, encontravam-se vinculados à *Institución Libre de Enseñanza*, como Gumersindo de Azcárate e Manuel Ruiz de Quevedo. Também constam colaborações de importantes nomes como os de Pedro de Alcántara, Eduardo Ruiz García, Emilio Aguilera, Domingo Fernández Arrea, Julio de Eguilaz e os das escritoras Carmen Rojo Herráiz e Elvira Tamarit.

Com relação aos conteúdos, a publicação é caracterizada por abranger uma diversidade de assuntos. Nela, constatamos a presença de textos científicos, especialmente os de cunho pedagógico, e

literários (memórias, lendas, fábulas, romances, composições poéticas e traduções) com o objetivo de nutrir, de forma eficiente e produtiva, o entendimento das leitoras de diversas idades e classes sociais. Havia também artigos que versavam sobre legislação, história, artes e psicologia, além de referências a revistas estrangeiras que continham notícias de grande pertinência para o público feminino, visando reforçar a importância da proposta levantada pela revista: a de garantir a instrução para mulher. Citamos:

Artículos científicos y literarios discretamente combinados y que encierren verdades y doctrinas propias para alimentar con sano fruto el entendimiento de nuestras lectoras; composiciones poéticas de mérito indudable; revistas extranjeras en que se dé cuenta de todos aquellos adelantos de utilidad reconocida para la mujer, y toda clase de noticias de interés verdadero para la misma, tendrán cabida en nuestra publicación, en la cual podemos asegurar que tomarán parte profesores distinguidos, reputados escritores y aventajadas profesoras é institutrices.

E para melhor apresentar essa atrativa perspectiva ideológica adotada pela publicação, nos pareceu interessante considerar o artigo “La instrucción de la mujer y la educación del hombre”, de Gumersindo de Azcárate, pelo fato de o autor tratar nele da igualdade de direitos, sobretudo, os que garantiam a instrução à mulher.

Para Azcárate, “si la verdad y la justicia son el alimento del alma, como decía Fénelon, la mujer tiene derecho á que no se la prive de él” (Ibidem, p.1). O convincente argumento do poeta e escritor francês, cujas ideias liberais mantinham-se distantes das defendidas pela Igreja e pelo Estado no séc. XVII, vem ao encontro da concepção defendida pelo krausista, de que a mulher, assim como o homem, encontrava-se dotada de vida, de energia e de uma série de necessidades e inquietações intelectuais que, por sua vez, clamavam por “desarrollo y satisfacción, cosas que sólo puede proporcionarle la educación y la enseñanza, y sin las que es imposible que cumpla su destino racional en la tierra” (Ibidem, p.1).

Comenta também, e com um tom bastante otimista, que o visível temor e preocupação anteriormente manifestados por muitos que consideravam a mulher estranha a esta ordem de atividade, começaram a ceder, a abrandar, condição que, a nosso ver, pode ser explicada, sobretudo, pelo discreto ingresso da mulher nas universidades espanholas. A partir de 1873, algumas instituições de ensino superior começaram a reconhecer a presença de mulheres no corpo discente. Não obstante, é preciso assinalar que os procedimentos realizados por essas alunas diferenciavam-se expressivamente dos que eram solicitados aos homens.

O ingresso da primeira mulher em uma universidade espanhola ocorreu em 1872. A jovem catalã María Elena Maseras, a partir da autorização do Rey Amadeo I, consegue a permissão Real para cursar a Faculdade de Medicina da *Universidad de Barcelona*. Segundo Daniel Peña (2010), essa nova permissão:

[...] abría la posibilidad de cursar la carrera en régimen privado, pero no la facultaba para asistir a clase. No fue hasta 1875, por una valiente iniciativa del catedrático de Terapéutica Dr. Carbó, que María Elena fue admitida oficialmente a una clase universitaria, ocupando un asiento especial en la tarima junto al profesor. Al finalizar sus estudios en 1878 su título no la habilitaba para ejercer la Medicina⁵¹.

O caráter restritivo da autorização foi aclarado pelo fato de o *Ministerio de Instrucción Pública* delongar quatro anos para responder às alegações feitas em torno do reconhecimento do título. Para o jornalista de *El País*, houve um longo e caloroso enfrentamento entre as partes, e desse confronto resultou o parecer positivo do *Consejo de Instrucción Pública* que, em 1882, consentiu não só com os pedidos de María Elena Maseras, como também com os interpostos por Dolores Aleu, que havia concluído os seus estudos, um ano depois, na *Universidad de Barcelona*, para a expedição dos títulos que lhes facultavam o exercício da profissão de Licenciado em Medicina.

O ingresso das mulheres nas universidades espanholas, se comparado ao ocorrido em determinados países como os Estados Unidos e França— onde o feminismo encontrava-se em plena efervescência—, foi bastante tardio. Dados apontam que, entre 1882 e 1910 apenas 36 mulheres concluíram licenciaturas universitárias na Espanha e somente oito, sendo a primeira delas Dolores Aleu, conseguiram defender suas teses e obter o título de Doutor (PEÑA, 2010).

A revista *Instrucción para la mujer* também se ocupou dessa discussão, apresentando, na edição de n.21, publicada no dia 1º de janeiro de 1883, uma série de informações interessantes sobre “La instrucción superior de la mujer en España”. A partir de uma análise estatística realizada primordialmente para precisar o número de mulheres que, nos últimos anos, ingressaram nas universidades e nos institutos de ensino secundário, constatou-se que, apesar desse tardio ingresso, o número de mulheres matriculadas nesses estabelecimentos de ensino, entre 1872 a 1881, foi de 166. Também revela que nos primeiros quatro anos do decênio, “la matrícula no excedió de 9 alumnas; en el de 1876 llegó á 12; en el de 77 á 21; en el de 78 á 52; en el de 79 á 58; en el de 80 á 67, y en el de 81 á

⁵¹ PEÑA, Daniel. “Cien años con mujeres en la universidad”. Artigo publicado em 08 de março de 2010 no site do jornal *El país*. http://sociedad.elpais.com/sociedad/2010/03/08/actualidad/1268002812_850215.html

99” (*Instrucción para la mujer*, 1º de enero de 1883, p.328), dados que corroboram uma singela progressão.

E foi desse crescimento no ingresso das mulheres nas instituições espanholas de ensino superior e secundário que muitos krausistas conseguiram vislumbrar a existência de uma importante transformação social. Eles viram nesse número, ainda que simbólico se comparado à realidade de outros países da Europa e da América do Norte, o reconhecimento da sociedade que, finalmente, após tantos embates, passou a considerar o dever de ofertar a instrução superior à mulher e não mais restringi-la excepcionalmente ao público masculino. Vejamos: “Sólo el número de las 166 alumnas inscritas en las Universidades e Institutos, prueba que nuestra sociedad empieza á comprender el deber de que la mujer adquiere instrucción superior á la que tradicionalmente viene recibiendo” (Ibidem, p.329).

Muitos foram os pensadores krausistas que aplaudiram essa <<nueva y feliz tendencia>>, e Gumersindo de Azcárate foi um deles. O escritor, no artigo “La instrucción de la mujer y la educación del hombre”, realizou uma proclamada defesa da instrução feminina, pois acreditava ser a educação a principal ferramenta de transformação humana. E por conceber as mulheres como as principais responsáveis pela educação dos homens, comentou que deveria ser garantido a elas o acesso a todo conhecimento necessário capaz de promover a tão almejada melhoria do ser humano, o que, consequentemente, resultaria no progresso da sociedade. Vejamos o comentário feito por D. Gumersindo:

Es útil la obra de la instrucción de la mujer, porque la vida social es un inmenso organismo, cuyas partes se corresponden é influyen, y por lo mismo, procurar instrucción á la mujer, es poner en sus manos una palanca poderosa para que contribuya á la educación general, y mejorar la educación, ha dicho Leibruitz, es mejorar el linaje humano (*Instrucción para la mujer*, 1º de março de 1882, p.2).

A instrução feminina deveria estar a serviço do aprimoramento da humanidade. A partir dela, esperava-se formar mulheres cultas e inteligentes, capazes de transformar o mundo. Apesar de mostrar-se indiscutivelmente favorável ao ingresso da mulher a toda classe de estudos, é preciso comentar que Gumersindo de Azcárate posicionou-se contra aquelas que, em razão do conhecimento adquirido, se mostravam <<marisabidillas>>, pedantes e exibidas, comportamento insadmissível dentro da filosofia krausista, tão empenhada em aprimorar a nobreza dos sentimentos. Sua crítica também recaía sobre os homens que mantinham semelhante conduta e atitude na sociedade. Observemos:

Parece excusado decir que nada más distante de nuestro ánimo que *é* propósito de hacer de aquélla una *culti-lati-ni-parla*. Este tipo lo mismo se encuentra en el sexo masculino que en el femenino. Entre los varones también los hay bachilleres y parlanchines; también los hay que se apresuran, cuando toman una taza de té, á decirnos de dónde procede éste, cómo y cuándo vino á Europa, y, si uno dice que ha estado en Guadalajara, aprovechan la ocasión para revelarnos las palabras árabes de que se compone el nombre de esta ciudad. Pues de igual modo rechazamos la mujer marisabidilla: lo que queremos es la mujer culta (Ibidem, p.1-2).

Assim, vemos que a educação deveria centrar-se primordialmente na formação de mulheres a fim de torná-las sabias e evoluidas de pensamento, para, desta forma, poderem cumprir o tão nobre papel de educadora do homem e de reformadora da sociedade. No entanto, o pensador krausista advertiu que os efeitos dessa nova educação a ser ofertada às mulheres espanholas, ainda que fossem mais seguros e produtivos que os visíveis e materiais efeitos produzidos em uma guerra ou revolução, não seriam percebidos de forma imediata e efetiva, especialmente por se tratar de um processo gradativo, em outras palavras, de uma causa constante e lenta que demandaria tempo e dedicação, principalmente por parte dos profissionais engajados nessa importante missão de transformar a mulher pela ilustração, pelo conhecimento. Vejamos:

Los efectos de causas constantes, pero lentas, como la educación, no son tan visibles y materiales como los que producen una guerra o una revolución; pero son más seguros y más hondos. Por esto es deber de todos trabajar con fé inquebrantable en esta obra, aunque no nos toque recojer todo el fruto de nuestros esfuerzos; así como poner de manifiesto la utilidad de aquella para que cesen las preocupaciones que la dificultan, vengan todos en nuestra ayuda y se acelere el impulso dado tanto cuanto racionalmente podemos prometemos (Ibidem, p.2).

Outro aspecto relevante foi a distinção feita por D. Gumersindo entre os vocábulos <<instrucción>>, <<educación>> e <<enseñanza>>, no intuito de evitar a confusão feita por muitos de considerá-los sinônimos, desconsiderando, assim, as devidas peculiaridades de cada um deles. A propósito do primeiro, o autor afirma que a educação tem como objetivo o desenvolvimento das faculdades e energias da natureza humana, em devida proporção e de acordo com as suas próprias leis, a fim de chegar ao mais alto nível de atividade harmônica.

Por se ocupar especialmente dos sentimentos, das convicções, das vontades e do caráter do ser humano, ela está incubida de impulsar e desenvolver todas as capacidades e a atuação do homem na sociedade. E foi sob esse ponto de vista, que o autor conclui que a educação, além de ser o caminho que alcança a todos os elementos de nossa natureza, está longe de ser assunto próprio e encerrado de uma

determinada época de nossa existência. Ao contrário, segundo G. de Azcárate, ela se trata de um processo permanente que dura tanto como a vida.

Sobre a instrução, o autor posicionou-se de forma diferente. Afirmou que ela “se diferencia de la educación en que se refiere directamente al órden intelectual, y en que mientras ésta hace relación á las facultades mismas, aquélla expresa lo que ha de servir de alimento á un grupo de ellas, en cuanto nos procura la cultura en la esfera del conocimiento” (Ibidem, p.3). Daí, conclui que: “se educa el sentimiento, la voluntad y la inteligencia; pero la instrucción sólo á ésta se dirige” (Ibidem, p.3). E por fim, concebeu o ensino como um elemento que participa dos caracteres da educação e da instrução, atuando como uma espécie de “compuesto de ambas, en cuanto el que enseña, á la par educa é instruye” (Ibidem, p.3).

A pertinente distinção entre as palavras educação, instrução e ensino serviu principalmente de argumento para o escritor melhor comentar sobre a importância da <<instrucción>> da mulher para a <<educación>> do homem, o ponto central de seu artigo. Como é sabido, o krausismo priorizava o aperfeiçoamento do homem a partir dele mesmo, o que justifica o interesse por determinadas áreas do conhecimento, tais como a pedagogia e o direito que, sem dúvida alguma, muito o auxiliariam nesse processo de desenvolvimento interno. Essa significativa pretensão de aperfeiçoar o ser humano incluía também a mulher.

Para os partidários do Krausismo, essa nova mulher não nasceria de movimentos vociferantes, nem tampouco de conflitos violentos, pois a violência e os posicionamentos arbitrários feriam notoriamente a sensibilidade e os princípios krausistas, mas sim dentro das salas de aula de instituições que priorizassem uma nova perspectiva educacional e que reconhecessem a mulher como parte integrante da humanidade, aspecto que a tornava merecedora de todos os seus direitos. E por encontrar-se movido por esses valores foi que D. Gumersindo defendeu o nascimento dessa nova mulher espanhola, produto de uma moderna e inovadora concepção pedagógica de ensino que valorizava não só a formação e a instrução feminina, mas, sobretudo, o seu fundamental papel social. Com maior contundência, posicionou-se a favor da instrução para aquelas que estavam compromissadas com o magistério: as professoras. Pelo fato de as docentes necessitarem saber <<lo que ha de enseñar>> e <<cómo lo ha de enseñar>>, G. de Azcárate afirmou ser fundamental que elas conhecessem:

[...] el contenido de la enseñanza y el procedimiento para comunicarla y hacerla fructuosa, y ambas cosas se las suministra la instrucción: la primera, porque en el estudio de las distintas ciencias aprenderá lo que habrá de enseñar á las alumnas; la

segunda, porque el objeto de una de aquéllas, la pedagogía, es precisamente investigar los medios que conducen mejor á la realización de los fines que con la educación y enseñanza nos proponemos (Ibidem, p.3).

Dessa forma, se a educadora não disponibilizasse dessa instrução, desses conhecimentos e noções a propósito das ciências naturais, que motivam o educando a ter mais respeito pela natureza, pelas plantas e animais; das artes e literatura, que possibilitam educar o sentimento artístico do educando, iniciando nele a <<formación del buen gusto>>; das ciências morais, responsáveis por despertar e robustecer nos alunos o sentido do bem e a enérgica consciência do dever; da história, denominada, com razão, de <<maestra de la vida>>, por oferecer um arsenal de fato e exemplos; da pedagogia e da ciência, instrumentos combativos da alienação e da ignorância, ela não estaria apta para exercer, com excelência e competência, o seu tão significativo ofício, “cuyo desarrollo armónico y completo es su deber procurar” (Ibidem, p.3).

Para G. de Azcárate, que também chegou a ser reitor da *Institución Libre de Enseñanza* e da *Asociación para la Enseñanza de la Mujer*, presidente do *Instituto de Reformas Sociales* e político republicano, “la existencia real, en la actualidad, de ese desnivel (hombre-mujer) es efecto de la escasa instrucción que la mujer recibe en nuestra patria” (*Instrucción para la mujer*, 16 de março de 1882, p.20). E foi justamente em razão desse acentuado desnível cultural entre homens e mulheres que o escritor passou, em inúmeros de seus artigos, a chamar a atenção dos leitores de *Instrucción para la mujer* para a necessidade de “garantizar un proceso histórico con acciones que no crearan desventaja, que hicieran posible una igualdad de oportunidades, de posibilidades y de protagonismo a través de una mejor educación para las mujeres” (FLECHA GARCÍA, 1996, p.27).

Semelhante ponto de vista defende M. Atienza Servent, no artigo intitulado “Importancia del estudio de la naturaleza en la educacion de la mujer”, publicado no n°22, em 16 de janeiro de 1883. Nele, o ensaísta também reconhecia ser importante a iniciativa de se conceder às mulheres os conhecimentos adquiridos e desfrutados pelo sexo masculino, uma vez que elas eram as principais encarregadas da <<nobre y santa misión>> de educar os futuros cidadãos. Postulava que ao se educar uma mulher- não mais de através de uma educação superficial, pautada em saberes e conhecimentos deficitários e, muitas vezes, insignificantes, mas sim por meio de uma educação completa capaz de transformá-la e de enriquecê-la, acima de tudo, como ser humano- inevitavelmente se educaria bem o homem, argumento que reforça a causa pleiteada por muitos krausistas. Para Atienza Servent essa boa educação, além de propiciar os bons costumes e a formação dos setimentos do homem, deveria ser

compreendida como a principal responsável pela verdadeira felicidade, daí a sua importância para o aprimoramento da sociedade. Vejamos:

Vosotras, las madres de familia y á las que, por vuestra posición social, os está encomendada la noble y santa misión de la educación de las jóvenes, sabéis muy bien que, para formar al hombre, es menester primero formar á la mujer, porque, educando bien á ésta, se educa bien á aquel; la buena educación da por resultado las buenas costumbres, y las buenas costumbres disminuyen cierto género de necesidades, y proporcionan, en ultimo término, la verdadera felicidad. De aquí, naturalmente, se desprende que la mujer contribuye de un modo eficaz y poderosísimo á la formación de los sentimientos del hombre (*Instrucción para la mujer*, 16 de janeiro de 1883, p.341).

E atribuiu como inadmissível o fato de o homem, durante muitos anos, ter se proclamado como ser imperante e, com isso, ter propositalmente excluído a mulher do acesso aos diversos tipos de conhecimento, sobretudo, daqueles conteúdos fundamentais para o desenvolvimento da inteligência e de uma consciência crítica que, por sua vez, permitiriam o melhor desempenho de suas atividades:

Grave y grosero error fué, entre nosotros, en los tiempos pasados, el poner un especial cuidado en no instruir á la mujer, ó en instruirla, tal vez, en conocimientos subalternos; y gran desgracia os hoy tener que lamentar que aún no se ha dado á la educación del bello sexo toda la amplitud y desarrollo que requiere esa importante materia, y que reclama, de suyo, por sus trascendentales consecuencias (Ibidem, p.341).

Em suas palavras, fica visível o lamento e o repúdio do autor a essa instrução precária ofertada, em comum acordo, por diversas instâncias da sociedade patriarcal do séc. XIX, da qual as mulheres se tornaram as principais vítimas. M. Atienza Servent não mediu esforços para apresentar a mulher como figura imprescindível na educação de meninos e meninas, e por isso merecedora de conhecimentos que fizessem juz a missão dela de educadora.

Também se mostrou partidário do ingresso delas no mercado profissional, ao afirmar que: “[...] si desde sus primeros años se atendiese su educación, y se la dirigiese hacia una profesión ú objeto dado, como se hace con el hombre, brillaría como este en las artes y en las ciencias... (Ibidem, p.341). Essa nova mentalidade lhes garantiria o direito de exercer, com dignidade e competência, uma profissão e de atuar, assim como os homens, em áreas até então dominadas exaustivamente por eles, superando-os, em muitos casos, “por su ilustración, por su exquisito gusto y delicadeza, por su lucidez y por su pronta penetración” (Ibidem, p.341).

Foi com entusiasmo e expressividade que os pensadores krausistas se levantaram a favor da instrução feminina. E por se posicionarem favorável a ela, constatmos que os pensamentos defendidos

por G. de Azcárate e M. Atienza Servent não só combatiam como também comprometiam a vigência de uma mentalidade dicotômica, cujos pilares se estruturavam nas concepções de superioridade masculina e na equivocada visão de fragilidade e inferioridade intelectual feminina, muito entranhada nos discursos de inúmeros articulistas, inclusive de mulheres, que objetivavam sustentar a ordem patriarcal e, por conseguinte, o tradicional papel reservado a elas.

Para Bakhtin (1995, p.124), a conscientização do homem, enquanto sujeito, se dá a partir de sua interação com o meio, e essa interatividade, por sua vez, revela a natureza essencialmente social da enunciação e da língua, que vive e evolui historicamente de acordo com o fluxo da comunicação verbal. Dessa forma, por ser a língua compreendida como um espelho das relações sociais estáveis dos falantes, há no ato de comunicação social uma indiscutível interatividade entre os sujeitos enunciadoreis. O receptor— ao ouvir e compreender um enunciado— passa a adotar uma atitude responsiva, podendo atuar de forma ativa no ato enunciativo. Eis a principal característica do enunciado que, aos olhos do teórico russo, resulta de uma memória discursiva, ou seja, de uma memória repleta de enunciados que já foram proferidos em outras épocas e em outros contextos interacionais, nos quais o locutor inconscientemente toma como base para realizar a enunciação do momento, no intuito de formular o seu discurso.

A enunciação caracteriza-se, assim, pela alternância de atos de fala, numa relação dialógica. Nos meios de comunicação, essa alternância torna-se sobressalente, à medida que consideramos a polifonia, em outras palavras, a multiplicidade de vozes e de pontos de vista que se entrecruzam num mesmo campo discursivo. E por serem as revistas e jornais veículos que permitem o encontro de diversos discursos, constatamos que nem todos krausistas coincidiram com as razões levantadas por G. de Azcárate, que não só defendia a ilustração feminina como também reconhecia os favoráveis resultados dela para o desenvolvimento da sociedade: “Convénzanse todos de que la instrucción es un arma poderosa y legítima que estamos obligados a poner en manos de la mujer para que ejerza en la vida individual y social un benéfico influjo” (*Ilustración para la mujer*, 16 de marzo de 1882, p.21).

Dentro desse contexto, destacamos o nome do educador Pedro de Alcántara García Navarro, sócio-fundador e secretário da *Asociación para la Enseñanza de la Mujer* (1970), instituição que objetivava facilitar a educação das mulheres e, com isso, promover a regeneração da sociedade espanhola. Apesar de possuir uma significativa produção bibliográfica e de atribuir, em seus estudos, grande importância às inovações educativas que sucediam em outros países europeus, García Navarro

mostrou-se avesso à ideia de conceber às mulheres uma educação que pudesse transformá-las em sabias, doutoras e literatas.

Na obra *Las primeras, universitarias en España*, Consuelo Flecha García (1996, p.56)⁵² aponta que o educador:

[...] no sólo ponía en duda la capacidad femenina, sino que manifestaba su malestar por el modo en que las mujeres habían empezado a utilizarla acedendo a estudios, para los que él creía que carecían de aptitud ya que eran menos aptas que el hombre para determinados estudios, para aquellos, sobre todo, que como los filósofos y matemáticos, requieren una gran intervención del raciocinio”.

E para melhor precisar o ponto de vista de D. Pedro— de quem poderíamos esperar outra atitude no tratamento dessa questão, em razão da orientação krausista seguida por ele—, nos pareceu interessante resgatar o artigo intitulado “De la mujer como primera educadora del hombre”, publicado, em 1º de março de 1882, na primeira edição da revista *Instrucción para la mujer*. Nele, o articulista assinala que, embora os pais sejam os principais responsáveis pela educação dos filhos, o período correspondente à infância, definido por ele como <<feliz período de candor y de la inocencia>> (Ibidem, p.4), deve encontrar-se fundamentalmente sob a responsabilidade da mãe, sobretudo, pelo fato dele acreditar que a mulher absorvia, devido a sua natureza amável e caridosa, as funções mais ativas, essenciais e delicadas da educação das crianças.

Para García Navarro, as mães deveriam ser vistas com as educadoras do gênero humano, especialmente por despertarem, através de <<juegos amorosos y alegres cantos, bajo las alas protectoras de su tierno amor>> (Ibidem, p.4), os primeiros sentimentos e ideias de sua prole, ou seja, por cultivarem a natureza dos filhos, de forma a imprimir neles uma direção moral inicial que será decisiva ao longo do processo de amadurecimento deles. E foi, por crer nessa missão privilegiada da mulher na criação e orientação do caráter das crianças, que D. Pedro de Alcântara se posicionou a favor da instrução das mães, exclusivamente para que elas pudessem aprimorar os seus conhecimentos e, com isso, melhor desempenhar a função de educadora dos filhos que, segundo ele, não deveriam ser moralmente educados longe dos cuidados dela. Vejamos:

Las madres son las que nos despiertan nuestros primeros sentimientos y nuestras primeras ideas; las que mejor y más pronto conocen el carácter y el genio de sus hijos; las primeras en descubrir la vocación de éstos; las más diligentes en celebrarla y en sostenernos en ella; las que con más amor nos consuelan, nos fortifican y nos animan. Añadamos con De

⁵² FLECHA GARCÍA, Consuelo. *Las primeras universitarias en España*. Madrid: Narcea, 1996.

Maistre, que sería siempre un grave mal que lo que se llama hombre hombre moral, no se formase sobre las rodillas de su madre. Y si esto es así, considérese cuanto no podrá hacer en beneficio de sus hijos, una madre que se halle bien instruida y bien penetrada respecto de lo que exige una buena educación (Ibidem, p.4).

Para melhor apresentar o seu ponto de vista aos leitores da revista *Instrucción para la Mujer* sobre a importância das mulheres, também vistas por ele como <<las verdaderas directoras, las gobernadoras por excelencia de la infancia>> (Ibidem, p.4), na educação dos filhos, Pedro de Alcántara García Navarro afirmou haver se apoiado no pensamento de Louis Aimé Martin, autor de *Educación de las madres de familia ó de la civilización del linage humano por medio de las mujeres*⁵³. Vejamos o que comenta D. Pedro sobre o livro do pensador francês: “Un autor moderno, que ha consagrado á este interesante asunto un excelente libro, cuyo título es por sí sólo una verdadera apoteosis de las madres de familia, opina como nosotros, que éstas son las verdaderas encargadas de la educación de la infancia. Oigámosle” (Ibidem, p.4).

A identificação com o discurso de L. Aimé Martin é explícita, e dela veio seguramente o argumento central da reflexão de D. Pedro sobre o fato de que a educação das crianças na infância deve, segundo as leis da natureza, estar a cargo da mãe e não sob a responsabilidade de um pedagogo, de um filósofo ou até mesmo do próprio pai, que carecia, segundo o articulista, não só de tempo para se dedicar integralmente aos filhos, mas principalmente de capacidade de compreensão e de delicadeza dos sentimentos, em outras palavras, de sensibilidade. Para Pedro de Alcántara García Navarro, a mulher, em função da sua constituição fisiológica, assim como de suas condições psicológicas e também sociais, parecia haver nascido para cuidar da infância e conduzir os primeros pasos das crianças no caminho da vida. E foi dentro dessa ótica que o autor apresentou a figura feminina como única e insubstituível, naquilo que julgou ser um <<augusto y dulce ministerio>>. Citamos:

[...] nunca el hombre podrá reemplazar bien á su compañera en semejante tarea, por lo (jue respecta á la infancia. Requiere este primer período de la niñez cuidados de tal naturaleza, que sólo la tierna, previsor y constante solicitud de una madre sabe y puede dispensarlos debidamente. Tengamos presente que los padres no pueden estar al lado de sus hijos todas las horas que las madres, lo cual es ya una ventaja en favor de éstas (Ibidem, p.4).

⁵³ A obra *Educación de las madres de familia ó de la civilización del linage humano por medio de las mujeres* encontra-se disponível no site: <http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080078552/1080078552.html>

Motivado por pensamentos que defendiam essa perspectiva ideológica, García Navarro, em seu artigo, também fez referência ao político e educador norte-americano Victor Moreau Rice- que, entre as décadas de 50 e 60 do século XIX, atuou como Superintendente de Instrução Pública na cidade de Nova York- pelo fato dele atribuir grande importância ao espírito elevado das mulheres no magistério. Para Rice, devido ao fato de elas serem indivíduos mais penetrantes e menos frias e distantes que os homens, as mulheres conseguiam melhor administrar as relações educador-educando, o que consequentemente tornava o processo de aprendizagem das crianças mais ameno e mais prazeroso.

A propósito do que postulava M. Rice sobre a educação realizada pelas professoras, muito mais produtiva e eficiente que a realizada por docentes do sexo masculino, García Navarro comenta que:

La elevación do espíritu de las mujeres—dice Rice—se comunica naturalmente á los alumnos que están todos los dias en relación con ellas: bondadosas, dulces y puras hacen á los niños como ellas puros, dulces y bondadosos. La mujer, mucho más penetrante que el hombre, conoce mejor que éste el corazón humano y en especial el de los niños, á los que mantiene en el deber por el afecto, mejor que lo hacen los maestros con sus reglamentaciones y sus sistemas de represión. Sus tiernas amonestaciones producen más efecto que las amenazas y la fría lógica de aquéllos (Ibidem, p.5).

A estratégica retomada do ponto de vista do educador Moreau Rice sobre as habilidades e competências femininas na educação das crianças nos Estados Unidos serviu para que Pedro de Alcántara García Navarro reforçasse sua argumentação em prol da mãe de família: “Esto lo dice M. Rice de la mujer educando á niños extraños: ¿no podría decirse con más razón de la madre que educa á sus propios hijos?” (Ibidem, p.5).

Para o colaborador da revista *Instrucción para la Mujer*, as damas também se destacavam por encontrar uma série de recursos eficazes, capazes de facilitar a difícil empresa de educar as crianças, futuros cidadãos espanhóis. Para o pensador, esses recursos se baseavam em sentimentos como o afeto, a ternura e o amor, ambos originários de um instinto, segundo ele, “poderoso y nobilísimo que desde niñas manifiestan las mujeres, como si fuera un nuevo, delicado y providencial sentido con que la naturaleza las ha dotado, y al que podría llamarse con cierta propiedad *sentido materno*” (Ibidem, p.5). Corresponderia, portanto, às mães de família o direito de realizar a educação dos filhos durante a infância, e desse dever sagrado, o autor afirma que a mulher jamais deveria abrir mão.

Segundo Pedro de Alcántara, era “conspirar contra la felicidad de los niños, que es la felicidad de sus madres, no educarlos ó educarlos mal” (Ibidem, p.5). No entanto, as culpas por essa ausência ou má educação não deveriam recair sobre as mulheres, mas sim sobre os próprios homens que, durante

anos, se negaram em fornecer-lhes as condições e os meios adequados para o seu principal destino, ou seja, para o cumprimento da missão mais genuína e elevada que tanto as embelhezava e enobrecia: a educação dos filhos. O educador chamou a atenção para a necessidade de se corrigir esse grave problema que, por sua vez, impedia que as mães de família oferecessem uma educação verdadeiramente capaz de promover o desenvolvimento de valores morais e humanos nas crianças, tal como podemos observar no comentário abaixo:

Porque los hombres, que hablamos todos los días á las mujeres do sus deberes, nos preocupamos lo menos posible de darlas los medios para que puedan llenarlos; porque hablamos mucho de la educación materna y parece como que ponemos especial cuidado en que no sepan de ella las mujeres más que lo que el corazón y el instinto les enseñan; [...] queremos que las mujeres eduquen bien á nuestros hijos sin estar ellas educadas al efecto (Ibidem, p.5).

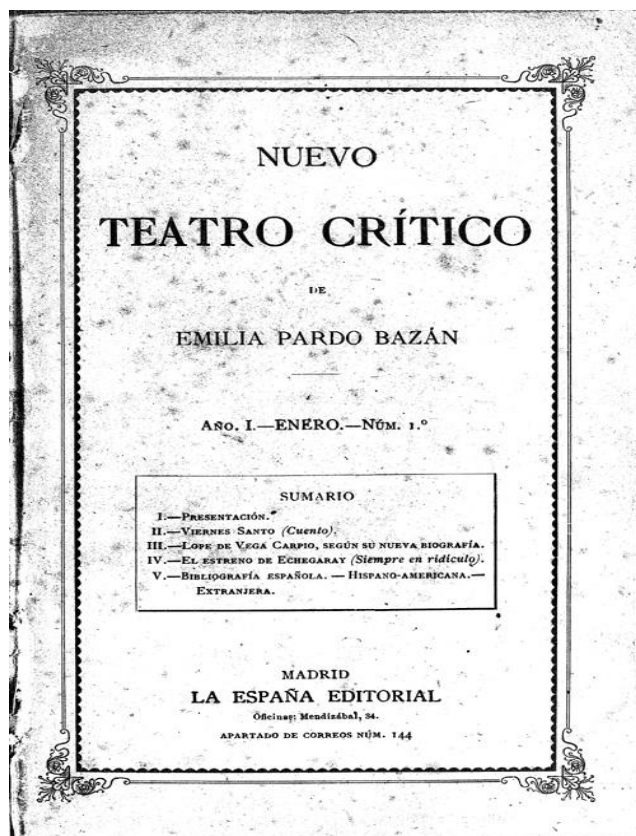
A crítica sobre esse comportamento “tan ilógico como irreflexivo” por parte de muitos homens que insistiam em ignorar o fato de ser a mulher a primeira educadora do homem e, com isso, privá-la de uma educação mais produtiva e eficaz, não anulava, porém, as considerações feitas por ele sobre as limitações intelectuais das mulheres. É preciso enfatizar que Pedro de Alcántara García Navarro, diferentemente de G. de Azcárate e de M. Atienza Servent, mostrou-se desfavorável a esse emergente ingresso da mulher nas academias e em determinadas funções que, até então, eram desempenhadas exclusivamente pelos homens. Em seus textos, o educador não pretendia conceber a educação como um instrumento necessário para a conquista de uma completa emancipação feminina, até porque ele não era partidário dela. Ele a concebia, sim, como uma importante ferramenta para aprimorar e reforçar o papel principal da mulher: ser mãe e principal responsável pela educação dos seus filhos durante a infância. Sendo assim, conclui que: “[...] para hablar á las madres de la educación de sus hijos, debemos empezar por educar a las mujeres para madres de familia. Por aquí es por donde hay que empezar la educación del hombre” (Ibidem, p.6).

1.4. O discurso de Emilia Pardo Bazán sobre a emancipação da mulher na revista *Nuevo Teatro Crítico*

Perpassando pela história da Espanha oitocentista e pelos inúmeros periódicos publicados no séc. XIX, sobretudo, aqueles destinados ao público feminino, constatamos que a situação política

vivida pelo país na década de 80 muito contribuiu para o fortalecimento de discursos que questionavam a preponderância masculina e a submissão da mulher, o que consolidava a existência de uma sociedade predominantemente desigual, machista e, muitas vezes, misógina.

Através da imprensa, muitas foram os jornais e revistas do final do séc. XIX que, a partir de um discurso crítico, propuseram não só repensar, como também recriar a identidade de um sexo sob uma ótica em que o indivíduo não tivesse de adaptar-se a modelos hierarquizados, e um deles foi a revista espanhola *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893), organizada e financiada pela escritora Emilia Pardo Bazán (1851-1921), considerada a melhor romancista espanhola do século XIX e uma das escritoras mais significativas da história literária do país, em razão de sua portentosa produção literária, composta por romances, contos, livros de viagens, obras dramáticas, composições poética e numerosas contribuições jornalísticas. Através dela, a autora pretendia exclusivamente “dar a conocer toda la vida política, social cultural de su época” (PAREDES NUÑEZ, 1992, p.305).



Poucos são os estudos que tratam de ilustrar o vasto campo de atuação da escritora galega, que além de obrar como romancista, contista e crítica literária, desempenhou também um importante papel

como articulista, tendo escrito, ao longo de sua trajetória acadêmica, quase cerca de dois mil artigos. Um dos aspectos mais significativos dessa produção é, sem dúvida alguma, a diversidade de temas dos quais a condessa se ocupava em suas publicações. Em seus textos, discorria com propriedade e, principalmente, com uma nítida vocação didática sobre conteúdos que variavam desde as teorias evolucionistas de Charles Darwin a comentários sobre os poetas épicos cristãos, o rei dom Carlos, o Papa, ou até mesmo sobre assuntos relacionados à pena de morte, à culinária no país, à mulher espanhola e aos benefícios da eletricidade (Ibidem, p.305). E dentro dessa diversidade temática, que variava desde os científicos, até os religiosos e culinários, é imprescindível comentar que nos detivemos excepcionalmente aos temas que tratam da precária condição da mulher na sociedade patriarcal do séc. XIX.

Emilia Pardo Bazán posicionou-se como defensora legítima dos direitos. E por defender incessantemente o acesso da mulher a uma educação íntegra e o exercício de uma profissão nas mesmas condições de igualdade que o homem, transformou-se numa das mais importantes vozes do feminismo na Espanha oitocentista. Para o crítico Juan Paredes Nuñez (1992, p.309), a escritora galega assumiu um importante papel de propagandista do movimento feminista na Espanha. Assim como Concepción Arenal e Belén de Sárraga- duas outras relevantes vozes na difusão do feminismo no país- Pardo Bazán manteve-se ativamente em contato com os principais círculos feministas na França e na Inglaterra, dialogando com importantes conceitos e teorias sobre a emancipação da mulher. Também se manteve interada sobre o representativo movimento feminista norte-americano, e ao contrastar a situação da mulher nesses países, onde o feminismo havia conquistado uma ampla aceitação, com a condição da mulher espanhola, ainda fortemente oprimida por uma mentalidade conservadora e patriarcal, percebeu, como escritora, ser essencial o seu engajamento e participação no movimento espanhol.

A partir de sua obra literária e jornalística, e de sua própria vida, Emilia Pardo Bazán reivindica a promoção social e cultural da mulher espanhola, reivindicação também realizada por muitos partidários do Krausismo na Espanha, tais como Francisco Giner de los Ríos que, segundo ela, era decididamente feminista. Também não poderíamos deixar de comentar as requisições feitas por aquela que, assim como J. Stuart Mill, foi uma das maiores referências e, quiçá, grande inspiração de Pardo Bazán na árdua luta contra os discursos que preconizavam a inferioridade feminina: Concepción Arenal, a quem a escritora galega dedicara entusiasmados elogios ao incansável e exitoso trabalho de Arenal em prol da emancipação da mulher no artigo intitulado “Concepción Arenal sus ideas acerca de

la mujer”, publicado em *Nuevo Teatro Crítico*, em janeiro de 1893. Nem tampouco poderíamos seguir adiante sem mencionar que a reivindicação levantada por eles também coincidia com a que fora defendida pelo movimento anarquista espanhol nas últimas décadas do séc. XIX e nas primeiras do séc. XX.

Para Josep E. Adsuar (1988, p.6), o anarquismo, em oposição a outras escolas de pensamento socialistas, não devia ser compreendido como um movimento fechado, dogmático e alheio à evolução, mas sim como uma forma de pensamento sensível a dar expressão consciente e elevada a qualquer “manifestación del anhelo de libertad y a cualquier sueño o tentativa de mejorar las condiciones de la vida cotidiana, los estilos de vida, los problemas planteados por las inhibiciones sexuales, la comunidad, la liberación de la mujer, las minorías marginadas y, en general, las relaciones entre los hombres”.

No artigo “El anarquismo y sus virtudes”, Francisco Urales (1933)⁵⁴, um dos principais representantes do movimento na Espanha, afirma que o anarquismo:

[...] tiene la gran virtud de la paz. De la paz, no solo patriótica, sino también social. El anarquismo, además de hacer imposibles las guerras, hace imposibles las revoluciones. Sólo el anarquismo puede evitar las guerras y las revoluciones, porque sólo él anula la fuerza sólo él establece el verdadero derecho, que no es jurídico ni legal; que es natural e ilegible. El derecho a la vida y a la libertad ha de ser sin condición alguna, sólo el anarquismo establece tal derecho, porque sólo él anula el poder, porque sólo él anula la propiedad y sólo él trata por igual a todos los hombres.

E foi justamente por defender a igualdade como princípio elementar para a paz, harmonia e prosperidade da humanidade que o anarquismo atribuiu expressiva importância à emancipação social e moral da mulher, especialmente das trabalhadoras, exploradas indiscriminadamente pela abastada elite empresarial espanhola, que muito se enriqueceu em detrimento do sofrimento e do trabalho forçoso desempenhado por elas nas indústrias e nos campos: “Comprendemos que los trabajos penosos que hoy realizan las mujeres de los pobres son consecuencia de la explotación del hombre por el hombre [...]” (Ibidem, p.130).

Por ser um dos principais representantes do pensamento e da estética anarquista, Francisco Urales posicionou-se de forma combatente contra a desigualdade e as injustiças sociais, afirmando que

⁵⁴ URALES, Francisco. “El anarquismo y sus virtudes”. *La Revista Blanca*, 1933. In: “Pensamiento y estética anarquista-Análisis y documentación. Selección de textos de F. Urales”. Suplementos Anthropos- Revista de Documentación científica de la Cultura. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988. p.127.

todo o mundo, em especial as mulheres, deveria comer, vestir e gozar do melhor e de forma igual, sem diferenciações, tal como podemos observar no fragmento a seguir:

La revolución anarquista no querrá que las mujeres de los que hasta aquel momento habrán sido ricos, se pongan al nivel de las mujeres de los que, hasta aquel momento, habrán sido pobres. La revolución social querrá que las mujeres de los pobres se pongan al nivel de las de los ricos en lo que atañe a la salud, a la belleza, a la higiene y al goce, ya que a las mujeres todas, la Naturaleza les indica el papel que han de desempeñar en el mundo, todas por igual (Ibidem, p.129-130).

Francisco Urales acreditava no anarquismo como valor humano e também como solução mais fácil e mais justa para extinguir os males que acometiam as sociedades modernas, e foi por isso que defendeu, com tanta convicção, a importância da igualdade social e, mais ainda, da igualdade de gênero, reconhecendo não só a natureza sentimental, amorosa e justiceira da mulher, ser indispensável para a felicidade e o progresso, especialmente o moral, da sociedade, como também a capacidade e o talento dela para o exercício de diversas profissões, sejam elas na área médica ou no magistério. Citamos:

La revolución social no será, no puede ser, vengativa, y permitirá que las mujeres todas, desempeñen la misión que la Naturaleza les ha señalado sean además iguales al hombre en la aplicación de todas sus actividades, de todas sus funciones; libres, para ser médicos, que serán mejores médicos que los hombres, y para ser maestros, que, también, serán mejores maestros que los hombres; libres, para otras muchas aplicaciones de la fina sensibilidad de la mujer. Y esto sin que la mujer pierda ninguno de sus encantos de persona sentimental, amorosa y justiciera (Ibidem, p.130).

A criação *Nuevo Teatro Crítico* foi indubitavelmente uma das mais importantes provas da natureza empreendedora de Emilia Pardo Bazán. A escritora não só escreveu todas as seções como também se responsabilizou pela parte financeira, custeando as despesas da revista com parte dos recursos que herdara do pai. O título da publicação foi uma homenagem da condessa ao pensador beneditino Benito Jerónimo Feijóo, autor de *Teatro Crítico Universal*, cujos nove volumes foram publicados entre 1726 e 1740. Segundo dona Emilia, o legado deixado por ele é inspirador e de significativa importância para o desenvolvimento do ser humano e consequentemente da sociedade. Ao padre Feijóo, a autora de *Nuevo Teatro Crítico* comenta que:

[...] el siglo XVIII debe una completa reforma intelectual, cuyos escritos son todavía, en gran parte— á pesar del tiempo transcurrido, que hace caducar la obra científica mientras

aquilata el valor de la literaria— tesoro de doctrina, donde se aprende la vanidad de muchas preocupaciones que aun en el día se pasean triunfadoras (NTC, número 26, fevereiro de 1893, p.273).

E dentre essas preciosas contribuições do padre Feijóo, autor de originais e extensos tratados, Pardo Bazán destaca a grande relevância de *Defensa de las mujeres*, texto em que o insigne padre, a partir de argumentos sólidos e de uma admirável eloquência, defendera a igualdade moral e intelectual dos sexos masculinos e femininos, além de enaltecer as aptidões políticas da mulher, razões que incontestavelmente aclararam a simpatia e o encanto de dona Emilia pela figura do pensador que concebia como impensável a dependência de um sexo a outro e que acreditava que a suposta inferioridade da mulher, persistentemente afirmada pelo discurso patriarcal, a humilhava, e a humilhação a corrompia. A corrupção dela era, por conseguinte, transmitida à sociedade, desvirtuando os costumes e tornando impossível a perfeição e a prosperidade.

A revista *Nuevo Teatro Crítico*, disponível no site da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, mais especificamente no Portal dedicado às Escritoras Espanholas, organizado por M^a Ángeles Ayala Aracil, contém trinta números que foram publicados entre 1º de janeiro de 1891 e 30 de dezembro de 1893. É oportuno comentar que todas as edições da publicação encontram-se digitalizadas, o que facilita a consulta e abre caminho para novas pesquisas acadêmicas.

Há nela duas seções: as variáveis e as fixas. Segundo Maria Mirtis Caser (2008, p.126)⁵⁵, na primeira, Emilia Pardo Bazán dedicou-se a viagens, história, movimento religioso e a crônicas diversas. Já nas seções fixas, o espaço era dedicado à publicação de contos, romances, de estudos críticos sobre obras literárias, dramas ou comédias recentes, biografias, necrologia de importantes autores nacionais e estrangeiros, e ainda de um estudo sobre uma questão social ou política da atualidade, e foi justamente nessa seção que os textos como “La cuestión académica” (NTC, número 3, março de 1891), “Del amor y la amistad” (NTC, número 13, janeiro de 1892), “Una opinión sobre la mujer, el discurso del marqués de busto en la real academia de medicina” (NTC, número 15, março de 1892), “Stuart Mill” (NTC, número 17, maio de 1892) “Tristana” (NTC, número 17, maio de 1892), “La educación del hombre y la de la mujer” (NTC, número 22, outubro de 1892) e “Concepción Arenal y sus ideas acerca de la mujer” (NTC, número 26, fevereiro de 1893), que tratam de importantes questionamentos feitos pela autora sobre o papel da mulher na sociedade espanhola do século XIX foram publicados. A través deles,

⁵⁵ CASER, Maria Mirtis. *Entre o que se vê e o que se esconde: a representação da mulher nos contos de Emilia Pardo Bazán*, 2008. A tese encontra-se disponível no site: www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/mariamirtiscaserdoutorado.pdf

pretendemos examinar e apresentar quais são as perspectivas defendida por Pardo Bazán que, através de um discurso altamente crítico, questionador, vai lutar não só por uma educação feminina de qualidade como também por uma maior participação da mulher nas esferas políticas, trabalhistas e intelectuais.

“La cuestión académica”, publicado na edição de número 3, em março de 1891, trata-se de uma resposta à carta aberta publicada em *La España Moderna* pelo senhor D. Rafael Altamira, secretário do Museu Pedagógico, que nela se manifestara favorável à candidatura de dona Emília a uma vaga na *Real Academia Española de Letras*, fundada em 1713 por Juan Manuel Fernández Pacheco, marqués de Villena y duque de Escalona.

A partir do texto de Altamira, igualmente intitulado de “La cuestión académica”, Pardo Bazán confessou aos leitores de *Nuevo Teatro Crítico* que foi motivada a “salir de una situación anómala y molesta” (NTC, março de 1891, p.61) da qual se encontrava para emergir em uma necessária discussão— o ingresso de mulheres na RAE— que a condessa gostaria de ter realizado anteriormente para a tranquilidade de seu “propio espíritu y satisfacción de las personas discretas y equitativas”. (Ibidem, p.61).

Segundo Rocío Charques Gámez (2003), em *Los artículos feministas en el Nuevo Teatro Crítico de Emilia Pardo Bazán*, obra que igualmente dedica-se a analisar as ideias da escritora galega sobre a mulher, é conveniente lembrar que:

[...] el 2 de febrero de 1853 Gertrudis Gómez de Avellaneda pide el puesto del fallecido académico Juan Nicasio Gallego, pero los académicos llegan a un acuerdo mediante votación pública y cierran las puertas de la RAE a las mujeres. El 11 de febrero la Corporación escribe a la peticionaria reconociendo su valía, pero excluyéndola de la Academia por el mencionado acuerdo (CHARQUES GÁMEZ, 2003, p.12)⁵⁶.

Desde então, Emília Pardo Bazán viu-se contrariada ao arbitrário fechamento da RAE, e, em cartas dirigidas à dona Gertrudis, manifestou apoio à candidatura dela e grande interesse pela questão. E além de manifestar-se favorável ao pleito levantado por Avellaneda, a escritora galega comentou-lhe também sobre as dificuldades encontradas por ela na tentativa de ser aceita pelos membros da RAE, que se encontravam ainda mais severos e intransigentes quanto ao ingresso feminino na Academia. E ainda que a *Real Academia* tenha nomeado a senhora María Isidra de Guzmán y de la Cerda, também

⁵⁶ CHARQUES GÁMEZ, Rocío. *Los artículos feministas en el Nuevo Teatro Crítico de Emilia Pardo Bazán*. Cuadernos de Trabajo. Universidad de Alicante. Alicante: Espagrac, 2003.

conhecida como “la doctora de Alcalá”, em 1784, como acadêmica honorária, por pressões exercidas pelo monarca Carlos III (HILTON, 1952, p.42)⁵⁷, foi no século XIX que ela fecha terminantemente todas as portas para a entrada das mulheres.

O texto do senhor Altamira funciona para Pardo Bazán como um “pretexto honroso” (*NTC*, março de 1891, p.61), em outras palavras, como um meio para que ela pudesse questionar as censuras públicas dos intelectuais e catedráticos a merecida candidatura dela, uma das mais expressivas escritoras espanholas do século XIX. Inconformada com as justificativas que contrariavam suas pretensões acadêmicas, Pardo Bazán, no artigo “La cuestión académica”, apresenta uma espécie de defesa, visando contrapor os argumentos infundados expostos pelos reacionários sobre “el derecho y las aptitudes de la mujer para alcanzar esa sanción oficial y externa, aunque importante al fin y al cabo, dentro del medio y para vivir en acuerdo con él” (*NTC*, março de 1891, p.63-64).

Dentre os opositores à entrada de Pardo Bazán na *Real Academia Española*, estava o escritor Juan Valera, “quien publica en 1891, bajo el pseudónimo de Eleuterio Filógino, el folleto “Las mujeres y las Academias. Cuestión social inocente” (CHARQUES GÁMEZ, 2003, p.15). Nele, o autor não pretendia analisar o mérito de Pardo Bazán, Concepción Arenal e da Duquesa de Alba, candidatas às Academias de Letras, de Ciências Políticas e de História respectivamente, mas sim argumentar apenas se o ingresso das mulheres nas instituições era apropriado. Contrário a esse ingresso, Juan Valera acreditava que a Espanha não poderia ser o primeiro país a permiti-lo, pelo fato de concebê-lo como algo danoso e desprestigiado para a imagem da conservadora nação. Para o autor de *Pepita Jiménez*, não havia coerência em atribuir às mulheres o título de catedráticas honorárias, pois acreditava que, ao entrar na Academia, a mulher perderia sua essência, sua feminilidade. Cultivava a perspectiva patriarcal da época de que o sexo feminino deveria encontrar-se restrito ao âmbito familiar, doméstico, pensamento que drasticamente excluía as mulheres das esferas acadêmicas, por não vê-las aptas para tal ofício. Outras vozes manifestaram-se publicamente sobre o tema, e uma delas foi a do catedrático Marcelino Menéndez Pelayo.

O escritor, extasiado com a aparição do texto de Valera sobre *Las mujeres y las Academias*, dirige-lhe uma carta revelando-se igualmente avesso à entrada de mulheres nas Academias Espanholas. Concebia o pleito feminino como um fato despropositado, digno de repúdio e censura, e desse posicionamento um tanto misógino advêm as ríspidas objeções e os vilipendiosos ataques usados para criticar e, inclusive, ridicularizar a ilustre intenção de dona Emilia, maldosamente nomeada por ele de

⁵⁷ HILTON, Ronald. “Pardo Bazán and literary polemics about feminist”. *Romanic Review*, XLIV, 1953.

“cursilona empecatada”, tal como é possível observar na carta destinada a Juan Valera, em 23 julho 1891. Vejamos a intenção ofensiva de Menéndez Pelayo:

Mi muy querido D. Juan: Esperando que viniesen los dos ejemplares del folleto *Las mujeres y las Academias* — que han tardado más de lo justo—, he ido dilatando el contestar a la carta de usted. Al fin llegó ayer ese precioso opúsculo, tan racional y sensato en su fondo, como lleno de discreción, chiste y agudeza. Si a D.^a Emilia, después de leerle, la quedan ganas de renovar su estrafalaria pretensión, demostrará que no tiene sentido común, además de ser una cursilona empecatada⁵⁸.

Em oposição discurso ultrajante de dom Marcelino, Valera reage de outra forma. Ainda que fosse contrário à presença de mulheres nas Academias, o escritor, segundo María Ángel Ayala (2003), não deixa de reconhecer o mérito da condessa: “no se arredrará y emite, una vez más, su personal opinión, afirmando sin tapujos que doña Emilia es una excelente novelista”⁵⁹, o que, nesse aspecto, o afastava de Menéndez Pelayo que adotava uma postura mais intolerante, sendo incapaz de reconhecer o talento de Pardo Bazán para a literatura.

Esse clima de indisposição diante da candidatura de Emilia Pardo Bazán a *Real Academia Española de Letras*, deixou-lhe marcas indeléveis, em outras palavras, repercutiu na vida da escritora de forma significativa na vida da escritora que, após os inúmeros ataques e críticas, reconheceu que pela forma como fora apresentada sua pretensão poderia, de fato, desencadear uma má interpretação. A autora comenta que essa poderia acontecer pelo fato dela não ter mencionado para a Academia o nome de outra mulher, o que podia parecer que ela se fundamentava em um princípio legítimo— o de que toda mulher tem o direito de conquistar uma vaga em qualquer Academia no mundo— para satisfazer excepcionalmente sua ambição. Vejamos o fragmento em que Pardo Bazán, embora reconhecesse que suas palavras pudessem levar a uma interpretação distorcida dos fatos, confessa ao senhor Altamira ter agido fundamentalmente com boas intenções, e não movida pela vaidade:

Al expresarme así, olvidaba o que no pega bien reclamar derechos generales cuando pueden argüirnos que sólo al mismo que los reclama interesan y convienen. No habiéndose susurrado para *académica* el nombre de otra señora, yo, al formular la protesta preinserta, aceptaba el papel desairado equívoco del que á la sombra de un noble principio

⁵⁸ SÁNCHEZ DE MUNIÁIN, JOSÉ M^a: *Antología de Menéndez Pelayo*, p. 973. Esse texto encontra-se disponível no site: <http://www.larramendi.es/menendezpelayo/i18n/corpus/unidad.cmd?idUnidad=155054&idCorpus=1002&forma=&posicion=1>

⁵⁹ AYALA ARACIL, María de los Ángeles. “Valera y la novela de la segunda mitad del siglo XIX”. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2003. Esse texto encontra-se disponível no site: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/valera-y-la-novela-de-la-segunda-mitad-del-siglo-xix-0/html/ffc0e292-82b1-11df-acc7-002185ce6064_4.html#I_1_

quiere satisfacer su concupiscencia ó su vanidad. Téngame V. por todo lo simple que quiera; al pronto no caí en ello. Descansaba en mi buen propósito, y necesité que la malicia me enseñase el único camino en que mi decoro literario no padece, y en que he de tener las manos y la lengua libres de toda traba, para reclamar el *suum cuique* más sagrado... el de la inteligencia! (NTC, março de 1891, p.65).

Ademais de versar sobre a equivocada interpretação, a escritora galega comenta que possivelmente, em razão de seu caráter aberto e expansivo e de sua “personalidad militante” (NTC, março de 1891, p.66), que se confrontava com um ambiente cercado de hostilidade e de contradições de variados temperamentos e origens, criou-se uma lenda de vaidade, soberbia e exagerado amor próprio. E, em meio a essa inquietante polêmica, sobre essa imagem que criaram de uma mulher arrogante e desmedida por seu descomunal narcisismo, Pardo Bazán opta consentidamente pela suspensão da candidatura dela à RAE, tal como é possível observar no seguinte fragmento:

Soy una personalidad militante; encuentro á mi paso hostilidades y contradicciones de muy variada índole y origen, y no me quejo de ello, porque es la marcha inevitable de las cosas; pero conozco mejor que nadie la dificultad de obtener <<sanción oficial>> ninguna, reuniendo tales circunstancias. Hasta puede ocurrir que alguien, aparentando negar el derecho femenino, en realidad sólo me niegue á mí. Por eso me parece oportuno que se dé suprimida mi candidatura archiproblemática (NTC, março de 1891, p.65-66).

Em “Cuestión académica”, Pardo Bazán, de maneira muito atenciosa, agradece ao estimado amigo, o senhor Rafael Altamira, pela carta aberta que ele lhe escrevera, defendendo a candidatura da condessa a *Real Academia Española de Letras*. E ao ter em conta que o ingresso na instituição tratava-se de um direito que deveria estar disponível a todos, desde que comprovado o merecimento, e independente do sexo, dona Emilia, no artigo, abordou a questão não a partir de um tratamento pessoal, mas sim por intermédio de um ponto de vista que a priorizasse como uma questão objetiva e de princípios, já que o que deveria ser discutido não era o fato de se ela merecia ou não ser acadêmica, mas sim se a mulher tinha o direito e as competências para tal ofício. Citamos:

Como cuestión puramente personal, no merece la tinta que se gaste en dilucidarla. Mas como cuestión objetiva y de principios, vale cuánto vale toda reivindicación del derecho, toda afirmación de la igualdad y la justicia, toda protesta contra exclusiones irritantes, que, sentenciadas ya en la conciencia, lo estarán en el orden de los hechos, tarde o temprano, opóngase quien se oponga (NTC, março de 1891, p.63).

Diante do declarado apoio de Rafael Altamira, secretário do Museu Pedagógico, a condessa reconhece ser vital um amplo debate e novas discussões sobre a questão acadêmica feminina. Para isso,

solicita o apoio e o engajamento da juventude ilustrada espanhola (*NTC*, março de 1891, p.67), da qual dom Altamiro demonstrava grande simpatia. Pediu a essa geração de jovens ajuda, colaboração e motivação para que juntos suscitassem uma profunda reflexão sobre o tema tido por ela como algo indiscutivelmente imprescindível para o aprimoramento da sociedade espanhola, que se encontrava intensamente atrasada em relação às demais potências europeias. Vejamos a solicitação feita pela condessa, inteiramente disposta a manter sempre viva as chamas dessa significativa reivindicação:

[...] solicito de Vds., de la juventud grave, ilustrada, despreocupada, de que es V. simpático ejemplar, que no abandonen la cuestión académica femenina; que me ayuden en ella; que me presten ánimo, cooperación, auxilio. Porque franca ya del enojoso aspecto personal que para mí revestía, dispuesta estoy á remover siempre esa cuestión, á no dejarla dormir ni un instante (*NTC*, março de 1891, p.67).

Em “La cuestión académica”, Emilia Pardo Bazán fez questão de chamar atenção para a candidatura de Concepción Arenal à *Academia de Ciencias Morales y Políticas de España*, que fora extremamente aplaudida e reconhecida, devido ao mérito de suas publicações, por renomados especialistas italianos na área do direito, por diversos pensadores alemães e inclusive por dois importantes membros da *Academia de Ciencias Morales y Políticas*: o visconde de Campo Grande e o senhor Cos-Gayón, ministro da Fazenda, que, segundo a escritora galega, afirmaram ser merecida a indicação de Concepción Arenal para ocupar, ao lado deles, uma cadeira na Academia. Vejamos o comentário de Pardo Bazán sobre os catedráticos:

No ha muchos días que comiendo yo en casa de unos queridos amigos, á cuya mesa se sentaban dos académicos de Ciencias Morales y Políticas, oí de labios de los dos que nadie ocuparía un sillón á su lado con más derecho que Doña Concepción Arenal. Apreciación que, en mi concepto, honra mucho á aquellos distinguidos señores [...] (Ibidem, p.67).

A referência à Concepción Arenal não foi uma menção gratuita. A condessa a fez na finalidade de reforçar o pedido feito ao senhor Altamira, o de convocá-lo para dar continuidade às discussões sobre a questão acadêmica feminina. Pretendia também atrair a participação de outros nomes que igualmente compartilhassem os mesmos pontos de vista para defender, especialmente através da imprensa— “medio de acción que todos ávidamente codician fingiendo desdeñar” (Ibidem, p.72)—, o pleito de Concepción Arenal que, segundo Pardo Bazán, desempenhara um papel fundamental dentro

da sociedade espanhola por lutar pelos direitos das mulheres e por contribuir com ideias e pensamentos que tornaram mais harmoniosas e respeitadas as relações entre homens e mulheres.

Assim como Rafael Altamira, que logo em seguida ao pedido feito por dona Emilia, publica em *El Heraldo de Madrid* uma carta à condessa, demonstrando-se favorável à candidatura de Concepción Arenal à *Academia de Ciencias Morales y Políticas*, outros nomes também se posicionaram a favor do ingresso das mulheres nas Academias e, dentre eles, destacamos o romancista Benito Pérez Galdós, Castelar, Campoamor e o pensador krausista Francisco Giner de los Ríos, que muito contribuiu para a emancipação da mulher espanhola. No entanto, embora houvesse uma significativa concordância por parte de muitos intelectuais da época quanto à pretensão acadêmica da senhora Concepción Arenal, ela não conseguiu eleger-se. Recebera apenas uma homenagem pública no Ateneu de Madri por suas relevantes contribuições nas áreas das ciências jurídicas, sociais e políticas, o que seguramente dever ter contrariado as expectativas de dona Emilia, para quem a candidatura de Concepción Arenal era simplesmente inquestionável. Vejamos: “Á esta candidatura, que llenaría todas nuestras aspiraciones, nadie puede objetar sino disculpas de mal pagador ó razones de pie de banco: únicamente la maldad ó la envidia ruin osarían poner en tela de juicio su legitimidad y su conveniencia” (Ibidem, p.70).

Nas considerações finais de seu texto, Emilia Pardo Bazán novamente solicitou o engajamento do amigo, o sr. Rafael Altamira, na campanha a favor da candidatura acadêmica de Concepción Arenal à Academia de Ciências Morales y Políticas, especialmente por acreditar que juntos eles conseguiriam não só conscientizar, como também convencer, sobretudo através da imprensa, os cidadãos espanhóis a lutarem por esse tão almejado e merecido ingresso das mulheres nas Academias. E para essa honrada empresa, Pardo Bazán afirmou não medir esforços, mantendo-se incansável e sempre “pronta á verter la última gota de tinta— nunca empleada mejor” (Ibidem, p.73).

Em 1912, com o falecimento de dois acadêmicos, Eduardo Saavedra e Juan José Herranz, a escritora galega novamente vislumbrou uma oportunidade de realizar o seu grande sonho. Esperançosa de consegui-lo, submeteu o novo pedido de candidatura à *Real Academia Española* que outra vez o recusa, mostrando ser a instituição implacavelmente contra a entrada de mulheres, ainda que elas tivessem todos os requisitos e condições para o ingresso.

Em 1916, o ministro de Instrução Pública, o sr. Julio Burell, concede às mulheres a possibilidade delas exercerem ocupações desse ministério e para ocupar o renomado posto de catedrático de Línguas Neolatinas da Universidade Central nomeia pela primeira vez, uma mulher: a talentosa e merecedora Emilia Pardo Bazán, o que provocara um enorme alvoroço e repercussão não só

no meio acadêmico como também na conservadora sociedade da época, acontecimento que revela o peso de uma mentalidade caduca e opressora que perfidamente censurava talentosas mulheres pelo simples fato de serem mulheres.

Não obstante, essa realidade ganhará novos contornos. Alonso Zamora Vicente (1999, p.116)⁶⁰ e Rocío Charques Gámez (2003, p.27) comentam que o catedrático Ricardo León y Román, que ocupara a vaga de Eduardo Saavedra, em maio de 1912, afirma que, passados alguns anos, todos os acadêmicos chegaram a concordar, inclusive os mais reacionários ao ingresso de dona Emilia, que a primeira vaga deveria ter sido merecidamente ocupada por ela, que lamentavelmente se despede do mundo sem ter concretizado a grande e antiga aspiração de fazer parte da RAE, abrindo as portas da instituição ao sexo feminino.

Apesar do reconhecimento, o ingresso da primeira mulher na *Real Academia Española* acontece tardiamente, apenas na década de 70, após a vitória da poetisa Carmen Conde, eleita no dia 09 de fevereiro de 1978, três anos depois da morte de Franco e do início do processo de transição à democracia na Espanha. Depois dela, foram eleitas respectivamente: Elena Quiroga, membro da *Real Academia Española*, em 1984, sendo a terceira mulher após María Isidra de Guzmán e Carmen Conde, e Ana María Matute Ausejo, acadêmica desde 1998 e ganhadora do Premio Cervantes, em 2010.

Entretanto, ao realizarmos um levantamento do atual número de acadêmicas na RAE, constatamos que a presença delas é muito ínfima, o que indica que ainda há muito trabalho a ser feito. Segundo constam as informações presentes no site oficial da RAE⁶¹ sobre a relação atualizada de acadêmicos, de quarenta e um, apenas seis são mulheres: Carmen Iglesias (2002), a quarta acadêmica da RAE, Margarita Salas Falgueras (2003), Soledad Puértolas Villanueva (2010), Inés Fernández-Ordóñez (2011), Carmen Riera Guilera (2013) e Aurora Egido Martínez (2014), panorama que precisa ser modificado principalmente em nome da igualdade de gênero.

E infelizmente parece que outras Academias Espanholas seguem a mesma tendência da RAE. No dia 15 de fevereiro de 2011, motivado pelo ingresso da filóloga Inés Fernández-Ordóñez, Charo Nogueira publica no blog *Mujeres*, do jornal espanhol *El País*, o resultado desanimador de uma pesquisa sobre a presença feminina nas doutas casas espanholas. Para o jornalista essa “avanza poco, a trancas y barrancas en el mejor de los casos. En los peores no se mueve ni un ápice o incluso se

⁶⁰ Vid. ZAMORA VICENTE, Alonso. “Memoria de académicos” en la *Real Academia Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p.59-309.

⁶¹ A lista encontra-se presente no site: <http://www.rae.es/la-institucion/los-academicos/academicos-de-numero/relacion-actual>

mantiene en cero”⁶². Afirmou que dos 354 membros das oito Academias Reais que tutela o *Instituto de España*, apenas 22% são mulheres. Vejamos os números apresentados por Nogueira:



Resumindo, em 2011 havia apenas 6,2% de acadêmicas contra 93,8% de acadêmicos, condição desigual e inadmissível, sobretudo, depois das diversas transformações sociais, econômicas, políticas, educacionais e culturais que viveu o país, e que, sem dúvida alguma, merece grande atenção por parte das sociedades contemporâneas que, muitas vezes, ainda por conta de velhos prejuízos e estereótipos têm o seu crescimento e progresso inviabilizados.

O segundo artigo considerado por nós intitula-se “Del amor y de la amizade” e foi publicado no número 13, em janeiro de 1892. Nele, dona Emilia dedicou-se especialmente à análise de um pequeno fragmento e de uma nota final presentes na obra *Estudios psicológico* (1892), do pensador racionalista González Serrano, “catedrático de Filosofía, colaborador de Revilla, autor de no pocos folletos y libros, ya de carácter doctrinal, ya de indagación libre y varia” (NTC, janeiro de 1892, p.55), que não acreditava ser possível uma amizade verdadeira e sincera entre homens e mulheres. E antes de

⁶² O texto de Charo Nogueira encontra-se disponível no site: <http://blogs.elpais.com/mujeres/2011/02/por-que-solo-seis-de-cada-cien-academicos-son-mujeres.html>

iniciarmos nossas reflexões críticas sobre o discurso de Pardo Bazán neste artigo, a fim de ressaltar a visão feminista da escritora, nos pareceu interessante citar o parágrafo e a nota finais da obra do sr. Serrano, para melhor contextualizar os principais comentários feitos por ela ao longo do texto. Vejamos, primeramente, o parágrafo:

<<Lo complejo de los vínculos de la amistad y del amor ofrece su anverso y reverso. Consecuencia de la ceguedad por el amigo, la abnegación que le acompaña, del placer que con su trato se siente, es la conexión de la amistad (llevada á sus extremas manifestaciones) con el amor. Y de otro lado, el amor, con sus excitantes, que á veces relajan y en ocasiones alteran el vínculo de la amistad, señaladamente entre individuos de sexo opuesto, ofrece obstáculos al tranquilo afecto de los amigos. Pero aun así, debe consignarse el parentesco inmediato entre ambos vínculos, pues el obstáculo que el primero opone al tranquilo afecto de la amistad queda en parte destruido, cuando se reconoce con Proudhon que “en las almas escogidas el amor no tiene órganos”, ó con el poeta que “la belleza (y, por lo tanto, la bondad) es un ángel que carece de sexo”>> (Ibidem, p.56).

E a polêmica nota que o acompanha, que de tão objetiva e elucidativa conseguiu inquietar-nos e, até certo ponto, escandalizar-nos pelos inconsistentes argumentos utilizados pelo pensador, para quem a amizade entre pessoas de diferentes sexos tratava-se de algo inconciliável e que deveria, portanto, ser evitada para o bem da sociedade. Citamos:

<<Se ha discutido mucho si es ó no posible la amistad entre individuos de sexo diferente. Sacrificada la mujer al amor y á la maternidad, enferma y sierva de su propia constitución luego que es mujer, no es capaz de grandes amistad. La suya con el hombre tiene además el peligro inminente de ser suplantada por el amor, sobre todo, desde que comienza la pubertad (clavo histérico) hasta el amortiguamiento de las pasiones. Aun calmadas éstas, siempre luchará la amistad con tendencias opuestas de cada uno de los sexos. Si la mujer se acerca, merced á una educación ficticia que la saque de su medios adecuado, á la condición del hombre (ejemplo de las amistades de madame Roland ó la más moderna de Flaubert y J. Sand), ó si el hombre asimila preferencias u gustos propios del sexo femenino, en ambos casos será la amistad difícil, quebradiza vidriosa, señaladamente si ha de llegar á aquella intimidad de afectos, que se establece entre amigos verdaderos>> (Ibidem, p.56-57)

Segundo Emilia Pardo Bazán, embora as percepções de González Serrano tenham sido apresentadas de forma nebulosa, e um tanto contraditórias, especialmente quando ele próprio afirmara que “em las almas escogidas el amor no tiene órganos” (Ibidem, p.56), é possível desprender delas a descrença do catedrático quanto a uma relação amistosa entre homens e mulheres. Para Serrano, tratava-se, pois, de uma relação inconcebível, uma vez que ele considerava a mulher incapaz de cultivar sólidas amizades em razão da fragilidade da natureza feminina. Pintava as mulheres como seres

enfermiços e como escravas de sua própria constituição, imagem que reforçava o vigente discurso patriarcal, reafirmado, inclusive, por diversas ciências da época, sobre a inferioridade- física e intelectual- da mulher.

E mais contundente ainda foi ao posicionar-se contra as amizades com mulheres que, em razão de uma educação mais completa e sólida, se aproximavam da condição masculina e, com isso, conseguiam subverter essa hierarquia patriarcal que intencionalmente as colocava em uma posição desprestigiada. Daí, a referência às amizades de Madame Roland e ao relacionamento entre Flaubert e a romancista francesa Amandine Aurore Lucile Dupin, que assinava seus textos como George Sand. Também se mostrou avesso aos homens que assimilavam preferências e gostos específicos das mulheres, afirmando serem estas relações extremamente complicadas e pouco duradoras: “amistad difícil, quebradiza y vidriosa”. (Ibidem, p.57).

Em “Del amor y la amistad”, Emilia Pardo Bazán cita o nome de outro ilustre pensador da época: Marcelino Menéndez Pelayo, para quem “mujer posible, es tentación probable; mujer probable, es tentación segura” (Ibidem, 58), e quem se posicionou radicalmente contra a candidatura dela à *Real Academia Española de Letras*, por julgar ser o sexo feminino incapaz de ocupar dito ofício. Ao fazê-lo, a escritora galega pretendeu revelar o peso desse discurso androcêntrico que também fora admitido pela opinião pública, em outras palavras, pela “muchedumbre irreflexiva y poco observadora” (Ibidem, p.58), que silenciava as mulheres e lhes atribuía um papel secundário, desmerecendo as suas virtudes e, acima de tudo o seu potencial intelectual. Vejamos:

[...] esta opinión, expresada por los refraneros y la poesía en concisas sentencias, y por el sr. González Serrano en períodos un poquillo abstrusos, es la más trivial, la que está más á flor de labio, y la que repite el vulgo cuando discute – en términos previstos de antemano- las relaciones sociales fundamentales de los dos sexos, ó sea *el amor y la amistad*. Y sin embargo, ni la experiencia ni el raciocinio militan a favor de esa opinión común, por lo cual, si admito que la muchedumbre irreflexiva y poco observadora la sostenga, no transijo con que la apoye uno de nuestros contados pensadores, nada menos que en unos *Estudios psicológicos*, fechados en 1892 (Ibidem, p.58).

Diante dessa opinião injuriosa e infundada, não poderíamos esperar outro posicionamento da diretora de *Nuevo Teatro Crítico* que não fosse o repúdio e um discurso combatente. Para dona Emilia, esse senso comum sobre a mulher funcionava como uma das mais diferentes “armas de la mala ley que se emplean para circunscribir á la mujer á un orden limitado de relaciones, no dejándole, fuera de ellas, outro recurso de que echar mano sino el horror de la miséria ó la ignominia del libertinaje” (Ibidem, p.58-59).

Consciente do seu papel social como escritora e, sobretudo, como mulher, Pardo Bazán levantou a sua voz contra essa opinião caluniosa e sem fundamentos, cultivada por importantes pensadores de diferentes áreas do conhecimento e legitimada pela própria sociedade espanhola da época. Para a autora, esses discursos que concebiam como inapropriada a relação amistosa entre duas pessoas de sexo diferente, dada à suposta natureza frágil e sentimental da mulher, produzia efeitos sociais extremamente negativos, principalmente para o sexo feminino, uma vez que criavam um ambiente extremamente opressor e angustiante para as mulheres, as quais, em nome da moral vigente, não deveriam desenvolver atividades fora do âmbito doméstico. Eis o comentário da condessa sobre essa penosa realidade vivida pelas mulheres na Espanha oitocentista: “[...] se crea una atmósfera en que la mujer no respira, y se perturba su espíritu y se mancha su imaginación y se la obliga á desconfiar de sí misma y de todos” (Ibidem, p.59).

Obstinada, portanto, a combater essa construção de mulher submissa e fragilizada que durante diversas gerações fora persistentemente difundida pelos estratos dominantes da sociedade, Emilia Pardo Bazán não mediu esforços para criticar o pensamento do sr. González, para quem os efeitos da “recíproca atracción de los sexos” eram muito mais intensos no sexo feminino. Diante dessa curiosa constatação, a condessa fez questão de esclarecer aos leitores de *NTC* que não seria intenção dela fazer-se de inocente, nem tampouco negar a imensa força existente na atração mútua dos sexos, em outras palavras, na “inmensa potencia de la palanca universal” (Ibidem, p.60). Pelo contrário, teve a sensatez de reconhecer a importância dela e considerá-la como elemento cardinal e avassalador. Com isso, julgou ser ilógica e despropositada a existência dessa infundada diferenciação, especialmente porque “para la propagación de la especie— fin natural á que se ordena la atracción mutua del hombre y de la mujer— la naturaleza necesita de ambos” (Ibidem, p.60).

A argumentação feita por Pardo Bazán a propósito do “ilogismo de pensar” (Ibidem, p.60) que os resultados de uma atração repercutem com maior intensidade no sexo feminino, tornou-se mais embasada e, inclusive, mais convincente, quando a autora referiu-se burlescamente à desmedida devoção do homem à mulher que, quando apaixonado, mostra-se capaz de tudo por ela, o que indubitavelmente contraria a exposição de González Serrano. Vejamos:

De los quince a los cuarenta y cinco, ó más arriba, si á mano viene, suele andar el hombre zarandeado y hecho un azacán tras la mujer, como la sogá tras el caldero; por ella derrocha salud, honra y hacienda; por ella malogra la vocación social, sin hablar de la vergüenza y la conciencia, (pues ya sabemos que es cosa convenida que en estos asuntos, no están obligados á tenerla los varones) por lo cual induzco que ese clavo histórico con que el sr. González Serrano nos atraviesa como el entomólogo á la mariposilla incauta,

también lo deben de llevar hincado en alguna parte nuestros mayorazgos los hombres...(Ibidem, p.61).

Assim, vimos que o uso do discurso figurado, compreendido a partir das comparações “hecho un azacán tras la mujer” e “como la sogá tras el caldero”— construções aqui usadas com o objetivo de desconstruir a “inabalável” natureza masculina, imune, segundo González, desses enfermigos efeitos—, e a singular mordacidade com que Pardo Bazán censurou o “clavo histórico” impiedosamente cravado pelo sr. González Serrano nas mulheres espanholas tal como “el entomólogo á la mariposilla incauta”, foram recursos estratégicos, pois refletiram a nada velada finalidade da escritora galega de combater essa despropositada concepção de que o sexo feminino era incapaz de cultivar grandes amizades, devendo permanecer, portanto, sacrificado ao amor e à maternidade.

Ainda motivada a desconstruir essa infundada diferenciação entre os sexos proposta pelo sr. González, a escritora galega inicia uma nova discussão. Emilia Pardo Bazán também fez questão de apontar que inexistem diferenças nos trabalhos desempenhados por muitas das mulheres que naquele período, e como exemplo, a autora citou o caso das criadas que executavam com o mesmo preciosismo e comprometimento os trabalhos realizados pelos homens nos mesmos serviços domésticos. E vai mais além, ampliou a discussão tratando do árduo e sacrificante trabalho exercido pelas mulheres galegas nos campos. Para a condessa, as camponesas, exemplos admiráveis de força e de empenho devido às precárias condições de vida e de trabalho, eram as principais encarregadas “de las labores penosas, arrostrando la intemperie y adquiriendo un rejoy un garbo que envidiaría Dulcinea para ahechar trigo” (Ibidem, p. 62), realidade que muito se distanciava da concepção de mulher frágil física e sentimentalmente, que deveria estar exclusivamente à serviço do matrimônio e da maternidade, apontada por González Serrano em *Estudios psicológicos*, e por muitos outros pensadores e literatos da época que, segundo dona Emilia, recorriam “por tipo de comparación á la burguesa, es decir, á la hembra más inmediata” (Ibidem, p.62) e a representavam em suas obras literárias geralmente “hecha un emplasto, fluctuando siempre cual las actrices de los teatrillos entre la convulsión y el soponcio” (Ibidem, p.62).

No artigo “Del amor y la amistad”, além do tom grave adotado pela condessa de Pardo Bazán para criticar o discurso essencialmente patriarcal de González Serrano, também é possível observar a irreverência pardobazaniana que igualmente atua para desqualificar e desmerecer as questionáveis ideias defendidas por ele. Vejamos o comentário em que a condessa deixa-nos evidente o riso que ocasionam as incongruentes palavras do pensador racionalista que, por encontrar-se cegamente

contaminado pela visão androcêntrica de mundo, que acirrava a diferenciação entre os sexos, conferindo á mulher uma posição social secundária, não percebera a enorme contradição sugerida:

La mujer no es capaz de grandes amistades, dice el Sr. González Serrano, porque está sacrificada al amor y á la maternidad, porque está siempre enferma.—De aquí parece seguirse que el hombre es capaz de grandes amistades porque no está sacrificado á la paternidad ni al amor, porque está siempre sano. No es culpa mía si enunciada así hace sonreír la proposición. En buena lógica ya sabe el señor González Serrano que quien niega un supuesto afirma el contrario (Ibidem, p.64).

E finaliza suas reflexões revelando-nos a verdadeira responsável por acometer as mulheres da época que padeciam em razão de uma educação precária, de um funesto sedentarismo, de relacionamentos convencionais, sem amor, e de um confinamento enervante nos espaços privados: a impiedosa sociedade patriarcal. Essa, sim, era para Pardo Bazán a principal culpada pelo desequilíbrio e enfermidade da mulher oitocentista que muito sofria com essa “irracional manera de vivir y de vertirse” (Ibidem, p.68) imposta por ela. Vejamos:

[...] ¿Había de ser la naturaleza tan inconsciente que, al atribuir á la mujer la gestación la lactancia, la afligiese por la misma razón con males crónicos la clavetease con esas tachuelas histéricas tan inconvenientes? ¡Ah! No es la naturaleza; es la sociedad tal cual hoy se encuentra constituida quien acaso desequilibra á la mujer” (Ibidem, p.69).

Nas considerações finais, dona Emilia chama atenção novamente para a incongruente desigualdade entre homens e mulheres, afirmada pelo velho critério de separação e oposição dos sexos masculino e feminino. Vê na educação de ambos um possível caminho para dar fim a essa marcante disparidade de gênero e, portanto, ao conflitante estado de guerra “funestísimo á las dos partes beligerantes” (Ibidem, p.69), que equivocadamente estabelecera uma ordem de distinções, privilégios e limitações, capaz de estagnar consideravelmente a cultura e de impedir o desenvolvimento social e, especialmente, moral dos espanhóis, que lamentavelmente, muito tardaram para reconhecer a “fraternidad amistosa como tipo normal de relación entre las dos mitad del género humano” (Ibidem, p.70).

Em “Una opinión sobre la mujer (El discurso del Marqués del Busto en la Real Academia de Medicina”, publicado no número 15 de *Nuevo Teatro Crítico*, em março de 1892, Emilia Pardo Bazán inicia o artigo tratando das constantes reclamações da comunidade científica espanhola, inconformada com a condição desfavorável em que se encontrara: “En algunos periódicos he leído días atrás quejas

de que aquí no se presta atención al movimiento científico; de que las especulaciones de nuestros pensadores caen en el vacío, y no hallan eco sino silencio” (*NTC*, março de 1892, p.71). Diante dessas explícitas queixas, Pardo Bazán mostrou-se indiferente. Afirmara que mesmo que tivesse ferramentas, meios, para reverter essa prejudicial situação vivida pela desacreditada comunidade científica espanhola da época, ela não o faria, fundamentalmente pelo fato de ela mostrar-se majoritariamente contrária à emancipação feminina. Vejamos as palavras de dona Emilia sobre o declínio do movimento científico espanhol que, segundo a autora, encontrava-se profundamente atrasado em sua essência e direção:

No soy yo quien puede remediar este daño, si tal daño existe; y quizá, aunque estuviese en mis medios coadyuvar á remediarlo, no estaría en mi voluntad, porque en las contadas materias en que no soy absolutamente profana, me causa tristeza la dirección y carácter de ese movimiento científico, prefiero ignorarlo” (*Ibidem*, p.71).

Para melhor fundamentar o seu rechaço à comunidade científica espanhola, Pardo Bazán revela que buscou conhecer os pontos de vista, em especial dos países mais desenvolvidos da Europa, sobre a importância da educação feminina e de uma nova condição social, jurídica, política e econômica da mulher, e ao compará-los com as opiniões circulantes na Espanha oitocentista, perspectivas que geralmente buscavam acirrar a significativa disparidade de gêneros existente no país, a condessa demonstra um aprofunda tristeza, não escondendo dos leitores de *NTC* o terrível abatimento sentido após a leitura de comentários e juízos que consideravam a emancipação feminina inapropriada e, até mesmo, vergonhosa: “cada opinión española que leo me deja fría, causándome un desaliento infecundo amargor” (*Ibidem*, p.72). Dona Emilia entendia que o desenvolvimento, o progresso da Espanha só seria possível na medida em que a sociedade atribuisse às mulheres novos papéis sociais e reconhecesse os direitos delas como cidadãs livres, em outras palavras, emancipadas.

Em seu artigo, Pardo Bazán impõe-se contra “los cerebros débiles y á las inteligências petrificadas por la tradición del absurdo” (*Ibidem*, p.73), que ainda mantinha incandescente as chamas de um discurso que consagrava a inferioridade da mulher e que era defendido por muitos partidários do Racionalismo, Neo-catolicismo, Carlismo, e inclusive por membros do Republicanismo Federal. Dentre eles, destaca o nome do pensador racionalista González Serrano, alvo de inúmeras críticas na segunda edição de *NTC*, publicada em fevereiro. Vejamos o ácido comentário de dona Emilia sobre as “ideias” do sr. Serrano que, carregadas de preconceito e intolerância contra a mulher:

En el *Teatro Crítico* de Febrero hube de combatir ideas del Sr. González Serrano, pensador racionalista, que sólo pueden tener digno *pendant* en las que su Discurso emite el señor marqués del Busto, título pontificio y médico poeta en prosa.

Y cuando digo *ideas*, me parece que peco lisonjera. No lo son ni aun en la primer acepción que da á la palabra idea el Diccionario: “simple conocimiento de alguna cosa”. Para ser exacta, debí incluirlas en el número de los que Heriberto Spencer llama “prejuicios de educación, prejuicios de clase, prejuicios políticos, prejuicios teológicos”, base de las “dificultades subjetivas, intelectuales y emocionales”, que atascando la corriente del juicio la dejan estancarse y corromperse, exhalando pestilencial hedor” (Ibidem, p.73-74).

Para Emilia Pardo Bazán, a aceção do termo “ideias” deveria estar intrínsecamente relacionado a conceitos que, segundo ela, “madurados por el raciocinio, abillantados por la buena fe, dignificados por el instinto de justicia, descienden del cerebro del pensador á iluminar y allanar la ruta de la humanidad” (Ibidem, p.74); deveria, portanto, implicar em um amplo desenvolvimento social, em outras palavras, proporcionar um positivo e fecundo aprimoramento do homem e consequentemente da sociedade.

Não obstante, é preciso comentar que, nesse artigo, as críticas recaíram, em sua maioria, sob a figura de dom Andrés Busto y López, o *Marqués del Busto*, “título pontificio y médico poeta en prosa” (Ibidem, p.73). Em “Una opinión sobre la mujer”, Emilia Pardo Bazán tratou basicamente do discurso intitulado “Problemas morales, sociales y políticos que resuelve el estudio médico de la mujer”, proferido por ele na *Real Academia de Medicina Española*. A autora de *NTC*, que nos confessa ter lido o texto atentamente: “confieso que abrí tanto ojo” (Ibidem, p.75), em razão de esperar encontrar nele “um adversário provisto de argumento, hasta de sofismas, que suscitasen en mi pensamientos nuevos y varios, y fecundasen por la contradicción mi propia tesis” (Ibidem, p.75-76), tem suas expectativas completamente contrariadas. Acreditava que encontraria no discurso do marquês, especialista em ginecologia, alguma novidade e profundidade nas discussões apresentadas por ele.

Não obstante, Pardo Bazán encontrou apenas argumentos e ponderações já assinalados, o que nos revela o peso desse discurso patriarcal engessado na alienante “tradición del absurdo”, que ainda via com muita dificuldade e resistência a emancipação das mulheres. Decepcionada com a falta de consistência das ideias apresentadas pelo conceituado doutor, em “Cuestión de la mujer”, Emilia Pardo Bazán decidiu empreender apenas uma breve reflexão, cujo propósito residia em revelar a notória e já comentada desaprovação da condessa com esse pensamento que postulava a inferioridade e o silenciamento da mulher. Eis a crítica feita por dona Emilia ao esvaziamento do discurso do marquês:

Un médico, médico de fama, el discípulo predilecto del Dr. Asuero, un especialista en ginecología; ¿no es cierto que cuando pone las manos en tan delicada cuestión, cuestión tan maltratada por la vulgaridad como intacta ó punto menos para el pensador original y vigoroso, diríase que está obligado á cierta novedad profundidad, á no repetir lugares comunes, marchitos hasta en la vestidura con que se envuelven?

Por lo mismo no puedo entrar en detenido análisis del discurso del Sr. Marqués. Me lo impiden juntamente lo manoseado del fondo el lirismo inoportuno de la forma. Sólo haré de pasada alguna breve reflexión que corrobore lo ya apuntado, ó sea mi desaprobación explícita del discurso en su forma en su fondo” (Ibidem, p.76).

Para Emilia Pardo Bazán, um dos principais equívocos cometidos por dom Andrés foi conferir ao sexo feminino um “destino de mera relación” (Ibidem, p.77), atribuição que reforçava o discurso sobre a dependência da mulher, em outras palavras, sobre a necessidade de mantê-la sempre subordinada a alguém— de preferência a um indivíduo do sexo masculino—, condição que lhe tirava a autonomia, a independência.

Em seu discurso, o médico insistiu em deixar evidente a ideia de que “la mujer ha nacido para el amor como esposa y madre” (Ibidem, p.77), pensamento que vem ao encontro com o discurso patriarcal da época que estrategicamente buscava associar a mulher à idealizada figura do “Ángel del hogar” a fim de conter as crescentes aspirações femininas sobre a emancipação, vista como perturbadora para os defensores do patriarcado. Em oposição a esse discurso que, no intuito de manter a hegemonia do sexo masculino, restringia a atuação das mulheres na sociedade, Pardo Bazán comenta que:

La atracción sexual, fuente de la unión conyugal, el instinto reproductor, ley de la naturaleza que impone la filogenitura en beneficio de las generaciones nuevas, han sido, son y serán móvil poderosísimo de las acciones humanas- humanas entiéndase bien, de varones y hembras, que forman la humanidad; - mas ni son el móvil único ni el único fin de la criatura racional, ni han de ofrecerse en ningún caso como negación ó limitación forzosa de otros móviles y fines altísimos, como el social, el artístico, el político, el científico, el religioso, ni siquiera el ejercicio de la libertad individual indiscutible, que implica el derecho absoluto al celibato y á la esterilidad (Ibidem, p.78-79).

E por evidenciar que essas questões naturais não podem ser consideradas como o único fim do homem, como finalidade única de sua existência, tal como apontara o renomado médico, para quem “el fin de la existencia de un ser racional puede estar condicionado, en primer término, no por la racionalidad que le otorgó el criador para distinguirlo de la bestia, sino por las consecuencias de la función de aparatos y órganos destinados á la reproducción y conservación de la especie, que nos son comunes con los irracionales” (Ibidem, p.77), Pardo Bazán buscou desconstruir a injusta e tradicional

tese sobre o destino da mulher, sustentada por um imaginário patriarcal que consagrava a disparidade entre os sexos feminino e masculino. Para a escritora galega, a mulher não nascera para viver para os demais; sua existência não deveria estar exclusivamente condicionada a de outros. Assim como o homem, a mulher deveria ter um destino próprio, traçado por ela mesma, em outras palavras, deveria ter autonomia e seus direitos reconhecidos e respeitados para inclusive optar por uma vida celibatária ou até mesmo sem filhos.

A escritora espanhola também se mostrou contrariada com a posição de dom Andrés Busto y López contra o ingresso das mulheres nas escolas de medicina do país. Ao comentar que: “El Sr. Marqués, partidario de que la mujer ha venido á este planeta “para dar felicidad y para sentir dolor” (¡amena perspectiva!), entiende que las mujeres no deben ser nada, y menos que nada *médicas*” (Ibidem, p.80), Pardo Bazán, com seu singular sarcasmo, revela o pensamento retrógrado e conservador do médico que não reconhecia as diversas habilidades femininas e, sobretudo, a capacidade das mulheres para ocuparem profissões e cargos até então monopolizados pelos homens. E objetivando combater essa perspectiva depreciativa da mulher, dona Emilia apresentou um argumento extremamente convincente. Comentou que em Paris era possível observar posições bem diferentes das defendidas pelo médico espanhol, tais como a assinalada pelo diretor do asilo de Santa Ana que destacava o brilhantismo e a aplicação das alunas dos cursos de medicina na França, dado que indubitavelmente revela a precariedade e o atraso da comunidade científica espanhola com suas descabidas e inconcebíveis teorias sobre a inferioridade da mulher. Vejamos a justificativa de Pardo Bazán:

He oído en París sostener opiniones bien distintas de ésta al director del Asilo de Santa Ana. Según aquel doctísimo facultativo, las alumnas de medicina eran en su clínica más puntuales, aplicadas é inteligentes que los varones; y por la moralidad de sus costumbres, podían servir de ejemplos á todo (Ibidem, p.80-81).

A contundente afirmação do marquês de que “sólo como muy honrosa excepción tenemos una Isabel la Católica que presentar como modelo” (Ibidem, p.83), também causou em dona Emilia uma profunda inquietação. O comentário soou-lhe como um estridente ruído, uma vez que, através dele, o médico madrilense, além de negar à mulher quase tudo, exceto “el derecho á parir y los labios rosados y los ojos brillantes y parleros” (Ibidem, p.82), negou-lhe, segundo a diretora de NTC, inclusive a aptidão “reconocidísima *para reinar*” (Ibidem, p.82), ignorando o importante papel desempenhado por outras monarcas no país.

Ao questionar o discurso de dom Andrés, Emilia Pardo Bazán revela-nos um contradiscurso, apresentando, aos leitores da publicação organizada e financiada integralmente por ela, suas ideias essencialmente feministas em prol da emancipação da mulher espanhola. A escritora galega lamentou profundamente a ausência de solidez nas palavras do renomado médico que, por sua vez, coincidiam com o pensamento crítico de muitos outros acadêmicos e intelectuais da época, ávidos por reforçar a opressora desigualdade entre os gêneros. Em seu artigo, Pardo Bazán aproveitou também para criticar a deficiência e o atraso do movimento científico espanhol, afirmando que essa precária condição vivida por ele podia ser explicada principalmente pelo fato de a literatura científica não ter evoluído em novos pensamentos e perspectivas, mantendo-se fechada, aprisionada no passado, mais especificamente no Romantismo, podendo ser vista, segundo ela, como “reflejo, ¡ay! de nuestra cultura y nuestra elaboración intelectual cuando no traducimos (y aun en traducir vamos atrasados)” (Ibidem, p.83), o que, sem dúvida, muito dificultou progresso do país.

No artigo intitulado *Tristana*, publicado na edição de número 17, em maio de 1892, Emilia Pardo Bazán realiza uma consistente e profunda análise crítica sobre o romance de Benito Perez Galdós, também publicado em 1892, que, segundo ela, poderia ter sido a melhor obra do autor. Nele, Pardo Bazán comentou que, em meio ao frenesi causado pela publicação de *Realidad*, *Tristana* manteve-se silenciada, teve pouca atenção por parte da crítica literária da época. Para dona Emilia, o romance galdosiano muito distante estava de ser tido como uma das melhores obras de Pérez Galdós e comenta, inclusive, que se a comparássemos com os romances mais recentes do autor, talvez, *Tristana* pudesse ser definida pela qualidade inferior. No entanto, Pardo Bazán afirmou que, independente da obra não ter despertado um zelo maior, em razão do estranhamento causado pelo título, pelo assunto e pela tendência, ela era indiscutivelmente merecedora de um atento exame, e foi justamente essa apreciação crítica que a autora buscou realizar em seu artigo.

A primeira delas relaciona-se com o assunto e a trama do livro. Para a autora, o assunto de *Tristana* cabe em um punho, e a trama, pode-se dizer que é inexistente. Vejamos: “El asunto de *Tristana* cabe en un puño, la trama puede decirse que es nula” (NTC, maio de 1892, p.78). Para justificar o seu ponto de vista, ela faz um breve resumo da obra, destacando os seguintes pontos: a decadência de D. Lope; a tutela concedida pela família de Tristana, a sedução e a posse da personagem; o confinamento da jovem; a paixão por Horacio; a repressão do velho galã/ tirano doméstico; a tentativa de separação; a ausência de Horacio e a doença de Tristana, o tumor e a

amputação da perna; o casamento por conveniência e pelo cansaço, e, por fim, a eterna dúvida sobre a felicidade do casal.

Pardo Bazán comentou que não desaprova a simplicidade da trama, especialmente porque muitas das melhores obras da literatura universal que ela afirmara conhecer possuíam uma trama excessivamente simples. Explicou que, apesar da visível simplicidade do assunto, havia excessos nele, em outras palavras, existiam elementos na trama que eram desnecessários e indispensáveis para o assunto interno da obra, ou seja, o que acontecia, o que se via, tal como a falta e o desaparecimento de Horacio e a perna amputada da personagem. Para a Condessa, o assunto interno da obra muito longe estava de ser a sedução de *Don Lope*, a paixão de Horacio, a ruptura, ou o casamento entre vítima e algoz; tratava-se, pois, de algo maior, de um assunto:

[...] nuevo y muy hermoso, pero imperfectamente desarrollado, es el despertar del entendimiento, la conciencia de una mujer sublevada contra una sociedad que la condena á perpetua infamia no le abre ningún camino honroso para ganarse la vida, salir del poder del decrepito galán, no ver en el concubinato su única protección, su apoyo único (Ibidem, p.81).

É, portanto, o despertar da consciência de uma jovem mulher— condenada por uma conservadora sociedade que censurava e via, com desprezo e antipatia, a emancipação feminina— o grandioso assunto do romance de Pérez Galdós. No entanto, é preciso ressaltar que o “nuevo y muy hermoso” assunto fora, segundo Pardo Bazán, imperfeitamente desenvolvido, o que muito contrariou as expectativas de dona Emilia que, como bem assinalamos, foi uma das principais vozes do feminismo na Espanha.

No artigo, a Condessa opina que se essa ideia, que em *Tristana* aparece de forma embrionária e confusa— “al través de una niebla, como si el novelista no se diese cuenta clara de la gran fuerza dramática que puede encerrar” (Ibidem, p.81)—, tivesse sido mais destacada, como o foi nas obras *El amigo manso* e *Fortunata y Jacinta*, as quais é possível observar a precisão e a vitalidade do assunto interno, talvez o romance galdosiano fosse o melhor romance de Galdós. E foi justamente essa ausência de prumo e de força na história da senhorita Reluz que comprometeu o assunto interno de *Tristana*.

Incisiva em sua crítica, Emilia Pardo Bazán comenta que, ainda que os primeiros capítulos da obra tenham dado-lhe uma impressão animadora: “me hacían concebir esperanzas brillantes” (Ibidem, p.82), em razão de a situação apresentar-se com rapidez e firmeza pelo autor, a obra decaiu consideravelmente, em especial a partir da segunda metade que, segundo ela, fica muito abaixo da

primeira, “atropellándose para traer el episodio final de la operación quirúrgica y sus consecuencias decisivas del porvenir de Tristana” (Ibidem, p.82).

Trata também de assinalar a resignação e a passividade da personagem, comparando-a a objetos como uma “cigarreira”, um “móvel” ou com uma “prenda de roupa”: “[...] le pertenecía como una petaca, un mueble ó una prenda de ropa... !y ella parecía tan resignada á ser petaca siempre petaca!” (Ibidem, p.82). Essa condição de Tristana apontada pela Condessa, inevitavelmente nos fez pensar no polêmico artigo intitulado “Eça de Queirós: *O primo Basílio*”, publicado por Machado de Assis na revista *O Cruzeiro*, no dia 16 de abril de 1878. Nele, o romancista brasileiro enfatiza a importância da presença dos conflitos de ordem interna na natureza da personagem central do romance. E, talvez, tenha sido esse um dos pontos mais discutidos por ele na crítica de *O primo Basílio*, pelo fato de Eça de Queirós não ter atribuído à Luísa um caráter moral, em outras palavras, uma personalidade de essência complexa e acentuada. Vejamos:

[...] Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes um títere do que uma pessoa moral. Repito, é um títere; não quero dizer que não tenha nervos e músculos; não tem mesmo outra coisa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciência (MACHADO, 1962, p.905).

A crítica feita ao esvaziamento de Luísa torna-se mais evidente quando Machado a compara com Eugênia Grandet, personagem balzaquiana. O prestígio dessa última pode ser explicado pela profundidade de seus valores morais, ou seja, pelo caráter indiscutivelmente completo de uma alma apaixonante e sublime, o que, sem dúvida, muito motivou os leitores a se interessarem pela leitura do romance francês. Em *O primo Basílio*, essa falta de motivação, segundo o autor de *Dom Casmurro*, ocorre devido ao fato de Luísa ser uma personagem carente de vitalidade e desprovida de qualquer sentimento verdadeiro que pudesse animá-la e dar-lhe vida, e uma das cenas que melhor ilustra a ausência de “cor” e de “nervos” da dama encontra-se no capítulo VIII, no episódio em que a dama coloca, junto com os seus pertences, uma fotografia de Jorge no saco de viagem preparado para a fuga. Citamos:

Eram onze e meia; foi pôr o chapéu. O coração batia-lhe alto, e apesar do terror de ver entrar Juliana, não se decidia a sair; sentou-se mesmo, com o saco de marroquim nos joelhos. Vamos!, pensou enfim. - Ergueu-se; mas parecia que alguma coisa de sutil e de forte a prendia, a enleava... Entrou na alcova devagar; o seu roupão estava caído aos pés da cama, as suas chinelinhas sobre o tapete felpudo... - Que desgraça! - disse alto. Veio ao toucador, mexeu nos pentes, abriu as gavetas; de repente entrou na sala, foi ao álbum, tirou a fotografia de Jorge, meteu-a toda trêmula no saco de marroquim, olhou ainda em

roda como desvairada, saiu, atirou com a porta, desceu a escada correndo (QUEIRÓS, 1997, p.252).

A cena do abandono, seja ele por parte da esposa ou do marido, é um acontecimento grave; porém, em *O primo Basílio*, o episódio, segundo Machado de Assis, adquire um contorno incongruente, devido ao fato de Luiza levar junto com os seus pertences o retrato do marido. Uma ação como essa não escapou das sagazes críticas do escritor brasileiro, que ignorava “inteiramente a razão fisiológica ou psicológica desta precaução de ternura conjugal que, em todo caso, não lhe era aparente” (MACHADO, 1962, p.906). No entanto, com a difusão de correntes existencialistas e de estudos relacionados à psicanálise, o gesto de Luísa, tão vilipendiado por Machado no século XIX, não nos parece, hoje, algo tão despropositado e incoerente, mas sim uma reação perfeitamente compreensível e aceitável, uma vez que pode ser compreendida como um ato falho movido pelo automatismo das práticas sociais, perspectiva que nos faz pensar no fato de que se Machado de Assis estivesse vivo, nos dias de hoje, sua crítica a respeito do gesto da personagem possivelmente não seria a mesma.

Para o autor de *Brás Cubas*, Luísa não representava nada. Não manifestava amor, paixão, aspiração, sonho, ódio, revolta, nem sequer perversão, mas apenas uma inércia aprisionadora que a impedia de libertar-se da condição de “títere” atribuída por ele. Sendo assim, para que Luiza pudesse despertar atenção era preciso que as tribulações que a afligissem viessem dela mesma: “[...] seja uma rebelde ou uma arrependida; tenha remorsos ou imprecações; mas, por Deus! dê-me a sua pessoa moral. Gastar o aço da paciência a fazer tapar a boca de uma cobiça subalterna, a substituí-la nos misteres ínfimos, a defendê-la dos ralhos do marido, é cortar todo o vínculo moral entre ela e nós” (Ibidem, p.906-907).

Para Machado de Assis, o drama deveria ser encontrado nos caracteres, nas paixões e na situação moral das personagens. Emilia Pardo Bazán, em seu artigo crítico sobre o romance *Tristana*, também parece concordar com a perspectiva machadiana— a de que o verdadeiro drama deve nascer da consciência das personagens—, embora desconheçamos a existência de algum comentário feito pela autora a propósito da análise empreendida pelo escritor brasileiro no artigo “Eça de Queirós: *O primo Basílio*”.

Para a condessa, “en esta unión ilícita del maduro galán con la linda muchacha, el drama verdadero, el conflicto de conciencia, tiene que surgir al punto mismo en que Tristana conozca la indignidad de su situación, y por salir de ella se arroje á una lucha desigual, pero que por lo mismo puede rayar en sublime” (NTC, maio de 1892, p.83). E foi no segundo capítulo de *Tristana*, que nós,

leitores, pudemos vislumbrar a força e a originalidade do romance, pois nele vemos o desabrochar da personagem, que já havia completado vinte e um anos de idade. A partir dele, e até que se comece o episódio dos amores com Horácio, Pardo Bazán afirma haver “una novela fuerte rara, de primer orden, un bellissimo *caso* psicológico” (Ibidem, p.83), em que é possível presenciar os primeiros impulsos de independência de Tristana e as primeiras reflexões críticas da personagem sobre a estranha condição social em que vivia. E para melhor apresentar essa tardia, porém extremamente significativa conscientização da personagem, comparada estrategicamente pela autora com o processo de florescimento de uma planta vívida e cheia de ideias, nos pareceu interessante citar o seguinte fragmento:

Hay algo de sagrado en esa crisis del alma de Tristana, que sacudiendo su irreflexión y pasividad muñequil, sin ideas propias, sustentada por las proyecciones del pensar ajeno, florece de improviso como planta vivaz se llena de ideas, en apretados capullos primero, en espléndidos ramilletes después; que se siente inquieta, ambiciosa de algo muy distante, muy alto, que á medida que se cambia en sangre y medula de mujer la estopa de la muñeca, va cobrando aborrecimiento repugnancia á la miserable vida que lleva en poder de Don Lope Garrido (Ibidem, p.83-84).

Outro significativo aspecto a ser comentado por Emilia Pardo Bazán, em sua crítica, foi o diálogo de Tristana com a criada Saturna, que “con su sentido práctico de dueña marrullera, advierte á Tristana de los riesgos que corre” (NTC, maio de 1892, p.84). A conversa gira em torno do casamento e da condição da mulher na sociedade patriarcal do séc. XIX. Vejamos:

[...] Te reirás cuando te diga que no quisiera casarme nunca, que me gustaría vivir siempre libre. Ya, ya sé lo que estás pensando; que me curo en salud, porque después de lo que me ha pasado con este hombre, y siendo pobre como soy, nadie querrá cargar conmigo. ¿No es eso, mujer, no es eso?.

- ¡Ay, no, señorita, no pensaba tal cosa! -replicó la doméstica prontamente-. Siempre se encuentran unos pantalones para todo, inclusive para casarse. [...] Libertad, tiene razón la señorita, libertad, aunque esta palabra no suena bien en boca de mujeres. ¿Sabe la señorita cómo llaman a las que sacan los pies del plato? Pues las llaman, por buen nombre, *libres*. De consiguiente, si ha de haber un poco de reputación, es preciso que haya dos pocos de esclavitud. Si tuviéramos oficios y carreras las mujeres, como los tienen esos bergantes de hombres, anda con Dios. Pero, fíjese, sólo tres carreras pueden seguir las que visten faldas: o casarse, que carrera es, o el teatro... vamos, ser cómica, que es buen modo de vivir, o... no quiero nombrar lo otro. Figúreselo.

- Pues mira tú, de esas tres carreras, únicas de la mujer, la primera me agrada poco; la tercera menos, la de en medio la seguiría yo si tuviera facultades; pero me parece que no las tengo... Ya sé, ya sé que es difícil eso de ser libre... y honrada. [...] Yo quiero vivir, ver mundo y enterarme de por qué y para qué nos han traído a esta tierra en que estamos. Yo quiero vivir y ser libre... (PÉREZ GALDÓS, 2004, p.61-62).

O diálogo entre Tristana e Saturna, representado pelo uso do discurso direto, é revelador principalmente pelo fato de ele aclarar uma nítida contraposição de perspectivas ideológicas. Através das relações dialógicas que nele permeiam, é possível vislumbrar os distintos pontos de vista que cada personagem feminina possui a respeito do matrimônio e da condição da mulher na sociedade do séc. XIX. Tristana não fora adequadamente escolarizada, não teve um amplo acesso ao mundo das letras: “[...] mi mamá no pensó más que en darme la educación insustancial de las niñas que aprenden para llevar un buen yerno a casa, a saber: un poco de piano, el indispensable barniz de francés y qué sé yo..., tonterías” (Ibidem, p.116), e esta falta de instrução muito limitou o seu conhecimento de mundo e suas experiências de vida.

Antes de morrer, dona Josefina, mãe de Tristana, concedeu a dom Lope Garrido a tarefa de orientá-la, e este o fez conforme sua própria vontade, cativando com esmero a imaginação da jovem e semeando ideias que fomentaram a conformidade com uma vida marcada pelo infortúnio, adversidade. Não havia oposição, mas sim uma aceitação por parte de Tristana que, inclusive, passou a incorporar alguns conceitos de dom Lope, tornando-se herdeira do pensamento de seu dono: “Algunas ideas de las que con toda lozanía florecieron en la mente de la joven procedían del semillero de su amante y por fatalidad maestro>>> (Ibidem, p.60), e uma destas opiniões referia-se ao casamento, o que novamente nos leva a pensar no conceito bakhtiniano sobre a importância do olhar complementar do outro.

Por ver o mundo com os olhos do decadente cavaleiro, a jovem de “destino gris”, definida assim por Leopoldo Alas na crítica literária do romance galdosiano, também se demonstrou desfavorável à união matrimonial. Vejamos: “Yo me entiendo: tengo acá mis ideítas. Nada de matrimonio, para no andar a la greña por aquello de quién tiene las faldas y quién no. [...] Libertad honrada es mi tema..., o si quieres, mi dogma. Ya sé que es difícil, muy difícil, porque la *sociedad*, como dice Saturna... No acaba de entenderlo... (Ibidem, p.124). Do ponto de vista da personagem, a liberdade era sinônimo de independência e de honra, e o casamento, de prisão e de submissão, visão que revelava a presença de um espírito indiscutivelmente revolucionário, transgressor, dado o imensurável desprendimento da jovem.

O pensamento transgressor de Tristana sobre a liberdade feminina e sobre o casamento pode ser explicado principalmente pelo fato de a jovem haver se apropriado do discurso liberal daquele que inicialmente estava predestinado a ser o seu tutor, dom Lope, que também manifestava grande aversão ao relacionamento conjugal. Além de aclarar a apropriação do discurso, o narrador heterodiegético,

através do diálogo das personagens, pretende pôr em evidencia algo maior: a relação dialógica que há nele, já que o discurso de Tristana se contrapõe ao de Saturna.

Em oposição à Tristana, Saturna torna-se porta-voz do discurso ideológico da conservadora sociedade patriarcal na Espanha do séc. XIX, principalmente por afirmar que a liberdade trata-se de uma palavra que não soa bem na boca das mulheres. E essa repulsa à emancipação feminina fica mais nítida quando a criada faz alusão às três possíveis “carreiras” que a mulher poderia seguir: ser casada, ser artista e ser prostituta, revelando, assim, o indiscutível peso do discurso patriarcal na determinação do papel da mulher, que impreterivelmente deveria dedicar-se à família e ao lar.

Para Bakhtin (1995, p.41), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos”, e a voz de Saturna pode ser compreendida como a voz que ecoava na sociedade espanhola no séc. XIX. Por mais que as mudanças socioeconômicas decorrentes da modernidade tenham proporcionado diversas conquistas ao público feminino, as mulheres que buscavam conquistar sua emancipação, sua independência, não eram bem vistas pelos homens nem tampouco por muitas mulheres, perplexas com as atitudes e os comportamentos daquelas que viam na liberdade e, acima de tudo, no trabalho, o caminho para se desprenderem das amarras impostas por essa sociedade predominantemente masculina.

Para dona Emilia, o conteúdo que se apresenta no diálogo entre Tristana e a criada Saturna é o que deveria, portanto, ser o assunto fundamental de toda obra. A partir de sua própria experiência como leitora do romance, a escritora galega comenta que o leitor de *Tristana* acredita presenciar, a partir dos primeiros capítulos do livro, um “drama transcendental”; que vai ser testemunho de um “processo libertador e redentor” de uma alma que, segundo ela, representa milhões de mulheres oprimidas pelo mesmo peso, o que definitivamente não acontece. Quando Pardo Bazán acredita começar o embate, surge a figura de Horacio e a previsível paixão da jovem Tristana pelo pintor. Para a autora, não havia novidade alguma nessa relação retratada por Galdós; tratava-se apenas de uma intriga amorosa como qualquer outra, e isso não só comprometeu como também suprimiu a luta pela independência da personagem. Benito Pérez Galdós silenciou também qualquer outra luta, inclusive aquela que garantiria à Tristana o direito de livre escolha amorosa, causa muito defendida por Pardo Bazán que se posicionava enfaticamente contra ao casamento convencional, sem amor. Vejamos o comentário da condessa:

Quando creemos que va á principiar el combate, aparece Horacio, una intriga amorosa como cualquiera, Tristana se entrega á la pasión con un ímpetu que yo no negaré que sea

cosa muy natural, pero que no tiene nada que ver con la novela iniciada en las primeras páginas del libro. La lucha por la independencia ya queda regalada á último término; puede decirse que suprimida. Ni aun tenemos ocasión de presenciar otro género de lucha, la lucha por la libre elección amorosa” (NTC, maio de 1892, p.86).

O descontentamento de Emilia Pardo Bazán é visível. Ela não hesita em declarar que Galdós desorientou duplamente os leitores da obra: primeiro na apresentação do caráter e papel de Tristana e, em seguida, com a figura de dom Lope:

[...] que al principio parece un esclavo del punto de honra, un galán calderoniano, modo de ser muy conforme con su avellanada y varonil hermosura de personaje del cuadro de las *Lanzas*, y que se prestaba admirablemente para realzar con el contraste la figura de su rebelada pupila, se va convirtiendo poco á poco en un héroe psicológico moderno, francés á lo Pablo Bourget, un hombre contemporizador y escéptico, que tolera lo que no puede evitar, seguro de que las circunstancias y el tiempo le devolverán su presa” (Ibidem, p.86-87).

Do decadente galã, a condessa esperava, após o descobrimento da traição de Tristana, uma diferente postura, especialmente pelo fato dele demonstrar uma profunda admiração e simpatia pelos ideais calderonianos que proclamavam a legitimidade do ponto de honra. E ao invés de presenciar “el terrible conflicto del hombre antiguo y el ideal nuevo” (Ibidem, p.87), viu nada mais que a figura de um velho conformista e teimoso, uma menina aprisionada e uma história inexpressiva, que segundo a editora de NTC, “se desenlaza por medio de un suceso adventicio, de una fatalidad física, análoga á la caída de una teja ó al vuelco de un coche” (Ibidem, p.87-88).

Com isso, é possível concluir que as críticas empreendidas por Emilia Pardo Bazán, nesse artigo, devem-se fundamentalmente ao fato de o romance *Tristana* não ter aprofundado o tema da emancipação feminina, tendo desconsiderado um rico repertório de elementos que, caso fossem desenvolvidos com a maestria e o talento inatos de Pérez Galdós, possivelmente fariam de *Tristana* a melhor obra do escritor. O assunto fora anunciado, porém não desenvolvido: “[...] Galdós nos dejó entrever un horizonte nuevo y amplio, y después corrió la cortina” (Ibidem, p.88), fator que explica o nítido descontentamento da condessa que, além de notável romancista, contista, articulista e crítica literária, foi uma das mais importantes vozes do feminismo na Espanha.

Na mesma edição de número 17, Emilia Pardo Bazán publica o artigo intitulado “Stuart Mill” que, alguns meses depois, fora republicado como Prólogo de *La esclavitud femenina*, a primeira tradução espanhola do ensaio intitulado *The subjection of women*, do pensador inglês John Stuart Mill.

Publicado em 1869, em um período marcado pela eclosão de diversos discursos que reivindicavam o sufrágio universal e de muitas organizações feministas inglesas, o ensaio de Stuart Mill pode ser compreendido como uma das mais significativas contribuições ao feminismo, sobretudo, pelo fato de o autor defender abertamente a relevância da emancipação da mulher e da igualdade de direitos.

Stuart Mill acreditava que “[...] las relaciones sociales entre ambos sexos, aquellas que hacen depender a un sexo del otro, en nombre de la ley, son malas en sí mismas, y forman hoy uno de los principales obstáculos para el progreso de la humanidad”⁶³. Entendia que essas relações deveriam ser substituídas por uma igualdade plena, absoluta, sem que houvesse privilégios e poderes para um determinado sexo, pensamento que seguramente atraiu a atenção da escritora galega que se posicionava expressivamente contra a opressão da mulher, em outras palavras, a toda e qualquer forma de silenciamento e de tirania resultantes do sistema de dominação sexual do homem.

E foi durante as celebrações das sessões realizadas pela *Asociación británica para el adelanto de la cultura*, na cidade de Oxford, em 1891, que a condessa Pardo Bazán, em conversa com um distinto senhor inglês, “hombre de buen entendimiento, de esos a quienes se les habla sin ambajes” (*NTC*, maio de 1892, p.41), tomou conhecimento da admirável personalidade de John Stuart Mill que, segundo o amigo, se destacava por fomentar a independência do indivíduo, por aprimorar a economia política do país e por proclamar a necessidade de subordinar a produção ao homem, ao invés dele se manter subordinado a ela.

Dona Emília não foi a única a impressionar-se com o pensamento filosófico e político de Stuart Mill— desenvolvido desde a juventude e graças, principalmente, aos ensinamentos que recebera do pai, o historiador Jacobo Mill, dos quais valeram mais dos que qualquer outro ensinado por pedagogos e catedráticos. Em seu artigo, Pardo Bazán comenta que muitos foram os escritores que, em suas obras, buscaram reconhecer e sobressaltar o papel transformador do pensador inglês. Dentre eles, destacou Hippolyte Taine que, na obra *Historia de la literatura inglesa*, mais especificamente no tomo destinado aos Contemporâneos, dedicou um extenso estudo sobre o pensamento intelectual de Stuart Mill, do qual é possível perceber o profundo interesse e admiração demonstrados pelo historiador francês; e Odysse Barot que, em *Historia de la literatura contemporánea de Inglaterra*, o considerou como o piloto intelectual do séc. XIX, por haver contribuído enormemente, mais do que qualquer outro nome daquela geração, para o aperfeiçoamento do espírito humano.

⁶³ MILL, John Stuart. *La esclavitud femenina*. Prólogo de Emilia Pardo Bazán. Capítulo Primero. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1999. Esse texto encontra-se disponível no site: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/la-esclavitud-femenina--0/html/fefa4632-82b1-11df-acc7-002185ce6064_3.htm

Assim como Taine e Odysse Barot, a condessa não hesitou em proferir dignos elogios a respeito da produção e da distinta personalidade de Stuart Mill. Acreditamos que esse explícito reconhecimento e admiração podem ser compreendidos principalmente pelo fato de Pardo Bazán ter se identificado com muitos dos pensamentos críticos e filosóficos defendidos por Stuart Mill, em especial os que postulavam a igualdade entre os sexos. Daí, explica-se o desejo de dona Emilia de ser a primeira a oferecer aos leitores espanhóis a tradução da obra que julgara ser, talvez, a mais atrevida e inovadora do pensador inglês: *La esclavitud femenina*, “corona de su vida y de su labor filosófica” (Ibidem, p.49).

Não obstante, antes de tecer os comentários sobre o ensaio, a editora de *Nuevo Teatro Crítico* se detém a apresentar a importância de Harriët Taylor na vida de John. Para o pensador inglês, a mulher apresentava reunidas qualidades que ele jamais havia encontrado juntas em um único indivíduo: “[...] la señora de Taylor poseía juntas las cualidades que yo no había encontrado hasta entonces más que distribuidas entre varios individuos...” (Ibidem, p.53), o que a transformava numa pessoa indiscutivelmente especial e única devido à inteligência aguçada e à nobreza dos sentimentos dela.

Pardo Bazán comenta-nos que a senhora Taylor exerceu um papel fundamental na vida do marido, pois além de expressiva incentivadora, ela atuara também como grande colaboradora de muitos dos textos de Stuart Mill. A ela o pensador inglês atribuiu os diversos elogios que recebera, em especial, pelo espírito prático e pelo sentido de realidade que diferenciava os seus textos de outros pensadores. Reconheceu que as obras que ostentam esse “sello peculiar” eram, na verdade, fruto de uma fusão de dois espíritos, o que revela uma encantadora afinidade e companheirismo entre eles. Os dois coincidiam e não há dúvidas de que caminhavam juntos na mesma direção. Vejamos:

Las obras mías que ostentan este sello peculiar, no eran mías solamente, sino fruto de la fusión de dos espíritus. Verdad que el influjo de la señora de Taylor, aun después de que esta señora rigió el progreso de mi entendimiento, no me hizo cambiar de dirección, pues coincidíamos (Ibidem, p.55).

Entretanto, a pesar dessa profunda sintonia do casal, compreendida a partir das afetuosas declarações de amor e admiração de Stuart Mill à senhora Taylor, Emilia Pardo Bazán comenta que não é prudente pensar que dela que se originam os verdadeiros motivos que incentivaram o filósofo inglês— considerado por ela como o pensador mais ilustre de toda a Inglaterra contemporânea— a redigir *The subjection of women*, livro definido por ela como: “extraño, radical, fresco y ardoroso, que en nombre del individualismo reclama la igualdad de los sexos y que con el más exacto raciocinio y la

más apretada dialéctica pulveriza los argumentos y objeciones que pudiesen oponerse a la tesis” (Ibidem, p.66).

Tratava-se, pois, de uma convicção antiga que se impôs espontaneamente quando Stuart Mill começou a dedicar-se ao estudo das questões políticas. Desde então, John passou a advogar em defesa da igualdade dos sexos, tanto nas relações sociais como nas legais, domésticas e políticas, e da emancipação feminina, e foi justamente por se posicionar a favor dessas causas, e, sobretudo, pelo entusiasmo e vigor com que ele as defendia, que Stuart Mill conquista a atenção e o interesse da senhora Harriët Taylor, que após o falecimento do primeiro marido, se casa com John, tornando-se o grande amor da vida dele. Vejamos o que diz o pensador:

Los progresos espirituales que debí a mi mujer no son del género que suponen los mal informados. No faltara quien crea, verbigracia, que la energía con que abogué en favor de la igualdad de los sexos en las relaciones sociales, legales, domésticas y políticas, fue inspirada por la señora de Taylor. Nada de eso; por el contrario, esta convicción mía fue de las primeras que se me impusieron espontáneamente, cuando principié a estudiar las cuestiones políticas, y el calor con que la expuse despertó desde luego el interés de la que había de ser mi esposa. Sin duda que antes de conocerla, mi opinión sobre la mujer no pasaba de ser un principio abstracto. No veía yo ninguna razón plausible para que las mujeres estuviesen sometidas legalmente a otras personas, mientras no lo están los hombres (Ibidem, p.67-68).

A condição de exclusão social ainda vivenciada por muitas mulheres na Inglaterra, mesmo apesar das diversas transformações econômicas, sociais, políticas e educacionais ocorridas com o avanço do capitalismo no país e a existência de discursos que preconizavam a inferioridade feminina e que acentuavam a grave distinção entre os sexos ofereceram a Stuart Mill inúmeras razões para a realização de um profundo e substancial exame dos fundamentos da cultura e dos imaginários circulantes na sociedade inglesa do século XIX, que ainda via com muita resistência e preocupação a emancipação da mulher.

Para o autor de *The subjection of women* não havia nenhum motivo que justificasse o fato de as mulheres permanecerem legalmente submetidas a outras pessoas, mais especificamente ao sexo masculino, e diante desse opressor cenário, Stuart Mill mostrou-se inteiramente convencido de que elas precisavam de defensores, e que “ninguna protección obtendrían mientras no disfrutasen, como el hombre, el derecho de hacer las leyes que han de acatar”, prerrogativa que justifica a reivindicação dele pelo ingresso feminino na vida política do país.

Emilia Pardo Bazán assinala que, embora existam alguns pontos de discordância, o ensaio de Stuart Mill, em seu conjunto, é de precioso valor, fundamentalmente por palpar nele um discurso convincente e muito articulado que vai apresentar, criticar e combater os inúmeros equívocos cometidos contra a mulher. Para o pensador inglês, dessa significativa retificação dos erros empreendidos pelo patriarcado se desprendem fecundas lições que devem ser tidas como exemplos a serem seguidos por uma nação que busque o desenvolvimento social e, sobretudo, humano de seus cidadãos. Com isso, a condessa afirma que “su campaña no ha sido estéril y ya puede contársele entre los mayores bienhechores de la mujer en el terreno positivo” (Ibidem, p.73).

Na edição de número 22, de outubro de 1892, Pardo Bazán publicou o artigo intitulado “La educación del hombre y la de la mujer. Sus relaciones y diferencias”. O texto trata-se, pois, de uma Memória lida por ela no Congresso Pedagógico Hispano-Português e Americano, realizado nos dias 14, 15 e 16 de outubro de 1892, na capital Madri. Convocado “por iniciativa de el Fomento de las Artes de Madri y de un comité constituído por profesores de enseñanza oficial y privada, también madrileño” (DEL VALLE, 1998, p.80),⁶⁴ o evento internacional deve, portanto, ser compreendido como um indicador a mais da inquietação acadêmica por uma ampla reforma na educação europeia, em especial, na espanhola.

Através de um discurso austero porque, segundo a condessa, austero era o assunto, a escritora galega solicitou encarecidamente a atenção, a compreensão e inclusive a tolerância de todo o público— essencialmente composto por educadores, “depositarios— como dijo el excelso filósofo de Koenisberg— del gran secreto del perfeccionamiento humano” (NTC, número 22, outubro de 1892, p.15)— para as ideias que seriam apresentadas por ela sobre a importância da educação das mulheres. Vejamos:

Por gala, la claridad; por ley, la verdad; por auxiliar, la lógica, por recompensa, no aplausos, sino la remota esperanza de persuadir á alguno de mis oyentes, entre quienes domina la representación del magisterio, los educadores ... Austeras serán mis palabras, como austero es el asunto; y al par que austeras, perentorias, categóricas, más cercanas á la crudeza que el eufemismo. Son las ideas como Musas, siempre castas, siempre vírgenes, aunque aparezcan sin velo de cendal; quizá nunca tan honestas como al descubrir la eurtmia de su inmaculado cuerpo. Mirad con ojos puros las ideas que expondré, y sed tolerantes para las que os ofendan, más aún por desusadas y peregrinas, que por desnudas (Ibidem, p.15).

⁶⁴ DEL VALLE, Ángela. *Aportación bio-bibliográfica a la historia de la ciencia*. Madrid: Narcea. S. A. de Ediciones, 1998.

Emila Pardo Bazán, antes de iniciar suas considerações sobre a educação do homem e da mulher, fez questão de evidenciar qual era a visão dela sobre educação, na intenção de revelar ao público a amplitude do conceito e a relevância deles para os indivíduos, especialmente por se tratar de um processo contínuo, permanente e, logo, sem fim: “[...] mi concepto de la educación es el más comprensivo; y no solo abarca las seis subdivisiones que recibe comúnmente la pedagogía, ó sea la educación física, la moral, la intelectual, la religiosa, la social y la técnica, sino que rebasa del límite fijado á la pedagogía infantil y á la juvenil, extendiéndose hasta informar y penetrar toda la vida” (Ibidem, p.16).

No entanto, apesar de defender a ideia de que o homem deve educar-se, tanto intelectual como sentimentalmente, durante toda a sua vida, Pardo Bazán reconheceu o fato de que nem todos podiam se educar da mesma maneira, sobretudo, em razão das condições sociais que, neste caso, se colocavam como fatores determinantes ao longo desse contínuo processo de aprendizagem. Vejamos o posicionamento da autora a propósito do tipo especial de educação para cada classe social:

Ruego á mi auditorio que por esta manera amplísima de comprender la educación, no deduzca que yo creo que todos indistintamente pueden educarse lo mismo. Me anticipo á declararlo: aun descontando la mayor ó menos disposición é ingenio de cada cual; aun sin que ninguna traba legal se lo estorbe; siendo absolutamente iguales ante el derecho pedagógico, por raro caso el obrero, el labriego, el proletario, el sirviente, el soldado, el mismo burgués de modesta posición, podrán educarse como si dispusiesen de los recursos que brindan la abundancia de tiempo y el desahogo de la hacienda. Si suponemos un individuo nacido en la condición de labriego, de obrero ó de artesano, y que por determinadas circunstancias logra educación superior, al punto veremos establecerse antagonismo entre la condición y ocupación originarias y el adquirido estado educativo, antagonismo que infaliblemente se resuelve en cambio de profesión y hábitos sociales. [...] Hay condiciones sociales que especializan la educación: la aristocracia, por ejemplo, suele poseer más educación que técnica é intelectual: en los marineros de nuestras costas es admirable la educación física, y está bien desenvuelto el sentimiento religioso moral, pero descuidada ó intacta la cultura del entendimiento (Ibidem, p. 18-19).

Partindo para as reflexões sobre as afinidades e diferenças, que são proporcionalmente muito mais numerosas que as primeiras, na educação de homens e mulheres, matéria principal dessa Memória, dona Emilia as inicia comentando que a educação masculina fundamentava-se em um postulado otimista, capaz de proporcionar aos homens o desenvolvimento e a plenitude moral e intelectual. Em oposição, a educação da mulher derivava de um postulado pessimista, da suposição de que havia, segundo a autora, uma significativa contradição entre a moral e o intelecto, em outras palavras, uma inconciliável relação entre a lei moral e a lei intelectual. Assim, conclui que enquanto “la

intensidad de educación, que constituye para el varón honra y gloria, para la hembra es deshonor y casi casi monstruosidad” (NTC, número 22, outubro de 1892, p.20).

Alberto Carrillo-Linares (2002), no texto “Mujer y feminismo en la obra de Javier Lasso de la Veja y Cortezo (1855-1911)”, também se dedica ao tema retratado por dona Emilia nas últimas décadas do século XIX. Comenta, em sua análise crítica, que as diferenças biológicas entre os sexos masculino e feminino foram primordialmente concebidas em termos de capacidade e havia uma série de discursos, em especial os da área médica, que reafirmavam esse equivocado pensamento:

Las diferencias biológicas entre el varón la hembra se concibieron en términos de capacidad. A ello contribuyeron notablemente los textos argumentos elaborados por médicos que se declaraban conocedores de las mujeres... También en España hubo interpretaciones sobre la mujer elaboradas por médicos, y no debemos desdeñar la influencia de estos sobre la sociedad” (CARRILLO-LINARES, 2002, p.101-102).

Segundo Emilia Pardo Bazán, esse “pesimismo sombrío y horrendo, que encierra á la mitad del género humano en el círculo de hierro de la inmovilidad” (Ibidem, p.20) era fruto de outro significativo equívoco relativo ao sexo feminino: o erro de afirmar que o papel que correspondia à mulher nas funções reprodutivas da espécie determinava e limitava as restantes funções de sua atividade humana, excluindo do seu destino toda significação individual, “y no dejándole sino la que puede tener relativamente al destino del varón” (Ibidem, p.21). Devido a essa mentalidade, a mulher espanhola encontrava-se impossibilidade de viver a sua própria vida; de traçar os caminhos do seu próprio destino. Não podia contemplar a individualidade, a dignidade, nem tampouco a felicidade, uma vez que a sociedade determinava que sua primordial missão era proporcionar a felicidade e, em especial, a dignidade alheia: “la del esposo é hijos, y si no hay hijos ni esposo, la del padre ó del Hermano, y cuando estos faltaren, la de la entidad abstracta género masculino” (Ibidem, p.21). Dessa forma, observa-se que o objetivo fundamental com que se perseguia a educação da mulher não seria:

[...] darle los derechos que le corresponden porque corresponden; no sería aumentar su propia dignidad por medio de la cultura; no sería lograr la adquisición de una percepción de la vida, el mundo, el hombre o de ella misma; no sería igualar a la mujer y al hombre en su grado de ilustración, sino que lejos de todas esas metas, que considerarían a la mujer como un ser individual con derechos, como una voluntad inteligente, se pretendía prepararla para servir a los demás, y muy especialmente <<para que sea luego la madre que a su vez eduque a sus hijas y a sus hijos>> (CARRILLO-LINARES, 2002, p.105)

E muitos foram os que defenderam essa condição de dependência. Dentre eles, Pardo Bazán cita o filósofo Rousseau, criticado severamente por ela não só por postular a submissão da mulher ao sexo masculino como também por julgá-la incapaz de elevar-se intelectualmente, acreditando que “en las muchachas no hay que contar, como en los muchachos, con el natural proceso de los años; Emilio, a los quince años, puede oír la Profesión de fe del Vicario saboyano; Sofía no puede oírla nunca” (*NTC*, número 22, outubro de 1892, p.22). Para a autora de *Nuevo Teatro Crítico*, os sofistas, que da força derivavam o direito, foram hábeis, neste caso, fundando na submissão da mulher todo um sistema de metafísica sexual e dando à servidão e à violência “colores de deber y virtud” (*Ibidem*, p.23). Junto a eles, encontrava-se a sociedade patriarcal da época. Houve, por parte dela, um consentido interesse coletivo, o que consequentemente viabilizou a difusão de discursos que reforçavam as relações de domínio e submissão, e os meios de comunicação, como vimos, tiveram um papel essencial na consolidação desse processo.

Dessa perspectiva, dona Emilia apontou que o instinto coletivo do homem, impulsionado pela visão androcêntrica de mundo, foi suficiente para elaborar o conceito de destino relativo da mulher e principalmente para conceder a esse grave erro, que infelizmente é possível observar ainda hoje em diversas culturas pós-modernas, uma “fortíssima consistencia que le sostiene todavia, haciéndole último pero formidable baluarte de la desigualdad ante la ley en el seno de la sociedad moderna, que ciertamente ha proclamado los derechos del hombre, pero tiene aún sin reconocer los derechos de la humanidad” (*Ibidem*, p.24). E foi em nome desses direitos humanitários que Emilia Pardo Bazán buscou apresentar a educação, tal como assinalara James Mill, como um importante meio para transformar o indivíduo, primeiramente, em instrumento de felicidade própria e, em seguida, da de seus semelhantes.

Dona Emilia ciente estava das dificuldades que enfrentaria para implantar na Espanha essa transformadora visão da educação, especialmente se consideramos a precária instrução recebida pelas mulheres, cuja finalidade, segundo a escritora que fez suas as palavras do pensador francês Stendhal, parecia estar mais a serviço do infortúnio do que da felicidade e do desenvolvimento moral e intelectual das espanholas. Vejamos o comentário: “[...] y realizándose hoy la educación de la mujer con un fin relativo y subordinado, con harta razón dijo Stendhal que la educación de la mujer parece elegida á propósito y hecha de encargo para labrar su desdicha” (*Ibidem*, p.25).

Obstinada, então, a apresentar as marcantes diferenças entre o ensino ofertado às mulheres e aquele recebido pelos homens, Pardo Bazán menciona, primeiramente, o caso da educação física,

comentando que a prática de esportes era admissível apenas para o público masculino. Os exercícios físicos eram extremamente benéficos para o desenvolvimento, o vigor e a perfeição do corpo humano, e na fase adulta do homem continuavam sendo recomendados pelos médicos, sobretudo, para combater os efeitos danosos da velhice e do sedentarismo. Já quando o assunto era atividade física feminina, a autora revela um ponto de vista completamente diferente, fundamentado por uma visão preconceituosa e equivocada de que o desenvolvimento corporal no sexo feminino era inapropriado, inconveniente e, até mesmo, indecoroso, visto que as mulheres deveriam ser educadas em função do recato, do pudor, enfim, do modelo de feminilidade que condenava o que dona Emilia compreendia como “vida activa” (Ibidem, p.27).

Em “La educación del hombre y de la mujer”, a condessa comenta haver uma significativa resistência por parte da sociedade espanhola em reconhecer a representativa luta das mulheres por novos papéis sociais e, por fim, por uma participação mais ativa nas diversas instâncias, sejam elas políticas ou acadêmicas. Assinalar que “la “mujer fuerte’ que hoy suelen pintarnos difiere poco de los siglos XV y XVI” (Ibidem, p.27), perspectiva que evidencia a incoerência e o arcaísmo desse discurso opressor que censurava e restringia a emancipação feminina por vê-la como uma temível ameaça à hegemonia do patriarcado.

As diferenciações tornam-se mais agravantes, segundo a escritora, na educação moral. A partir dela é possível compreender as discrepantes oposições de valores atribuídos ao sexo masculino— cujos valores morais se apoiavam, por exemplo, em aspectos como dignidade pessoal, firmeza de caráter, forte entendimento de independência, lealdade amistosa, iniciativa, altivez e amor ao trabalho (Ibidem, p.29)—, e ao feminino, cuja boa parte dessas qualidades morais que elevavam os homens eram combatidas, explícita ou implicitamente, pela educação moral feminina, acirrando, assim, a nefasta desigualdade de gênero existente.

Nos assuntos relativos à mulher espanhola, a autora adverte o público para uma condição alarmante: um expressivo retrocesso da sociedade que— fundamentada nessas vozes que preconizavam a diferenciação entre homens e mulheres— tolerava a prática de determinadas atividades físicas apenas na infância e na juventude: “[...] se toleran sin extrañeza, en las jóvenes, ciertos juegos no muy turbulentos; se admite la gimnasia y el baile, y en las clases altas, la equitación y la caza por alarde aristocrático: todo ello,— en España al menos,— es bastante excepcional” (Ibidem, p. 27-28), e as condenava severamente durante o matrimônio por acreditar que alguns exercícios eram extremamente perigosos, uma vez que poderiam desenvolver na mulher uma natureza violenta, agressiva, o que

contrariaria, assim, o difundido modelo de feminilidade, entendido como conjunto de funções socialmente essenciais (KEHL, 1998, p. 53)⁶⁵. Vejamos o comentário feito por Pardo Bazán a propósito da restrição de exercícios: “[...] diré que, habiendo yo preguntado en un gimnasio español por qué no ejecutaban las alumnas el ejercicio llamado de picas, se me contestó que ese ejercicio influía perniciosamente en la mujer, creándola un carácter agresivo y batallador” (Ibidem, p.28).

De acordo com a condessa Valérie Gasparín, para quem a educação moral feminina muito distante estava de ser ideal, devido ao fato de encontrar-se saturada de uma “moral chiquita, enemiga mortal, según Mirabeau de la grande” (Ibidem, p.29-30), dona Emilia também deixa-nos evidente o seu descontentamento e a indignação contra essa educação superficial e moralizante que não só alienava, mas principalmente condenava a mulher a uma vida de submissão e silenciamento. E por ser a favor de uma participação mais ativa do sexo feminino na sociedade, através da ampliação dos papéis sociais da mulher e do reconhecimento dos direitos humanos dela, Pardo Bazán depreciou essa problemática imagem de “Rainha do lar” propagada pelo Estado, pela religião católica e pela própria sociedade.

Um dos principais elementos constituintes da modernidade foi, indubitavelmente, a significativa pluralidade de discursos, e ao longo de nossas leituras e análises sobre as representações da mulher na imprensa feminina espanhola no século XIX, foi possível acompanhar o confronto dessas diversas vozes que se dedicaram a tratar da condição da mulher oitocentista no país. Segundo Maria Rita Kehl (1998, p.53), aos ideais de submissão feminina contrapunham-se os ideais de autonomia de todo o sujeito moderno; aos ideais de domesticidade, contrapunham-se os de liberdade; à ideia de uma vida predestinada ao casamento e à maternidade contrapunha-se a ideia também modernidade que cada sujeito deve escrever seu próprio destino, de acordo com sua própria vontade. Dona Emilia foi partidária desse contradiscurso que defendia a emancipação da mulher e, por isso, concebeu como incongruente o argumento de que a educação feminina deveria ter como único objetivo a formação de boas mães, motivo que buscava determinar a atuação das mulheres exclusivamente à família.

Para a condessa, a educação feminina não poderia centrar-se apenas na missão de torná-las educadoras-mães pelo simples fato de as mulheres já nascerem naturalmente prontas, preparadas, para a maternidade e para a honrosa tarefa de criar e educar os filhos: “La educación, señores, reconozcámoslo paladinamente, es capaz de beneficiar la naturaleza: nunca de sustituirla. Sabed que no se puede formar á la madre; la madre es la obra maestra del instinto natural, no sólo en la especie

⁶⁵ KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

humana, sino también en las animales; la madre es la naturaleza misma” (*NTC*, número 22, outubro de 1892, p.32).

Com isso, concluiu ser desnecessário fomentar, através da educação moral, o sentimento materno que instintivamente já era próprio do sexo feminino. Segundo a diretora de *NTC*, a educação moral deveria atuar preferencialmente em função do desenvolvimento intelectual e humano da mulher, de forma a aperfeiçoá-la e prepará-la para a vida em sociedade. Nesse novo sujeito feminino, a maternidade encontraria um terreno afetivo bem cultivado e brotaria naturalmente de forma perfeita e vigorosa, dando, como produto, excelentes frutos.

No artigo “La educación del hombre y de la mujer”, Emilia Pardo Bazán tratou também da educação religiosa, especialmente porque, em razão da sua orientação católica, a considerava “la más equitativa, la que menos distingue de sexos” (Ibidem, p 37). Via na pureza, na mais profunda essência do Cristianismo, o princípio harmônico capaz de conciliar as duas metades da humanidade, tornando a convivência entre homens e mulheres mais harmônica e justa. E fundamentando-se nas palavras de Cristo, para quem deveriam ser findadas as marcantes diferenças e hierarquias existentes entre amos e escravos, homens e mulheres, visto que todos eram filhos do mesmo Pai, Pardo Bazán atribuiu ao Cristianismo a conquista de emancipar a consciência da mulher, de afirmar a sua personalidade e liberdade moral, da qual se origina necessariamente a liberdade prática. Vejamos:

No fué en la familia, sino en el interior santuario de la conciencia, donde el Cristianismo emancipó á la mujer. Y si en esta parte no ha dado todo su fruto la obra divina, débese á la malicia humana, al egoísmo y á la fuerza estática de las viejas ideas, conjuradas contra la palabra de Cristo (Ibidem, p.36)

E foi evidentemente contra a malícia, o egoísmo e a força imobilizadora das velhas ideias, presentes inclusive no discurso da própria Igreja Católica espanhola, avessa às principais reivindicações feitas pelo movimento feminista no país: “la voz del sacerdote, que um tiempo enseñó á la mujer á afirmar su independência espiritual *usque ad efusionem sanguinis*, hoy le inculca la docilidad conyugal, la Fe sin examen y rutinaria” (Ibidem, p.37), que dona Emilia levantou sua voz, na intenção de denunciar as mazelas que impossibilitavam a tão almejada transformação da humanidade.

Aos olhos de Deus, as almas são iguais. No entanto, a sociedade patriarcal da época parecia ignorar tão nobre preceito estabelecido pelo Pai. Convencida de suas convicções católicas, Pardo Bazán acreditava que enquanto a educação religiosa, em sua mais pura essência, buscava promover uma relação mais harmônica e menos desigual entre as duas metades da humanidade, a educação intelectual

postulava um discurso adverso, posto que fundamentava suas “anomalías y desigualdades en la presunción de la inferioridad intelectual congénita de todo el sexo femenino” (Ibidem, p.39-40) que, como vimos, era legitimada, sobretudo, pelo discurso científico da época.

Para a condessa, havia na Espanha uma enorme contradição no que se refere à educação intelectual do sexo feminino, pois ao mesmo tempo em que uma mulher podia redigir uma obra de metafísica e, inclusive, ocupar um dos postos mais honrosos e desejáveis como o trono espanhol, ela era legalmente impedida de exercer determinadas profissões, tais como na área da medicina e da medicina veterinária, por exemplo, e de votar, cumprindo, assim, o representativo exercício da cidadania.

Fora-lhe custosamente concedido, depois de muitas reivindicações, o direito de cursar algumas carreiras do ensino superior, não obstante, devido às leis iníquas, encontrava-se majoritariamente impossibilitadas de exercê-las, condição que corrobora a tirania de um sistema abusivo de poder que se recusava em promover a justiça e igualdade entre os indivíduos. Pardo Bazán comenta que “la disposición que autoriza á la mujer para recibir igual enseñanza que el varón en los establecimientos docentes del Estado, es letra muerta en las costumbres, y seguirá siéndolo mientras se dé la inconcebible anomalía de abrirle estudios que no puede utilizar en las mismas condiciones que los alumnos del sexo masculino” (Ibidem, p.40-41).

A educação completa, juntamente com os seus benefícios, tratava-se e ainda trata-se de um direito universal e humano de todos os cidadãos, independente do sexo. Entretanto, ainda que fosse um direito comum a todos, a condessa adverte para o fato de que, devido a interesses políticos, sociais e religiosos, circunstancias impediam a milhares de indivíduos transporem os limites de uma educação precária e rudimentar.

Diante desse panorama desolador, Emilia Pardo Bazán ressaltou a importância da educação feminina, asseverando ser a mulher, tal como o homem, merecedora de iguais direitos e responsabilidades. Reivindicou, em seu artigo, justiça ao sexo feminino, combatendo os discursos depreciativos que afirmavam as concepções de inferioridade e de incapacidade das mulheres: “Lo único que creo se debe en justicia á la mujer, es la desaparición de la incapacidad congénita con que la sociedad la hiere. Iguálense las condiciones, y la libre evolución hará lo demás” (Ibidem, p. 44).

Segundo Emilia Pardo Bazán, as diferenças na educação de homem e mulheres se acentuam significativamente em duas importantes vertentes: a educação cívica e a estética. Ambas caminhavam

em sentido oposto à feminina, agravando, assim, a marcante relação de dependência das mulheres aos homens.

Enquanto a educação cívica recebida por eles possibilitava a conscientização dos direitos e deveres do cidadão na intenção de promover um “vigoroso desarrollo del espíritu nacional” (Ibidem, p.48) e a educação estética lhes garantia um maior entendimento e erudição sobre as diversas manifestações artísticas— pintura, música, literatura, dentre outras— os ensinamentos recebidos pelas mulheres eram, em sua maioria, superficiais, carentes, portanto, de ideais e de profundidade. E devido a esse conteúdo restrito e intencionalmente recomendado e vigiado pelas autoridades, o resultado era catastrófico: mulheres empobrecidas moral e intelectualmente, com um padrão estético equivocado, “no mayor que una avellana”. Citamos:

La enseñanza del arte á La mujer adolece de torcido y falso idealismo: pintura y escultura proscriben para la mujer el modelo vivo y la anatomía de las formas estudiadas en el cadáver: en música apenas pasa del casero piano: en literatura se le ocultan, prohíben ó expurgan los clásicos, y se la sentencia al libro azul, el libro rosa y el libro crema; y de todas estas falsedades, mezquindades y miserias sale la mujer menguada y sin gusto, con el ideal estético no mayor que una avellana. En cuanto á la educación cívica de la mujer, es puramente negativa, y cuando no es negativa es minorativa: privada la mujer de toda clase de derechos políticos, mientras el varón desde la Revolución francesa los ha adquirido plenisimos y sin distinción de capacidades, la vida pública, los fastos de su nación, son á la mujer cada día más indiferentes, y las vergonzosas transacciones, las flaquezas de los que intervienen en la gobernación y administración de la república, encuentran aprobación y halago en el hogar doméstico, donde ni se conocen ni se pueden conocer más leyes que las de la casera economía (Ibidem, p.48-49).

Tratava-se, pois, de uma educação limitada e de intenção moralizante que, ao invés de estimular o pensamento crítico e a conscientização dos direitos políticos e dos deveres dos indivíduos— tais como sugeriram os emblemáticos ideais da Revolução francesa—, contribuía para a alienação e para o confinamento da mulher no espaço privado, impossibilitando, desta forma, o surgimento de novos papéis e atuações delas na sociedade.

Dona Emilia, em seu artigo, mostrou-se, portanto, intolerante a essa educação feminina restrita e estacionária que melhor deveria ser nomeada de “doma”, fundamentalmente por ter como propósito a obediência, a passividade e a submissão da mulher, infantilizada desde a infância: “como á niña la educan, y niña se queda” (Ibidem, p.52). E diante dessa lamentável condição, chamou a atenção para a urgente necessidade de uma reforma no ensino feminino. A elas também deveria ser ofertada uma “educación positiva, de instrucción y dirección” (Ibidem, p.52) que atuasse como verdadeira guia da vida humana.

Defendia uma educação completa e racional, profundamente humanizada, capaz de proporcionar as mulheres não só um amplo desenvolvimento do entendimento, mas primordialmente das virtudes e do coração. Reconheceu ser essa missão bastante árdua, especialmente pelo fato de o sistema educativo da mulher encontrar-se fundamentado unicamente na tradição. E embora estivesse ciente das dificuldades que encontraria para transformar a educação na Espanha a ponto de educar as mulheres com idêntico sentido crítico com que os homens eram educados. Pardo Bazán, por nenhum momento, mostrou receio e incerteza quanto à implantação desse novo projeto educativo. Mostrou-se, pelo contrário, entusiasmada e confiante em “igualar los derechos de ambos sexos bajo el concepto común de humanidad” (Ibidem, p.57), tal como já era possível observar em determinados países da Europa e nos Estados Unidos.

Era a reivindicação vencendo as barreiras até então intrasponíveis, desconstruindo estereótipos e preconceitos e se transformando em realidade possível e indiscutivelmente necessária para o progresso das sociedades modernas. E objetivando levantar a pertinência da tese levantada sobre a reforma na educação da mulher espanhola, a condessa cita diversos intelectuais e pensadores que compartilham similar ponto de vista. Dentre eles, surge o nome de Abad Riballier, autor de *De l'éducation physique et morale des femmes : avec une notice alphabétique de celles qui se sont distinguées dans les différentes carrières des sciences & des beaux-arts, ou par des talents & des actions mémorables* (1779), para quem as mulheres deveriam ser reconhecidas como seres semelhantes aos homens, abolindo definitivamente a distorcida concepção de superioridade masculina, vivificada pelo titânico discurso patriarcal: “el Abad Riballier defendía que la mujer era igual por naturaleza al hombre y que, por lo tanto, debería aprender artes, ciencias y filosofía al mismo nivel” (BLACK, 1990, p.128)⁶⁶. Acreditava-se, assim como dona Emilia, no poder transformador de uma educação sólida e de qualidade e nos consequentes frutos desse processo indiscutivelmente benéfico para o aprimoramento da sociedade: “Apliquémonos á hacerlas fuertes, robustas, valerosas, instruídas y hasta sabias, si es posible, y se verá desde la primera generación que nos suceda á la humanidad entera entrar em um período floreciente vigor” (NTC, número 22, outubro de 1892, p.57-58). E também o nome do filósofo Leibnitz que defendia a ideia de que a reforma no sistema educativo da mulher acarretaria, consequentemente, na reforma do gênero humano.

Além de apresentar a visão dos pensadores sobre a importância da educação feminina, dona Emilia— que julgava ser o sentido tradicional da educação da mulher tão equivocado como as opiniões

⁶⁶ BLACK, Jeremy. *La Europa del siglo XVIII (1700-1789)*. Madrid: Mac Millan, 1990.

assinaladas pela antiga cosmografia sobre a disposição dos continentes, vigentes antes da teoria de circum-navegação de Cristovão Colombo— novamente resgata a figura da rainha Isabel de Castilla, na intenção de ilustrar a “intervención gloriosísima” (Ibidem, p.59) da monarca nos mais grandiosos destinos da humanidade e nos mais difíceis problemas das ciências e da política, destacando, assim, o altivo posicionamento de uma das mais importantes mulheres na história da Espanha e do mundo.

No dia seguinte à apresentação da Memória correspondente à comunicação lida por Emilia Pardo Bazán no Congresso Pedagógico de Madrid, na quinta sessão dedicada a analisar os problemas relativos ao ensino da mulher, a autora divulga as conclusões originárias dela. Nelas, a condessa confessou abertamente temer uma reação contrária dos educadores que participavam do evento durante a exposição de suas ideias “radicales”. Com olhares atentos e complacentes de todos aqueles docentes, dedicados “desde hace tempo á profundizar ó á ejercitar la pedagogia, y em especial la pedagogia femenina” (Ibidem, p.61). A resposta do público foi positiva e dona Emilia percebeu não estar sozinha nessa tão importante missão que reivindicava um ensino feminino de qualidade.

O discurso de Pardo Bazán é contagiante. Nele ficaram visíveis o entusiasmo e a alegria da autora, profundamente esperançosa diante das vozes que proclamavam a liberdade, o reconhecimento dos direitos e, por fim, a vida. E, diante da honrosa acolhida do muito bem representado professorado espanhol, português e americano presente no congresso, Pardo Bazán apresenta-lhes as considerações finais de sua Memória para que elas fossem submetidas à discussão e, posteriormente, à votação dos participantes.

A primeira conclusão era de ordem teórica. Tratava de evidenciar que a mulher também possuía um destino próprio, e que este deveria ser determinado única e exclusivamente por ela. Assinalava que “sus primeros deberes naturales son para consigo misma, no relativos y dependientes de la entidad moral de la familia que en su día podrá constituir ó no constituir; que su felicidad y dignidad personal tienen que ser el fin esencial de su cultura” (Ibidem, p.62), o que necessariamente fazia dela merecedora dos mesmos direitos e da mesma educação, entendida aqui no seu sentido mais amplo, que era recebida pelos homens nas instituições oficiais de ensino .

A segunda conclusão era simplesmente colocar em prática a primeira. Nela, Pardo Bazán propunha que:

[...] en todas las naciones convocadas á esta Asamblea, y muy especialmente en España, donde hasta hoy se ha trabajado menos en este sentido, se gestione con incansable actividad el reconocimiento del principio anterior, llevándolo á la realidad, y abriendo á la mujer sin dilación libre acceso á la enseñanza oficial, y como lógica consecuencia,

permitiéndola ejercer las carreras y desempeñarlos puestos á que le den opción sus estudios y títulos académicos ganados en buena lid (Ibidem, p.62-63).

Nas últimas décadas do século XIX, Espanha reconhecia o ingresso das mulheres no ensino médio e, inclusive, no ensino superior, entrada que ocorria a partir do que Pardo Bazán chamou de “concessão graciosa” e que se encontrava sujeita a condições que dependiam da permissão de reitores e professores. Não obstante, a autora comenta que mesmo após elas terem sido recebidas nas universidades, seja por “lástima ó por excepción que impone una singularidad excepcional” (Ibidem, p.3), era pouco frequente vê-las pondo em prática os conhecimentos aprendidos nas Academias e que deveriam assegurar-lhes a subsistência e a independência. Por discordar dessa limitação injustificável, Pardo Bazán sugeriu uma profunda mudança no sistema educacional da mulher, na tentativa de desconstruir a desconfiança– “injuriosa para nuestra patria, pues la supone en estado tal de incultura y grosería” (Ibidem, p.64)– em que se fundamentavam as diversas restrições– carentes, segundo a autora, de consistência, de profundidade– impostas à admissão da mulher ao ensino superior e, em especial, à presença dela no mercado de trabalho.

E, por fim, o último artigo a ser considerado por nós intitula-se “Concepción Arenal y sus ideas acerca de la mujer”, publicado em *Nuevo Teatro Crítico*, em fevereiro de 1893. Nele, dona Emilia inicia sua análise comentando que, no Ateneu de Madri, três foram as leituras destinadas a honrar a memória de uma das mulheres mais emblemáticas da Espanha do século XIX: Concepción Arenal de García Carrasco (Ferrol, 1820 - Vigo, 1893), escritora e jurista que atuara em diversas causas sociais, dentre elas, a incorporação da mulher espanhola nas esferas públicas, tal como assinalara magistralmente M.^a Ángeles Ayala Araci (2010) na apresentação do Portal dedicado à escritora galega na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes:

[...] una de las mujeres que mayor relieve alcanzó durante el siglo XIX gracias a su extraordinaria capacidad intelectual, su temperamento inquieto y su incansable trabajo en favor de los sectores sociales más desprotegidos en aquellos años: mujeres, huérfanos, delincuentes, pobres, esclavos... Mujer que luchó de forma denodada y conmovedora para que las generaciones posteriores a la suya vivieran en una sociedad más justa y equitativa⁶⁷.

⁶⁷ A apresentação feita por M.^a Ángeles Ayala Aracil, no portal dedicado à jurista espanhola Concepción Arenal, organizado pela Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, encontra-se disponível no site: http://www.cervantesvirtual.com/portales/concepcion_arenal/presentacion/

A primeira leitura fora realizada pelo senhor Rafael Salillas sobre as ideias penitenciárias de dona Concepción; a segunda fora feita por D. Gumersindo de Azcárate sobre as ideias sociais dela; e a última, promovida por D. Antonio Sánchez Moguel a propósito da personalidade literária da autora, recentemente falecida, mas que, até os seus últimos dias de vida, demonstrava, segundo Pardo Bazán, “la plenitud de sus facultades mentales, redactando artículos y libros, y siguiendo con asiduidad el movimiento y progresos de las ciencias morales y políticas, á que consagraba especialmente su fecunda acción de pensadora y escritora” (*NTC*, número 26, fevereiro de 1893, p.269).

Da aplausível homenagem feita à dona Concepción Arenal, dona Emilia confessara haver notado um “vacío”. Sentiu enormemente a falta de uma leitura que discutisse as significativas e numerosas contribuições da homenageada sobre a condição da mulher, pensamentos, segundo a autora, de grande pertinência não só pela curiosa evolução que sofreram e pela autoridade e mérito daquela que os professava, mas principalmente porque influíam no destino de muitas vidas.

Para condessa a falta de uma Memória que contemplasse as diversas ideias sobre a mulher e as profundas transformações sociais delas provenientes, tratou-se de uma ausência intencionalmente planejada. Embora não tivesse lido todas as conferências apresentadas no Ateneu, Pardo Bazán, pelas notas que haviam saído na imprensa sobre o falecimento da jurista espanhola, comenta que houve por parte dos catedráticos que organizaram o evento uma visível intenção de não nomear os pensamentos dela sobre a emancipação feminina, e, até certo ponto, de escondê-los como se representassem um grave delito:

La omisión del Ateneo, á mi entender, es calculada— y lo digo sin ningún conato de censura, pues creo obedece el cálculo á buenas, aunque perjudiciales, intenciones. [...] No he leído todavía las Conferencias del Ateneo, que, según mis noticias, van á publicar reunidas en un volumen; mas juzgando por los extractos de los periódicos, y por lo que en éstos de ha dicho de doña Concepción Arenal con ocasión de su muerte, advierto la tendencia á prescindir de las ideas emancipistas que la ilustre señora había llegado á formarse; á no nombrarlas, á esconderlas como un delito (*Ibidem*, p.270-271).

Para Emilia Pardo Bazán, as ideias de Concepción Arenal— “mujer tan digna de que se estimen y tomen en cuenta sus pensamientos, fruto siempre de un gran talento y una larga experiencia, madurada en un espíritu ansioso de justicia” (*Ibidem*, p.272)— a propósito da condição da mulher na sociedade espanhola do século XIX, deveriam ter tido, na ocasião, um importante espaço. Mereciam, devido ao valor e à importância dos conteúdos, um capítulo aparte, com maior motivo que a

conferência ministrada pelo sr. Rafael Salillas que versou sobre as ideias penitenciárias da ilustre jurista.

Assim como dona Emilia, Concepción Arenal foi uma grande leitora e estudiosa das obras do padre Feijóo. Ao anunciar em Orense, em 1876, um concurso no qual ofereciam um prêmio ao melhor *Estudio crítico* das obras do pensador beneditino, dos três estudos apresentados, dois foram concebidos por mulheres: um, de autoria de Emilia Pardo Bazán, seu primeiro trabalho em prosa, e o outro de dona Concepción Arenal, para quem as mulheres deveriam agradecer profundamente ao religioso pela consideração e pela justiça proclamada ao sexo feminino, assim como pela bondade com que o ele compadecera da penosa condição da mulher e pela eloquência com que Feijóo defendera a causa, quando esta parecia estar perdida. Vejamos as palavras de Concepción Arenal, retomadas por dona Emilia no presente artigo:

Pueda alguna comprender el mérito del generoso abogado de su sexo, pueda contribuir á que se comprenda y se respete, pueda dedicarle algunas páginas bien pensadas y bien sentidas, que sean á la vez homenaje debido de gratitud y prueba de lo que él afirmaba (Ibidem, p.275).

O mesmo desígnio que motivara Concepción Arenal a dedicar-se ao estudo das obras de Benito Jerónimo Feijóo, o mesmo sentimento de gratidão inspirado pela afirmação de verdades, das quais Emilia Pardo Bazán acreditava ser da maior e da mais excepcional importância, também foram responsáveis por impulsionar a escritora galega a homenageá-la por intermédio deste artigo dedicado a apresentar as ideias de dona Concepción sobre a mulher que, embora estivessem dispersas em todos os livros da jurista, se encontravam condensadas em dois não muito volumosos livros, publicados em períodos bastante espaçados, com treze anos de diferença: *La mujer del porvenir* e *La mujer de su casa*.

A primeira delas reivindicava para as mulheres o direito de exercer as funções sacerdotais. Para Arenal, a mulher: “[...] puede llegar á la más alta dignidad que se concibe: puede ser madre de Dios; descendiendo mucho, pero todavía muy alta, puede ser mártir y santa, y el hombre que la venera sobre el altar y la implora, la cree indigna de llenar funciones del Sacerdocio. ¿Qué decimos del sacerdocio? Atrevimiento impío sería que en el templo osara aspirar á la categoría del último sacristán. La lógica aquí sería escándalo, impiedad” (ARENAL, 1895, p.7-8)⁶⁸.

⁶⁸ ARENAL, Concepción. *La mujer del porvenir*. Madrid: Librería de Victoriano Suárez 48, Preciados48, 1895. A obra completa encontra-se disponível no site: http://sirio.ua.es/libros/BEducacion/obras_completas_de_concepcion_arenal_t_4/thm0000.htm

E por ser a mulher naturalmente mais compassiva, religiosa e mais pura, estaria, portanto, mais apta para o exercício do sacerdócio, primordialmente dentro da igreja católica, que ordenava e ainda hoje ordena o celibato do sacerdote e a confissão auricular, deixando evidente a essência reacionária de seus pensamentos que se fundamentavam primordialmente na concepção de igualdade de gênero e também na ideia de superioridade moral da mulher por crê-la mais bondosa, sensível, piedosa e paciente que o homem: “Siendo más paciente, más sensible y más compasiva, ¿no podremos concluir que es mejor?” (Ibidem, p.30).

Passando do terreno religioso para o civil, Emilia Pardo Bazán comenta que Concepción Arenal apresentava diversas e graves contradições no destino da mulher. De acordo com a jurista, ela podia atuar como chefe de Estado, no entanto, a esta mesma sociedade historicamente já governada por monarcas mulheres causava-lhe estranhamento e inclusive graça a ideia de que elas poderiam desempenhar cargos administrativos e políticos intermediários, revelando, assim, o preconceito existente contra o sexo feminino que, por sua vez, agravava a enorme disparidade entre homens e mulheres:

Si del orden religioso pasamos al civil, las contradicciones no son de menor bulto. ¿Cómo una mujer ha de ser empleada en Aduanas ó en la Deuda, desempeñar un destino en Fomento ó en Gobernación? En el mundo oficial se la reconoce aptitud para reina y para estanquera: que pretendiese ocupar los puestos intermedios, sería absurdo. No hay para qué encarecer lo bien parada que aquí sale la lógica (ARENAL, 1895, p.8).

E foi contra essa lógica absurda que desqualificava a mulher como ser detentora de direitos sociais e legais, que dona Concepción recorda o talento e a aptidão de muitas rainhas europeias durante o exercício de seus governos— pensamento que fora estrategicamente utilizado por Emilia Pardo Bazán, no artigo “La educación del hombre y de la mujer”, para assinalar o empreendedorismo e a capacidade de Isabela de Casilla, uma das rainhas mais importantes da história da Espanha—, na intenção de desacreditar a equivocada imagem que fora cultural e historicamente construída da mulher fragilizada e incapacitada intelectualmente. Vejamos o que assinala a senhora Arenal em *La mujer del porvenir* sobre o potencial das monarcas, tidas por ela como “mujeres inteligentes”:

¿Han dado á esa altura muestras de incapacidad intelectual? Cuéntese el número de reyes y de reinas en los países en que las hembras pueden ceñir la corona, y véase si no están en mayor proporción las reinas notables por sus talentos y aptitud para el mando. Isabel I, D^a. María de Molina, Isabel de Inglaterra, Cristina de Suecia, las Catalinas de Rusia, forman un grupo de mujeres inteligentes, que si se compara al corto número de las que han

reinado, debe hacer pararse al más resuelto campeón de la inferioridad intelectual de la mujer (ARENAL, 1895, p.39-40).

As contradições aumentavam nos âmbitos sociais e familiares. No artigo anterior, que tratava predominantemente de assinalar as inúmeras diferenças na educação de homens e mulheres, observamos que às mulheres lhes eram oferecidas uma educação superficial que as preparava, primordialmente, para o melhor exercício de seu papel principal: ser mãe. Eram educadas em nome da dependência e da submissão, o que as levavam acreditar que deveriam encontrar-se sempre sob a tutela masculina: do pai, do irmão mais velho e, quando casada, do marido. Daí a metáfora da mulher como criança oprimida: “niño oprimido à quien se hace siempre guardar silencio” (ARENAL, 1895, p.10), emudecida por leis civis que a consideravam inferior e que lhe negavam muitos dos direitos legais e sociais concedidos ao sexo masculino.

Também tratou na obra da monstruosa contradição entre as duas leis, ou seja, as gritantes injustiças vigentes entre a lei civil, que a considerava como um ser moralmente inferior ao homem e, portanto, dependente da tutela masculina, e a lei criminal, que a julgava e a punia, quando delinquente, com a mesma severidade e penas recebidas pelos homens infratores. Vejamos as palavras de dona Concepción Arenal a propósito dessa marcante contradição: “Es monstruosa la que resulta entre la ley civil y la ley criminal; a una nos dice: –Eres un ser imperfecto: no puedo concederte derechos. –La otra: –Te considero igual al hombre y te impongo los mismos deberes: si faltas á ellos incurrirás en idéntica pena” (ARENAL, 1895, p. 12). E a todas essas injustiças, a sociedade patriarcal do século XIX as cumprimentava incoerentemente com o nome de “direitos”: “Es tal la fuerza de la costumbre, que saludamos todas estas injusticias con el nombre de derechos” (Ibidem, p.13).

A respeito desse pensamento, a escritora Emilia Pardo Bazán, que era uma profunda conhecedora da produção de Concepción Arenal, o complementa, atentando para um aspecto não comentado pela senhora Arenal no livro, mas que anteriormente fora apresentado em muitos dos seus complexos estudos jurídicos: o de que em determinados casos as penalidades se tornavam mais cruéis e impiedosas quando os delitos eram cometidos por mulheres, o que novamente evidencia a incoerência desses códigos que deveriam ser cumpridos de forma igualitária e, portanto, sem diferenciações entre os sexos: “Yo creo que si Concepción Arenal, al escribir este pasaje, recordase sus profundos estudios jurídicos, iría más allá, estamparía que hay delitos y crímenes en que no sólo se impone idéntica sino mayor pena á la mujer, y en que la consideración del sexo, no sólo atenúa, sino agrava la culpabilidad” (NTC, número 26, fevereiro de 1893, p.280).

Um dos grandes impedimentos da emancipação da mulher foi, indiscutivelmente, a concepção de inferioridade feminina defendida por diversas vozes sociais, inclusive, as que se fundamentavam nos discursos médicos que preconizavam estas suposta diferença intelectual. Concepción Arenal foi uma mulher que não se intimidou diante da aparente autoridade científica desses discursos sobre a desigualdade intelectual entre os sexos, e em *La mujer del porvenir* não hesitou em proclamar sua indignação contra essas doutrinas, em especial contra a “frenología”, de autoria do doutor Franz Joseph Gall (1758-1828), que tratava da conformação externa do crânio com índice de desenvolvimento e posição dos órgãos pertencentes às diversas faculdades mentais.

Segundo Geraldine M. Scanlon (1986), em *La polémica feminista en la España Contemporánea: 1868-1974*, as duas conclusões básicas do sistema de Galle em *Physiologie du cerveau* “son que el cerebro es un conjunto de muchas partes distintas, cada una de las cuales sirve para manifestar una determinada facultad mental, y que, siendo iguales todas las demás condiciones, el tamaño de cada uno de estos órganos cerebrales es una medida del poder de su función (SCANLON, 1986, p.163-164)⁶⁹. Gall constatou que as faculdades encontravam-se divididas em duas ordens: afetivas, situadas no occipício, e intelectuais, supostamente localizadas na parte anteposterior da frente. Verificou também que as mulheres tinham a frente menor e mais curta que os homens, embora a seção compreendida entre a frente e o osso occipital costumava estar mais desenvolvida. Daí advém a conclusão dele de que a inferioridade intelectual da mulher era “orgânica” (ARENAL, 1895, p.18).

Essas diferenças, para o médico, “explicaban perfectamente la superioridad de las facultades intelectuales en el hombre y la mayor energía para el amor a los niños, etc., en la mujer” (Ibidem, p.164), e rapidamente Gall transformou-se no mais novo “guru de los antifeministas”, e até mesmo os autores que declararam não estar persuadidos de sua teoria, a utilizaram como tema de discussão em seus trabalhos.

Assim como Franz Joseph Gall, outras foram as vozes da área médica que defenderam a noção de inferioridade intelectual da mulher, dentre elas, a voz do doutor Rubio Argüelles, catedrático de obstetrícia e ginecologista em Cádiz que, segundo Alberto Carrillo-Linares (2002, p.97), deixava transparecer em seus discursos apreciações que pouco ou nada tinham de científicas. Vejamos um fragmento do discurso lido por Argüelles na inauguração do curso acadêmico de 1897 a 1898:

⁶⁹ SCANLON, Geraldine M. *La polémica feminista en la España Contemporánea: 1868-1974*. Madrid: AKAL, 1986

[...] si bien es cierto que las pasiones violentas son contrarias a la salud de la mujer, las largas y profundas meditaciones son así mismo, incompatibles con su general constitución. El desarrollo moderado de las facultades intelectuales, los estudios abstractos, los grandes trabajos en los que parece concentrarse la vida en el cerebro, no son menos perjudiciales, sobre todo en la edad que la naturaleza consagra a otras funciones⁷⁰.

E, no mesmo ano, em 1897, o discurso de Ángel Núñez Sampelayo, catedrático em obstetrícia, ginecologia e enfermidades da infância em Salamanca, que segundo Alberto Carrillo-Linares (2002, p.98), também se tratava de outro autodeclarado conhecedor da mulher. E para melhor ilustrar os argumentos apresentados pelo doutor, embasados na suposta natureza frágil da mulher que, por sua vez, justificava não só a incapacidade física como também intelectual do sexo feminino, nos pareceu oportuno apresentar o seguinte fragmento:

[...] demostrado que la mujer no puede rivalizar con el hombre en ciencia, por el predominio de sus facultades afectivas sobre las reflexivas, ni en el desarrollo de las fuerzas físicas por haberla dotado la naturaleza de una organización poco fuerte y vigorosa, ¿se atreverán los ardientes partidarios del feminismo, a seguir sosteniendo, que la mujer y el hombre deben ejercer idénticas funciones en la familia y la sociedad? Si así fuese, nos apartaríamos de la senda trazada por la naturaleza y, al conceder a la mujer los derechos sociales y políticos tan discutidos como deseados por muchos que no han tenido en cuenta sus inconvenientes, perdería la mujer más que ganaría con la consecución de tales derechos⁷¹.

E não poderíamos deixar de mencionar o nome P. J. Moebius, professor de neuropatologia e psiquiatria, que se posicionou radicalmente a favor da tese que sustentava a diferença intelectual entre os dois sexos, uma vez que acreditava ser a mulher um ser completamente estéril de faculdades intelectuais: “Nuestro juicio, relativamente favorable acerca de su capacidad para comprender, encuentra su contraposición en lo comprobada que está en absoluta esterilidad mental de la mujer (MOEBIUS, 1904, p.49), tal como é possível observar no livro *La inferioridad mental de la mujer: La deficiencia mental fisiológica de la mujer*)⁷², publicado em 1904. Nele fica visível a defesa dessa desconcertante perspectiva postulada exaustivamente por ele e por diversos catedráticos da área médica

⁷⁰ J. Rubio Argülles. *Discurso leído en la solemne inauguración del curso académico de 1897 a 1898*, Sevilla: Fernando Santiago, 1897, p.32.

⁷¹ Ángel Núñez Sampelayo. *Discurso leído en la Universidad de Salamanca en la solemne inauguración del curso académico de 1897 a 1898*. Salamanca: Imp. De Francisco Núñez Izquierdo, 1897, p.35.

⁷² MOEBIUS, P. J.. *La inferioridad mental de la mujer*. Valencia: F. Sempere y C.ª, editores[ca.1904]A obra encontra-se disponível no site: http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigenal/1-106/2/1-106_master/1-106_PDF/1-106_0000_1-162_t24-C-R0150.pdf

ao longo do século XIX que viam com grande desprezo e preocupação os ideais feministas sobre emancipação da mulher.

Para P. J. Moebius as reivindicações levantadas pelas feministas, que, segundo o médico, seriam “arrastradas por la manía de la emancipación” (Ibidem, p. 25)”, contrariavam profundamente a natureza sensível da mulher. Acusava-as de invocar a igualdade baseando-a no princípio de que todos os homens eram iguais e, de fato, detentores dos mesmos direitos e deveres, e aquilo que deveria ser visto como algo benéfico e oportuno para o desenvolvimento e progresso da sociedade, fora tido por ele como uma empresa disparata e infundada, já que concebia com naturalidade e entusiasmo a proclamada tese sobre a diferenciação, sobretudo intelectual, dos dois sexos: “eso es predicar una estupidez, porque los hombres no son iguales, y mucho menos los dos sexos” (Ibidem, p.26), o que revela a.

O especialista tratou também de reforçar o papel tradicional da mulher, difundido persistentemente pela sociedade patriarcal da época, afirmando que “la hembra debe ser, ante todo, madre” (Ibidem, p.56). Logo, colocou-se profundamente contra a erudição feminina, uma vez que a concebia como extremamente prejudicial à feminilidade. Reconhecia apenas a instrução necessária para que as damas melhor exercessem suas atividades maternas e do lar. Dentro dessa perspectiva, o conhecimento fora tido por Moebius como algo ameaçador ao sexo feminino, pois podia não só provocar inquietações como também desvirtuar as mulheres de sua principal função: a maternidade, o que muito contrariaria a ordem patriarcal que, por sua vez, se beneficiava expressivamente com essa gritante disparidade de gênero. Vejamos:

Así, pues, en el campo intelectual debe facilitarse, en cuanto sea posible, á la mujer sus tareas maternas, evitando cuanto pueda dificultarlas. La fuerza y las aspiraciones diarias hacia nuevos horizontes, la fantasía y la sed de nuevos conocimientos, servirían tan sólo para hacer á la mujer inquieta y trastornar sus obligaciones maternas, por lo que la Naturaleza les ha dispensado pequeñas dosis de estas cualidades (Ibidem, p.56-57).

Para o doutor Moebius a diferença mental da mulher “no sólo existe, sino que además es muy necesaria” (Ibidem, p. 58) para a evolução da espécie. E para que a mulher pudesse desempenhar adequadamente os seus deveres maternos, o médico afirmava ser necessário que ela não dispusesse, portanto, de um “cérebro masculino”, pois se pudesse fazer de modo que as faculdades femininas alcançassem um desenvolvimento semelhante ao das faculdades masculinas, veríamos “atrofiarse los órganos maternos y halaríamos ante nosotros un repugnante é inútil *andrógino*” (Ibidem, p. 58). Dessa

forma, vai convocar os médicos das mais diferentes especialidades para que juntos “formen un claro concepto del cérebro, ó sea del estado mental de la mujer, y que comprendan bien el significado y el valor de su deficiencia mental”. Solicita aos seus companheiros que coloquem em prática todo o conhecimento médico e a experiência deles para combater as reivindicações levantadas pelas feministas que, segundo ele, conspiravam maleficamente contra a natureza da mulher: “[...] que ellos pongan en acción todo su poder para combatir en interés del género humano las tendencias contra natura de los feministas. Se trata aquí de la salud de la gran masa que está comprometida en la perversión de la *mujer moderna*” (Ibidem, p.61).

Em oposição a essa infundadas ideias, Concepción Arenal empenhou-se em desmentí-las, afirmando que: “en la mayor parte de las facultades la mujer es igual al hombre; la diferencia intelectual sólo empieza donde empieza la de la educación” (ARENAL, 1895, p.21), ou seja, a diferença muito distante estava de ser uma questão orgânica tal como postulava muitos e renomados acadêmicos da área médica, mas sim de educação. Assim como o homem, a mulher reflexiona, compara, calcula, medita, prevê, recorda, observa, por fim, não se encontra privada de nenhuma das faculdades masculinas, o que por si só revela o descabimento dessas infundadas teorias.

Dona Concepción lamentou profundamente os efeitos funestos desses discursos que afirmavam a suposta inferioridade da mulher. Esses eram fatais para a mulher, pois a impediam de desenvolver-se intelectual e moralmente e de conquistar novos papéis sociais, que não estivessem necessariamente relacionados ao lar e à família. Dona Emilia enumera as principais adversidades apontadas por ela no quinto capítulo intitulado “Consecuencias para la mujer de su falta de educación”:

Para la mujer misma, es el abandono, es el temor, es la ignorancia; es la imposibilidad de ganarse la vida ejerciendo honradas profesiones; es la miseria que impulsa á la degradación y á la vida airada como único recurso; es la infamia y el hospital; es el matrimonio contraído prematuramente, sin cariño, sin elección, por buscar un apoyo que no puede encontrar en sí propia; es la falta de autoridad moral dentro del hogar; es el tedio, aquel tedio amargo é insufrible de una existencia vacía y una vocación errada, que tan bien describe Stuart Mill en *La esclavitud femenina*; y es, por consecuencia del tedio, la pérdida de todo encanto” (NTC, número 26, fevereiro de 1893, p.283).

Para a jurista galega, a falta de educação na mulher produzia efeitos sociais de natureza gravíssima, tais como a prostituição, os matrimônios precoces, a dupla origem da inferioridade das raças, a péssima organização da beneficência pública, o desastroso estado das prisões femininas, e o

misoneísmo: profunda aversão às reformas, de que a mulher, em razão de sua ignorância, costumava ser “rêmora”, constituindo, dessa maneira, um elemento refratário ao desenvolvimento social.

Convicta, portanto, de que a capacidade intelectual da mulher em nada diferia da do homem, Concepción Arenal afirmou ser a mulher perfeitamente apta para o desempenho de toda profissão e trabalho que, por sua vez, não exigissem dela muita força física, e que não prejudique a bondade e a ternura de seu coração. Aqui, Pardo Bazán, diferentemente de dona Concepción que admitia certas restrições no trabalho feminino, intervém novamente para lembrar aos leitores de *NTC* que existiam mulheres em diferentes regiões da Espanha, em especial nas zonas rurais, que se dedicavam a trabalhos que exigiam delas um grande esforço e sacrifício, tema que fora devidamente colocado no segundo artigo analisado por nós: “Del amor y la amistad”, publicado em janeiro de 1892.

As consequências também eram fatais para o homem: “[...] también es funestísima la inferioridad de su compañera, puesto que mejor acompaña quien más sabe y quien más vale” (Ibidem, p.284), e para o próprio país, impedido de alcançar o pleno desenvolvimento e a prosperidade como era possível notar em nações mais avançadas econômica, política e socialmente, em que a mulher já dispunha de uma nova condição social e participava de forma mais ativa na construção de uma nova sociedade, embora ainda houvesse certas desavenças quanto a essa nova participação social, o que, lamentavelmente, ainda hoje, é observável em determinadas culturas e povos.

O segundo livro foi *La mujer de su casa*— publicado treze anos depois de *La mujer del porvenir* e que apresentava reflexões sobre o mesmo assunto. Segundo Emilia Pardo Bazán, a partir dele foi possível constatar o amadurecimento e a transformação dos pensamentos iniciais defendidos entusiasmadamente por dona Concepción Arenal, vista por ela como “una pensadora superior á la mayor parte de sus contemporáneos” (Ibidem, p.291).

Dona Emilia assinala que a jurista galega em *La mujer de su casa* já não reivindicara mais o direito da mulher ao sacerdócio, talvez por compreender o estranhamento do pedido, ou talvez por ter se convencido de que a vida religiosa sempre fora profundamente influída pela mulher, não só no aspecto caritativo e amoroso, como no científico, dogmático e filosófico. Também evidencia que, a propósito da igualdade de inteligência entre os sexos masculino e feminino, o seu discurso não mais apresenta o entusiasmo e o fervor das primeiras ponderações. Dona Concepción já não a afirmara como antes, declarando abrigar em seus pensamentos inquietações e dúvidas, advindas de fatos observados e de depuradas reflexões, das quais Emilia Pardo Bazán busca compreendê-las.

A autora trata também das restrições impostas à jurista ferrolana pelo fato de ela ser representante do sexo feminino. Precisa que a senhora Arenal, se tivesse nascido homem, possivelmente teria sido, devido à sua formação e ao amplo conhecimento que detinha em diversas ciências, aos quarenta anos, um político renomado e, por várias vezes, catedrático de diversas Academias, personagem ilustre e influente e, sem dúvida alguma, vencedora de diversos prêmios e honrarias. No entanto, apesar do inato talento e capacidade, por ser mulher, sua voz manteve-se silenciada por uma sociedade patriarcal e por um governo que se definira por liberal, e poucos foram os que atentaram para a pertinência de seus pensamentos transformadores, em especial os que se dedicavam à condição da mulher: “[...] doña Concepción es una voz que se alza aislada y meditabunda, pronunciando un monólogo que pocos oyeron” (Ibidem, p.290).

No segundo livro, Pardo Bazán comenta que, apesar das dúvidas dela a propósito da igualdade de inteligência dos dois sexos– “Debemos declarar que hoy no abrigamos aquel íntimo convencimiento de la igualdad de inteligencia de los dos sexos, manifestado em *La Mujer del Porvenir*. Nuevos hechos observados y una reflexión más detenida nos han inspirado dudas que sinceramente exponemos: la infalibilidad no es cosa que razonablemente nadie deba conceder á otro ni reclamar para sí” (ARENAL, 1895b, p.265-266)– Concepción Arenal reclama praticamente durante toda a obra uma participação mais direta e ativa das mulheres na sociedade, não podendo permanecer excluídas dos direitos sociais e legais que lhes eram devidos. E para melhor ilustrar a sugerida participação feminina, exemplifica algumas possibilidades de atuação, que vai muito mais além do que a prestação de serviços em hospitais. Fala de uma atuação mais estratégica no serviço militar, na guerra, realizando atividades tão eminentes como as que foram prestados pela norte-americana Anna Carroll, figura emblemática no processo de emancipação dos escravos nos Estados Unidos, que idealizou o plano de campanha fundamental para a vitória dos federalistas contra os confederados. Apesar da significativa colaboração, miss Anna não obtivera reconhecimento; não recebera nenhuma homenagem dos seus conterrâneos pelo admirável serviço prestado à pátria, ingratidão que dona Concepción julgara ser inadmissível por partir de um povo grandioso e, acima de tudo, livre.

La mujer de su casa também confere importante tratamento à idealizada imagem de “Ángel del hogar”– representação do ideal de *Mujer de su casa*, que foi o título estrategicamente dado por ela ao seu segundo livro dedicado às mulheres–, massificadamente difundida pelas instituições de poder e pela sociedade da época. Ao considerar a situação atual da mulher, que “sufre más que nadie las consecuencias del mal á que contribuyen sin querer y sin saberlo, y del cual no tienen responsabilidad,

porque no tienen idea” (ARENAL, 1895b, p.163), a senhora Arenal, segundo Pardo Bazán, compreendia e expressava de maneira admirável qual era o verdadeiro obstáculo para que ela se transformasse e se completasse: “obstáculo serio y temible, como que lo forma un *ideal*, el ideal del *ángel del hogar*, de la llamada por excelencia *mujer de su casa* (NTC, número 26, fevereiro de 1893, p.295).

Para dona Concepción, a grande dificuldade seria, portanto, vencer esse “mal” coberto de aparências positivas, ou seja, disfarçado de “bem” e que era recebido com aplausos e com a adesão majoritária da opinião pública. Esse “mal”, aclamado e honrado pela sociedade como “bem” era para a jurista galega o equivocado ideal da *Mujer de su casa* que, na verdade, aludia à mulher honesta, prudente, econômica, esposa companheira, mãe e amante que não cogitava nada mais além do que suas obrigações domésticas e familiares.

Na obra, Concepción Arenal comenta que, “la *mujer de su casa*, que vive solo en ella y para ella, no entiende ni le interesa nada de lo que pasa fuera, y juzga imprudencia, absurdo, quijotismo, disparate, tontería, según los casos, el trabajo, los desvelos y los sacrificios que por la obra social están dispuestos à hacer el padre, el esposo ó el hijo” (ARENAL, 1895b, p.171-172). E de acordo com a jurista, esse ideal de mulher que “no piensa más que en su casa, en su marido y en sus hijos” (Ibidem, p.160) era fatal para o sexo feminino, especialmente porque entendia que a casa e a família não poderiam ser o único destino das mulheres. Funesto também era para a própria sociedade, já que a mulheres, segundo ela, tinham uma grande influência social:

Como hija, como madre, como esposa, como amante, según que es ó no honrada, todo el mundo reconoce su influencia en la moral; y como un pueblo es y vale lo que son y valen su moralidad y sus costumbres, de ahí que nadie niegue cuánto contribuyen las mujeres al bien ó al mal de la sociedad en que viven (Ibidem, p.165).

La mujer de su casa trata-se, portanto, de um conceito equivocado de perfeição que assinalava o bem onde ele não estava presente e que muito distante estava de contribuir para com o desenvolvimento pleno da sociedade e do homem. Vejamos: “*La mujer de su casa* es un ideal erróneo, hemos dicho; señala el bien donde no está; corresponde á un concepto equivocado de la perfección, que es para todos progreso, y que se pretende sea para ella inmovilidad” (Ibidem, p.165). Dessa forma, Concepción Arenal julgou ser fundamental e de grande importância a participação e a intervenção feminina nas questões sociais e no exercício da ação pública, tal como os demais cidadãos.

Não obstante, em meio as emergentes reivindicações do sufrágio universal, dona Emilia comenta que a jurista galega manifestou-se contrária à concessão de direitos políticos à mulher e também ao voto feminino enquanto predominasse no povo a ignorância e a falta de conscientização da mulher, produto de uma educação precária e obsoleta que a impossibilitava de exercer direito tão grandioso e que requer demasiada consciência do dever público. Vejamos o fragmento em que Concepción Arenal apresenta as justificativas que fundamentam o pensamento dela:

En *La Mujer del Porvenir* opinábamos que no convenía dar á las mujeres derechos políticos. No siendo partidarios del sufragio universal, mientras sean generales la ignorancia y la falta de dignidad; habiendo comprendido y visto que, conceder voto á todos hoy en España es dar cientos y miles de votos á unos pocos, que no suelen ser los mejores, natural era que no opinásemos que las mujeres votasen, lo cual equivaldría, por regla general, á que el marido tuviese dos votos, y sí era padre, tantos como hijas mayores de edad, etc. (Ibidem, p.274)⁷³.

Diante desse cenário obscuro em que “homens eram o sexo dominante, e as mulheres, seres humanos de segunda classe: posto que careciam totalmente de direitos de cidadania, não se podia sequer chamá-las de cidadãs de segunda classe” (HOBSBAWM, 2014, p.310)⁷⁴, Concepción Arenal acreditava que o fato de conceder o voto à mulher equivaleria, portanto, a outorgar um voto duplo ao marido e múltiplo ao pai de várias filhas, o que agravaria ainda mais as discrepantes relações de gênero e consolidaria, assim, a hegemonia do patriarcado.

Entretanto, adverte que, no caso do sufrágio, a situação era transitória, e que chegaria o dia em que ele se converteria numa grande vantagem para as mulheres: “Pero todo esto es transitorio; puede llegar, y llegará, un día en que el sufragio universal sea una verdad y una ventaja grande, como resulta siempre de la justicia [...]” (ARENAL, 1895b, p.274), assim como sucedeu em muitos estados norte-americanos que, após concederem a elas o direito do voto, reconheceram os benéficos resultados, em diversas áreas, em especial na educação, do sufragio feminino, alegando que as mulheres mostraram mais “moralidad y perspicacia” que os homens. Vejamos o exemplo citado por dona Concepción Arenal:

La Comisión del Senado de los Estados Unidos de América, nombrada para informar sobre si debía reformarse la Constitución Federal concediendo derechos políticos á las

⁷³ ARENAL, Concepción. *La mujer de su casa*. A obra completa encontra-se disponível no site: http://sirio.ua.es/libros/BEducacion/obras_completas_de_concepcion_arenal_t_4/ima0263.htm

⁷⁴ HOBSBAWM, Eric J.. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

mujeres, en el dictamen emitido el 5 de julio de 1882 ha dicho, entre otras cosas, lo siguiente:

<<En los territorios de Wyoming y Utah, donde los derechos de ambos sexos eran idénticos, había dado los mejores resultados el sufragio concedido á las mujeres, que, al ejercer los derechos políticos, mostraron más *moralidad y perspicacia que los hombres*.

<<En doce Estados de la Unión tienen las mujeres voto en diferentes asuntos que resuelve el Municipio: enseñanza, beneficencia, etc., y donde quiera han votado las mujeres con acierto>>. El Gobernador del Estado de Nueva York decía en 5 de Mayo de 1882 en su Mensaje á la legislatura: <<La ley reciente, por la cual son elegibles las mujeres para las juntas de escuelas, ha dado admirables resultados, no sólo por el número de nuevos vocales, sino, y principalmente, porque ha elevado el nivel moral é intelectual de los hombres propuestos como candidatos, estimulándolos á ejercer con más celo sus cargos. <<De estos experimentos se deduce cuán ventajoso sería ampliar el derecho de sufragio de las mujeres á otros asuntos>> (Ibidem, p.275-276).

Não obstante, é preciso comentar que Arenal não concordava com a concessão de direitos políticos às mulheres:

[...] y ni aun ese día queríamos derechos políticos para la mujer. ¿Por qué? Porque sobreponíamos la cuestión moral á todas las otras; porque la esfera política es, y tememos que sea siempre, la menos pura de todas, y deseábamos que la mujer se mantuviera á conveniente distancia, para que no se manchase (Ibidem, p.275-275).

Manteve-se convicta quanto ao afastamento delas na política pelo simples fato de crer que a esfera política, por ser a menos pura e justa de todas elas, contaminaria e, conseqüentemente, desvirtuaria moralmente a mulher, pensamento que muito se contrapôs com as perspectivas defendidas por dona Emilia Pardo Bazán e pelo pensador inglês Stuart Mill.

Diante disso, Emilia Pardo Bazán afirma não concordar com algumas das considerações estabelecidas pela emblemática jurista espanhola, e que, em razão da ocasião, não era objetivo dela, neste trabalho dedicado à Memória da jurista, colocar suas objeções em evidência: “no serían hoy oportunas” (NTC, número 26, fevereiro de 1893, p.303). E como bem sabemos, afirma também que muitos foram os pensamentos difundidos por Concepción Arenal que a cativaram plenamente e que resultaram na explícita admiração e encantamento da condessa por dona Arenal que muito lutou por uma nova condição feminina e, conseqüentemente, por uma nova mulher. Com isso, Pardo Bazán justifica sua bela homenagem, seu grande desejo de expor textualmente as ideias da esclarecida pensadora espanhola que acabara de falecer, julgando ser mais do que propício o momento para relembrar que:

[...] el más importante de los beneficios que á la humanidad dispensó la pluma de la insigne muerta, fué este de pretender mejorar la triste condición de las mujeres, y que la mayor señal de amor y respeto que cabría tributar á la memoria de doña Concepción Arenal, sería llevar á la práctica algo de lo que con frase sobria, con reposado y firme estilo, con calor del alma, con noble serenidad de la mente y con ingenuidad propia de quien busca verdades y no prestigios, indago, propuso y predico en sus notables libros sobre la que llama *gran cuestión social femenina*” (Ibidem, p.304).

1.4.1. A representação feminina nos contos publicados em *Nuevo Teatro Crítico*

No artigo “Los cuentos de Emilia Pardo Bazán”, Juan Paredes Núñez (1979, p.305) afirma que “independiente de sus novelas, Emilia Pardo Bazán, con sus cerca de seiscientos cuentos, se configura como uno de los cuentistas más prolíferos que ha producido la literatura universal de todos los tiempos”⁷⁵. E diante desse talento inato para as letras, tornam-se justas e merecidas as indicações da escritora galega para o cargo de Conselheira de Instrução Pública e para a presidência da seção de literatura do *Ateneo*, e mais louvável ainda a nomeação dela como primeira catedrática de Literatura Contemporânea de Línguas Neolatinas da *Universidad Central de Madrid*.

A amplitude da obra de Pardo Bazán é, sem dúvida, algo admirável, e poucos foram os escritores que conseguiram produzir, em tão pouco tempo e de forma tão refinada, uma rica coleção que abarcasse textos de diferentes gêneros. E embora o foco de nossa investigação sejam os artigos críticos publicados por ela em *Nuevo Teatro Crítico*, não poderíamos deixar de comentar a importância e a presença dos contos na revista. Muitos deles também problematizam a figura feminina, apresentando-a em conflito com a conservadora sociedade que, em razão do discurso hegemônico, ainda mostrava certa resistência quanto à emancipação da mulher. E para melhor explorar as relações das personagens pardobazanianas com o seu ambiente e, em muitos casos, as estratégias usadas por elas no enfrentamento com a sociedade patriarcal do séc. XIX, que ainda via com muita resistência e apreensão as reivindicações feministas a propósito da emancipação da mulher, nos pareceu oportuno considerar, a partir da análise do jogo de vozes e dos pontos de vista, a forma como se configuram as subjetividades femininas nos contos “Los huevos arrefalfados” (18 de junho de 1892), “En tranvía” (19 de julho de 1892) e “La estéril” (26 de fevereiro de 1893), todos publicados na seção fixa da revista.

⁷⁵ Vid. J. PAREDES NUÑEZ: Los cuentos de Emilia Pardo Bazán, Universidad de Granada, 1979. In: PAREDES NUÑEZ, Juan. "El Feminismo de Emilia Pardo Bazán". CUADERNOS DE ESTUDIOS GALLEGOS", Tomo XL, Fascículo 105, Santiago 1992.

O primeiro deles foi divulgado anteriormente em *El Imparcial*, publicação de cunho liberal fundada por Eduardo Gasset y Artime, em 1867, tal como assinala Pardo Bazán na nota que acompanha o título: “Este conto foi publicado faz tempo nas *segundas* de *El Imparcial*. Lembre-se, leitor, que as dezesseis páginas de aumento gratuito não são forçosamente inéditas” (NTC, 18 de junho de 1892, p.7)⁷⁶. Nele, dona Emília tratou fundamentalmente da violência de gênero e da subordinação feminina à figura masculina.

A trama gira em torno dos constantes maus-tratos sofridos pela aldeã Martina, uma figura muito amável, honesta e sempre solícita para satisfazer os inumeráveis caprichos do bruto e perverso marido, o carreteiro D. Pedro, que não hesitava em feri-la verbal e, sobretudo, fisicamente. Há no conto uma grande dose de realismo. Percebemos ser intencional a descrição detalhada das personagens, principalmente de Martina, figura a qual o narrador dedicara especial atenção, por se tratar da mulher mais íntegra de toda aldeia: “Procurava não cometer o menor descuido; era ativa, solícita, afetuosa, incansável, a mulher mais cabal de toda a aldeia” (NTC, 18 de junho de 1892, p.5)⁷⁷.

Além da voz do narrador, deparamo-nos com outras vozes no relato: as das personagens. Diversas são as ocasiões em que o narrador cede a elas à palavra a fim de que expressem diretamente suas angústias, seus desejos, seus pontos de vista, em outras palavras, o fluxo imediato de suas consciências. Elas também se tornam significativas enunciantes, o que acentua o caráter polifônico do texto, compreendido por Roland Barthes como “trança”, como “tecido”, uma vez que “cada fio, cada código é uma voz; estas vozes trançadas— ou trançantes— formam a escrita” (BARTHES, 1980, p.135)⁷⁸.

Assim como o narrador, o taberneiro Roque, “homem viúvo, de tão benigno caráter como áspero e ingrato era o de Pedro” (Ibidem, p.7)⁷⁹, também apresentará a natureza bondosa e voluntariosa de Martina, quem ele julgara ser “[...] a melhor jovem de toda a aldeia e até, talvez, de Lugo. Y luego, tan trabajadora, limpia como el oro, mansita como el agua” (Ibidem, p.7)⁸⁰. Era Roque um ouvinte paciente e escutava com interesse a conturbada relação da amiga com Pedro, e sempre que ela o

⁷⁶ “Este cuento se ha publicado hace tiempo en *Los Lunes* de *El Imparcial*. Recuerde el lector que las diez y seis páginas de aumento gratuito no han de ser forzosamente inéditas”.

⁷⁷ “Procuraba no incurrir en el menor descuido; era activa, solícita, afectuosa, incansable, la mujer más cabal de toda la aldea”.

⁷⁸ “cada hilo, cada código es una voz; estas voces trenzadas— o trenzantes— forman la escritura”.

⁷⁹ “hombre viudo, de tan benigno carácter como agrio y desapacible era el de Pedro”.

⁸⁰ “[...] la mejor moza de toda la aldea y hasta, si a mano viene, de Lugo. Y luego, tan trabajadora, limpia como el oro, mansita como el agua”.

procurava, ele se prontificava em ajudá-la e dar-lhe bons conselhos e palavras de simpatia e compaixão.

Em nome da amizade, Martina pediu ao amigo que conversasse com o esposo na tentativa de descobrir as queixas que tanto o incomodava. Roque o fez e lhe disse que não havia motivos para gigantesca atrocidade. Para o taberneiro, tratava-se apenas de “[...] fantasias, desejos, extravagâncias... Que o caldo estava salgado, e ele gostava de pouco sal... Que o pão estava meio cru [...]” (Ibidem, p.8)⁸¹. Mesmo diante de todas as críticas infundadas, a personagem, por nenhum momento, mostrou-se inconformada, nem tampouco indignada com a violência sofrida, pelo contrário, apresentou-se disposta a reparar qualquer que fosse a reclamação na tentativa de agradar o esposo, comportamento que revela a submissão ao marido.

O narrador comenta que o andamento da casa era perfeito: “a comida era saborosa, dentro de sua pobreza; os pisos estavam varridos como o oro, e nem com roldanas e guinchos era possível arrancar os botões do colete do tio Pedro” (Ibidem, p.8)⁸². Não obstante, o carreteiro manteve-se indiferente ao esforço descomunal de Martina para satisfazer os seus mais excêntricos caprichos, e, motivado unicamente pela perversidade, não deu repouso à dedicada mulher. O ápice da tortura empreendida pelo maquiavélico marido se consolida na cena em que ele chega a casa para jantar e não encontra na mesa o prato exigido por ele. Para as refeições do casal, Martina geralmente preparava uma sopa e um prato com os ovos frescos, provenientes das galinhas que mantinham no curral.

A personagem esforçava-se em variar os ovos, apresentando-os às vezes fritos, cozidos, outras vezes em forma de tortilhas. Enfadado com as opções, Pedro arbitrariamente ordenou que a esposa lhe preparasse <<huevos arrefalfados>>, prato que simplesmente não existe. Preocupada com uma agressiva reação do cônjuge, a mulher não se atreveu a perguntar-lhe que tipo de comida era aquela e decidiu, então, preparar os ovos de outra forma. Fez para o marido uma saborosa receita que havia aprendido com uma vizinha, antiga cozinheira de um rico fazendeiro de Lugo. Os ovos preparados por ela estavam deliciosos, e como resposta à preciosa atenção de Martina, Pedro decide castigá-la com consecutivos e atrozes golpes. Gravemente ferida, a personagem pede socorro e, em seguida, foge de casa.

⁸¹ “[...] fantasías, antojos, rarezas... Que el caldo estaba salado, y a él le gusta con poca sal... Que el pan estaba medio crudo [...]”.

⁸² “la comida era gustosa, dentro de su pobreza; los suelos estaban barridos como el oro, y ni con poleas y cabrias se podían arrancar los botones del *chaleque* del tío Pedro”.

A crueldade de Pedro é incontrolável, e nem mesmo a invocação feita pela mulher aos santos, São Pedro e São Paulo, pelos quais os habitantes do povoado professavam fervorosa devoção, puderam impedi-lo de prosseguir com a vilipendiosa tortura. Martina refugiou-se na taberna de Roque e lhe contou o lamentável episódio da agressão. Pela primeira vez, reconheceu ver a maldade entranhada nas veias do marido. Demonstrou estar convencida de que as persistentes e injustificáveis surras do marido podiam ser explicadas pela falta de temor a Deus, e por não suportar mais os maus-tratos verbais e físicos, aceitou o vingativo plano idealizado pelo astuto taberneiro.

A aceitação de Martina a um plano que ambicionava dar um inesperado e inesquecível corretivo no marido agressor evidenciou-nos uma importante transformação. A personagem abandona a inicial condição de passividade e passa a adotar uma postura mais crítica que a leva declarar uma manifesta indignação e a revolta. Além das ofensas verbais, Martina anuncia ao esposo a proximidade de um castigo que será brevemente realizado pelos apóstolos São Pedro e São Paulo contra as constantes e atrozes agressões realizadas, de forma impiedosa, por Pedro: “[...] os vi tão claros assim como estou vendo-te, e com o mar de anjos em torno, e umas caras muito respeitosas, e umas barbas que davam devoção; e me disseram que em breve eles acertarão as contas contigo por estar crucificando-me” (Ibidem, p.15)⁸³. É importante comentar que esse estratégico anúncio fazia parte do burlesco plano idealizado por eles, que também contou com a presença de outro integrante: o barbeiro amigo de Roque. E entre “lascas de bacalhau e copos de aguardente, elaboraram a brincadeira que executariam naquela mesma noite” (Ibidem, p.16)⁸⁴.

A “brincadeira” consistia em dar a Pedro uma violenta lição, de forma que ele nunca mais agredisse Martina. Com ajuda dela, o taberneiro e o barbeiro se fantasiaram de São Paulo e São Pedro, só que ao invés da espada e das chaves, os falsos apóstolos carregavam consideráveis e temíveis barras de madeira. Essas foram lançadas, de forma compassada, sobre as costas do perverso esposo, enquanto eles gritavam euforicamente: “-Bate, São Pedro!, -Bate, São Paulo! -Estes são os ovos...!- *Arrefalfadoos!*” (Ibidem, p.18)⁸⁵.

O plano fora executado conforme haviam planejado. Pedro ficou completamente debilitado e tardou a recuperar-se da “lição”: passou quinze dias na cama sem poder movimentar-se. O espancamento só não foi mais severo em razão do pedido de Martina que, segundo o narrador, teve

⁸³ “[...] los vi tan claros como te estoy viendo, y con la mar de angelitos alrededor, y unas caras muy respetuosas, y unas barbas que metían devoción; y me dijeron que ya te ajustarán ellos las cuentas por estarme crucificando”.

⁸⁴ “tajada de bacalao y copa de aguardiente, trazaron la broma que habían de ejecutar aquella misma noche”.

⁸⁵ “-¡Pega tú, San Pedro!, -¡Pega tú, San Pablo! -¡Estos son los huevos...!-¡*Arrefalfadoos!*”.

escrúpulo e lhes rogou, com suplicante voz, que não deixassem Pedro inválido, já que ele era quem trabalhava e sustentava a casa e os filhos. Desejava apenas que os companheiros o corrigissem com vigor, para que ele soubesse o quanto era doloroso ser maltratada: “Castiguem-no um pouco, para que ele saiba como dói” (Ibidem, p.16)⁸⁶.

O pedido feito pela personagem, além de evidenciar o desejo de ver o marido ser punido pelos atrozes crimes cometidos, revelou-nos a condição de dependência vivida por ela, similar a de muitas mulheres pobres na Espanha, que em razão de não serem instruídas e de não possuírem um ofício que desse a elas condições de trabalhar e de viver dignamente, não tinham meios de se emancipar. A personagem, mãe de cinco filhos, era uma humilde camponesa, e desprovida de ilustração e de posses, reconhecia a dependência financeira em que se encontrava, já que o marido era o único provedor da família.

Martina era consciente de sua desprivilegiada posição social. Por suas palavras e atitudes, é possível perceber o temor ao abandono e a uma vida condenada à miséria, e possivelmente tenha sido por isso que a personagem acabou se silenciando e suportando, durante tanto tempo, os terríveis abusos do esposo, o seu principal verdugo. No entanto, ainda que não pretendesse largá-lo, Martina, indignada e terrivelmente ferida, reconheceu ser necessário o castigo do marido, e a corretiva lição foi, de fato, efetiva. Depois dela houve transformação. Pedro passou a tratá-la com delicadeza, e sempre que Martina lhe apresentava carinhosamente o par de ovos do jantar, perguntando se aqueles estavam do gosto dele, o marido lhe respondia apressadamente e bastante meloso: “-Estão bons, mulherzinha; de qualquer modo estão bons” (Ibidem, p.19)⁸⁷.

No conto “En tranvía”, defrontamo-nos com um tema tão inquietante quanto o primeiro: o abandono da mulher. Através dos relatos e impressões da narradora, que também atua como personagem do conto, e das próprias personagens, o que corrobora a alternância de perspectivas na narrativa, foi possível compreender o drama vivenciado por uma mulher negra que fora vilmente abandonada pelo marido e que despertara uma imediata comoção de todos os passageiros do bonde que circulava pelas principais ruas da cidade de Salamanca.

A linda e prazerosa manhã de domingo realçava a beleza e a nobreza da tripulação que estavam a bordo do <<plebeyo tranvía>>, em especial das senhoras, que se encontravam muito bem vestidas e

⁸⁶ “Escarmentailo un poco, para que sepa cómo duele”.

⁸⁷ “-Bien están, mujerina; de cualquier modo están bien”.

adornadas. Entretanto, uma figura contrastava com toda aquela admirável paisagem e público, tipicamente aristocrata, descrito pela narradora-personagem:

Notei uma só mancha na composição do bonde. É certo que era negríssima e feíssima, ainda que parecesse mais em razão do contraste. Uma mulher do povo encolhia-se em uma esquina, agasalhando entre seus braços uma criatura. [...]. Debilidada como uma espinha, sua manta parda, gastadíssima, marcava a escassez de seus membros: diria que ia pendurado num cabide (Ibidem, p.9)⁸⁸.

Tratava-se de uma mulher camponesa e negra que se encontrava visivelmente debilitada. A fraqueza aparentada e as vestimentas usadas denunciavam a sórdida miséria e o cansaço de uma vida mortificada e angustiante, marcada “[...] por el encogimiento del hambre, el supremo indiferentismo del dolor, la absoluta carencia de pretensiones de la mujer a quien marchitó la adversidad y que ha renunciado por completo, no sólo a la esperanza de agradar, sino al prestigio del sexo” (Ibidem, p.10). A triste mulher carregava em seus braços uma criança, um filho, que, além de vestir roupinhas em bom estado de conservação, parecia ser limpo e lúcido, o que evidencia o cuidado da mãe que, instintivamente, apertava-o contra si, tocando-lhe suavemente com suas mãos denegridas, descarnadas e trêmulas.

A personagem também carregava amarguras e infortúnios mais profundos que a desoladora miséria que a impedia de dar ao filho uma vida melhor. Sofria de uma tristeza praticamente incurável que a fazia perder a dignidade e o amor pela vida, tal como nos revela a narradora-personagem. Vejamos:

O que vi escrito sobre aquela cara, mais que pálida, lívida; naquela boca submergida pelos cantos, onde o riso parecia não haver parecido nunca; naqueles olhos de pálpebras enfurecidas e sanguinolentas, abrasados já e sem choro refrigerante, era cosa mais terrível, mais excepcional que a miséria: era o desespero (Ibidem, p.10-11)⁸⁹.

No entanto, foi a partir da própria voz da mulher abandonada que nós, leitores, nos conscientizamos melhor sobre a desesperadora situação vivida por ela. Ao ser cobrada pelo trocador a pagar a diferença da passagem, cinco centavos, a personagem lhe comunica, com doçura, não ter o

⁸⁸ “Una sola mancha noté en la composición del tranvía. Es cierto que era negrísima y feísima, aunque acaso lo pareciese más en virtud del contraste. Una mujer del pueblo se acurrucaba en una esquina, agasajando entre sus brazos a una criatura. [...]. Flaca como una espina, su mantón pardusco, tan traído como llevado, marcaba la exigüidad de sus miembros: diríase que iba colgado en una percha”.

⁸⁹ “Lo que vi escrito sobre aquella faz, más que pálida, lívida; en aquella boca sumida por los cantos, donde la risa parecía no haber jugado nunca; en aquellos ojos de párpados encarnizados y sanguinolentos, abrasados ya y sin llanto refrigerante, era cosa más terrible, más excepcional que la miseria: era la desesperación”.

valor para completar os quinze centavos do bilhete. O cobrador, sem querer ser ríspido demais, cobralhe, mais uma vez, o valor devido, e a resposta foi novamente negativa. E enquanto uma das passageiras, comovidas com a cena, já se prontificava a pagar a diferença, a pobre mulher inesperadamente se levanta e confessa a todos o motivo de sua desgraça: a traição, as agressões e o abandono do marido. Citamos: “- Com ela se foi. E dá a ela tudo que ganha, e a mim, me encheu de pauladas. Na cabeça, deu-me uma paulada. Eu a tenho quebrada. O pior, ele partiu. Não sei onde ele está. Já faz dois meses que eu não sei” (Ibidem, p.13)⁹⁰.

Após a inesperada confissão, a mulher sentou-se abatida em seu lugar. Tremia como se um furacão interior a sacudisse, e de seus olhos sanguinolentos caíram sobre suas bochechas duas ardentes e pequenas lágrimas. Articulava palavras confusas, das quais era possível perceber que se referiam ao restante das queixas e dos detalhes cruéis do drama doméstico vivido por ela. A revelação despertou imediatamente a sensibilidade de uma passageira que delicadamente pediu ao trocador que entregasse à esposa abandonada <<una peseta>>. A tripulação inteira decidiu seguir o exemplo da senhora e ajudá-la. Não obstante, a reação da mulher, diante daquela inesperada e significativa arrecadação, novamente surpreendeu a todos os passageiros. Não manifestou alegria, nem tampouco gratidão, apenas guardou o dinheiro que o trocador lhe havia posto nas mãos, e com um simples gesto feito com a cabeça indicou que se interava da esmola. E nada mais foi feito e dito por ela.

Ainda que muitos tenham interpretado o gesto como ingratidão, a narradora-personagem revela-nos que a reação da oprimida mulher passou longe disso. A ausência das palavras de agradecimento não se tratava de uma atitude soberba, de desdém, nem tampouco de incapacidade moral de reconhecer a suntuosa doação; tratava-se, pois, de uma “absorção numa dor maior, em uma ideia fixa que a mulher seguia através do espaço, com olhar visionário e o corpo em epilética trepidação” (Ibidem, p.16)⁹¹.

E foi justamente por testemunhar o aturdimento da mulher abandonada, que a narradora decidiu conversar ela na tentativa de confortá-la e incentivá-la a buscar, a partir do trabalho, uma vida melhor, em especial para o filho, que deveria ser a principal motivação dela. Era excepcionalmente por ele que a mãe deveria superar a amargura que a consumia, trabalhar e, acima de tudo, viver, e para melhor compreender as palavras da narradora-personagem, nos pareceu interessante citar o seguinte comentário:

⁹⁰ “- Con ella se ha ido. Y a ella le da cuánto gana, y a mí me hartó de palos. En la cabeza me dio un palo. La tengo rota. Lo peor, que se ha ido. No sé dónde está. ¡Ya van dos meses que no sé!”.

⁹¹ “absorción en un dolor más grande, en una idea fija que la mujer seguía a través del espacio, con mirada visionaria y el cuerpo en epilética trepidación”.

-Tenha ânimo, mulher – disse-lhe energicamente-. Se seu marido não é um homem bom, não se abata por isso. Você leva um filho nos braços...; para ele deve trabalhar e viver. Por essa criatura deve tentar o que não tentaria por si mesma. Amanhã o menino aprenderá um ofício e lhe servirá de amparo. As mães não têm o direito de entregar-se ao desespero, enquanto os seus filhos vivem (Ibidem, p.18)⁹².

Novamente vemos que a questão do trabalho feminino ocupa um importante lugar na obra de Emilia Pardo Bazán. A autora, em diversos de seus textos, jornalísticos e ficcionais, postulava que a tão reivindicada emancipação feminina só seria possível a partir do momento que a mulher tivesse direito a uma educação transformadora e de qualidade, bem divergente da precária educação intencionalmente ofertada pelo Estado e pela Igreja, e a oportunidades no mercado de trabalho, o que lhe daria autonomia e condições de viver com dignidade.

As enérgicas palavras da narradora-personagem fizeram com que a pobre mulher saísse da momentânea letargia e cravasse nela os seus olhos irritados e secos. O penetrante olhar fora acompanhado de um gesto revelador: a apresentação da criança que, por sua vez, era cega: “[...] a mulher, agarrando a criatura, a levantou e me apresentou a ela. A luz do sol iluminava completamente sua cara e suas pupilas, abertas de par em par. Abertas, mas brancas, paralisadas, imóveis. O filho da abandonada era cego” (Ibidem, p.18-19)⁹³. A narrativa do conto se encerra com essa cena e não deixa dúvidas sobre o triste destino da personagem que, em razão do abandono do marido e da cegueira do filho, acabou entregando-se ao desespero e à infelicidade.

Sentimentos semelhantes são experimentados pela personagem principal do conto “La estéril”, publicado na edição de 26 de fevereiro de 1893. Nele, Emilia Pardo Bazán nos apresenta uma figura feminina profundamente oprimida pela vigência de um discurso patriarcal que promovia a subordinação da mulher ao domínio masculino. Diferentemente das personagens de “Los huevos arrefaldados” e de “En tranvía”, Elena, a personagem do conto “La estéril”, trata-se de uma nobre aristocrata que, apesar da privilegiada condição social e financeira, era infeliz por não conseguir realizar o seu maior sonho, o de ser mãe.

Apesar de muitos acreditarem ser a Marquesa uma mulher afortunada por sua condição financeira e pelo carinho do marido, ela não encontrava felicidade na vida, pois acreditava que esta

⁹² “-Tenga ánimo, mujer -le dije enérgicamente-. Si su marido es un mal hombre, usted por eso no se abata. Lleva usted un niño en brazos...; para él debe usted trabajar y vivir. Por esa criatura debe usted intentar lo que no intentaría por sí misma. Mañana el chico aprenderá un oficio y la servirá a usted de amparo. Las madres no tienen derecho a entregarse a la desesperación, mientras sus hijos viven”.

⁹³ “[...] la mujer, agarrando a la criatura, la levantó en vilo y me la presentó. La luz del sol alumbraba de lleno su cara y sus pupilas, abiertas de par en par. Abiertas, pero blancas, cuajadas, inmóviles. El hijo de la abandonada era ciego”.

estaria nitidamente condicionada à presença de um filho, para quem ela desejaria depositar o seu mais puro e fiel amor. E da ausência dele, foi que nascera esse terrível sofrimento, visível em inúmeras cenas do conto, tais como a que o sujeito da enunciação relata a dor sentida por ela ao ver algumas amigas grávidas: “Quando via suas amigas pálidas, debilitadas, arrastando o peso da gravidez ou batalhando com a lactancia, um raio de invejosa dor a consumia” (Ibidem, p.162)⁹⁴, e a que descreve a tristeza da personagem em plena noite natalina:

[...] às dez da noite do dia 24 de dezembro, agregada à chaminé, sem que nenhuma pena positiva a premiasse, rodeada de luxo, de segurança e de dignidade, a marquesa começou a chorar, e chorou gemendo, mordendo o pano de renda, ensopando-o nessas lágrimas quentes e vivas, muito nitrosas, lágrimas de paixão, que cortam de fogo as bochechas (Ibidem, p.163)⁹⁵.

Nela, vemos que o requinte e a ostentação do espaço privado, adornado especialmente para celebrar a noite de Natal, tornaram-se indiferentes e incapazes de proporcionar-lhe alegria. A marquesa sentia a falta de algo que gastasse e absorvesse por completo sua devoradora afetividade manifestada desde a juventude, e na cena em que o marido lhe contou haver presenciado a morte de uma pobre mulher que falecera ao lado dos filhos, Elena, movida pelo antigo desejo pela maternidade, decidiu romper com o silêncio que a consumira, durante longos anos, e confessar ao marido o principal motivo da permanente angústia vivida por ela. Vejamos a revelação de Elena a Gonzalo:

-Gonzalo, eu não me calo mais!Acabou... Fui muito desgraçada... E tu também... Esta casa sem uma criança, sem um pequenino para cuidar! Tão sós, olhando-nos cara a cara neste silêncio, neste desgosto! Gonzalo, esta noite daria por uma criança o sangue de minhas veias... O que fizemos para que Deus nos castigue? Choro muito!... Sou infeliz; sempre o fui... Ainda que as pessoas pensem outra coisa, muito infeliz, ¡muitíssimo! (Ibidem, p.164-165)⁹⁶.

Para Elena não existiam mais limites, nem tampouco impedimentos. A vontade de ser mãe falou mais alto, o que a fez pensar na possibilidade de adotar uma das crianças órfãs, a mais frágil de todas.

⁹⁴ “Cuando veía a sus amigas pálidas, desmejoradas, arrastrando el peso del embarazo o bregando con la lactancia, un rayo de envidioso dolor la consumía”.

⁹⁵ “[...] a las diez de la noche del día 24 de diciembre, arrimada a la chimenea, sin que ninguna pena positiva la apremiase, rodeada de lujo, de seguridad y de dignidad, la marquesa dio suelta al llanto, y lloró gimiendo, mordiendo el pañuelo de encaje, ensopándolo en esas lágrimas calientes y vivas, muy salitrosas, lágrimas de pasión, que surcan de fuego las mejillas”.

⁹⁶ “-¡Gonzalo, yo no callo más! Se acabó... Yo he sido muy desgraciada... Y tú también... ¡Esta casa sin un niño, sin un pequeñito que cuidar! ¡Tan solos, mirándonos a las caras en este silencio, en este fastidio! Gonzalo, esta noche daría yo por un niño sangre de mis venas... ¿Qué hicimos para que Dios nos castigue? ¡He llorado más!... Soy infeliz; lo fui siempre... Aunque la gente piense otra cosa, muy infeliz, ¡muchísimo!”.

Queria dar a ela muito mais que uma casa e que um futuro digno; desejava dar-lhe o que tinha de mais preciso: o seu legítimo amor. O efeito das palavras de Elena, no entanto, desorientaram Gonzalo que se sentiu intensamente ferido. Segundo o narrador, as queixas da Marquesa o humilharam em seu duplo orgulho masculino e de último representante de uma “ilustre estirpe”, a aristocracia. O marido reage negativamente à proposta de adoção levantada por Elena, considerando o pedido da esposa “[...] inconveniente e chocante, incompatível com o bom tom, o gosto e a delicadeza” (Ibidem, p.165)⁹⁷. E como sugestão, Gonzalo sugere que Elena leve a casa deles um dos filhos de Rafaela, sua cunhada, desconsiderando, portanto, o proclamado desejo da mulher, vendo este como um mero capricho.

A marquesa novamente tentou convencê-lo, mas a boa vontade e determinação da aristocrata foram igualmente contidas pelo marido que desaprovou, de forma contundente, a hipótese de adoção, ainda mais pelo fato de as crianças serem pobres e, segundo ele, feias: “Parecem vermes... Horríveis, sujas... Há um raquítico, que assusta de pura feiura!” (Ibidem, p.166)⁹⁸. A reação negativa do esposo revela-nos o peso de uma voz masculina marcada pelo preconceito. Ao analisá-la, foi possível constatar que o orgulhoso marido também atuava de acordo com a opinião pública que, segundo ele, não veria com bons olhos o tão generoso gesto da adoção, em razão da idade avançada do casal, da posição social que ocupavam na sociedade e da desfavorecida aparência do pobre menino: “Olha, evita que saibam por aí da criança, porque vão nos ridicularizar... Filhos na nossa idade... e dessa estampa!” (Ibidem, p.167)⁹⁹.

A análise dos contos “Los huevos arrefalfados”, “En tranvía” e “La estéril” nos permitiu constatar as conflitantes relações das personagens pardobazanianas com o seu entorno e, em muitos casos, apreender as estratégias usadas por elas no enfrentamento com a sociedade patriarcal do séc. XIX, que ainda via com muita resistência e apreensão as reivindicações a propósito da emancipação da mulher.

Emilia Pardo Bazán participou da minoritária corrente crítica que tratou de examinar e denunciar as causas que conduziram a Espanha a uma situação de decadência. Segundo Guadalupe Gómez-Ferrer Morant (1998, p.137), a escritora galega expressa sua percepção da realidade espanhola nos anos finiseculares bem de maneira realista através de seus artigos jornalísticos, bem de forma simbólica através de seus contos, e nas três breves narrativas analisadas foi possível perceber a

⁹⁷ “[...] inconveniente y chocante, incompatible con el buen tono, el gusto y la delicadeza”.

⁹⁸ “Parecen gusanos... Horribles, sucios... ¡Hay uno raquítico, que asusta de puro feo!”.

⁹⁹ “Mira, procura que no se enteren por ahí de lo del niño feo, porque nos van a poner en solfa... ¡Hijos a nuestros años... y de esa estampa!” (Ibidem, p.167).

opressão vivida pelas personagens, semelhante a que fora vivenciada por muitas mulheres na Espanha do séc. XIX. Seus textos contribuíram para refletir as estruturas sociais vigentes, uma vez que há neles uma explícita apresentação da invisibilidade feminina, agravada especialmente pela baixa escolarização da mulher e pela falta de oportunidades no mercado de trabalho, o que impossibilitava a emancipação e, por fim, o surgimento de novos papéis sociais da mulher. E foi justamente contra essa condição que a autora levantou a sua voz, e se nós, mulheres, dispomos hoje de uma nova posição dentro da sociedade do século XXI, que nos coloca em posição de igualdade legal, profissional e educativa com os homens, esta deve ser atribuída, sem dúvida, a escritoras como Pardo Bazán que tomaram a palavra para si na defesa da igualdade de gênero e de oportunidades no mercado de trabalho e na educação.
